



VAMPIRATAS

CAPITÃO DE SANGUE



JUSTIN SOMPER

JUSTIN SOMPER



VAMPIRATAS

CAPTÃO DE SANGUE

Tradução de
ALVES CALADO



Rio de Janeiro | 2007

Para Jenny, Jo e Jonathan.
O sangue fala mais alto!



CAPÍTULO 1

O cesto de gávea

— Vai, Connor. Você consegue!

— Vai, meu chapal! Continua subindo!

Connor Tormenta fez uma careta. Suas pernas pareciam ao mesmo tempo pesadas como chumbo e incontroláveis como gelatina. Foi um erro ter parado na metade da subida. Estava indo tão bem até ali! Queria dominar esse medo. Estava na hora. Já havia passado da hora. Mas o medo estava arraigado nele, pesado e irremovível como uma âncora presa sob uma pedra.

Queria olhar para baixo. Lutava para manter a cabeça reta, sabendo que olhar para baixo era a pior coisa que poderia fazer. Sentia os olhos sendo puxados como ímãs na direção do convés, muitos metros — metros *demais!* — lá embaixo. E depois descendo pelo costado do *Diablo* e penetrando até o fundo do oceano. Quando parava para pensar nisso — e *nunca* deveria parar para pensar nisso —, era uma queda e tanto.

— Não olhe para baixo! — A voz de Cate velejou pelo ar, forte e segura. Se ao menos ele pudesse ser tão confiante quanto a subcapitã sempre parecia estar.

— Ande, garoto! — gritou o capitão Wrathe. — Você já derrotou inimigos piores do que alguns metros de cordame!

Isso era verdade, pensou Connor, a mente relampejando com imagens sombrias dos últimos três meses. O enterro de seu pai. Quase ter se afogado, antes de Cheng Li resgatá-lo. Ter sido separado de Grace. A morte de seu grande colega Jez. A traição de Cheng Li, do comodoro Kuo e de Jacoby Blunt. A noite terrível em que havia comandado o ataque contra Sidório e Jez... não; *não* era Jez, e sim a coisa em que Jez havia se tornado. A lembrança daquela noite ardia como uma fogueira, quente como as tochas que ele havia lançado por cima da água, para o convés do outro navio. Tão devastadora quanto as chamas que haviam engolfado seu amigo... o *ao* de seu amigo...

— *Anda, Connor!*

Era Grace! Mesmo que ela estivesse de volta ao navio Vampirata, era sua voz — mais clara do que qualquer coisa. Isso deu a Connor a força extra de que ele precisava.

Depois de tudo que haviam passado, ele não podia mais ser derrotado por esse último temor. Esse medo *ridículo* de altura.

Com cuidado, tirou a mão direita do cordame. A marca de corda estava gravada profundamente, vermelha e esfolada, na palma de sua mão. Percebeu a força com que estivera se agarrando. O sino do navio tocou. A surpresa daquele som o fez perder o equilíbrio por um instante, mas era apenas o toque anunciando a troca de turnos. Firmou-se. Era agora ou nunca. Estendeu a mão para o quadrado seguinte da escada de corda e respirou fundo.

Não olhou para baixo. Também não olhou para cima. Só manteve os olhos focalizados nas mãos e nos quadrados de corda. Cada quadrado era igual ao anterior — uma janela de corda emoldurando um retalho de céu. Se ficasse concentrado nisso, era como se nem estivesse subindo.

De repente percebeu que suas pernas não estavam mais tremendo. Em vez disso, moviam-se com firmeza, procurando o ponto de apoio seguinte, encontrando um ritmo. A respiração também havia se acomodado. Estava calmo. Estava conseguindo. Dominando o medo. A sensação era boa. A sensação era *muito* boa.

Perdeu-se no movimento, e só quando ouviu o som de comemoração lá embaixo percebeu que havia chegado ao objetivo. Olhou para cima e sua mão tocou não em corda, mas na estrutura de madeira do cesto de gávea. Tudo que restava era se alçar ao ponto de vigia.

Um frio o atravessou. Não havia como ignorar a altura em que estava, acima do convés. Sem qualquer amarra para protegê-lo. Era loucura estar ali em cima. À mercê do movimento das ondas lá embaixo. De novo uma onda gelada de medo rasgou suas entranhas. Trincou os dentes, esperando que aquilo passasse. O medo se agarrou a ele, mas Connor não seria derrotado. Não agora.

Havia um bom motivo para estar ali em cima. Alguém precisava ficar no cesto de gávea — manter vigilância e avisar antecipadamente em caso de ataque ou de oportunidades de atacar! Subir ali e era uma questão de proteger os colegas. E, nos três meses desde que havia entrado para o *Diablo*, aqueles sujeitos haviam sido mais do que colegas. Bart, Cate e o capitão Wrathe eram sua nova família. Jamais substituiriam Grace, claro, mas Grace tivera de embarcar em sua própria viagem. Afora ela, todas as pessoas que lhe importavam no mundo estavam a bordo desse navio. Quando olhava a coisa desse modo, fazia sentido absoluto estar ali em cima, em posição para defendê-los. Sem esforço, subiu no cesto de gávea.

Quando firmou os pés na plataforma de madeira, ouviu mais gritos de comemoração lá embaixo. Agora a tentação de olhar era forte. Resistindo, olhou direto para a frente. Até onde a vista alcançava, existia a amplidão sem fim do oceano azul e brilhante. Seu novo lar.

A distância viu a silhueta de um navio, contra o sol da tarde. Preso ao cesto de gávea havia um pequeno telescópio. Connor pegou-o e olhou através dele para o horizonte. Demorou um instante para encontrar o navio, mas então captou-o no círculo visível. Era um galeão, não muito diferente do *Diablo*. Talvez um navio pirata. Aumentou a aproximação e levantou o telescópio para enxergar melhor a bandeira. Sim, com certeza era outro navio pirata! Parecia estar rodeando a baía, a baía que podia ser vista curvando-se no horizonte atrás da embarcação. Connor sorriu. Sabia *exatamente* aonde aquele navio ia. Para o ponto de encontro preferido de todo pirata: A taverna de

Madame Chaleira.

Enquanto Connor recolocava o telescópio no suporte, um pequeno pássaro veio pousar no cesto de gávea. Pela cauda bifurcada Connor o reconheceu como uma andorinha-do-mar cinzenta. O pássaro lançou-lhe um olhar rápido, bateu asas e decolou de novo, subindo no azul. Connor observou-o até que ele perdeu sua forma característica, contraiu-se, virou um ponto preto e desapareceu por completo. O garoto sorriu sozinho. Esse é o meu medo, pensou. E esse medo agora se foi.

— Muito bem, meu chapa! — Bart bateu a mão na de Connor enquanto este pulava o último metro para o convés.

— Impressionante — disse o pirata ao lado de Bart.

— Obrigado, Gonzalez.

— Não, estou falando sério — respondeu o pirata. — Meia hora para subir, e depois descer direto em 30 segundos! — Ele riu.

Connor balançou a cabeça. Só havia começado a conhecer Brenden Gonzalez depois da morte súbita de Jez Stukeley. Gonzalez nunca poderia tomar o lugar de Jez, mas compartilhava um senso de humor igualmente mordaz.

— Estou realmente orgulhosa de você! — disse Cate, adiantando-se e, de modo muito pouco característico, abraçando-o. — Sei como foi difícil para você — ela sussurrou em seu ouvido.

— Um esforço excelente! — exclamou o capitão Wrathe, sorrindo. Scrimshaw a cobra de estimação do capitão, estava enrolada em seu pulso, e até ela parecia olhar Connor com admiração renovada.

— Bom, quero que todo mundo chegue aqui — gritou o capitão Wrathe. — Acho que o feito do senhor Tormenta é motivo para comemoração, não é?

Houve um coro ruidoso de “Sim, capitão!” de uma ponta a outra do convés. De novo, Connor teve a sensação de fazer parte de uma vasta família de marinheiros.

— Esta noite visitaremos um estabelecimento, taverna de Madame Chaleira! — gritou o capitão.

Houve muitos gritos em comemoração. Bart e Gonzalez levantaram Connor nos ombros.

— Me ponham no chão! — gritou ele.

— Epa! — disse Bart. — Você não teve um novo ataque de vertigem, teve? — Ele e Gonzalez gargalharam disso.

— Não. Me ponham no chão! Tenho novidades para o capitão.

— Sei... — disse Bart.

— É verdade! — insistiu Connor. — Me ponham no chão!

— Se você tem novidades para o capitão — gritou Molucco Wrathe — pode dizer aí de cima.

— Tá bom — respondeu Connor, ainda se equilibrando nos ombros dos colegas.

— Provavelmente não é motivo para se preocupar. Só que, quando eu estava no cesto de gávea, eu vi outro navio pirata.

— Na nossa rota marítima? — disse Molucco estrondosamente. A ironia desse comentário não passou despercebida para a tripulação, que recebeu a indignação com risos bem-humorados. Todos sabiam que o capitão Wrathe possuía pouco, ou melhor,

nenhum respeito pelo sistema de rotas marítimas fomentado pela Federação dos Piratas.

Connor confirmou com a cabeça.

— Ele está na nossa rota, mas não creio que vá causar encrenca. Parecia que só estava pegando um atalho para ir à Madame Chaleira.

— Sei — disse Molucco. Em seguida enfiou a mão dentro da casaca de veludo vermelho e pegou seu telescópio retrátil, de prata. Estendeu-o completamente, depois levantou-o até um dos olhos, fechando o outro com força. — De que direção ele vinha?

— Nor-noroeste — respondeu Connor.

Com um dos olhos grudado ao telescópio, o outro ainda fechado, Molucco girou e por pouco não acertou o nariz de Cate. Felizmente a subcapitã tinha reflexos rápidos.

— Ah, sim! Estou vendo. — Ele mexeu nas lentes do telescópio. — Deixe-me olhar direito.

Por um momento o capitão ficou em silêncio.

— Está vendo agora? — perguntou Connor.

Houve uma pausa e Connor já ia repetir a pergunta. Mas então o capitão falou:

— Estou, garoto. Estou vendo.

Por sua voz dava para ver que algo não estava certo. Cate chegou mais perto do capitão. Bart e Gonzalez desceram Connor dos ombros e o recolocaram gentilmente no convés.

— O que há de errado, capitão? — perguntou Cate.

Ele parecia muito perdido em pensamentos para responder. Como se em câmera lenta, baixou o telescópio do olho e fechou-o de novo. Parecia atordoado.

— Chegou o dia — anunciou.

— Como assim? — perguntou Cate. — Há alguma coisa que a gente deveria saber sobre aquele navio?

— Vocês vão descobrir logo. Cate, vou para a minha cabine. Vamos rumar para a Madame Chaleira.

— Mas capitão, se há alguma coisa errada, eu realmente gostaria de saber...

— Apenas faça o que eu disse — ordenou Molucco com jeito cansado, atravessando o convés a passos rápidos.

— O que será que está incomodando o cara? — perguntou Bart, quando o capitão havia desaparecido sob o convés.

Cate deu de ombros.

— Como ele disse, logo vamos descobrir. — Ela suspirou. — Claro, seria bom receber uma dica de vez em quando. Eu sou a *subcapitã* deste navio... pelo menos teoricamente.

— Deixe para lá, Cate — disse Bart, apertando o ombro dela. — Não leve isso para o lado pessoal.

Cate tirou a mão de Bart de seu ombro.

— Isso é uma demonstração de apoio tremendamente inadequada — e acrescentou em voz baixa: — Mas que muito aprecio. — Sorrindo, ela se virou para a tripulação. — Andem, andem! Vamos para a Madame Chaleira. Agora!

Connor disparou pelo convés.

— Aonde você vai tão depressa, meu chapa? — gritou Bart.

— Tomar um banho. Estou todo sujo depois da subida e quero me arrumar para a taverna.

Bart lançou-lhe um olhar de quem sabia das coisas.

— Quer se arrumar, é? Não seria para impressionar uma dama específica que por acaso trabalha para a madame, não é? — Ele riu para Connor. — Ei, você está ficando vermelho?

— Não! Devo ter me queimado de sol enquanto estava no cesto de gávea, só isso.

— Eca — disse Bart. — Sem dúvida nosso garoto está crescendo depressa! — Ele e Gonzalez agarraram Connor e desgrenharam seu cabelo.

— Para com isso! — gritou Connor, soltando-se dos dois e correndo para dentro a fim de se arrumar.

Era sempre reconfortante entrar no terreno familiar da taverna de Madame Chaleira. Se ultimamente o *Diablo* parecia o lar de Connor, a taverna vinha logo em segundo lugar. Connor sempre sentia uma expectativa enquanto ouvia a grande roda d'água fazendo um barulho chapinhado, acima, e passava pela porta com os colegas.

Connor, Bart e Gonzalez entraram no salão principal. Vários rostos se viraram. Connor notou que duas garçonetes sorriram para ele. Sorriu de volta, vermelho. Ainda não estava acostumado à atenção crescente que vinha recebendo nos últimos tempos. Fazer parte da tripulação de Molucco Wrathe dava o status de celebridade instantânea no mundo dos piratas. As pessoas amavam ou odiavam Molucco, parecia que simplesmente não conseguiam parar de falar nele.

O bar estava movimentadíssimo, como sempre. Tripulações de numerosos navios piratas se derramavam pela área principal. Alguns tinham sorte de ser recebidos do outro lado da corda de veludo da área VIP. Outros procuravam as cabines reservadas, separadas por cortinas, no andar de cima. Connor viu Cate parada junto ao balcão. Ela acenou e chamou os três para junto dela.

— Então, descobriu o que está incomodando o capitão? — perguntou Bart enquanto, junto com Connor e Gonzalez, aproximou-se de Cate.

— Não — respondeu, balançando a cabeça. — Não, ele praticamente não falou uma palavra comigo desde que viu aquele navio.

— Onde ele está agora?

— Lá. — Ela apontou. — Sem dúvida contando à madame tudo o que não acha adequado me dizer.

Olharam para uma parte da taverna isolada por cordas, onde Molucco estava sentado com Madame Chaleira. Ela assentia de modo simpático, passando uma das mãos no ombro do capitão e, com a outra, servindo-lhe uma bebida forte.

— Eles são velhos amigos — disse Bart a Cate.

— É — respondeu Cate. — Mas eu sou a subcapitã. Deveria ter alguma pista do que ele está pensando. — Ela suspirou. — Claro, você sabe por que isso está acontecendo, não sabe? Ele me culpa pelo que aconteceu no *Albatross*. É justo. Deus sabe que eu me culpo também.

Connor baixou a cabeça. Para todos eles havia sido difícil ir em frente depois daquele dia fatídico — da vitória aparentemente fácil que havia se tornado um pesadelo para todos. Foi o dia que terminou com a morte de Jez, seu amigo e companheiro.

— Ei — disse Bart. — Todos nós fomos pegos desprevenidos com aquilo.

—É — respondeu Cate. — Mas eu...

— A gente sabe — disse Bart. — Você é a *subcapitã*.

Cate balançou negativamente a cabeça.

— Eu ia dizer que eu não deveria ser pega desprevenida com relação a nada.

Connor podia ver a dor no rosto dela. Desejou ser capaz de dizer alguma coisa para fazê-la se sentir melhor, mas ficava meio sem jeito.

— Veja bem — disse Bart. — Hoje o jovem Tormenta aqui dominou um grande medo e deveríamos estar comemorando. Então, será que podemos colocar um riso na cara e ficar um pouquinho alegres?

— Amém — disse Gonzalez, pegando algumas bebidas com uma garçonete que ia passando. — Minha nossa! Como você é bonita! — exclamou Gonzalez. — Você é nova aqui?

A garota ficou vermelha, negou com a cabeça e continuou seu caminho. Bart riu.

— Aquela é a pequena Jenny, seu panaca. Nunca a viu antes?

— Não sei. Mas agora vou ficar atento! Pequena Jenny!

Ao ouvir seu nome, a garota olhou por cima do ombro. Gonzalez levantou sua caneca numa saudação.

— Ah, ela é um anjinho.

Bart balançou a cabeça dando um risinho. Cate se aproximou de Connor.

— Desculpe — disse ela. — Você se saiu bem hoje e merece uma comemoração.

— Tudo bem. Sei que as coisas não estão fáccis para você.

— Não, não estão — respondeu Cate. — Mas eu é que tenho que resolver isso. E eu não deveria ter incomodado vocês com essas coisas.

— Deveria sim — disse Connor. — Você pode ser *subcapitã*, mas em primeiro lugar é nossa amiga.

Nesse momento ouviu-se um grito alto vindo do outro lado da taverna.

— Molucco Wrathe!

Connor, Bart, Cate e Gonzalez se viraram. Do outro lado do salão, viram Molucco e a Madame ficarem paralisados e depois olharem ao redor lentamente. A voz estrondeou de novo pelo salão.

— Molucco Wrathe!

Um homem alto e imponente atravessou o espaço até o centro da luz. Uma mulher impressionante e um garoto desengonçado vinham alguns passos atrás. Pelas roupas, Connor viu que o sujeito era um capitão. Havia algo estranhamente familiar nele.

— Então foi por isso que o capitão ficou tão abalado! — exclamou Cate.

— Como assim? — perguntou Connor. — Quem é esse cara?

— Barbarro Wrathe — respondeu Bart. — Irmão de Molucco.



CAPÍTULO 2

A expedição

O ar frio da noite lambia o convés do *Notumo* enquanto o galeão repousava nas águas de uma pequena angra ao pé de uma vasta montanha. Tão vasto era esse pico que se era impossível enxergar até onde ele se estendia no alto, por mais que Grace Tormenta esticasse o pescoço para trás. Não ajudava, claro, o fato de reinar uma escuridão total, a não ser pela fatia de luar que caía inútil do outro lado do convés. Para a maioria das pessoas comuns, seria incrivelmente idiota embarcar numa expedição para subir pelos caminhos da montanha, gelados e desconhecidos, no meio da noite. Mas, lembrou Grace, nenhuma das pessoas que iriam na expedição poderia ser considerada “comum”. De fato, alguns diriam até que seria questionável descrever seus companheiros de viagem como “pessoas”.

Enquanto se inclinava inutilmente para trás, Grace sentiu a boina de lã escorregar da cabeça. Com o frio imediato que sentiu, empurrou a boina de volta para a posição e voltou à postura normal. A boina, como o resto das roupas, fora emprestada por sua amiga Darcy Flotsam, que agora estava ao seu lado no convés.

— Tem certeza de que está bem aquecida, Grace querida? — perguntou ela. — Eu poderia voltar à cabine e pegar uma das minhas peles. É só você pedir!

Grace balançou a cabeça.

— Já falei antes, Darcy. Não uso peles. Nenhum animal deveria morrer para me manter aquecida.

Darcy balançou a cabeça, incrédula.

— Mas peles são tão macias e gostosas! E a pobre raposa que rendeu meu casaco não vai saltar de novo à vida a qualquer momento. Então que mal isso faz?

— Não, Darcy — respondeu Grace com firmeza. — De jeito nenhum. Esse casaco é bem quente, obrigada.

Darcy sorriu para Grace enquanto esperavam os outros.

— Eu gostaria muito de ir com vocês — falou. — Acho que não iria gostar da subida, eu sei mas faria isso para ficar perto de você e do tenente Furey.

— Eu sei, Darcy, e Lorcan também sabe. — Grace sorriu para a colega. — Mas parece que o capitão acha que, quanto menos de nós saírem do navio, melhor.

As duas olharam para a porta fechada dos aposentos do capitão. Dentro ele estava deixando os substitutos a par de como cuidar do navio durante sua ausência.

— É *muito* raro o capitão deixar o navio — disse Darcy virando-se de novo para Grace. — Correr esse risco mostra o quanto ele gosta do tenente Furey.

Risco? Grace não havia pensado desse modo, mas agora percebeu que, com os últimos tumultos no navio e as rebeliões após a partida de Sidório, de fato seria um risco o capitão deixar os outros Vampiratas mesmo sendo por poucos dias.

Sidório havia questionado as regras do navio, em particular a ordem do capitão de limitar o consumo de sangue à Noite do Banquete semanal. Apesar de ter sido banido e mais tarde eliminado, Sidório deixara para trás as sementes do descontentamento. Outros, em meio à tripulação que antes era obediente, agora perguntavam por que não podiam beber sangue com mais frequência. Grace sabia que o capitão havia exilado mais três tripulantes desde a partida de Sidório. Eles haviam se reunido ao Vampirata renegado e embarcado numa terrível farra sanguinolenta até que todos foram destruídos — por seu irmão, Connor. Connor, o herói.

Era estranho pensar desse modo em seu irmão gêmeo. Tanta coisa havia acontecido nos poucos meses desde a morte do pai e desde que deixaram sua casa na baía Quarto Crescente! Como eram ingênuos na época, pensou Grace. Achavam que ir embora lhes daria uma rota de fuga. E, de certa forma, isso acontecera. Mas a jornada havia colocado os dois em situações muito perigosas, que tinham ameaçado a vida de ambos. Agora, para grande desconforto da irmã, Connor era um guerreiro pirata a bordo do famoso navio *Diablo*. E, talvez para alarme ainda maior do irmão, Grace era passageira regular a bordo do navio de piratas vampiros, ou Vampiratas, chamado *Noturno*. Irmão e irmã ansiavam pela presença um do outro — queriam que o outro visse que *sua* escolha de navio era a correta. Mas era um tributo ao relacionamento dos dois o fato de ultimamente terem entendido que cada um deveria seguir seu caminho, pelo menos por enquanto.

Assim, ali estava ela, no convés do *Noturno*, esperando o capitão e seu querido colega Lorcan, prestes a embarcar numa missão importante rumo ao topo da montanha e a um local misterioso chamado Santuário. Ali encontrariam o guru Vampirata, Mosh Zu Kamal, e implorariam que ele curasse Lorcan de sua cegueira.

Olhando para trás, novamente para a montanha, Grace se perguntou quanto tempo demorariam para chegar ao Santuário. Poderia ser uma caminhada realmente muito árdua. Ela já estava preocupada, pensando em como Lorcan iria aguentar. Não era apenas a questão de sua cegueira, mas o fato de que ultimamente ele vinha ficando muito fraco. Apenas alguns dias antes, simplesmente ir ao convés superior havia representado um esforço para ele.

— Meu negócio está concluído. — Ela ouviu um sussurro familiar e viu uma nova figura surgir no convés. Vestida de preto dos pés à cabeça, era como se fosse esculpida a partir da própria noite. Outros ficariam perturbados com a visão daquele homem alto e imponente com sua capa de couro, e que algumas vezes tremeluzia com veias de luz, como as velas abertas do navio Vampirata. Ficariam intimidados com o fato de que ele sempre usava uma máscara e jamais tirava das mãos as luvas escuras. Alguns poderiam se encolher diante de sua voz, que não atravessava o ar, como as outras vozes,

mas, em vez disso, chegava à cabeça como um sussurro gélido, jamais variando de volume ou tom.

Mas, no tempo relativamente curto desde que conhecera o capitão Vampirata, Grace passara a vê-lo como alguém sábio e compassivo — mais humano do que qualquer pessoa que ela já conhecera, a não ser, talvez, seu querido e falecido pai. De certa forma, percebia, ela passara a considerar o capitão uma figura paterna.

— Sigamos em frente. — De novo as palavras do capitão chegaram até dentro de sua cabeça.

Enquanto o capitão ia até elas, Darcy subitamente envolveu os ombros de Grace com os braços.

— Ah, Grace — disse com um soluço. — Parece que estamos sempre nos despedindo, não é?

Grace confirmou com um sorriso. Ficou um pouco surpresa ao sentir uma lágrima escorrer pelo rosto. Algumas vezes se esquecia de como Darcy Flotsam havia se tornado uma boa amiga. Não era mais suficiente pensar nela como a linda e espirituosa figura de proa; escultura de madeira durante o dia, e à noite uma jovem cheia de vida. Darcy era mais feita de carne, sangue e emoção do que a maioria das pessoas que Grace já conhecera.

Grace enxugou a lágrima.

— Vou voltar logo, Darcy — disse. — Prometo. Assim que Lorcan estiver curado, vamos retornar ao *Notumo*.

Darcy confirmou com a cabeça. E as duas se abraçaram de novo e repetiram as despedidas, ambas se agarrando à esperança de que Lorcan com certeza se recuperaria. Nenhuma das duas conseguia sequer considerar a alternativa.

O capitão se inclinou para a frente, gentil.

— Adeus por enquanto, Darcy — sussurrou, pondo a mão enluvada no ombro dela. — Sei que posso contar com você para obedecer ao subcapitão e fazer o máximo pelo bem do navio.

— Sim, capitão! — exclamou Darcy, fazendo uma rígida saudação naval.

Olhando-os, Grace pensou na palavra “subcapitão”. Percebeu que não fazia ideia de quem o capitão havia deixado no comando do *Notumo* durante sua ausência. Tinha noção de uma certa hierarquia no navio — Lorcan, por exemplo, agora ocupava o posto de tenente, que antes havia sido de Sidório. Mas não fazia ideia de quem era o subcapitão, nem mesmo quem poderia ter posto superior em meio aos tripulantes. Isso fazia um contraste nítido com o tempo que ela havia passado a bordo do navio pirata, o *Diablo*, onde era perfeitamente claro que a subcapitã havia sido, primeiro, Cheng Li, e no momento era Cate Alfanje. Grace lembrou-se de que, apesar de sua ligação já profunda com vários tripulantes do *Notumo*, ainda havia muito a aprender sobre os Vampiratas. Talvez o tempo que passaria no Santuário lhe desse mais informações. Esperava, com fervor, que sim.

— Ah — disse o capitão, seu sussurro cortando os pensamentos dela. — Aí vêm os últimos integrantes de nossa expedição.

Ele assentiu enquanto Lorcan chegava ao convés. Vestia um pesado sobretudo militar que pegara emprestado com outro tripulante. Uma medalha ainda lhe pendia no peito. Parecia bonita, pensou Grace, imaginando que conflito ela comemorava e que feitos nobres e violentos haviam garantido aquela honra. Com suas botas militares,

Lorcan era uma figura vistosa. Nas costas carregava uma pequena bolsa, com algumas coisas destinadas a tornar mais confortável sua estada no Santuário. Sobre os olhos estava a nova bandagem que Grace ajudara a aplicar naquele dia mais cedo. O pano obscurecia as queimaduras lívidas, com as quais ela já estava bastante familiarizada, e brilhava ao luar com um branco tão alvo quanto uma pomba.

Mas Lorcan não estava sozinho. Ao lado vinha Shanti, sua doadora linda, porém maldosa. As botas de saltos altos tamborilavam no piso de madeira e ela segurava uma mala com a mão pequena, usando luvas de pelica. Então ela também ia, pensou Grace. Fazia sentido. Se Lorcan quisesse se recuperar totalmente teria de começar a tomar sangue de novo. Shanti era sua doadora e ele precisava dela por perto, para quando chegasse a hora. Grace notou que Shanti usava um casaco de pele combinando com um chapéu alto. Não precisou pensar muito para perceber onde aquela roupa fora conseguida.

O rosto de Darcy ficou vermelho diante do olhar de Grace. Grace balançou a cabeça. Darcy era uma alma muito generosa — mas era bem típico de Shanti não pensar na criatura morta que poderia estar usando. Porém o mais irritante de tudo, pensou Grace, era que Shanti estava muito linda com aquela roupa.

À medida que os recém-chegados alcançavam o grupo, Grace e Shanti trocaram sorrisos tensos. Não havia nenhum resquício de afeição entre as duas e claramente nenhuma delas podia ocultar o desprazer que sentia por viajarem juntas. De perto, Grace notou como Shanti parecia muito mais velha, mesmo com relação à última vez em que a vira. Ainda era bonita, sem dúvida. De certo modo estava mais bonita, com rugas se tecendo ao redor dos olhos e dos lábios. Isso fazia sua beleza parecer mais frágil e, portanto, mais preciosa. Mas, para Shanti, as rugas eram abomináveis. Os doadores só eram imortais enquanto o vampiro compartilhasse seu sangue. Assim que isso parasse, a mortalidade não perdia tempo em reivindicar o corpo do doador. Desde que Lorcan havia parado de compartilhar com ela, Shanti começara a envelhecer numa velocidade espantosa. Se ele não começasse logo a tomar seu sangue de novo, ela correria sério perigo. Ela também podia estar enfraquecendo. Grace balançou a cabeça. Que grupo de expedicionários improvável eles formavam, pensou, olhando de um rosto para outro.

— Vamos — disse o capitão. — Não vamos perder mais tempo. Santuário e Mosh Zu nos esperam. Vamos, amigos.

— Adeus, querido tenente Furey — disse Darcy, abraçando Lorcan com força. — Desejo que você se recupere o mais rápido possível.

— Obrigado, Darcy — respondeu Lorcan, afetuosamente. — Seja uma boa menina enquanto estou fora, ouviu?

Grace ficou satisfeita ao ver que ele tinha recuperado um pouco de seu antigo senso de humor. Isso havia desaparecido durante muito tempo. Shanti pareceu insatisfeita, os lábios apertados com força. Grace havia notado que ela era tremendamente possessiva com relação a Lorcan. Agora a doadora passou um braço envolto em pele pela manga do sobretudo dele. Grace pôs sua pequena mochila às costas, depois pegou o outro braço de Lorcan. Seguiram o capitão cautelosamente pela prancha, descendo em terra.

Atrás deles, a névoa brotava das águas escuras, subindo suave, mas constantemente, pelos costados do navio. Darcy ficou no convés, acenando para os viajantes até o final. Depois a névoa criou uma cortina entre eles, e o *Noturno* desapareceu das vistas.

— Agora começa uma nova jornada — disse o capitão.

Grace confirmou com a cabeça. Queria dizer alguma coisa entusiasmada, para gerar um pouco de energia positiva no grupo, mas ao ver a boca de Lorcan curvada para baixo e os olhos frios e afiados de Shanti, pôde perceber exatamente o que os dois estavam pensando. Poderia ser a última jornada para eles. Se o Santuário e o misterioso Mosh Zu Kamal não pudessem salvar Lorcan, não restaria esperança para nenhum dos dois.



CAPÍTULO 3

Irmãos

Toda a taverna ficou em silêncio quando Barbarro Wrathe — flanqueado por seus dois acompanhantes — apareceu no topo da escada que ia dar na parte principal do salão, lá embaixo. A mulher e o garoto se demoraram no degrau de cima enquanto Barbarro continuava seu caminho sozinho. Na mão levava uma bengala, cujo topo era feito com um crânio redondo e uma cobra cravejada de jóias emergindo de uma órbita ocular e se espiralando por toda a extensão da haste. A bengala batia nas tábuas, marcando o progresso de Barbarro em direção ao irmão.

Quando chegou ao piso principal, frequentadores de todos os lados se afastaram rapidamente — Connor não tinha certeza se era por medo ou respeito. A bengala de Barbarro ecoava no piso. Ouviam-se murmúrios baixos. Connor observava e ouvia cada som com atenção. Sabia que havia uma velha rixa entre os dois irmãos. Será que Barbarro havia retornado para resolver a disputa? Seu rosto não revelava nada.

A pessoa que parecia menos surpresa — e menos perturbada — pela chegada de Barbarro, era o próprio Molucco. Mas, claro, Molucco sabia que era o navio de Barbarro que estivera indo para a taverna. Tinha ficado abalado ao vê-lo pela primeira vez do convés do *Diablo* mas, nesse meio-tempo, havia se recomposto. Agora, tomou calmamente um último gole de sua bebida, depois se levantou e desceu do reservado onde ele e Madame Chaleira estavam acomodados.

— Barbarro! — gritou em volume máximo. — Que surpresa maravilhosa!

Barbarro não respondeu, apenas ficou parado, à espera de Molucco no centro do salão. Isso fez Connor pensar em dois felinos selvagens avaliando-se mutuamente: um verdadeiro jogo de poder.

Quando finalmente os dois irmãos ficaram cara a cara, Connor impressionou-se com a forte semelhança entre eles. Não eram exatamente a imagem espelhada um do outro, mas certamente dava para ver que eram feitos do mesmo material — um material espalhafatoso. Barbarro era só um pouquinho mais largo e mais alto do que Molucco.

Vestindo uma casaca verde-garrafa com acabamento em ouro e calçando botas altas, era uma figura igualmente vistosa. Mas as mãos não tinham jóias — a não ser uma aliança de ouro. Barbarro usava o cabelo comprido, como o de Molucco, mas a cor ainda era de um preto brilhante, com uma grossa faixa cinza-prateada dando glamour e peso. Tinha barba e bigode bem aparados. Mas os olhos brilhantes eram o reflexo perfeito dos do irmão. Justo quando você pensava que sabia de que cor eram, eles mudavam. Primeiro verdes, depois azuis. Roxos, castanhos, depois pretos. Eram tão mutáveis quanto a superfície do oceano.

— Há quanto tempo! — disse Molucco. Todos os olhos na taverna estavam fixos nele quando ele falou. Depois se moveram famintos para Barbarro, para avaliar a reação.

— Tempo demais, Molucco — respondeu Barbarro, com a voz tão sonora quanto a do irmão. — Desde que nos encontramos, eu perdi um irmão. Não pretendo perder outro.

Então ele estendeu os braços e Molucco avançou para abraçá-lo. Houve um coro de suspiros no salão enquanto os dois se cumprimentavam. Parecia que a rixa antiga estava terminada. Pelo menos, pensou Connor, *alguma* coisa boa havia resultado do terrível assassinato de Porfírio Wrathe.

Quando os dois capitães Wrathe finalmente se desembaraçaram, Connor viu Scrimshaw sair do cabelo de Molucco e se estender, cheia de expectativa, na direção de Barbarro. Connor havia percebido que Scrimshaw costumava examinar as pessoas, como se fizesse isso pelo capitão Wrathe, mas desta vez havia algo diferente. De súbito notou um movimento recíproco em meio aos cachos de Barbarro, e uma segunda cobra saiu e se estendeu na direção de Scrimshaw.

Barbarro olhou para cima com um sorriso.

— Parece que Escaramuça está feliz por ver o irmão.

— É — assentiu Molucco, sério. — Acho que deve ter sentido uma tremenda falta dele nos últimos anos. — As cobras sibilaram, conspirando entre si por um momento, depois se acomodaram no pescoço dos donos, de onde podiam ficar de olho uma na outra.

Houve uma gargalhada geral na taverna. Isso serviu como válvula de escape depois da alta tensão da chegada de Barbarro. Connor aproveitou a pausa no silêncio para cutucar Bart.

— Você não me disse que Scrimshaw tinha um irmão.

Bart riu.

— Eu tenho que guardar *algumas* surpresas na manga.

Enquanto eles falavam, a mulher alta atrás de Barbarro avançou. Caminhou graciosamente, vestida com uma casaca régia, no mesmo tom dourado pálido de seu cabelo.

— É a mulher de Barbarro — sussurrou Bart.

— Trofie! — exclamou Molucco.

— Ele disse *Tmfjén*? — perguntou Connor. — Que nome estranho!

— É *Tmfje*, F-I-E. É escandinavo, acho.

— Ela é bem mais nova do que Barbarro — disse Connor.

— É, acho que esse rosto combina com ela.

— Como assim, *esse* rosto?

— Digamos que ele muda de tempos em tempos. Tic, tic... se é que você me entende.

Trofie estendeu a mão direita. Ela reluzia dourada, tanto quanto o restante da mulher, exceto pelas unhas vermelho-rubi. Connor ficou olhando Molucco fazer uma reverência diante da cunhada e beijar sua mão. Isso não pareceu agradá-la totalmente, porque, quando Molucco se empertigou de novo, a mulher pegou um lençinho de um bolso e enxugou a mão. Quando ela fez isso, Connor ficou surpreso ao ver a luz se refletir. Olhando mais atentamente, viu que a mão direita de Trofie era feita de metal. Era literalmente tão dourada quanto o cabelo. E o que ele havia achado que eram unhas com esmalte vermelho eram, na verdade, rubis. Nunca vira nada igual.

— O que aconteceu com a mão dela? — perguntou a Bart.

— Ah, sim. Existem histórias divergentes sobre isso. A versão oficial é que Trofie foi capturada e mantida como refém por um dos rivais de Barbarro. O sujeito ameaçou cortar os dedos dela a não ser que ela revelasse onde estava o tesouro secreto de Barbarro. E todo dia cortavam um dos dedos. No sexto dia, Barbarro a resgatou, matou os captores e levou-a a um cirurgião que reconstruiu a mão com ouro.

— Uau! — disse Connor. — Incrível. — Ficou enjoado ao pensar numa violência tão absurda. — E qual é a versão não oficial?

— Bom. Trofie Wrathe gosta um pouquinho de jóias, e Barbarro Wrathe gosta de satisfazer tudo que o coração dela deseje. Segundo os boatos, ela chegou a ponto de ter tantos anéis que literalmente não conseguia levantar a mão. No fim foi uma questão de escolher entre os anéis e os dedos.

— E ela escolheu...

— Mandou remover a mão de verdade. Parece que está guardada em formol em algum lugar, para o caso de ela querê-la de volta. E então ela mandou derreter os anéis para criar essa nova mão de ouro.

— Uau! — disse Connor outra vez. — Que versão você acha que é a verdadeira?

Bart balançou a cabeça.


— Não faço a mínima ideia. Provavelmente a gente nunca vai saber. Eu com certeza não ousaria perguntar. Ela me apavora. — Bart estremeceu.

Connor voltou a dirigir toda a atenção para Trofie.

— Sinto muito por sua perda — ouviu Trofie dizer a Molucco. A voz dela era de uma precisão gélida.

— Senhora — respondeu Molucco —, a morte de Porfírio Wrathe foi uma perda devastadora para todos nós. Na verdade, para todo o mundo da pirataria.

Trofie assentiu. Depois olhou de novo por cima do ombro. Connor viu que ela estava chamando o garoto magricelo que viera com eles.

— Luar , venha dizer olá ao seu tio.

O menino revirou os olhos e avançou. Estava vestido de modo casual, com jeans pretos e justos e um casaco de motoqueiro, de couro.

— Tio Lucco — disse. — E aí?

Trofie cutucou as costelas do garoto com um dedo de ouro.

— Ai! — gemeu ele. — Isso dói!

— Demonstre algum respeito pelo seu tio! — disse ela.

Mas Molucco riu de orelha a orelha.

— Não precisamos de formalidades em família — disse. — Ora, Luar, você certamente andou crescendo desde que eu o vi pela última vez. Está alto e magro que nem um mastro.

Luar pareceu ligeiramente insatisfeito com isso. Mas afinal de contas, pensou Connor, ele tinha o tipo de rosto que parecia ligeiramente insatisfeito, e ponto final. Não ajudava o fato de ele ter espinhas espalhadas nas bochechas e uma cicatriz roxa e lívida que atravessava uma das faces.

De repente, como se percebesse que estava sendo observado, Luar olhou na direção de Connor e Bart. Quando o olhar encontrou o deles, seu rosto se congelou. O olhar que ele lançou para Connor e Bart era venenoso. De onde *isso* teria vindo?, pensou Connor.

— Connor! — gritou Molucco. — Cate! Venham conhecer minha família.

Connor e Cate atravessaram o salão.

— Esta é a nossa subcapitã — disse Molucco. — Cate, você já conheceu Barbarro e Trofie.

Cate assentiu, baixando a cabeça para eles.

— Mas não creio que tenha conhecido o filho deles, Luar. E vocês três ainda não conheceram Connor Tormenta — disse Molucco, estendendo o braço e puxando Connor. — Connor é o membro mais novo da minha tripulação. Só está conosco há três meses, mas é difícil imaginar um tempo sem ele. Bom, ele se tornou como um filho para mim.

Connor ficou vermelho diante do elogio profuso do capitão Wrath. Mais uma vez sentiu-se pasmo com a generosidade de espírito do capitão.

— Como um filho, é? — perguntou Barbarro, apertando a mão de Connor. — É um tremendo elogio vindo do meu irmão. Connor, esta é minha mulher e subcapitã, Trofie.

Connor esperou nervoso para ver se ela estenderia a mão verdadeira ou a de ouro. Foi a de ouro que se moveu em sua direção. Quando a segurou, sentiu algo parecido com um choque elétrico. Era lisa e quase tão maleável quanto carne, mas fria como gelo.

Trofie deu um pequeno sorriso.

— Olá, *min elskling* — disse. — Ouvimos falar de você.

— Verdade? — perguntou Connor, surpreso.

— Ah, sim — respondeu Trofie, com o rosto ainda sustentando o sorriso. — Somos muito bem informados.

— Este é Luar — disse Barbarro. — Diga olá ao Connor, Luar.

O rapaz examinou Connor por um momento, dando a clara sensação de que preferiria segurar um balde de seu próprio vômito a apertar a mão de Connor. Connor notou as unhas enegrecidas e roídas. Pareciam um tanto familiares, mas ele não sabia por quê. Ele e Luar se cumprimentaram muito brevemente. A mão do garoto era tão fria quanto a da mãe, porém mais úmida.

— Quantos anos você tem, Connor? — perguntou Barbarro.

— Quatorze, senhor.

— Quatorze? Ora, a mesma idade do nosso Luar! Parece que vocês serão grandes amigos — disse Barbarro, evidentemente cego à expressão de nojo que agora emanava de mãe e filho. Connor viu que Trofie havia passado a mão de metal pela cintura do filho. As “unhas” de rubi brilhavam.

— Bom — disse Madame Chaleira, assumindo o controle da situação —, todos vocês têm muito o que conversar! Venham sentar-se aqui, vamos abrir uma garrafa de champanhe de ostra para marcar esta ocasião auspiciosa. — E guiou Molucco, Barbarro e Trofie para o reservado onde antes estivera sentada com Molucco.

— Mas não vocês, rapazes — disse segurando firmemente Connor com uma das mãos e Luar com a outra. — Você também não, Bart — gritou para o outro lado do salão. — Vocês vão conferir minha mais nova atração.

— Vamos? — perguntou Connor.

— Ah, com certeza! — A madame gritou por cima do ombro. — Docinho! A banda está pronta?

— Está, Madame! — respondeu, em um grito, uma voz familiar. O grito foi seguido pelo aparecimento de Docinho de Coco, a linda secretária de Madame Chaleira.

— Connor! Bart! Quanto tempo. Como vão vocês? — Docinho beijou os dois de leve na bochecha. Connor prometeu a si mesmo que não iria lavá-la durante alguns dias. Ficou sem fala e riu de orelha a orelha.

— E este é Luar Wrathe — disse Madame Chaleira a Docinho. — Sobrinho de Molucco.

Luar inclinou a bochecha para ser beijada por Docinho, mas ela simplesmente olhou seu rosto cheio de espinhas e deu-lhe um tapinha rápido.

— Então, já viram a pista de dança? — perguntou, girando. Eles não haviam notado antes, mas então Connor percebeu que a madame havia mudado a arrumação do local. A parte embaixo da galeria de reservados com cortinas era agora uma pista de dança. Era feita de quadrados de vidro, como um tabuleiro de xadrez, sob os quais pulsavam luzes coloridas ao ritmo da música.

— Presumo que vocês saibam dançar tango — disse Docinho.

— Sem dúvida — respondeu Luar, estufando o peito pouco impressionante.

— Excelente! Então vai dançar com Kat — disse Docinho, empurrando-o na direção da pista de dança, onde uma garota alta e de cabelos escuros estava esperando. — E você, Bartholomew, vai dançar com Elisa. — Rindo, Bart foi andando e pegou sua parceira de dança.

— E você, Connor — disse Docinho, pegando a mão dele —, vai dançar comigo.

Os músicos tocaram uma pequena introdução enquanto ela o guiava para a pista.

— Ah... a questão é que, na verdade, eu não sei dançar tango — gaguejou Connor.

— Por isso você me pegou como parceira. Eu guio. Você só precisa se agarrar firme e deixar que eu faça o resto.

— Mas eu achava que o homem deveria guiar.

— Rá! — gargalhou Docinho. — Não *nesta* pista de dança!

De repente o tango começou a sério, e Connor foi sendo carregado pela pista.

— É isso — disse Docinho. — Só se agarre firme e não solte!

Connor percebeu que não tinha opção, enquanto ela o arrastava. Tinha vislumbres rápidos dos outros passando, como lanchas aceleradas riscando a superfície do mar. Bart piscou para ele enquanto encurvava Elisa até que o cabelo revoltado da jovem roçasse o chão.

— Concentre-se! — instruiu Docinho, puxando o rosto de Connor com força e encarando-o com seus olhos irresistivelmente azuis e sinceros. — Agora sim! — Connor não se surpreendeu ao ver que, quando chegou a hora, foi ela que o fez se

curvar, com a cabeça e os ombros caindo para trás até estar olhando as cortinas de veludo dos reservados no alto. Todas estavam bem fechadas.

— Excelente! — gritou Docinho, puxando-o de pé outra vez. — Você está pegando o jeito.

Atordoado, Connor se viu sendo empurrado de costas pela pista. Agora podia ver Luar arrastando Kat de um modo bastante brutal. Em tudo que fazia, Luar parecia expressar profundezas incomensuráveis de raiva. Girando Kat, Luar olhou direto nos olhos de Connor.

A música foi crescendo e Connor ficou diante de um olhar de puro ódio vindo de Luar Wrathé. Franziu a testa. Como era possível odiar alguém que você havia acabado de conhecer? Tinha um sentimento ruim quanto à chegada do rapaz: uma nova rixa já poderia estar começando. Connor não entendia de onde viera a animosidade do garoto, mas isso iria acabar mal, dava para sentir.



CAPÍTULO 4

uma jornada sombria

À medida que a névoa se dissipava, Grace via apenas o oceano vazio. O *Noturno* havia desaparecido. Sentiu um arrepio na coluna. Agora não tinha como voltar. Olhando primeiro para o capitão, depois para Lorcan e Shanti, imaginou que desafios haveria adiante para cada um deles, antes que retornassem ao navio.

— Agora, o que fazemos? — perguntou Shanti.

— Na verdade, é muito simples — respondeu o capitão. — Agora subimos a montanha.

— Bom, *sim*, mas onde estão nossas mulas? E as luzes? Sem dúvida mandaram alguém para nos guiar e carregar nossa bagagem, não é?

Grace odiava concordar com Shanti, mas sentia que eram argumentos razoáveis. Mesmo assim não foi surpresa ouvir o sussurro do capitão.

— Vamos fazer nosso próprio caminho. Todo mundo faz seu próprio caminho até o Santuário.

Shanti lutou para absorver aquilo.

— Mas como? Está uma escuridão de breu. Não podemos. Nem temos um mapa, temos? Meus sapatos... Lorcan nunca vai conseguir.

Lorcan suspirou.

— Obrigado pelo voto de confiança — murmurou. Através da escuridão, Grace estendeu a mão e apertou a dele.

— Bom, é verdade! — continuou Shanti, sem se abalar.

— Seria muito melhor se esperássemos a luz do dia.

— Você está esquecendo — disse Lorcan — que eu não posso andar durante o dia. O capitão é o único de nós, o único Vampirata, que pode.

Shanti não se abalou.

— Se você já está cego, que mal a luz pode lhe fazer?

Era uma farpa maligna, mesmo para os padrões de Shanti. Lorcan não tinha resposta.

— Não vamos mais falar nisso — interveio o capitão. — Estamos perdendo tempo. — E seguiu pelo caminho, com a capa falcando de encontro às árvores dos dois lados.

Shanti olhou para os outros em busca de apoio.

— Isso é loucura — disse. — Vocês não veem? Nunca vamos conseguir.

— Talvez você tenha razão — concordou Lorcan, desanimado. Era como se as palavras afiadas de Shanti o tivessem despedido de qualquer trapo de confiança que ainda restasse.

— Precisamos tentar — disse Grace com determinação séria. — Não podemos desistir antes mesmo do começo. Não creio que o capitão teria embarcado nessa viagem se não achasse possível.

— O que você sabe? — perguntou Shanti. — O que *voce* sabe sobre *qualquer coisa*?

Shanti estava muito amarga, com muita raiva de Grace. Grace sabia que ela a culpava pela cegueira de Lorcan e pelo fato de ele ter parado de tomar seu sangue. E, mesmo que Grace se sentisse desconfortável por admitir, era verdade que Lorcan ficara cego na tentativa de protegê-la. Mas não havia nada a ganhar ficando ali parados culpando um ao outro ou pedindo perdão de novo. O capitão havia dito que a melhor chance de cura para Lorcan estava no topo daquela montanha. Era a única verdade à qual todos precisavam se agarrar.

— Vou acompanhar o capitão — anunciou. — Antes que o percamos de vista. — Em seguida se virou para Lorcan. — Você vem?

Ele confirmou com a cabeça.

Grace parou um momento. Era uma pergunta incômoda, mas precisava fazer.

— Você precisa de ajuda?

Antes que Lorcan pudesse responder, Shanti passou o braço pelo dele.

— Se alguém tiver de ajudá-lo, serei eu — disse.

Mas Lorcan balançou a cabeça e retirou a mão de Shanti.

— Consigo andar sozinho — respondeu, avançando. Apesar das bandagens em volta dos olhos, seus passos eram firmes. — Grace, vá na frente e nós a acompanhamos.

O rosto de Shanti ficou vermelho-vivo e Grace pôde ver que ela estava pensando em alguma nova reclamação.

— Então venham — disse Grace. — Ainda consigo ver o brilho da capa do capitão no caminho, mas vamos perdê-lo se esperarmos mais.

É estranho como a gente se adapta rápido à escuridão, pensou Grace. O brilho de luz nas veias da capa do capitão não estava tão forte quanto normalmente — só o bastante para indicar onde ele se encontrava, mas era insuficiente para iluminar o caminho. Assim, ela simplesmente ia atrás. Ocasionalmente um galho roçava em seu rosto ou no topo da cabeça, mas seus outros sentidos já estavam compensando a falta da visão. Ela notou como a audição havia ficado mais afiada, como se o volume tivesse sido aumentado para perceber seus passos no caminho. Era estranha a facilidade para distinguir seus passos dos de Lorcan, pesados porém firmes, e do ritmo mais rápido de Shanti. Porém, por mais que tentasse, não conseguia ouvir os passos do capitão adiante. Sabia que ele estava ali, por causa do brilho constante de luz, mas por que não podia

ouvir os passos?

Conseguia sentir o cheiro do casaco mofado que Lorcan usava e, atrás dele, o rastro do perfume de Shanti — bastante incongruente contra o ar da montanha. Grace continuava andando, os pés marchando num ritmo constante, a mente em estado meditativo. De repente ouviu um grito vindo de trás.

— O que foi isso? — A voz aguda de Shanti rasgou o ar.

— O que foi o *que*? — perguntou Lorcan.

— Alguma coisa molhada e peluda passou correndo por mim — respondeu Shanti. — Você não sentiu?

— Não — disse Lorcan, incapaz de afastar um tom de diversão na voz.

— Ah, sim — reagiu Shanti. — É muito engraçado, não é? Subir uma trilha de montanha tão escura que não podemos enxergar um passo adiante, com bichos selvagens correndo entre nós. — Sua voz estava ficando cada vez mais aguda, chegando às raias da histeria.

— Calma, calma — disse Lorcan, tranquilamente. — Não se perturbe, Shanti. Se você sentiu uma criatura selvagem, lembre-se de que esta montanha é o lar delas. Imagine que ela só tenha vindo dar uma olhada...

— *Desta vez* — reagiu Shanti. — Na próxima ela pode atacar.

— Provavelmente ela só estava confusa — disse Lorcan. — Por causa do seu casaco.

Ele não conseguiu conter um riso. Grace tentou resistir mas foi em vão, e acabou rindo junto.

— É, é — disse Shanti. — Podem rir. Podem se divertir. Mas vão ver que estou certa. Esta viagem será a morte para nós. — Ela fez uma pausa, depois continuou, mais objetivamente ainda. — Para nós que ainda não estamos mortos.

Suas palavras ecoaram ao redor, deixando o clima sombrio de novo, reverberando no ar gelado da noite. A temperatura havia diminuído, notou Grace. A princípio tinha pensado que simplesmente ia ficando mais hábil em se desviar dos galhos baixos, mas agora percebia que a vegetação estava mais rala dos dois lados. Estavam indo para uma área mais aberta.

Notou também que o caminho era cada vez mais íngreme, exigindo mais esforço para a subida. Suas pernas sentiam a tensão. Fazia muito tempo que não embarcava numa atividade física dessa escala. Se ao menos eu tivesse feito as corridas matinais na Academia dos Piratas, pensou chateada. Olhando à frente, viu que o capitão havia parado. Por quê? Imaginou se ele também estaria sentindo dificuldade. Alcançou-o e esperou os outros.

— Aqui o caminho fica mais íngreme — alertou o capitão. Sem dizer mais nada, voltou a andar. Os outros foram atrás. Quando o caminho fez uma curva, um facho de luar iluminou a encosta da montanha.

Shanti deu um gritinho. Grace apenas balançou a cabeça. A luz era débil, porém mostrava o caminho subindo a montanha por uma face de penhasco tão íngreme que a trilha precisava ziguezaguear para a frente e para trás. O caminho era entalhado na rocha e tinha apenas a largura de um passo, com uma queda perigosa.

— Ele não pode estar falando sério — gemeu Shanti.

— É ruim? — perguntou Lorcan.

— É íngreme — disse Grace, olhando a face de rocha lisa e exposta. Seu coração

estava batendo depressa. Ela não tinha problemas com altura, diferentemente do irmão, mas aquilo ali era diferente. Precisava concordar com Shanti: o desafio poderia muito bem estar fora do alcance deles. E no entanto tinha fé absoluta no capitão. Não podia acreditar que ele iria guiá-los até ali se não fossem capazes.

— É íngreme — repetiu Grace —, mas vamos conseguir. Só precisamos ter muito cuidado.

— É uma queda vertical! — disse Shanti. — E o vento também está aumentando. Vocês não sentem como está frio? Meu rosto está dormente.

Grace achou que seria inútil lembrar a Shanti que, uma vez que ela era a única vestindo um casaco de pele, os outros estavam com mais frio ainda.

— Podemos conseguir — falou em vez disso. — O capitão não iria nos levar por aqui se achasse que iríamos fracassar. — Suas palavras eram gentis, mas firmes. Olhou adiante, percebendo que agora as luzes na capa do capitão estavam ficando mais fracas. Imaginou por que ele havia se adiantado tanto. Por que não tinha ficado para ajudá-los?

— Venham — disse. — Vamos conseguir. Lorcan, quer que nós o seguemos ou prefere andar sozinho?

— Vamos tentar ir em frente como estamos, por enquanto — respondeu ele. — Se eu precisar de ajuda, digo.

— Então, está bem. — Grace virou-se para Shanti. — Quer ir na frente, um pouco?

— *Na frente?* — Shanti pareceu surpresa.

— É. Uma de nós precisa ir à frente de Lorcan e a outra atrás. O que você prefere? Shanti balançou a cabeça.

— Não consigo, Grace. Não consigo subir esse caminho.

— Você não tem escolha — respondeu Grace, ainda calma. — Eu vou levar Lorcan para o topo desta montanha porque o capitão diz que há uma chance de curarem a cegueira dele lá em cima. Não é uma certeza, mas é uma chance. E sim, *é* minha culpa ele estar cego, e sim, *é* minha culpa ele não estar compartilhando com você e você estar ficando enrugada e velha. — Ela não conseguia conter o jorro de emoções e palavras. — Tudo isso é minha culpa, Shanti; não sua, mas *minha*. Mas pelo menos estou tentando melhorar a situação. Se pudermos chegar ao topo desta montanha, acho que podemos dar um jeito. Assim, por Lorcan, e por você, mesmo que na verdade eu não goste muito de você, estou preparada para tentar. Agora, ou você vem conosco ou vamos deixá-la aqui, mas enquanto Lorcan estiver disposto a subir comigo, eu vou.

Shanti ficou sem palavras por um momento.

— Estou disposto — confirmou Lorcan.

— Então eu vou na frente — disse Shanti, passando por Grace e seguindo pelo caminho.

— Bom trabalho, Grace. — Ela ouviu o sussurro no ouvido, percebendo com espanto que não era Lorcan, e sim o capitão que lhe falava. Ele podia ouvi-la, tão de longe?

De certa forma, pensou Grace, era uma bênção estar tão escuro. Era possível bloquear o fato de que, de um dos lados, o caminho era ladeado pelo nada. Era *preciso* bloquear esse fato, ao máximo possível. Enquanto se mantivesse focalizada na firmeza dos passos e

permanecesse alerta às curvas, a coisa não era tão ruim. Shanti estava levando muito a sério a responsabilidade de guiar, indo à frente, e avisava a Lorcan a cada vez que ele precisava virar. O capitão também havia diminuído o passo, de modo que nunca estava muito à frente.

De novo Grace se pegou totalmente absorvida no ritmo de seus movimentos. Perdeu a noção do quanto haviam andado, da altura que haviam subido. Só sabia que precisavam continuar. Pelo tempo que fosse necessário. Era estranho fazer uma jornada que não parecia ter um ponto final, mas, curiosamente, também era um alívio.

Um barulho à frente a trouxe de volta desses pensamentos. Viu, alarmada, que Lorcan havia tropeçado. Tinha caído no caminho de terra, felizmente. Mas seus pés haviam derrubado pedregulhos pela encosta.

— Você está bem? — perguntou Grace, estendendo a mão para ele.

— Estou — respondeu Lorcan, levantando-se. — Não sei o que aconteceu.

— A culpa é minha — disse Shanti. — O caminho é mais estreito e mais irregular aqui. Eu deveria ter avisado.

— Tudo bem — respondeu Lorcan. — Não foi nada. — Grace podia ver o sorriso dele na luz escassa.

— Ai — gemeu Shanti. — Não consigo ver o capitão. Será que ele continuou seguindo? É tão difícil acompanhar! — Ela foi rapidamente pelo caminho estreito, praticamente correndo para continuar vendo o capitão.

— Tenha cuidado — gritou Grace. — Não vá tão depressa!

Mas Shanti não deu ouvidos. Estava decidida a alcançar o capitão. Quando Shanti desapareceu numa curva, Grace disse a Lorcan:

— Preciso alcançá-la, fazer com que ela pare. Espere aqui!

— Certo — concordou ele, aliviado em poder recuperar o fôlego.

Grace foi em frente. Não havia avançado muito quando ouviu um grito, seguido por algo que se parecia muito com pedras caindo. Sentiu uma onda de pavor antes mesmo de ouvir o grito estrangulado de Shanti.

— Socorro!

— Shanti! — gritou Grace, avançando depressa.

Quando virou a curva, a visão que teve confirmava seus piores temores. Shanti estava suspensa na lateral da montanha, com uma queda vertiginosa abaixo. O caminho havia cedido ao redor e tudo que a impedia de despencar no abismo era um arbusto de aparência precária. Um arbusto cuja raiz, pelo jeito, poderia se soltar a qualquer momento.

— Shanti! — gritou Grace outra vez, agachando-se e estendendo o braço. — Segure-se em mim. Vou puxar você.

Grace nunca tinha visto tamanho horror explícito como agora, nos olhos de Shanti.

— Não — disse ela, rouca. — Grace, não consigo. Você não tem força suficiente.

— Ah, tenho sim. — Mas Grace não se sentia tão confiante. Shanti e ela tinham aproximadamente o mesmo peso. E se Shanti a arrastasse para baixo, ao invés de Grace puxá-la para cima? Grace teve de afastar esse pensamento. Iria conseguir. As duas ficariam bem. Estendeu a mão. — Venha, Shanti. Só é preciso soltar essa planta, e eu agarro você.

— Não consigo! — Mas, enquanto Shanti falava, o arbusto começou a se mexer.

O terreno estava se soltando de novo, e, no momento em que Shanti fechava os olhos e se preparava para o pior, Grace estendeu a mão e agarrou seu braço. — Peguei — disse ela. — Peguei você. — Agora só precisava puxá-la para o terreno firme.

Mas quando Grace começou a puxar teve a sinistra percepção de que *não* era suficientemente forte. O que iria fazer agora? Não havia sinal do capitão e de jeito nenhum Lorcan poderia chegar ali sem que alguém o guiasse. Sentiu um pânico crescente, mas estava decidida a não transmiti-lo a Shanti.

— Qual é o problema? — perguntou Shanti. — Eu estava certa, não estava? Você não tem força suficiente! Nós duas vamos morrer!

Agora Grace enfrentava um dilema terrível. Deixar que Shanti caísse no vazio sozinho ou ser arrastada para baixo com ela. Olhou para o precipício brutal. Nenhuma das duas poderia sobreviver à queda.

De repente Shanti ficou mais leve. Grace se perguntou se havia conseguido juntar alguma força desconhecida no fundo de si mesma. Então viu que havia outro par de mãos estendidas segurando Shanti. Virou-se e viu um rapaz se agachando ao seu lado na trilha. Ele estava vestido como pastor.

— Vou contar até três — disse ele. — Depois vamos puxá-la, certo?

Grace confirmou com a cabeça. O homem sorriu para ela. Era um sorriso que inspirava confiança e calma completas.

— Um, dois, três...

Grace reuniu toda a sua força enquanto os dois puxavam Shanti para a trilha. Ela ficou deitada no chão, coberta de terra, soluçando. O coração de Grace martelava. As duas haviam enfrentado a morte certa. Se não fosse o pastor, a coisa terminaria de modo muito diferente. Que milagre ele estar passando naquele momento!

— Obrigada — disse Grace, virando-se para o homem.

Mas ele não estava mais à vista. Havia sumido tão misteriosamente como tinha chegado.

Ela olhou para Shanti.

— Muito bem! — disse.

— Eu quase morri — respondeu Shanti, voltando a olhar para o precipício. — Nós duas quase morreremos!

— Não — disse Grace, estendendo a mão para virar o rosto trêmulo de Shanti em sua direção. — Não olhe para baixo. Não olhe para trás. Só devemos olhar em frente! Entendeu?

Shanti assentiu, aterrorizada demais para falar.

— Espere aqui! — disse Grace. — Recupere o fôlego. Preciso pegar o Lorcan, então todos vamos juntos.

— Não! — gritou Shanti. — Não me deixe!

— É só um momento, só para pegar o Lorcan. — Grace hesitou. — Certo, vamos colocar você de pé outra vez. — Ela estendeu a mão e ajudou Shanti a se levantar. A doadora estava cambaleando. Por um instante Grace temeu que Shanti tivesse torcido o tornozelo, ou algo pior. Depois viu o que havia de errado.

— Um salto da sua bota saiu — disse Grace.

— Onde está?

Grace olhou para a encosta.

— Não importa.

— Mas o que vou fazer? — A voz de Shanti entrou numa espiral de pânico. — Não posso continuar, Grace. Eu tentei. Não tentei? Tentei de verdade, mas não consigo, ainda mais com um sapato sem salto. — Ela se deixou cair no chão e curvou o corpo, soluçando.

Grace tomou uma decisão. Agachou-se e segurou o pé de Shanti. Segurando o salto que restava, torceu-o com o máximo de força que pôde. Ele saiu em sua mão.

— O que você está *fazendo*? — gritou Shanti.

Sem dizer nada, Grace jogou o salto desnecessário pela encosta da montanha, para se juntar ao outro. Shanti olhou-a com pânico crescente.

— Agora fique de pé e veja como consegue se equilibrar — disse Grace.

— Não posso andar com os saltos quebrados!

— O importante é: como está seu tornozelo? Você acha que o torceu?

— Mas minhas botas! — continuou Shanti.

— Se você estiver realmente desconfortável, vamos trocar de botas. Acho que calçamos o mesmo número.

— Você faria isso por mim? Mas... você disse que não gostava de mim.

Grace sorriu, mesmo contra a vontade.

— Acho que você também não gosta muito de mim, Shanti, mas estamos nisso juntas. Temos de trabalhar em equipe. — Seu sorriso sumiu e ela olhou mais decidida para Shanti. — É vital levarmos Lorcan ao Santuário... por ele e por você. Custe o que custar.

As palavras de Grace conseguiram o efeito desejado.

Shanti assentiu, agradecida.

— Vou buscar o Lorcan agora. Ele deve estar preocupado conosco.

Mas no momento em que partiu, Grace viu que Lorcan vinha na direção delas. Como havia conseguido andar sozinho naquele trecho de caminho complicado e perigoso? Grace teve uma imagem súbita do pastor que havia ajudado as duas havia pouco. Será que havia sido ele novamente?

— Vocês duas estão bem? — perguntou Lorcan.

— Estamos — respondeu Grace. — É, estamos bem, não é, Shanti? Shanti sofreu uma queda, mas agora está bem. Não está, Shanti?

— Estou — confirmou Shanti, de algum modo captando a mensagem para não dar mais motivos de alarme a Lorcan. Fez uma pausa. — Obrigada, Grace. Por que não trocamos de lugar? Você pode ir na frente um pouco?

Grace confirmou com a cabeça e passou à frente deles. Olhou para a montanha escura. Quanto mais teriam de subir? Enquanto a pergunta se formava em sua cabeça, ela ouviu subitamente um sussurro familiar.

— Agora não está longe.

Olhou em frente, vendo as luzes tremeluzindo na capa do capitão. Ele devia ter esperado, ou talvez até mesmo voltado por causa deles. Mas se estava tão perto, por que não havia prestado socorro? Parecia haver mais de um mistério a ser compreendido naquela encosta estranha. Mas, à medida que Grace começava a pensar mais, ouviu Lorcan gritar atrás.

— Neve!

Por um momento, pareceu uma palavra aleatória. Então ela também sentiu quando o primeiro floco de neve pousou em seu nariz. Normalmente isso a teria empolgado,

mas não ali, e não agora. Uma nevasca era a última coisa de que precisavam se algum dia quisessem chegar ao topo da montanha.

Logo o caminho sob os pés de Grace ficou totalmente branco. Um tremor a atravessou. Ela percebeu que estava sendo testada até os limites físicos.

— Não *pode* faltar muito! — ouviu Shanti gemer.

— Agora não está longe — disse Grace.

— É o que você fica dizendo sempre!

— Olhe adiante — sussurrou a voz do capitão através da brisa.

— Para onde? — perguntou Shanti. — Não consigo ver nada.

Mas Grace conseguiu. Lá, à distância, duas luzes rasgavam a escuridão. Duas tochas acesas como sentinelas gigantes de cada lado de um portão. O portão do Santuário. Haviam chegado. Finalmente.

— Já não era sem tempo! — suspirou Shanti, ao notar a luz também.

— Que chorona! — sussurrou Lorcan no ouvido de Grace. Grace sorriu. Era exatamente o que estava pensando.

— Ah, Lorcan — disse empolgada. — Estamos quase lá! Que viagem!... Agora estamos quase no portão. — Olhou em frente. — Está vendo? — Quando as palavras saíram de sua boca, ela teve vontade de dar um chute em si mesma. — Ah, desculpe. Sinto muito, eu não quis...

— Tudo bem — respondeu Lorcan. — Não se chateie, Grace. Por que não descreve, para eu poder pegar seus olhos emprestados?

— É um portão duplo, de ferro — disse. — Tem o dobro da sua altura, eu diria. Tem pontas no topo, e embaixo, um padrão circular, complicado, meio como um mostrador de relógio ou um relógio de sol. É muito lindo.

E foi assim que chegaram ao fim da jornada: Grace descrevendo a complexa ornamentação do enorme portão iluminado por tochas enquanto finalmente chegavam ao Santuário. Até que se aproximaram do portão e Grace ficou em silêncio. De repente a magnitude da jornada a alcançou. Não era só uma questão de até onde haviam alcançado, mas a importância do que estava adiante. Este era o lugar que poderia decidir o futuro de Lorcan, um futuro que ela já sentia tão profundamente entrelaçado ao seu quanto as densas trepadeiras de montanha no desenho elaborado do portão de ferro. Era impossível separar uma coisa da outra.



CAPÍTULO 5

Outro tipo de dança

Acima da pista de dança, onde agora mesmo Connor gira sua parceira, fica a fileira de reservados com cortinas, aonde os que querem privacidade — ou *precisam* dela — podem ir. Quando o tango começa, todas as cortinas estão fechadas. Mas logo a melodia atravessa um dos reservados. Uma pálida mão se estende e abre suavemente a cortina de veludo. Só um pouquinho. Depois um olho nervoso chega perto da abertura, espiando, lá embaixo, o piso xadrez.

A visão dos dançarinos é de partir o coração. Há pouca finesse nos passos, mas há tanta vida lá embaixo. Muita vida nos rostos e membros. A mão que parece feita de papel, e o olho nervoso e aquoso fariam qualquer coisa por uma gota daquela vida.

Três pares de dançarinos são familiares. Claro que são. E é como se estivessem esfregando a própria vitalidade na cara dele. Se fosse antes, ele próprio estaria lá embaixo, mas agora algo muito mais forte do que uma cortina de veludo os separa. Eles estão de um dos lados daquilo, pisando e girando no salão. E ele está do outro lado, reduzido ao papel de observador.

O som de passos. Uma voz — aguda e leve — vem de fora, do outro lado do reservado.

— Posso entrar?

Ele mal formou a palavra “sim” nos lábios rachados quando a cortina se abre e uma garçonete enfia a cabeça na semiescuridão.

— Boa noite, senhor. Gostaria de algo para beber?

Ele assente. Sim, gostaria, ele pensa. Como a pergunta foi bem colocada! E, ele realmente gostaria de algo para beber.

Ela está olhando-o, esperando o restante da resposta. Olhao, mas não o *vé* de verdade. Como poderia? Está um breu dentro do reservado.

— Sua vela se apagou, senhor. Aqui, vou acender.

— Não — diz ele. — Não, eu não gosto de... fogo.

Mas suas palavras são lentas demais e as mãos dela, rápidas demais. A vela está acesa e reluz e reluz dentro do vidro. Ele treme ao vê-la.

— O senhor precisa de algo para se aquecer. Veja, está tremendo.

— O que você recomenda? — pergunta ele rouco, tentando afastar a tensão da voz. Ela dá de ombros. Não faz ideia do perigo que corre.

— Temos qualquer coisa que o senhor possa desejar. Rum, cerveja, vinho... é só escolher.

Ele a encara. É uma coisinha bonita. Uma lembrança se agita. Mas ele não consegue ter certeza se está se lembrando dela por ela mesma ou se ela simplesmente tem uma certa aparência. Ultimamente isso vem acontecendo muito. Rostos se fundem. Ele acha difícil distinguir um do outro. Por isso precisa agir antes que a coisa piore. A música termina e os dançarinos se abraçam, dando-se os parabéns pela habilidade. Depois de uma pausa mínima o tango recomeça. Trocam-se os pares, mas a dança continua. Ele deixa a cortina baixar e sente água lhe vir aos olhos.

— O senhor está bem?

Então ela ainda está ali. Parte dele quer dizer para ela ir embora, para fugir. Mas, claro, ele não faz isso.

— É, eu estou... bem.

— Tem certeza? — Ela chega mais perto, inclinando-se. — O senhor está tão pálido! Parece que viu um fantasma. Acho que talvez um conhaque...

— É — diz ele. — É, boa ideia. Pegue um conhaque para mim.

Deixe-a ir. Deixe-a ir, e ele irá embora também. Antes que alguma coisa aconteça. Antes que qualquer limite seja atravessado.

A vela estremece. Ela empurra o vidro com a vela por cima da mesa. Agora, pela primeira vez, consegue vê-lo direito.

— Engraçado — diz ela. — O senhor se parece demais com alguém que eu conheci. Bom, não *conheci* exatamente. Era alguém que vinha aqui. Era tremendamente popular. Um jovem pirata.

— Verdade? — Ele quer que ela vá embora. Não quer ouvir isso. No entanto ouve. Precisa que ela fique.

— É, sim. O senhor é a cara dele... Poderia ser um irmão gêmeo.

Um irmão gêmeo? Ele ri da ideia.

— Foi terrivelmente triste — continua ela.

— O quê?

— Foi terrivelmente triste o que aconteceu com ele.

— O que aconteceu com ele?

— Foi morto, senhor. Dizem que foi morto num duelo num convés pirata.

— Um duelo. — A palavra parece tão nobre! Não como sua lembrança daquele dia. A espada quente. A liberação de seu sangue. A vida se esvaindo dele. As vozes sumindo ao redor até que tudo ficou frio, silencioso e solitário...

Ele está lá, de novo, agora. Não pela primeira vez. E de algum modo não consegue sair daquele lugar. Ainda não.

— Qual era o nome dele? — pergunta. — Esse jovem pirata, qual era o nome dele?

— Bom, senhor, o nome dele era Jez. Jez Stukeley. — Ela sorri. — Um pirata bonito.

Ele sorri também. Pergunta baixinho:

— Você acha que ainda sou bonito?

— Preciso ir, senhor.

É, pensa ele. Você deveria ter ido há muito tempo. Mas ficou. E agora a sorte está lançada.

— Fique. — Quando a voz sai de sua boca, a mão segura o pulso dela.

— Ai! O senhor está me machucando.

— Desculpe — diz ele, suavizando o aperto. — Desculpe. Não estou acostumado a ter... companhia. Estive fora durante um tempo.

— O senhor esteve viajando? — pergunta ela, com a curiosidade natural empurrando o medo de lado.

— Viajando? É, acho que eu poderia dizer que sim. Estive numa viagem infernal... Você poderia se sentar comigo, só um pouquinho, e eu lhe conto um pouco sobre essa viagem.

Ela parece dividida.

— Eu não deveria me sentar durante o trabalho, senhor.

— Por favor. Só um minuto ou dois! Afinal de contas, o que é o tempo?

— O senhor diz coisas engraçadas. — Ela sorri. — Então está bem. Vou ficar só um minuto enquanto o senhor me conta sobre sua viagem. E depois eu lhe trago um... espere um minuto! — Ela para. Há uma luz súbita em seus olhos. — O que o senhor quis dizer... quando perguntou se *ainda* era bonito? — Sua voz fica mais aguda. — O que quis dizer com isso?

— Acho que você sabe — respondeu ele, enquanto puxa-a para perto. — Acho que você sabe exatamente o que eu quis dizer.

É de manhã cedo quando Docinho puxa a cortina de veludo. Ela e as outras atendentes estão fazendo a ronda, expulsando os clientes que relutam — ou na verdade não conseguem — a ir embora.

A vela queimou totalmente há muito e está escuro dentro do reservado. Mas Docinho sente cheiro de morte. Quando percebe a figura caída sobre a mesa, uma dor profunda irrompe em seu peito e ela cai de joelhos.

— O que foi? — pergunta o garoto ao seu lado.

— Vá chamar a Madame — diz Docinho. Sua voz está rouca.

— Mas por quê? O que há de errado? Deixe-me ver...

— Vá chamá-la — diz ela, desta vez com mais ênfase. O garoto não precisa ouvir de novo.

— Ah, Jenny — diz Docinho, examinando o ferimento no peito da garota. — Coitadinha. Quem fez isso com você? E por quê?

— O que foi? — pergunta Madame Chaleira, entrando no reservado. Docinho não consegue encontrar as palavras, por isso simplesmente sai do caminho e deixa a madame ver. — Ah, não! Jenny não! — Virando-se, Docinho vê uma lágrima escorrer pelo rosto da patroa. Há um bom tempo ela não via isso.

— Esfaqueada — diz a madame, num horror. — Aqui. Debaixo do nosso nariz.

Docinho não consegue mais olhar. É sangue demais. Fita o rosto da garota. E nota uma coisa estranhíssima.

— Olhe, madame — diz ela. — Olhe. É como se ela estivesse sorrindo. Apesar de tudo.

Madame Chaleira suspira.

— Ela foi para um lugar melhor, é por isso. Nossa pequena Jenny Petrel voou para um lugar muito melhor.

Docinho deseja acreditar nisso, mas algo lhe diz o contrário.



CAPÍTULO 6

A chegada

Os viajantes cansados passaram pelo portão de ferro. À frente uma coluna de lâmpadas iluminava o pátio vazio, cuja superfície, coberta por uma fina camada de gelo, refletia o céu noturno, negro como veludo. O pátio era cercado por uma calçada e construções baixas, de madeira, em três lados. Até onde Grace podia ver, não havia portas nem janelas nas construções — a não ser uma porta dupla no centro do bloco diante deles, do lado oposto do pátio.

— Conseguimos! — disse Grace a Lorcan, sentindo que os ânimos melhoravam de novo. Talvez faltassem apenas alguns instantes para conhecerem o grande Mosh Zu Kamal.

— É — respondeu Lorcan, a voz grave e rouca. — Conseguimos.

Grace se perguntou por que ele não parecia mais empolgado. Agora que a jornada extenuante havia chegado ao fim o restante deveria ser tranquilo. Lorcan seria entregue aos cuidados de Mosh Zu Kamal e o processo de cura poderia começar. Não era motivo para comemoração? Mas Lorcan parecia frio e desanimado, e seu rosto, absolutamente desprovido de esperança. Sem dúvida a subida o havia fatigado mais do que ele dera a perceber. Até o capitão parecia cansado. Agora o esforço da expedição estava ficando evidente em todos. Talvez, além disso, Lorcan estivesse apreensivo quanto ao tratamento e ao que havia adiante. Grace apertou sua mão.

— Não se preocupe — disse. — Tudo vai ficar bem. Você vai ver.

Levantando os olhos, Grace viu várias figuras ao redor. Todos se vestiam de modo igual, com mantos vermelhos. Sem dúvida os recém-chegados haviam sido percebidos, porque agora dois encapuzados vinham na direção deles. Quando chegaram ao grupo, baixaram os capuzes. Grace viu que eram uma jovem e um homem.

— Bem-vindos ao Santuário — disse a mulher em voz baixa e formal. — É uma honra conhecê-los e dar-lhes as boas-vindas a este lugar especial. — Seus olhos brilhantes examinaram o grupo. — Meu nome é Dani.

Seu companheiro sorriu afetuosamente.

— Boa noite, capitão — disse ele. — Talvez o senhor se lembre de mim, de sua última visita.

— Lembro, sim Olivier — respondeu o capitão. — Que bom vê-lo novamente!

Olivier apertou a mão enludada do capitão.

— Mosh Zu está ansioso por vê-lo de novo. — Em seguida se virou para os outros e disse: — A vocês, que estão aqui pela primeira vez, devo explicar. Somos dois ajudantes de Mosh Zu. Mas, como podem ver — ele apontou para as outras figuras vestidas com mantos, que andavam entre as construções —, há muitos de nós.

O capitão apresentou cada membro de seu grupo a Dani e Olivier. Os ajudantes sorriram calorosos para Grace e Shanti. Quando chegaram a Lorcan, Olivier apertou sua mão.

— Você é de fato corajoso em fazer esta jornada, irmão — disse.

— Corajoso ou tolo? — perguntou Lorcan, rindo.

Olivier apertou sua mão de novo.

— Apenas corajoso, acho.

Atrás deles o alto portão de ferro se fechou com um estalo. Uma tranca foi girada. O ruído de metal batendo em metal ecoou como um sino fraco. O som levou Grace de novo ao *Notumo*, ao toque dos sinos do anoitecer e do amanhecer. O sino do amanhecer. O toque ao qual Lorcan deveria ter obedecido. O que ele ignorou para salvá-la. Que corrente de lembranças uma fechadura sendo acionada podia disparar!

— Venham — disse Olivier. — Vocês estão tremendo. O ar é muito frio aqui. Vamos levá-los para o calor.

Ele e Dani foram à frente pela calçada, de onde o gelo fora retirado, e deram a volta no pátio. Chegaram à porta dupla que Grace havia notado antes. Olivier abriu-a e fez sinal para os viajantes entrarem. Depois se virou para Dani.

— Tudo bem — disse. — Posso cuidar disso agora. Não está na hora de você entregar as garrafas no bloco 2?

Dani assentiu e, acenando em despedida para os outros, foi andando pelo pátio. Grace se perguntou onde ficava o bloco 2, e o que ele era. E que garrafas Dani entregaria. Mas logo esqueceu essas coisas enquanto seguia Olivier.

Dentro, a luz era fraca, mas, à medida que os olhos de Grace se acostumavam, ela viu que estavam num corredor comprido e estreito, iluminado por mais lâmpões, desta vez suspensos em correntes baixas logo acima da cabeça deles. Os lâmpões balançaram um pouco quando o vento entrou. As chamas tremeluziram, depois se acomodaram de novo, quando Olivier fechou a porta.

Olivier sorriu.

— Bem-vindos ao Santuário, amigos. Agora estão no Corredor das Luzes. Por favor, por aqui.

Enquanto seguiam pelo corredor, Grace sentiu uma ansiedade crescendo. A cada passo chegavam mais perto de se encontrar com Mosh Zu Kamal. Estava intrigada para conhecer o grande homem — que o capitão chamava de seu “guru” e que, segundo ele, havia planejado o funcionamento do *Notumo* tantos anos antes. Segundo o capitão, Mosh Zu o havia ajudado a criar um refúgio do mundo e a nele acolher os “renegados dos renegados” — vampiros que haviam sido exilados da sociedade regular e, finalmente, o que era mais cruel, da própria sociedade dos vampiros. Mosh Zu havia criado o sistema de doadores e ajudado o capitão a se treinar para não precisar mais do festim de sangue.

Grace estava ansiosa para conhecê-lo e falar com ele, mas, lembrou-se, o grupo tinha assuntos mais prementes aqui. A coisa mais importante era curar Lorcan. Por isso haviam se esforçado tanto para subir a montanha.

Viraram uma esquina e o corredor ficou um pouco mais largo. Isso era bom porque, de cada lado, as paredes gemiam com o peso de estantes atulhadas de badulaques e fotografias. Não havia um trecho de parede vazia e Grace podia ver que, em alguns lugares, os objetos nas prateleiras tinham vários outros atrás. Era como andar num brechó ou num templo. Aquilo provocava em Grace os mesmos sentimentos de intriga e tristeza. De onde essas coisas teriam vindo? A quem haviam pertencido? Agora não passavam de entulho, mas um dia haviam significado alguma coisa, talvez tudo, para alguém.

Como se lesse seus pensamentos, Olivier anunciou:

— Este é, o Corredor dos Descartados. Estas são coisas que os que entraram no Santuário deixaram para trás.

Grace ficou mais intrigada ainda com isso, percebendo que os objetos, como os vampiros que procuravam a ajuda de Mosh Zu, tinham vindo de todo o mundo e de eras históricas tremendamente diversas. Os objetos descartados formavam uma estranha colagem do mundo que fora deixado para trás. Grace queria ficar mais um pouco ali, mas Olivier e o capitão continuavam andando rápido. O corredor virou outra esquina, esta sem objetos, notou Grace com uma pontada de frustração.

— Que cheiro é esse? — A voz de Shanti atravessou seus pensamentos. Grace olhou-a e encontrou Shanti franzindo o nariz arrebitado.

Olivier sorriu.

— É manteiga — disse.

— Manteiga? Alguém está fazendo pipoca?

Ele balançou a cabeça.

— Usamos como combustível para os lampiões.

— É enjoativo — disse Shanti, encolhendo-se. — Vocês não conseguem velas aqui em cima?

Olivier ficou quieto. Grace pôde perceber nos olhos dele que Shanti estava testando sua paciência.

O corredor virou de novo e Grace percebeu que o caminho ia descendo cada vez mais.

— Estamos indo para o subsolo? — perguntou a Olivier.

— Estamos. A parte principal do Santuário fica no subterrâneo.

Claro, pensou Grace. Desse modo os vampiros podiam se mover livremente sem medo de se expor à luz do dia. Ficou intrigada, com vontade de ver mais do lugar. O corredor por onde iam a fez pensar nas fotos de pessoas entrando nas pirâmides do Egito. Mas, pelo que Olivier havia dito, ela achou que o Santuário se pareceria mais com uma pirâmide invertida, penetrando no coração da montanha.

Então Grace notou outra coisa. Suspensas no teto, numa corda fina, entre as luzes, havia fitas. Elas pendiam como teias de aranha, de diferentes cores e tamanhos.

— O que são essas coisas? — perguntou.

— Fitas — respondeu Olivier. — Estamos no Corredor das Fitas.

— É — insistiu Grace. — Mas o que elas significam?

— Acho que devo deixar Mosh Zu explicar isso.

Grace olhou para as fitas penduradas no alto. Dava para ver que havia uma importância naquelas tiras simples de tecido. Ainda mais porque, percebeu, era preciso esperar que Mosh Zu explicasse o significado.

Quando o corredor virou mais uma vez, Grace encontrou outra porta dupla.

Olivier abriu-a e Grace viu que o aposento do outro lado da porta era mais quadrado e mais bem iluminado. O piso era de ladrilhos e havia cadeiras e mesas — as primeiras cadeiras que viam desde que tinham saído do navio.

Os olhos de Shanti se iluminaram ao vê-las.

— Finalmente! Eu daria um dedo para poder me sentar.

— Fique à vontade — disse Olivier, puxando uma cadeira para ela e colocando uma almofada em cima. — Acomode-se. Não vamos fazê-la esperar muito.

Shanti sentou-se, suspirando de prazer enquanto seu corpo pequeno afundava na almofada de seda.

Grace olhou com inveja a cadeira ao lado de Shanti, mas Olivier a instigou à frente com um toque leve.

— Agora não falta muito — disse ele.

Grace olhou-o interrogativamente. Viu que o capitão também não havia parado, e em vez disso andava para outra porta. Grace percebeu que esse aposento era apenas uma antessala.

— Venha — disse Olivier, abrindo a porta. — Mosh Zu está esperando vocês.

Grace olhou para Shanti. Será que ela seria excluída de uma audiência com Mosh Zu? Shanti não era exatamente a pessoa de que Grace mais gostasse, mas não parecia justo excluí-la. Ainda mais depois do que ela havia sofrido para chegar até ali. Grace olhou para Olivier, depois se virou para Shanti, que havia tirado os sapatos e estava esfregando os pés exaustos.

— Shanti! — chamou Grace.

— *O quê?* — foi a resposta gemida. Grace respirou fundo, acalmando-se. Shanti realmente não se esforçava para ser agradável.

— Calce os sapatos de volta e venha conosco — disse Grace.

— Mas Mosh Zu não convidou... — começou Olivier.

— Isso não é justo — disse Grace. — Todos viemos aqui juntos. Foi tão difícil para Shanti quanto para nós, de certo modo foi pior ainda. Ela caiu...

— Não importa — respondeu Olivier. — Mosh Zu sabe o que faz. Ela é meramente uma doadora. Depois de levá-los a Mosh Zu, vou encaminhá-la aos aposentos dos doadores.

Grace ficou chocada com o tom superior de Olivier, porém mais ainda com a atitude de Mosh Zu para com Shanti. O relacionamento entre vampiros e doadores era interdependente. O capitão sempre havia falado com respeito sobre os doadores e o presente que eles ofereciam aos seus parceiros vampiros. Sem dúvida, não havia presente maior do que o próprio sangue da vida. Independentemente do que alguém pudesse pensar sobre o caráter de um doador em específico, era preciso respeitá-los. Ela ficou surpresa e com raiva porque Olivier e Mosh Zu não fariam isso. Uma fúria crescente foi contida pelo sussurro do capitão.

Ele assentiu para ela e se dirigiu a Olivier.

— Grace tem razão — disse ele. — Shanti merece estar presente diante de Mosh Zu. Além disso, Mosh Zu é um anfitrião generoso e tenho certeza de que

desejará dar boas-vindas a todos nós no Santuário.

Grace viu Olivier ficar vermelho enquanto assentia.

— Como quiser, capitão.

Foi quase uma vitória, pensou Grace, mas ela ainda se sentia bastante chateada. Havia gostado de Olivier inicialmente, mas agora seus sentimentos com relação a ele estavam esfriando depressa.

Mas quando Shanti se juntou a eles e os quatro acompanharam Olivier até o aposento seguinte, sua raiva se dissolveu, facilmente substituída por outras distrações. Esta sala era maior do que a anterior. O piso era de ladrilhos mas quase não havia móveis, e a decoração era básica — algumas pinturas simples penduradas na parede. O olhar de Grace pousou na cabeça raspada de um homem de costas para eles. Ele estava acendendo velas no outro lado da sala.

Atrás, Grace ouviu a porta se fechar. Olivier adiantou-se.

— Seus convidados chegaram — anunciou, depois recuou.

Por um momento o outro homem não deu qualquer sinal de ter ouvido. Continuou acendendo as velas.

Por fim, virou-se e começou a andar até eles. Vestia-se com simplicidade, uma túnica branca e calças marrons largas, amarradas e dobradas na cintura. Os pés, parecia, estavam descalços.

Grace não podia acreditar nos próprios olhos. Havia esperado que o guru dos Vampiratas fosse um velho. Mas Mosh Zu, se esse de fato era ele, era um jovem. Avançou com o rosto e o corpo quase totalmente na sombra. A não ser que essa luz fraca fosse enganadora, ele teria apenas alguns anos a mais do que ela. Ou talvez não, pensou. Ele podia *parecer* ter vinte e poucos anos, mas isso era apenas uma indicação da idade com a qual havia morrido. Ou melhor — lembrou-se —, com a qual havia *atruessado*.

— Mosh Zu — ouviu o capitão falar.

— Capitão — respondeu o homem.

Então era realmente Mosh Zu. Grace não pôde deixar de se sentir meio enganada. Havia esperado um velho sábio. Observou enquanto ele e o capitão faziam uma reverência um para o outro, depois Mosh Zu chegou mais perto e os dois se abraçaram. Talvez fosse a coisa mais humana que ela vira o capitão fazer, uma lembrança de que, apesar das roupas que cobriam quase todo o corpo, havia, se não um coração, pelo menos uma alma viva dentro daquela armadura blindada.

— E esta é Grace — disse o capitão. — Acredito que ela tenha um dom especial.

— Foi o que ouvimos dizer — respondeu Mosh Zu.

Grace ficou surpresa e lisonjeada com os comentários, mas, quando Mosh Zu se virou para seu lado, teve outro choque.

Era o rosto que ela vira na encosta — o pastor que a ajudara a salvar Shanti da queda e depois desaparecera na noite.

Ele sorriu para ela, os olhos escuros piscando à meia-luz.

— Bem-vinda, Grace Tormenta — disse, olhando-a. Ela sentiu o olhar penetrando fundo. Depois ele se virou e os olhos avaliaram os outros convidados.

— Dou as boas-vindas a todos vocês no Santuário — disse. — Que cada um de vocês encontre aqui exatamente o que precisa.

— *Eh* só preciso de uma boa cama — murmurou Shanti. Pela primeira vez

ninguém questionou.

Grace olhou para Lorcan. Ele estava tremendo. Ela segurou sua mão de novo. Não ousou falar, mas tentou transmitir as palavras para ele. *Tudo bem, Lorcan. Vai ficar tudo bem.*

— Sim — disse Mosh Zu, sorrindo beatificamente para eles. — Sim, Grace Tormenta. Você tem toda a razão, creio eu.

Grace ficou espantada, mas não surpresa. Claro que fazia sentido que ele pudesse ler seus pensamentos, assim como o capitão.

— Bom — prosseguiu Mosh Zu. — Vocês tiveram uma jornada longa e cansativa, e está ficando claro lá fora. É hora de todos dormirmos, não acham? Vamos mostrar seus quartos. Temos uma grande noite pela frente, amanhã.



CAPÍTULO 7

Vigilância noturna

— O que há com aquele tal de Luar? — perguntou Bart enquanto caminhava com Connor e Brenden Gonzalez pelo cais, voltando ao navio.

— Ele realmente estava olhando esquisito para vocês dois — respondeu Gonzalez.

— Eu sei! — disse Connor. — Era como se tivesse alguma birra com a gente, como se a gente tivesse feito algo errado para ele. Mas como pode ser? A gente nem conhecia o cara!

— Sabem de uma coisa? — perguntou Bart. — Ele parece o tipo de cara que tem um dom para provocação do tamanho do *Diablo...* para não falar daquelas espinhas medonhas. E é um filhinho da mamãe! Viram como ele fica grudado nas saias da Trofie?

Connor assentiu.

— *Ela* dá um pouco de medo — disse.

— Mais do que um pouco — concordou Gonzalez. — Mas Barbarro parece um homem legal. Sei que ele e Molucco não se dão bem, mas dá para ver que há uma decência básica nele. Gostei do sujeito.

— Eu também — concordou Connor. — Espero que ele e o capitão Wrathe, o nosso capitão Wrathe, possam resolver as diferenças.

Bart assentiu.

— Sabem de uma coisa? É só deixar aqueles dois sentados com uma garrafa grande de rum e umas tâmaras para as cobras de estimação, e acho que ao nascer do sol os dois vão estar de volta nos trilhos. Mas com Trofie e o pentelho a reboque, não sei... não sei se *eles* estão mais a fim de resolver uma disputa do que de começar.

— Como assim? — perguntou Connor.

— Não sei — disse Bart. — Só estou com uma sensação meio esquisita por dentro.

— É isso que acontece quando a gente mistura bebidas — zombou Gonzalez.

Ignorando-o, Bart continuou:

— Vamos ter de ficar de olhos e ouvidos abertos para ver o que acontece.

Nesse ponto chegaram ao navio e começaram a subir pela prancha.

— Cara, vou dormir bem esta noite — disse Gonzalez enquanto pulava no convés. Em seguida bocejou e se espreguiçou. — Vocês vão cair no sono ou vão ficar um pouco aqui em cima?

Bart olhou-o rindo.

— Acho que alguém esqueceu que todos nós estamos de vigia esta noite. É melhor você tomar um café, caso contrário vai ser tão eficiente quanto uma espada de gelatina.

— Não, não — disse Gonzalez, balançando a cabeça. — Esqueci, só isso. Não preciso de café, vou ficar bem!

— Que barulho é esse? — perguntou Connor cinco minutos depois.

— Dá uma olhada na Bela Adormecida! — Bart apontou para o cesto de gávea.

Acima deles, Gonzalez estava encostado na beira do cesto, num contorcionismo pouco promissor, um dos braços pendendo frouxo do lado de fora. Então Connor percebeu que os ruídos estranhos eram os roncões do colega.

— Como ele consegue dormir lá em cima, de pé?

Bart balançou a cabeça.

— Eu não chamaria isso exatamente de ficar de pé. De qualquer modo, o negócio é que o Gonzalez consegue dormir praticamente em qualquer lugar. Isso é que é ser útil. Só vamos esperar que as ondas sejam gentis com a gente esta noite. Eu não queria acordar nosso neném!

Connor também estava cansado, mas agradavelmente estimulado pelos acontecimentos do dia. Os dias que começavam com você dominando seu medo e terminavam com você dançando nos braços de Docinho eram definitivamente dos melhores. E havia a chegada de Barbarro e sua estranha família. Qualquer que fosse o motivo para estarem aqui, era intrigante ver o restante da família de Molucco em primeira mão.

Voltou pelo convés, em direção à proa, olhando para além da borda do navio, na direção do horizonte. A noite estava estrelada, e, como era seu hábito, ele começou a procurar as constelações. Lá estava Ofiúco, o Carregador da Serpente. Connor sorriu ao pensar no nome, lembrando os dois capitães Wrathe com as cobras no cabelo. Talvez nos milênios seguintes alguém batizaria constelações com o nome de Molucco e Barbarro. Mas, por enquanto, ali estava Ofiúco. Lembrou-se de como se esforçava para vê-lo quando era criança, e como seu pai o tranquilizava.

— Não se preocupe, Connor. A maioria das estrelas ali é bem fraca, só procure a forma de um bule. — Desde então ele sempre pensava naquela constelação como o Gigante Bule Celestial.

Olhando para o céu noturno, claro, pensou em Grace. Onde ela estaria agora? Observando as mesmas estrelas? Talvez pensando nele? Sentia falta da irmã. Sabia que Grace tinha sua própria jornada a seguir, mas odiava não tê-la por perto. Esperava que ela voltasse logo. Estava cansado de dizer adeus às pessoas mais importantes de sua vida: seu pai, Jez, Grace...

— Dou um tostão pelos seus pensamentos.

Connor levantou os olhos e encontrou Bart ao lado.

— Só estava dando uma olhada em Ofiúco — respondeu com um sorriso.

— Ah, estava, é? Certo, devo confessar que não faço ideia do que você está falando.

Connor riu e apontou para o céu.

— Também conhecida como Grande Bule Celestial!

Bart olhou para o céu, depois de novo para Connor.

— Sabe de uma coisa, Tormenta? Algumas vezes eu me esqueço de como você é um cara estranho!

— Estranho? — exclamou Connor. — Olha quem fala!

E encarou Bart, retesando o corpo.

— Ah, você está querendo apanhar, não é? — respondeu Bart, de brincadeira.

De repente Connor balançou a cabeça. Seus olhos estavam arregalados e ele tremia incontrolavelmente.

— O que é, meu chapa? Parece que viu um fantasma!

Connor aproveitou a distração momentânea de Bart para se lançar contra ele.

— Ah, jogando sujo... — Bart recuperou a postura imediatamente, empertigando-se, com Connor agarrado a ele.

De repente Bart agarrou Connor e o levantou acima dos ombros, girando-o ao redor da cabeça.

— Aaargh! Para! — gritou Connor.

— Sabe como chamam isso? Moinho de vento! Não faz ideia do por quê, faz?

— Para! — uivou Connor. — Estou ficando tonto! E... enjoado!

— Diga por favor! — insistiu Bart, girando-o implacavelmente ainda mais rápido.

Connor estava fraco de tanto rir e da tontura. Por fim conseguiu dizer as palavras.

— Por favor! — gemeu. — Por favor... me põe no chão!

— Bem, já que você pediu com tanta gentileza! — Bart largou Connor num dos botes. Ele pousou com um som surdo e ficou ali deitado, esparramado sobre a lona e as cordas, atordoado por um instante. Ainda se sentia girando.

Bart se ergueu acima dele, balançando o dedo.

— Agora uma lição, jovem Tormenta. Você pode estar crescendo mais depressa do que um pé de feijão, mas ainda não está pronto para atacar Bartholomew Pearce.

Connor recuperou o fôlego, finalmente, sentando-se no bote. Estava tentando pensar numa resposta espertinha, mas não surgia nenhuma inspiração. De repente viu algo que o deixou não somente sem palavras, mas também sem fôlego.

— Qual é o problema? — Bart pareceu preocupado. — Você está tremendo de novo. Ah... — Ele riu. — Saquei. Você não pode fazer o mesmo truque duas vezes numa noite!

Tudo que Connor podia fazer era balançar a cabeça, os olhos arregalados de medo e incompreensão.

Atrás de Bart, um rosto pálido chegou mais perto. Um rosto que ele jamais esperava ver de novo.

Tremendo, Connor apontou.

Bart se virou.

Ali, de pé no convés diante deles, estava Jez.

— Olá, pessoal — disse ele. — Não vão cumprimentar o seu velho amigo?



CAPÍTULO 8

Arte da cura

— Sigam-me — disse Mosh Zu. — Lorcan, seu quarto fica no próximo nível.

Enquanto seguiam pelo caminho, descendo mais ainda, Grace percebeu que isso não era muito diferente de estar num navio e descer para as cabines. Talvez, pensou, a natureza subterrânea do Santuário não fosse meramente projetada para impedir que os vampiros se expusessem à luz, mas também para prepará-los para a vida a bordo do *Noturno*.

— Muito bem, Grace — disse Mosh Zu. A garota tinha a sensação de que ele a observava atentamente, no entanto, quando olhava para ele, o rosto de Mosh Zu não estava virado para ela, e sim apenas adiante. Ela ainda não conseguia admitir o quanto ele era jovem... ou, pelo menos, o quanto parecia jovem. Mosh Zu se portava com força e vigor. A pele do rosto era lisa como uma máscara. Era possível descrevê-lo como bonito. Não era nem um pouco o que ela esperava.

— Obrigado — disse Mosh Zu, sorrindo. — Vou aceitar isso como um elogio.

Grace ficou vermelha. Havia se acostumado com o capitão lendo seus pensamentos, mas agora Mosh Zu também? Ele era um estranho. Isso a fazia sentir-se exposta. Agora mesmo ele poderia estar lendo esses pensamentos. Onde ela iria esconder seus segredos?

— Não tente esconder de mim — disse Mosh Zu. — É bom você ser tão aberta. Outras mentes são como florestas densas demais, cheias de galhos entremeados. Você não é tumultuada, é como o ar puro da montanha. Acredite, Grace, isso é bom. É muito bom.

Ela ficou vermelha de novo, mesmo contra a vontade. Se ao menos ele dirigisse as atenções para outro lugar. Fosse em resposta a ela, ou por vontade própria, ele fez isso.

— Lorcan Furey — anunciou Mosh Zu, parando. — Este é o seu quarto.

Abriu a porta de um aposento pequeno. Como os outros cômodos por onde haviam passado, era mal iluminado. Havia uma cama de solteiro no centro e uma poltrona no canto. Acima da cama e numa das paredes havia pinturas penduradas,

semelhantes à do salão acima. Estavam no lugar de janelas, supôs Grace.

— Todos os quartos são mais ou menos iguais — disse Mosh Zu. — Simples e discretos. Espero que você fique confortável aqui.

Lorcan conseguiu chegar até a cama e sentou-se. Soltou um suspiro longo e se abaixou para desamarrar as botas.

— Um pouco de descanso vai lhe fazer bem — disse Mosh Zu. — Logo o sol vai nascer e você deve dormir durante as horas de luz.

Grace ficou olhando os dedos de Lorcan lutando para encontrar os cadarços. Já ia ajudá-lo, mas um instinto súbito a conteve. De algum modo sentiu que essa era uma coisa que ele deveria fazer sozinho. Virou-se para Mosh Zu e viu que ele estava assentindo em sua direção. Será que ele teria lido sua mente ou transmitido a ela seus próprios pensamentos?

— Você vai examinar o ferimento dele? — perguntou em voz alta.

Mosh Zu sorriu.

— Você está um passo à minha frente, Grace. — Ele se virou para Lorcan. Os dois ficaram olhando enquanto ele desamarrava a segunda bota. — Vamos acomodá-lo na cama, Lorcan. E depois, se você permitir, vou examinar seu ferimento.

Lorcan assentiu.

— Claro, senhor.

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Não precisa me chamar de senhor. Prefiro que me chame de Mosh Zu.

— Certo — respondeu Lorcan, assentindo.

— Venham. — Olivier começou a tirar os outros do quarto. — Vou levá-los aos seus quartos e deixaremos Mosh Zu em paz para fazer o diagnóstico.

Grace ficou desapontada. Estava ansiosa para conhecer o veredicto de Mosh Zu sobre o ferimento de Lorcan.

— Acho que Grace gostaria de ficar enquanto examino seu amigo — disse Mosh Zu. — Estou certo, não estou?

— Está — disse ela. — Se não for problema... quero dizer, para você também, Lorcan. Não quero atrapalhar.

— Por mim tudo bem — respondeu Lorcan, estendendo a mão e apertando a dela.

— Bom, se *ela* fica, *eu* fico — disse Shanti, pegando a outra mão de Lorcan.

— Não — reagiu Mosh Zu em voz gentil, mas firme. — Acho que não.

Shanti continuou segurando a mão de Lorcan.

— Vou ficar — disse. — Grace não é nada dele...

Lorcan já ia protestar mas Shanti não parou.

— Sou a doadora dele. Ele tem meu sangue correndo nas veias. Ou teria, se parasse de bobagem e começasse a se alimentar de novo.

— Não é bobagem — disse Lorcan, exausto. — Não sinto fome.

— Não sente fome! — reagiu Shanti rispidamente. — Bom, arranje fome! Que tipo de vampiro de repente perde o gosto pelo sangue? Nunca ouvi falar!

— Não. — Lorcan balançou a cabeça. — Você não entende.

— Venha — disse Olivier, pondo a mão no ombro de Shanti. — Você está perturbando-o.

— Tire a mão de mim! — disse Shanti, com lágrimas de fúria nos olhos. — Eu tenho todo o direito de perturbá-lo. Só Deus sabe o quanto ele *me* causou perturbação!

O capitão estivera em silêncio até agora, mas falou, e seu sussurro suave era como um bálsamo na tensão do quarto.

— Talvez, Shanti, *fosse* melhor se você e eu esperássemos lá fora. Podemos ficar sabendo do diagnóstico de Mosh Zu assim que ele tiver terminado.

Shanti não disse nada. Sua mão se soltou da de Lorcan, se bem que, enquanto olhava, Grace não teve toda a certeza de que isso tivesse sido por vontade própria de Shanti. Havia uma expressão estranha, beatífica, no rosto da jovem enquanto ela se dirigia à porta. Eles ficaram olhando-a sair para o corredor. Olivier foi atrás dela.

— Obrigado, capitão — disse Mosh Zu. — Você, claro, é bem-vindo para permanecer enquanto faço o exame.

— Tudo bem — respondeu o capitão balançando a cabeça. — Tenho certeza de que Grace será uma ótima auxiliar. Vou deixá-lo com seu trabalho e esperar o diagnóstico com os outros, lá fora.

Mosh Zu olhou-o, depois assentiu enquanto o capitão saía do quarto. A porta se fechou em seguida. Grace sentiu um ligeiro arrepio. De súbito estava incrivelmente nervosa. O momento que havia esperado — o momento pelo qual todos haviam esperado, pelo qual haviam se esforçado para subir a montanha — se aproximava depressa. Mas, e se o exame de Mosh Zu apenas confirmasse seus piores temores? Talvez fosse melhor viver na ignorância e na esperança.

— Um passo de cada vez — disse Mosh Zu, sorrindo de modo tranquilizador para ela. — Agora, Lorcan, está confortável aí na cama?

Lorcan assentiu.

— Vou induzi-lo a um sono leve — explicou Mosh Zu. — Isso vai nos ajudar a criar uma conexão mais profunda. Tudo bem para você?

— O que quer que você precise — respondeu Lorcan. Depois sorriu. — Ora, eu quase o chamei de “doutor”!

No meio da risada, de repente a cabeça de Lorcan pendeu frouxa. Grace viu que a mão de Mosh Zu estava sustentando a nuca de Lorcan. Ele fora tão rápido que ela nem o vira estendê-la para tocá-lo. Ficou pasma e intrigada ao ver com que rapidez ele “apagara” Lorcan.

— Pode me ajudar, Grace? — pediu ele.

— Sim — respondeu ela, perguntando-se o que poderia fazer.

— Pode retirar as bandagens para mim?

Isso ela certamente poderia fazer! Vinha trocando as bandagens de Lorcan desde que havia retornado ao *Noturno*. Agora Mosh Zu levantou gentilmente a cabeça de Lorcan, permitindo que Grace desfizesse o nó que ela mesma havia amarrado antes. Ela levantou com cuidado o pano de cima do rosto. Enquanto o curativo saía, os dois olharam para o ferimento.

— Você já tinha visto isso? — perguntou Mosh Zu.

Ela assentiu.

— Várias vezes.

— Acha que houve *algum* sinal de melhora?

Ela olhou para baixo. Quase podia se convencer de que as cores lívidas na cicatriz de Lorcan estavam clareando, mas percebeu que isso tinha mais a ver com a luz suave daquele quarto do que com qualquer mudança no rosto dele. Por mais que desejasse ver os sinais de melhora, o ferimento parecia exatamente como sempre.

— Não — respondeu balançando a cabeça, desanimada. — Não. Eu gostaria de dizer o contrário, mas está a mesma coisa.

— E, só por curiosidade, o que você andou colocando aqui?

— Só um pouquinho de iogurte. Eu não sabia o que mais eu poderia fazer. Meu pai sempre usava iogurte quando Connor e eu tínhamos queimadura de sol. Lembro que aliviava muito a pele dolorida. Eles tinham um pouco na cozinha do *Noturno*, por isso pensei em experimentar.

Mosh Zu sorriu.

— Fiz alguma coisa idiota? — perguntou Grace, subitamente sem jeito.

Ele balançou a cabeça.

— Não estou rindo de você, Grace. Só estou pensando que, como me foi dito, você tem algo da arte da cura.

— Arte da cura? Verdade?

Ele assentiu. Agora ela ficou satisfeita.

— Não fique chateada porque o ferimento ainda não mostrou sinais de estar se curando. Será um processo lento para Lorcan. A pele dos vampiros demora muito mais a se curar do que a pele mortal. Lorcan não tem a mesma quantidade ou complexidade de células no corpo, comparando com você. O sangue que ele toma é necessário para funções mais básicas — a força vital, se quiser caracterizá-la assim. Ele precisa do sangue para ajudá-lo a se curar, mas esse sangue não pode ser facilmente desviado para curar um ferimento assim. Temos de direcioná-lo para ele.

Grace assentiu, mas então um pensamento sombrio lhe veio à cabeça.

— Mas Lorcan não tem tomado sangue.

— Pois é. Pois é. E isso é mais um desafio para o processo de cura. Devemos encorajá-lo a começar a se alimentar de novo.

Grace assentiu, decidida. Estava preparada para fazer todo o possível para trazer Lorcan de volta à saúde completa. Se fosse necessário sugar cada gota do pequeno corpo de Shanti, ele teria de fazer isso. Grace tremeu diante do pensamento.

— O iogurte que você aplicou ajudou a aliviar a dor — disse Mosh Zu. — Mas vou prescrever um tratamento ligeiramente mais intensivo. Mandarei Olivier fazer um unguento de sabugueiro. Talvez você ache interessante ver a preparação.

Ela assentiu.

— Sim, por favor! Então você acha que ele *pode* ser curado?

Mosh Zu assentiu.

— Não há problema com esse ferimento. Nenhum problema. É só uma questão de tempo. Quando ele tiver um pouco de sangue de volta no organismo e aplicarmos o unguento regularmente, você vai ver essas queimaduras feias regredirem. Ele vai ficar como novo.

— E vai enxergar de novo. Ele poderá enxergar de novo!

Grace sentiu-se empolgada. Mosh Zu estava definitivamente à altura de sua reputação. Eles haviam acabado de chegar ao Santuário e ele já sabia como fazer Lorcan se recuperar. Agora Mosh Zu indicou que Grace deveria recolocar as bandagens. De novo levantou a cabeça de Lorcan para tornar as coisas mais fáceis. Ela deu o nó e se afastou da cama.

Ao fazer isso, Mosh Zu falou de novo:

— Não quero decepcioná-la, Grace. Mas ainda que o ferimento da superfície seja

fácil de tratar, suspeito que haja complicações aqui.

— Complicações? Que tipo de complicações?

— Vou fazer um exame mais profundo. Talvez você ache isso perturbador. Você deve decidir se quer ficar ou sair para se juntar aos outros.

— Não — respondeu Grace, mantendo-se firme. — Vou ficar. — O que quer que fosse acontecer, ela queria estar perto de Lorcan.

— Muito bem. Mas quero que você se prepare.

Agora ele estava apavorando-a. O que Mosh Zu iria fazer? Todos os tipos de pensamentos sombrios se agitaram em sua fértil imaginação.

— Vou colocar a mão no tórax dele — disse Mosh Zu, com a voz calma ajudando a diminuir o jorro de terrores em sua cabeça. — Você sabe o que é tórax? É a parte do corpo entre o pescoço e o diafragma. É uma parte do corpo muito importante para os vampiros. — Ele se virou para Grace. — Já o viu compartilhar?

Ela balançou a cabeça.

— Não. — Depois se lembrou. — Mas, uma vez, vi Lorcan e Shanti depois. Estavam dormindo.

— Mas você não viu, e nenhum dos outros, no ato de beber sangue?

Ela balançou a cabeça, chateada consigo mesma por estar sentindo repulsa pela ideia.

— Bom, quando eles se alimentam — continuou Mosh Zu —, eles mordem o tórax do doador.

Grace ficou surpresa.

— Sempre pensei que eles mordiam a víti... quero dizer, o *doador*, no pescoço.

— Claro! — disse Mosh Zu, os olhos brilhando. — Todo mundo acha isso. Bom, até mesmo alguns vampiros. Leram isso em livros, de modo que, claro, deve ser verdade! Eles gostam do drama que há nisso. Mas o melhor lugar para fazer a conexão é através do tórax do doador, logo acima do... bem, tenho certeza de que você pode deduzir sozinha.

— Posso — respondeu Grace, empolgada. — Claro! É onde fica o coração do doador.

— Exato. Mas agora vamos esquecer os doadores e voltar a atenção para os vampiros. O tórax do vampiro também é importante.

Grace ficou perplexa.

— Mas eles... quero dizer, vocês... não têm coração, não é?

— Não do mesmo modo que vocês. A imortalidade é um dom, talvez o maior de todos. Mas tem um preço. Não há uma bomba viva no corpo do vampiro, mandando sangue pelo corpo. Ela morre quando o corpo tem sua primeira morte. Mas, mesmo assim, algo permanece sob o tórax. Pode-se descrever como um poço de emoção profunda. Imagino até que se possa dizer que é o mais próximo de uma alma que nós, vampiros, temos.

Grace estava de olhos arregalados. Mosh Zu deu de ombros.

— Esses são termos sentimentais. É uma questão a se discutir o modo como o chamamos. Mas, como você verá, esse ponto do corpo de Lorcan é a moradia das emoções mais profundas. — Ele estendeu a mão para o peito de Lorcan, depois se virou e fez uma pausa. — Está preparada?

Ela assentiu de novo, com o coração disparando de repente.

Mosh Zu pôs a palma da mão no lado esquerdo do peito de Lorcan. Lorcan não reagiu imediatamente. Grace imaginou se Mosh Zu era capaz de ouvir ou sentir algo que estava escondido para ela.

Mas então, subitamente, Lorcan abriu a boca e emitiu um grito profundo e alto. Era um som terrível — um dos sons mais terríveis que ela já ouvira. Parecia vir das profundezas do ser. Ela quis tapar os ouvidos e fechar os olhos. Mas de algum modo se conteve. Em vez disso concentrou-se em Mosh Zu, que permaneceu na mesma posição, segurando-o. Quando o grito finalmente acabou, ele assentiu.

— Está tudo bem — disse Mosh Zu. — Tente não se assustar. Há mais. Lá vamos nós de novo.

Lorcan gritou outra vez, um grito alto e longo. *Como* isso podia estar bem? Grace ficou olhando enquanto o guru mantinha o contato entre sua mão e o peito de Lorcan. Mosh Zu estava absolutamente imóvel, alerta aos menores sinais.

— Certo — disse finalmente. — Por enquanto é só. — E retirou a mão.

Grace estava completamente abalada.

— Ele está sentindo uma dor terrível, não é?

— É — assentiu Mosh Zu. — Achei que poderia ser isso. Veja bem, o ferimento ao redor dos olhos é somente uma distração. O *verdadeiro* ferimento é muito mais fundo. É como um espinho cravado lá dentro.

Grace sentiu todo o otimismo subitamente se esvaír.

— Você pode...? — Ela mal ousava perguntar. — Você pode ajudá-lo? Pode retirar o espinho?

— Posso tentar. Mas não será fácil. É uma operação delicada, e não podemos ter pressa. Não usaremos instrumentos cirúrgicos. Usaremos as artes da cura. E eu ficaria grato por sua ajuda.

Grace ficou surpresa, mas satisfeita. Tinha uma certa premonição da escala do trabalho à frente, mas qualquer coisa necessária para melhorar Lorcan valeria a pena.

— Demos o primeiro passo — disse Mosh Zu, mais animado. — O grito foi o início. Sei como deve ter soado para você, mas na verdade foi Lorcan liberando algo de sua dor muito enraizada.

Grace franziu a testa.

— Você acha difícil acreditar, não é? Mas olhe, vou acordá-lo agora e você verá que ele está mais tranquilo. — Com isso tocou a testa de Lorcan outra vez e ele se mexeu.

— Como você está? — perguntou Mosh Zu.

Lorcan sorriu.

— Estou me sentindo um pouco melhor — respondeu, como se de propósito.

Grace mal podia acreditar no que ouvira. Mosh Zu se virou e assentiu para ela.

— Estou muito cansado, de repente — disse Lorcan.

— Sim, é claro — concordou Mosh Zu. — Você precisa descansar. Nós também. Vamos deixá-lo agora, mas mandarei Olivier dar uma olhada em você de vez em quando. E há uma sineta ao lado de sua cama. Se precisar de alguma coisa, é só tocar.

Lorcan assentiu. Quando ele fez isso, Grace deu um bocejo. Não pôde evitar. De repente também se sentia incrivelmente cansada.

Mosh Zu riu.

— Ouviu isso, Lorcan Furey? A enfermeira Tormenta se cansou de cuidar de

você.

— Ela é muito gentil comigo — disse Lorcan.

— É — assentiu Mosh Zu. — Há muita gentileza em Grace. E agora devo arranjar quartos para ela e seus exaustos companheiros de viagem, não acha?

— É. Acho que sim.

— Durma bem, amigo — disse Mosh Zu. — Bem-vindo ao Santuário. Espero que venha a conhecer uma paz profunda dentro destes muros.

Grace apertou a mão de Lorcan.

— Durma bem. Sonhe com os anjos.

Mas, enquanto se virava e acompanhava Mosh Zu para fora do quarto, percebeu que Lorcan tinha muito com que se preocupar.



CAPÍTULO 9

Dormindo com o inimigo

Quando Grace e Mosh Zu saíram ao corredor, Shanti veio correndo. Evidentemente os gritos de Lorcan haviam rompido qualquer feitiço sedativo que pudesse tê-la contido antes.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, aos brados. — Por que ele estava gritando?

— Está tudo bem — respondeu Mosh Zu. — Sei que pareceu perturbador...

— Pareceu perturbador? Foi perturbador! Era como se alguém estivesse morrendo lá dentro!

— Ninguém morreu — disse Mosh Zu. — Posso garantir.

— Mosh Zu começou o processo de cura — acrescentou Grace.

— Você não sabe de nada — reagiu Shanti, agressiva. — E eu também não perguntei a você.

— Não há motivo para falar com Grace assim — disse Mosh Zu. — Sei que você está cansada e perturbada por causa do Lorcan. Mas deve tentar conter essa raiva considerável que sente. Vá dormir um pouco e, se tiver mais perguntas, quando nos reunirmos de novo mais tarde ficarei feliz em respondê-las.

Shanti abriu a boca para falar, mas Mosh Zu já havia lhe dado as costas.

— Capitão, vem comigo? Temos muito o que colocar em dia.

O capitão assentiu. Agora Mosh Zu se virou para Olivier.

— Por favor, poderia levar Shanti e Grace aos seus aposentos?

— Sim, claro. — Olivier sinalizou para que elas o seguissem pelo corredor.

— Durmam bem — disse Mosh Zu. — E, Grace, obrigado pela ajuda com o Lorcan. Por favor, tente não se preocupar muito. A cura começou.

Grace assentiu e se despediu de Mosh Zu e do capitão. Achou que eles teriam muito a conversar. Ficou olhando-os se afastar pelo corredor, imaginando quantos mistérios somente os dois conheceriam.

— Venham, então — disse Olivier. — Vamos primeiro ao bloco dos doadores. — Grace captou o que suas palavras implicavam: quanto mais rápido ele se livrasse da encrenqueira Shanti, melhor!

Dobraram no fim do corredor e começaram a subir de novo, mas Grace não achou que fosse o mesmo caminho que haviam percorrido antes.

— Os alojamentos dos doadores ficam no topo — explicou Olivier a Shanti. — Isso lhes dá acesso livre ao pátio e às outras áreas. E você vai descobrir que há bastante comida lá. O café da manhã será servido em breve.

— Café da manhã? — exclamou Shanti. — Não preciso de café da manhã! Preciso da minha cama.

— Claro — respondeu Olivier, com um certo ar zombeteiro. — Mas você seguirá o horário dos doadores enquanto estiver lá. É mais simples assim.

Enquanto falavam, entraram num corredor onde já havia pessoas se movimentando.

— Bom dia, Olivier — disse um homem passando por eles.

— O que é isso? — disse uma jovem de aparência menos agradável. — Calouras? — E olhou Shanti de cima a baixo. — Ela não é meio velha para começar?

Shanti encarou a mulher.

— Quem você está chamando de caloura? Já estou viajando no *Noturno* há um bom tempo.

— Até parece! — reagiu a mulher com grosseria. — Você não teria essa aparência. Não aprendeu, não? Quando a gente começa a compartilhar, vira imortal. Jovem para sempre, *preservada*. Olhe para você. Seria como preservar uma ameixa seca!

— Já chega! — disse Olivier.

Grace podia ver que, mesmo com ar desafiador, Shanti estava perturbada. Sabia que cada nova ruga no rosto de Shanti — e havia muitas novas desde que tinham iniciado a jornada — era como uma facada no coração dela. Perdida em pensamentos, subitamente percebeu que a aprendiz de doadora agora estava olhando-a de cima a baixo.

— *Isso* aí é melhor. Parece que seu sangue é bom e fresco. — Em seguida estendeu a mão e beliscou o rosto de Grace.

— Ai!

Era como um pássaro dando uma bicada na bochecha.

— Ah, sim — disse a mulher, retirando a mão. — Você vai ser uma boa doadora para alguém.

Grace balançou a cabeça.

— Não sou doadora — disse.

— Não, querida. Claro que não.

Olivier pôs a mão com firmeza no ombro da mulher.

— Grace está dizendo a verdade. Ela não é doadora, é meramente uma convidada. Mas Shanti é realmente doadora e de fato tem viajado no *Noturno*. E agora que esclarecemos tais questões, talvez você nos deixe ir e permita que eu leve essas viajantes aos seus quartos.

Apesar da polidez, sua voz era de aço. A mulher sabia que fora vencida.

— *Bien sur, monsieur* Olivier — disse fazendo uma reverência para ele. — Adeusinho, senhoras! Vejo vocês.

Enquanto ela se afastava empinada pelo corredor, Olivier abriu uma porta.

— Aí está, Shanti. Este será o seu quarto.

Como prometido, era um pouco diferente do de Lorcan.

— Vamos deixá-la — disse Olivier, voltando para o corredor.

— Espere! — reagiu Shanti. — Quando verei vocês de novo? Onde fica o quarto de Grace?

— Você é doadora — disse Olivier. — Este é o seu aposento. Você será alertada quanto às horas das refeições. Converse com os aprendizes de doadores, conheça-os. Nem todos são como aquela!

Como aquela! Mesmo que a mulher *tivesse* sido repulsiva, ele não poderia se dar o trabalho de falar seu nome? Grace se pegou de novo sentindo raiva de Olivier.

Ele parecia ignorar isso tranquilamente.

— Venha — disse. — Vou levá-la aos seus aposentos, Grace.

Nesse momento houve um gemido baixo vindo do quarto vizinho.

— O que foi aquilo? — perguntou Shanti.

Olivier deu de ombros.

— Alguns acham difícil se acostumar à ideia de doar sangue. Você sabe como é. Acho que você poderá ajudá-los.

— Não! — reagiu Shanti, com o rosto mais pálido do que nunca. — Por favor, Grace, não me deixe aqui. Deixe-me ir com você.

— Impossível — respondeu Olivier.

— Não — disse Grace, tomando uma decisão. — Shanti, pegue sua bolsa e venha conosco. Você pode dividir o quarto comigo.

Olivier balançou a cabeça.

— Acho que não. Mas Grace estava inflexível.

— Nós somos hóspedes ou prisioneiros aqui? Shanti é minha... minha amiga, e estou convidando-a para dividir o meu quarto. Se você tiver algum problema com isso, sugiro que chame Mosh Zu agora mesmo!

Shanti ficou tão agradecida que parecia prestes a chorar. Olivier deu um risinho.

— Se essa aí é sua amiga — disse —, você não precisa de inimigos.

— Não — respondeu Grace, com a voz na voz. — Não, não preciso. Agora, por favor, leve-nos ao nosso quarto.

Olivier suspirou e começou a seguir o caminho de volta pelo corredor.

— Isso não vai dar certo — disse. — Ela vai acordar durante o dia, mas você vai continuar sob o horário dos vampiros: dormindo ao dia e acordando ao pôr do sol. Não vai dar certo!

— Vamos dar um jeito — respondeu Grace.

— Obrigada, Grace. — Shanti enfiou o braço pelo dela.

Isso é que é aliança improvável, pensou Grace.

Pareceram pegar o caminho mais longo de volta, passando novo pelo Corredor dos Descartados e depois pelo Corredor de Fitas, antes de virarem e encontrarem outra fileira de portas.

— Aqui — disse Olivier, sem a educação forçada que lhe era comum. E abriu uma porta.

Era um quarto tão frugal quanto os outros, com uma cama de solteiro no centro. — Você não tem nenhum quarto com duas camas? — perguntou Shanti.

— Isto não é um hotel — reagiu Olivier, ríspido. — Eu disse que não daria

certo...

— Vamos fazer com que dê certo — disse Grace suavemente. — Obrigada, Olivier, pela sua atenção.

— Você é muito bem-vinda, senhorita Tormenta — disse ele. — E agora vou me despedir. Aproveite seu quarto... e sua companhia!

Ele deixou a porta se fechar. Finalmente estavam sozinhas.

— Ah, Grace — disse Shanti. — Nem sei como agradecer! Eu não poderia dormir naquele outro bloco. Simplesmente não poderia... Obrigada! Obrigada!

— De nada — respondeu Grace, subitamente exausta. Sua cabeça estava começando a doer tanto quanto o corpo. Precisava dormir.

— Bom — disse Shanti, animada. — Acho que agora devemos decidir quem fica com a cama esta noite!

— Tudo bem — respondeu Grace, vendo rapidamente o que iria acontecer. — Fique você. Estou tão cansada que posso apagar aqui mesmo.

— Bom — disse Shanti, acomodando-se na cama estreita. — Já que você tem certeza, Grace...

— É, tenho. — Grace tirou os sapatos e o casaco. — Talvez, se eu pudesse pegar um dos travesseiros emprestado...

Shanti franziu a testa.

— Geralmente eu durmo com dois — disse hesitante. — Você poderia dobrar seu casaco...

Grace olhou para ela.

— Não, não, claro, aí está. — Shanti entregou um travesseiro.

— Obrigada — disse Grace.

— Ah, e eu arranjei uma coisa para você, como agradecimento.

Grace ficou perplexa. Como ela havia conseguido arranjar alguma coisa no tempo que tinham levado para vir do bloco dos doadores até ali?

Shanti enfiou a mão no bolso do casaco e pegou duas fitas.

— Uma para você e uma para mim — disse, erguendo as duas fitas à luz, claramente tentando decidir qual era mais bonita.

Grace sentiu uma dor aguda na cabeça.

— Onde você pegou isso? — perguntou.

— Onde você acha? No Corredor das Fitas! Bom, elas não têm utilidade para ninguém lá, balançando na brisa. Mas achei que eram perfeitas...

Tendo escolhido a sua, ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo e amarrou a fita nele com força, finalizando com um laço benfeito.

— Pronto! — disse. — Perfeito!

Grace balançou a cabeça.

— Acho que você não deveria ter apanhado isso.

Shanti olhou-a, em dúvida.

— São fitas, Grace. Acredite, já roubei muito mais do que fitas no meu tempo. Aposto que você nem viu quando eu peguei! — Ela parecia bastante orgulhosa.

— Não, não vi.

— Bom. — Shanti ofereceu a outra fita na palma da mão. — Não vai pegar a sua? Não me importo em dizer, mas seu cabelo está uma *bagunça*.

Grace olhou a fita. Tinha uma sensação ruim com relação àquilo. Idiotice. Era só

uma fita. Mas lembrou-se de como Olivier havia relatado em explicar as fitas, preferindo deixar isso para Mosh Zu. Sem dúvida elas deviam ter algum significado, mas Shanti, como um pássaro curioso, só via um tecido bonito. Mesmo assim Grace não conseguiria ter paz se não aceitasse o presente.

— Obrigada — disse pegando a fita. Agora sua cabeça estava doendo demais. Precisava mesmo dormir. — Vou colocar aqui, embaixo do travesseiro — falou.

— Como quiser — respondeu Shanti, ajeitando seu travesseiro.

Grace deitou-se no chão e acomodou a cabeça cansada no travesseiro. Então isso era o Santuário — o lugar que haviam demorado tanto para alcançar. Não era o que ela havia esperado. Nem de longe. Mas talvez o dia seguinte fosse diferente. Esperava que sim. Esperava mesmo.



CAPÍTULO 10

O bucaneiro perdido

— Não olhe para ele — disse Connor, segurando o ombro de Bart. — Não olhe para ele e não fale com ele. Não é... — Ele se recusava até mesmo a dizer seu nome. — Não é *ele*. — Lembrou-se do que o capitão Vampirata havia dito. — É só um eco...

Por mais que suas palavras e seu tom de voz fossem firmes, Connor não podia conter o tormento que sentia por dentro. Podia sentir o mesmo conflito acontecendo dentro de Bart, enquanto segurava o ombro do amigo. Ficou aliviado quando, depois do que pareceram minutos de impasse, Bart se soltou dele.

— Não adianta — disse olhando para Connor. — Ele significou muito para mim em vida para eu expulsá-lo agora.

Virando-se de novo, deu dois passos à frente e parou diante de Jez.

— É você? — perguntou Bart. — Será mesmo você? — Estendeu a mão, mas ela se imobilizou no ar, como se ele não pudesse ainda enfrentar a certeza de ser uma coisa ou outra. — Você morreu em meus braços. Vi sua vida se esvaír. Carreguei seu caixão e o joguei no oceano. Depois de tudo isso, como pode ser realmente você? — Lágrimas rolavam livremente pelo rosto dele.

Jez ficou parado, falando muito mansamente.

— Sou eu sim... ou o pouco que resta de mim.

Bart balançou a cabeça, incrédulo.

— Você se parece muito com ele. — Depois olhou para a lua. — Isso é difícil demais. — Connor não sabia com quem exatamente ele estava falando.

— Não vai apertar minha mão, velho amigo? — perguntou Jez.

— Não! — implorou Connor a Bart. — Afaste-se dele. É um truque. Ele é perigoso. — Connor não tinha mais certeza de seus próprios sentimentos; disse tais palavras mais por dever do que por crença.

Ficou olhando Bart estender o braço e tocar o de Jez. Quando as mãos dos dois se apertaram, Bart soltou um soluço.

— É mesmo você — exclamou. — Não sei como, mas é você. — Ele afastou a

mão e levantou o antebraço para enxugar as lágrimas. — Eu meio esperava que minha mão atravessasse a sua — disse baixando o braço de novo —, como se você fosse apenas um fantasma.

Jez balançou a cabeça.

— Só porque você pode me ver e me tocar, não significa que eu seja mais substancial do que um fantasma. — Então olhou para além de Bart, diretamente para Connor. — Por favor, Connor. Não vem apertar minha mão também? Significaria muito.

Connor percebeu que estava tremendo.

— Como posso apertar sua mão — disse — quando na última vez em que nos encontramos eu tentei matar você? — Sua visão estava turva pelas lágrimas. Através delas viu de novo aquela noite terrível. Viu a tocha acesa em sua mão e Jez, parado no convés em chamas, gritando por misericórdia.

— Isso tudo já foi esquecido — disse Jez. — Bom, não, não deveríamos esquecer. Mas você tinha bons motivos para querer me destruir. Fiz coisas terríveis, terríveis. E, no final até andei querendo me destruir. — Ele baixou a cabeça.

Connor não pôde mais se conter. Avançou, estendeu a mão e sentiu o toque de Jez. A mão dele estava gelada. Pela primeira vez se permitiu olhar diretamente o rosto de Jez. Estava pálido e macilento. Em vida ele sempre tivera um brilho rosado. Na morte — ou no que quer que fosse aquele limbo — sua pele havia assumido um tom branco de neve, com sombras azuis do luar.

De repente sentiu um tremor. Estava segurando a carne de um morto. Seu amigo era agora um vampiro. Grace não parecia ter problemas para se relacionar com vampiros, mas este era um território novo para ele. Tinha muitas perguntas a fazer.

— Sei que é um choque para vocês dois — disse Jez. — Mais do que um choque. Se soubessem quantas vezes estive à beira de me aproximar de vocês e depois me afastei! Depois de tudo que passamos juntos, eu não podia suportar a ideia de vocês me rejeitarem...

— Não estamos rejeitando você, meu chapa — disse Bart.

— Não — disse Connor. — Mas o que podemos fazer por você? O que quer de nós?

— Queria principalmente ver vocês de novo. Tenho andado muito sozinho.

— E o Sidório? — Connor não pôde evitar a pergunta.

— Sidório se foi — disse Jez em tom casual. — Você realmente o matou. Destruíu todos eles, menos eu.

Connor ficou surpreso. Como Jez havia sobrevivido ao incêndio? Como Jez havia sobrevivido quando o poderoso Sidório morrera?

Lembrou-se de Sidório se gabando...

“O fogo só me deixa mais forte.”

Mas não fora assim.

“A morte não pode me levar. A morte não pode levar os mortos de volta.”

Mas a morte havia, sim, levado Sidório e poupado Jez. A mente de Connor estava a mil. Será que o motivo para Jez ter sobrevivido era porque ainda não era feito do mesmo material dos outros? Talvez ele ainda não fosse o “eco” que o capitão havia falado. Talvez ainda restassem muitos traços da humanidade de Jez. Mesmo assim ele fizera parte do brutal assassinato de Porfírio Wrathe e sua tripulação. Em suas próprias

palavras, tinha feito “coisas terríveis”. E, olhando-o agora, Connor se lembrou de que havia muita coisa que não sabiam sobre o que Jez fizera.

— O que quer de nós? — perguntou.

— Já falei. Preciso de companhia.

— Não — disse Connor. — Há algo mais do que isso. — Você quer alguma coisa de nós.

Jez sorriu.

— Lembro de quando você chegou ao *Diablo*. E nós o treinamos com espadas. Você era meu apoio nos ataques. Isso foi há meses, mas parece que foram anos. E agora você mudou. Cresceu em estatura. Mal o reconheço.

Connor franziu a testa.

— Todos nós mudamos. Alguns mais do que outros.

— Bom, você está certo. Eu *não* voltei só para bater papo com vocês. Vim pedir um favor. Um grande favor.

— Qual é? — perguntou Connor.

— Pode pedir qualquer coisa — disse Bart.

— É muito simples. Quero que vocês me ajudem a achar o caminho de volta. — Fez uma pausa. — E, se eu não puder, quero que me matem. De uma vez por todas.



CAPÍTULO 11

Neve

Grace estava com dificuldade para dormir. Sentia-se morta de cansaço após os esforços da jornada até o Santuário. Mesmo assim não conseguia acalmar a mente inquieta. Sentia-se empolgada demais por estar ali, empolgada porque Lorcan poderia começar a se curar e empolgada, também, para ver mais do trabalho de Mosh Zu Kamal.

Pelo menos, pensou, havia adaptado seu ritmo circadiano ao dos vampiros — dormindo de dia e acordando ao anoitecer. Mesmo sentindo falta da luz, parecia não haver outra opção se quisesse realmente conhecê-los. Lembrou-se dos primeiros dias e noites a bordo do *Noturno*, quando, fechada em sua cabine, sentira-se isolada do tempo. Era bom seguir um ritmo, mesmo que não fosse o ritmo dos mortais comuns.

Ao seu lado, Shanti gemia e se revirava em sua cama. Ou melhor, na cama de *Grace*. Tendo ocupado a única, seria de esperar que ela tivesse a decência de dormir em silêncio! Mas estava se agitando e se revirando e suspirando... como se estivesse tendo um pesadelo. Grace pensou em acordá-la, mas, pensando bem, achou que uma Shanti dormindo, mesmo que um sono perturbado, era ligeiramente preferível a uma Shanti acordada.

Acomodou-se de volta no travesseiro. Precisava de algo mais alto sob o pescoço, por isso levantou o travesseiro e enfiou a mochila embaixo. Ao fazer isso viu a fita que Shanti lhe dera, caída no chão. Segurou-a e depois se recostou no travesseiro. Estava muito melhor agora, com a mochila embaixo. Ajeitou-se para colocar o corpo na posição mais confortável possível sobre o cobertor fino. Segurou a fita gentilmente, deixando-a se enrolar nos dedos como uma cobra. Ao fazer isso sentiu os olhos ficando pesados. Agradecida, fechou as pálpebras e finalmente foi caindo no sono.

Logo estava em meio a um sonho. Mesmo sendo vívido, rapidamente percebeu que era um sonho. Estava deitada, olhando o céu noturno. O céu era perfeitamente límpido e cheio de estrelas, como um tecido desenrolado até onde a vista podia alcançar.

Algo estava incomodando seu pescoço. Levantou a cabeça e, girando-a, viu que seu

travessieiro era uma sela. Surpresa, esfregou o pescoço dolorido, depois se deitou de novo. Perto, ouviu um relincho. Girou a cabeça de novo e viu um cavalo não muito longe, as rédeas amarradas numa árvore.

Vendo que o cavalo estava bem, sorriu e se acomodou de novo na sela. Ficou até deitada, observando as estrelas, sentindo-se perfeitamente em paz com o mundo e relaxando.

Foi então que sentiu algo fazendo cócegas em seu nariz. O primeiro pensamento foi de que o cavalo estava focinhando-a.

— Para, Uísque! — riu, de algum modo sabendo o nome do cavalo. Mas as cócegas continuaram, e ficavam mais molhadas. — Uísque! — exclamou de novo, abrindo os olhos.

Mas o cavalo estava parado no mesmo lugar de antes. Percebeu que as cócegas no nariz vinham de flocos de neve. Flocos densos, gorduchos, caíam fartos do céu. O terreno já estava coberto e branco. Estranhamente, ali deitada, não sentiu frio. Estava perdida demais na beleza da neve que caía, fluuando como flores sobre ela, até que foi totalmente coberta por um grosso cobertor branco.

Então, de algum modo, estava montada num cavalo — em Uísque — cavalgando pela neve. E não estava sozinha. À frente, viu as formas familiares de seu irmão e seu pai, bem adiante. Entre eles havia outros homens a cavalo e um rebanho de gado. Sentiu que fazia parte daquilo, o mesmo sentimento de conforto de quando estivera deitada na neve. Sua família estava ali. Uísque estava ali. Aquele era seu lugar, ali, montada em seu cavalo.

— *Permanezca allí, Johnny* — gritou seu pai. — *Subimos adelante.*

Fique aí, Johnny. Vamos continuar subindo.

E, de algum modo, não era estranho ser chamada de Johnny. Ela percebeu que era um garoto. Olhou para suas mãos segurando as rédeas. Sem dúvida, eram mãos de garoto — jovens, mas já calcadas de tanto trabalhar com as rédeas. Bom, isso era um sonho. Qualquer coisa podia acontecer nos sonhos. Ela entendia espanhol nos sonhos. Até falava a língua.

— *¡Sí, padre!* — gritou, acomodando-se na sela de Uísque enquanto o cavalo seguia pela neve.

O terreno se elevava depressa e a neve ia ficando cada vez mais densa, fazendo redemoinhos ao redor. Ela mal podia ver os homens dos dois lados.

— Está montando bem, Johnny — ouviu uma voz de encorajamento ao lado.

— Exatamente como o pai dele — disse outra voz rouca.

Então tudo mudou. Era como se a terra estivesse se mexendo sob os cascos de Uísque. Ela ouviu gritos, vindos de cima e de toda parte ao redor. Gritos humanos e os mugidos selvagens do gado. Sentiu que ela e Uísque eram empurrados por todos os lados.

— Segura firme, Johnny! Pare! Segura firme!

Estava fazendo tudo que podia, mas era difícil demais. Agora a neve estava de cegar. Separava-a dos outros. Segurou as rédeas de Uísque com o máximo de força que pôde, mas o cavalo estava empinando, tentando derrubá-la. Mantendo-se firme, percebeu, com um susto, que não estava mais cavalgando pela neve. Estava no calor de um sol do meio-dia, com o suor escorrendo pela testa, montada num cavalo que não era Uísque — num cercado. A poeira vermelha que subia encontrava-se com o céu mais

azul que ela já vira.

— Vejam o Johnny! — gritou um homem do outro lado de uma cerca. Ele usava um chapéu de feltro e ela percebeu que também estava com um igual.

— Se Johnny não puder domá-la, ninguém pode — gritou outro homem para o primeiro. Juntos ficaram olhando-a montar o animal bravo. Ela se virou, olhou para as próprias mãos. Não eram mais as mãos de um garoto. Ali, segurando as tiras de couro, estavam as mãos de um rapaz.

Houve gritos de comemoração. Os mais barulhentos vinham de dois sujeitos perto da cerca. Mas, levantando os olhos, ela viu que não estava mais no cercado calmo. Agora estava numa arena de rodeios, e dos quatro lados uma multidão a ovacionava. Enquanto se segurava firme no cavalo bravo, captou um vislumbre de uma faixa de pano onde estava escrito “*Décimo Sétimo Rodeio Anual do Condado de...*”

Os gritos e aplausos eram tão ensurdecedores que ela soube que devia ter ganhado. Mas, de algum modo, não se sentia alegre com a ideia. Era como se faltasse alguma coisa. O conforto que havia sentido antes — deitada sob as estrelas e depois cavalgando na neve — tinha sumido, e de algum modo ela sabia que aquilo não iria voltar. É só um sonho, disse a si mesma, só um sonho. Eu posso abrir os olhos a qualquer instante. Mas não abriu. Segurou firme as rédeas e deixou o sonho carregá-la de uma arena de rodeio para outra.

Tudo começou a acelerar. Ela estava montando, sempre montando. Mas agora viajava pelo país. Em meio a neve e sol, vento e chuva. Algumas vezes sozinha. Algumas vezes com uma pessoa ou mais ao lado. Algumas vezes com um rebanho de gado entre ela e o homem seguinte à sua frente. Continuava cavalgando. Estava ficando cansada. Logo teria de parar e se acomodar para um sono longo, bem longo.

A neve caiu de novo. Densa e bonita como antes. Mas desta vez deixou-a triste e solitária, insuportavelmente solitária. Tudo ao redor era branco, a não ser as silhuetas cinza-escuras de árvores desfolhadas. Continuou cavalgando, de coração pesado, com o gado ao redor embotado pelo clima. Sob o céu escuro, o gado parecia cinza. Agora tudo era cinza — era engraçado como a neve, de um branco puro podia ficar tão feia tão depressa. A distância ouviu homens conversando. Não podia identificar o que diziam, mas algo nas vozes a fez estremecer.

— É isso aí, Johnny! — ouviu alguém gritar. — Você está fazendo um ótimo trabalho! Como sempre.

Mas ainda que as palavras fossem tranquilizadoras, ela sentiu apenas frieza. Tinha a sensação de que tudo estava chegando ao final.

De repente não estava mais no cavalo. Estava de volta no chão. De volta na neve, mas desta vez não parecia confortável. Nem fria. Era como se estivesse queimando. Acima estava o céu noturno, que, apesar da neve, continuava claro e cheio de estrelas como naquela primeira vez — que agora parecia ter sido há muito, muito tempo. Percebeu que estava se movendo rápido pelo chão, sendo puxada por uma corda. Doía demais. Rezou para que aquilo acabasse. E de repente acabou. O movimento parou e ela ficou imóvel outra vez, com grossos flocos de neve dançando em sua direção. Por um momento tudo ficou lindo e calmo.

Então dois pares de mãos a puxaram com aspereza. Eles estavam gritando coisas, mas outras vozes gritavam contra eles e as palavras eram impossíveis de ser distinguidas, havia ruído demais.

— Ponham a corda nele! Coloquem-no perto dos outros!

Sentiu algo sendo pendurado em seu pescoço. Era como se tivesse passado de cavaleira a cavalo. Mas essas rédeas eram muito apertadas. Apertadas demais. Sentiu a garganta ser comprimida. Abriu a boca para gritar. Então, finalmente, abriu os olhos.

— Shanti!

O rosto de Shanti estava sobre ela, os olhos a encarando com selvageria, chamejando de puro ódio. Olhando para baixo, Grace viu que as mãos de Shanti estavam apertando seu pescoço. Shanti estava estrangulando-a!

— O.. que... você... está... fazendo? — conseguiu dizer, rouca, antes que as mãos de Shanti apertassem com mais força ainda.

Em puro terror, Grace encarou os olhos de Shanti. Estavam absolutamente vazios.

— Não tente resistir — disse Shanti, em voz fria como metal. — Não adianta tentar. Sou mais forte do que você. Será muito mais fácil se você desistir.



CAPÍTULO 12

Seis palavras

— Depressa — sussurrou Bart a Jez enquanto Molucco atravessava o convés. — Pule no bote.

Para um morto, Jez pulou depressa.

— Connor! — gritou o capitão Wrathe, aproximando-se rapidamente. Ele usava um roupão trabalhado, com fios metálicos e pedras preciosas que brilhavam ao luar. Seu cabelo estava ainda mais revoltado do que o usual, projetando-se no ar em tufos retos como mastros de navio. Connor viu que o cabelo dele estava preso para trás, na testa, com o que a princípio ele achou que era uma echarpe. Depois percebeu que era uma máscara de cobrir os olhos. Essa, percebeu Connor, devia ser a roupa de dormir de Molucco. Não era menos fabulosa do que suas vestes usuais.

— Capitão Wrathe! — respondeu Connor. — Achamos que o senhor estava em sua cabine, para passar a noite.

— Estava mesmo, meu garoto — disse Molucco, com os olhos examinando o convés. Connor não ousou se virar, mas rezou para que Jez estivesse em segurança, fora de vista. Molucco balançou a cabeça. — Só não consigo dormir. Tenho pensamentos demais nadando nessa minha velha cabeça.

— O senhor gostaria de conversar? — perguntou Connor, fazendo um gesto e indicando ao capitão a direção da outra ponta do convés, para afastá-lo do bote. O capitão Wrathe assentiu e começou a andar ao seu lado. Connor olhou rapidamente por cima do ombro e viu Bart fazer o sinal de positivo. Ufa! O perigo havia passado.

— Foi um tremendo choque ver meu irmão e a família dele de novo, esta noite — disse Molucco.

— Imagino.

— Um choque! Sabe que Barbarro e eu não nos falávamos havia um bom tempo?

— Sei. Eu tinha ouvido dizer.

Será que Molucco iria lhe contar a origem da rixa fraterna?

— A morte muda tudo, veja só — disse Molucco, encarando Connor com os

olhos arregalados. — Você só está começando sua viagem pela vida. Mas vai ficar sabendo disso, garoto. A morte muda tudo.

Connor ficou quieto, mas pensou que a morte já havia mudado tudo para ele e sua irmã. Eles nunca teriam ido para o mar se o pai não tivesse morrido. Agora Connor e o capitão haviam chegado ao meio do navio. Connor olhou para o oceano escuro. Seus pensamentos voltaram à família perdida — ao pai morto e à irmã querida, onde quer que ela estivesse agora.

Foi atraído de volta ao convés pelo som de passos.

— Ah, olá, Bartholomew — disse Molucco. — Como vai a vigia?

— Está muito calmo esta noite — respondeu Bart, assentindo. — Muito calmo mesmo, não é, Connor?

Connor assentiu.

— Bom, então... — Molucco sorriu. — Vamos tomar um gole de rum, certo? — E apontou para o bote ali perto. — Do seu suprimento particular?

Bart pareceu culpado, mas Molucco gargalhou.

— É um truque tão antigo quanto a pirataria esconder uma garrafa num bote. Para manter os ossos aquecidos e um pouco de fogo na barriga durante uma longa vigília noturna. Ande, Bartholomew, pare de ficar vermelho e pegue um trago para nós.

Bart levantou a lona e entrou no bote. Passou para Connor a garrafa e três canecas de esmalte. Sorrindo, Molucco pegou a garrafa das mãos de Connor e derramou uma boa dose de rum numa das canecas. Entregou-a a Bart, depois serviu uma dose semelhante nas outras, enquanto Connor as segurava.

— Venham — disse o capitão. — Vamos nos sentar no convés de popa.

Foram até a parte superior do convés e sentaram-se sob a cobertura de madeira atrás do timão. Acima do timão ficava pendurada uma lanterna, cuja luz lançava um brilho suave na área ao redor. Enquanto se sentava com as pernas cruzadas ao lado de Bart e do capitão Wrathe, Connor pensou em como, naquele momento, não havia hierarquia entre eles. Eram apenas três piratas tirando uma folga enquanto o navio repousava em águas tranquilas.

— Um brinde — disse Molucco, levantando sua caneca. Os outros também levantaram as canecas, enquanto ele declarava: — A uma vida curta mas alegre!

— A uma vida curta mas alegre! — ecoaram Bart e Connor. Os três bateram as canecas. O brinde era o mesmo que Molucco usara antes, lembrou Connor. Resumia sua visão da vida de pirata em apenas seis palavras.

Connor se encolheu enquanto tomava um gole minúsculo de rum. Ainda não havia adquirido gosto pela bebida. Esperava que os outros não notassem, caso ele não tomasse muito.

— Foi bom ver seu irmão esta noite de novo? — perguntou Bart ao capitão Wrathe.

Molucco assentiu.

— Ah, sim. Foi muito bom. Muito bom mesmo. Nós estávamos afastados havia muito tempo. — O capitão sorriu, mas o sorriso logo se desbotou e ele tomou outro gole de rum. — Mas fico triste, fico triste em pensar que os três irmãos Wrathe nunca mais estarão juntos; pelo menos até que nós dois nos juntemos a Porfírio no Baú de Davy Jones.

Isso, Connor sabia, era a gíria dos piratas para o fundo do oceano. Imaginou os

três irmãos Wrathe deitados lá embaixo — numa sepultura marcada por coral e algas, visitada apenas por ouriços e estrelas-do-mar. Era um pensamento tão triste que ele logo quis afastar a imagem.

— Eu só gostaria — continuou Molucco — que Barbarro pudesse aceitar que Porfírio se foi, e que o deixasse lá.

— Ele não consegue? — perguntou Bart.

Molucco balançou a cabeça.

— Não, não. Barbarro é obcecado pela vingança. E Trofie também. Eu entendo. Claro que entendo. Eu tinha a mesma fome. Mas contei a eles. Nós já nos vingamos. Nunca vou esquecer a noite em que caçamos o navio dos assassinos de Porfírio... e destruímos.

Connor também não esqueceria. Achava que nenhum dos piratas que haviam saído ao mar naquela noite jamais poderia esquecer.

— Eu contei a eles — disse Molucco. — Contei como você, senhor Tormenta, teve o brilhante estratagema de lutar com fogo contra os bandidos. Como as chamas subiram até o próprio céu e levaram todos aqueles monstros para seu devido lugar no inferno.

Diante dessas palavras passionais, Connor pensou em Jez. Nesse minuto mesmo ele podia estar escondido no bote, mas, pelo que dissera antes, o inferno parecia uma descrição muito adequada de sua existência atual. Quanto a Sidório e aos outros vampiros — que as chamas *havam* consumido —, talvez agora estivessem mesmo no próprio inferno. Para a mente de Connor, tudo que importava era que eles tinham ido embora e jamais voltariam. Era um milagre Jez ter sobrevivido, mas talvez sua bondade o tivesse salvado, de algum modo. Connor pensou mais um pouco. Jez precisava estar em algum lugar do qual fizesse parte, entre gente sua. Se eles pudessem levá-lo ao navio Vampirata e buscassem a ajuda do capitão, talvez o sofrimento dele chegasse ao fim.

Molucco franziu a testa e interrompeu os pensamentos de Connor.

— Mas Barbarro e Trofie não estavam lá, e não entendem. Querem saber por que Porfírio foi morto e quem eram os vilões que o trucidaram e a sua tripulação. Eu disse que jamais poderemos ter esperanças de entender completamente por que, ou quem eram. Que, mesmo que entendéssemos, isso não traria Porfírio de volta. Nada poderia, a não ser as boas lembranças que temos dele.

— O senhor está certo — disse Connor.

Os outros se viraram para ele, talvez surpresos com a intensidade em sua voz.

— Quero dizer que a batalha terminou. Não restam inimigos contra quem lutar.

Molucco assentiu, depois encarou Connor.

— Mas há outros Vampiratas, não há? Sua irmã está com eles agora.

Connor assentiu.

— É. Mas eles não foram responsáveis pelo que aconteceu. Não se pode condenar todo um grupo de pessoas por causa das ações de umas poucas.

— Não sei — disse Molucco. — Pelo modo como Barbarro falava, acho que ele adoraria caçar todos os Vampiratas e trucidar cada um deles.

Bart estremeceu.

— Eu não diria que ele tem muitas chances. Principalmente depois do que vimos naquela noite.

— Além disso — acrescentou Connor, instigado por pensamentos em Grace —,

não seria justo. Seria como matar cada pirata por causa... por causa de como sofreremos nas mãos de Narcisos Drakoulis.

Molucco encarou Connor e sustentou o olhar.

— Você está certo, garoto. Não queremos nos meter com os Vampíratas de novo. Se ao menos eu conseguir fazer com que Barbarro veja as coisas do nosso modo! Mas ele é teimoso como uma mula. E há a mulher dele...

— O que eles precisam — disse Connor, talvez encorajado pelo rum — é de uma distração.

— Uma distração? — perguntou Molucco, com os olhos subitamente brilhando.

— Connor tem razão — disse Bart. — Temos de pensar em alguma coisa que possa afastar a mente deles para o mais longe possível de morte e vingança.

— Isso faria bem a *todos* nós — assentiu Molucco. — Mas o que seria?

Todos pensaram por um momento, cada um tomando seu gole de rum. Connor se encolheu enquanto engolia. Depois teve uma ideia.

— Um ataque! — exclamou.

— Isso! — Bart lhe deu um tapa nas costas. — Um bom e velho ataque pirata!

— Não. — Molucco estava tão empolgado quanto os outros. — Não, rapazes, não somente mais um ataque pirata. A mãe de todos os ataques. É! Você me deu uma ideia. — Ele parecia a ponto de explodir de empolgação. — Depressa Bartholomew, encha meu copo e não seja pão-duro. Sinto uma ideia chegando...



CAPÍTULO 13

Os intermediários

Será que isso fazia parte do sonho? De muitos modos parecia mais irreal do que o que havia acontecido antes, mas, olhando nos olhos selvagens de Shanti, Grace soube imediatamente que era real. Shanti nunca havia gostado dela, e agora, por algum motivo não explicado, estava tentando matá-la.

Enquanto as mãos de Shanti apertavam sua garganta, Grace sentiu a consciência se esvaír. Vou morrer, pensou. Vou morrer aqui, neste quartinho. Ficou triste. Parecia um modo muito prematuro de deixar a vida. Depois de tudo que havia passado — com tudo que imaginava existir adiante —, era horrível morrer nas mãos de uma doadora louca sem qualquer motivo compreensível.

Quería gritar, mas as mãos de Shanti apertavam sua garganta com muita força, deixando as cordas vocais sem ação. Só mais um instante e tudo acabaria. De algum modo precisava fazer algum som. Começou a bater com os pés no chão. Seus pés ainda estavam descalços e não fizeram tanto barulho quanto ela gostaria. Seria o bastante? Balançou os pés de um lado para outro, esperando fazer contato com alguma coisa, qualquer coisa. De preferência alguma coisa grande e quebrável. Mas não havia nada. Sentindo que as chances iam se esvaindo, continuou a bater com os pés nas tábuas do piso, sem sentir dor, só um entorpecimento crescente.

De repente a porta foi aberta com um estrondo. Shanti estava voando para longe dela. Grace percebeu que dois pares de mãos haviam agarrado a doadora maníaca. Demorou um instante até ela perceber que Shanti havia soltado seu pescoço. Ele continuava parecendo muito comprimido. Soltou o ar. Havia chegado perto da morte. Só agora se permitiu tremer. Só agora sentiu a dor por ter batido tanto os pés no chão. Mas havia dado certo. Havia dado certo!

— Eu sabia que isso era um erro — disse Olivier, segurando as mãos de Shanti às costas dela.

— Me solta! — rosnou Shanti, com a cabeça girando, os dentes rangendo. — Me

solta ou eu mato você também!

— Você não vai matar ninguém, dona — disse Olivier. — Aqui, Dani, segure-a enquanto eu vou ver como Grace está.

A companheira de Olivier foi até Shanti e passou um par de algemas por seus pulsos finos. Ela continuava avançando contra Grace e uivando como uma fera selvagem.

— Você está bem? — perguntou Olivier, tocando de leve o pescoço de Grace.

— Ah! Isso dói.

— Desculpe. Seu pescoço está um pouco ferido. Ela realmente pegou pesado.

— É. — Grace assentiu, e o movimento foi doloroso. — Mas por quê? Não entendo. O que deu nela?

Os dois olharam para Shanti, que, mesmo presa por Dani, ainda fumegava e murmurava os piores palavrões.

— É muito simples — disse Olivier, indo até ela. — Veja só, sua amiga pegou uma coisa que não lhe pertencia. — Com isso, ele levou as mãos ao cabelo de Shanti e soltou a fita que ela havia amarrado ali. Imediatamente Shanti se acalmou. A fúria desapareceu de seus olhos, os membros interromperam os movimentos loucos e sua voz baixou até o silêncio. Ela ficou parada, frouxa como uma marionete cujas cordas tivessem sido cortadas.

Olivier pegou a fita e enrolou no pulso.

— Pronto. Agora está tudo calmo.

Grace ficou perplexa.

— Foi a fita? *A fita* fez isso com ela?

Olivier assentiu.

— Como eu disse antes, isso não pertence a ela.

Grace sentou-se.

— Então Shanti não quis me fazer mal? Foi a fita? Não: foi a *pessoa* a quem a fita pertence?

— Não estou aqui para responder às suas perguntas — disse Olivier. — Só para garantir que não aconteça confusão alguma de novo. — Ele assentiu para Dani. — Leve a doadora para os alojamentos dos doadores.

— Não! — protestou Grace, mas Olivier lançou para Dani um olhar que não deixou dúvida sobre quem deveria ser obedecido. Dani guiou Shanti para fora. A doadora seguiu obediente, com toda a força parecendo ter sumido do corpo.

— Talvez você entenda agora, Grace Tormenta, que há forças poderosas aqui no Santuário. Você faria bem em ouvir quem sabe das coisas e não presumir que pode jogar contra as regras.

Grace sentiu que a bronca era merecida, mas ficou indignada com os modos de Olivier. Será que ele se sentia ameaçado por ela? Seria por isso que precisava enfatizar que seu conhecimento era maior?

— Obrigada — disse ela. — Você salvou minha vida.

— É — respondeu Olivier com um sorriso. — É, acho que salvei.

— E agora?

— Agora, se você quiser, venha tomar o café da manhã comigo. Vou esperar lá fora enquanto você se veste.

— Café da manhã? — perguntou Grace. — Mas eu tenho certeza que os vampiros

não tomam café, não é?

— Não. Mas como nem você nem eu, pelo que eu saiba, somos vampiros, poderemos nos servir de um pouco de comida.

— Você não é vampiro?

— Se você continuar com todas essas perguntas, nunca sairemos do lugar. — Ele suspirou. — Não, não sou vampiro. Trabalho para Mosh Zu. Não sou doador, também, antes que você pergunte. Sou como você. Um intermediário, digamos assim, na falta de uma palavra melhor.

— Um intermediário — repetiu Grace. Não era o título mais nobre do mundo.

— Exato. Agora vou esperar lá fora enquanto você se arruma. Mas seja rápida. Salvar donzelas em perigo sempre me dá um tremendo apetite.

— Mas então, há quanto tempo você está aqui? — perguntou Grace, enquanto ela e Olivier se sentavam para comer.

— Perguntas, perguntas. Temos uma regra aqui no Santuário. Nada de perguntas.

— Mas como a gente aprende alguma coisa?

— Lá vai você de novo. Para você, tudo é uma pergunta. Ah, não é que eu não seja tão curioso quanto você, acredite. Sinto fome de conhecimento. Mas aprendi, no tempo que passei com Mosh Zu, que é melhor deixar as pessoas se abrirem em seu próprio tempo. Desse modo você fica sabendo de tudo que quer, e mais ainda.

— Mas e se as pessoas não *quiserem* se abrir com a gente?

Olivier sorriu e pegou uma laranja numa tigela à frente dos dois. Habilmente passou os dedos pela superfície da fruta e arrancou a casca.

— É uma questão de pegar o jeito de penetrar abaixo da pele.

— Mas você não... — começou Grace.

— Isso está parecendo o início de mais uma pergunta — disse Olivier enquanto dividia os gomos da fruta.

Grace suspirou e balançou a cabeça, pegando uma ameixa de seu prato.

Comeram o restante da refeição em silêncio. Eram só os dois no cômodo e Grace queria perguntar se havia outros “intermediários” ali, ou se eram apenas os dois. Mas percebeu que teria de guardar a pergunta e esperar a informação para quando fosse a hora certa.

— Você terminou — disse Olivier.

— Rál — reagiu Grace. — Isso foi uma pergunta.

Olivier balançou a cabeça.

— Não foi uma pergunta, e sim uma observação. Parece que você comeu tudo que estava no seu prato. E eu também. Terminamos o café da manhã, e agora vou levá-la a Mosh Zu.

— Mosh Zu pediu para me ver.

Olivier lançou-lhe um olhar frustrado.

Grace balançou a cabeça.

— Não foi uma pergunta. Só uma observação. Qualquer pessoa acharia que você não sabe que os australianos costumam falar como se estivessem fazendo perguntas, porque o tom de nossa voz sobe no fim das frases. Isso se chama Término Ascendente, para o caso de você não saber. Aí está, só lhe dei uma informação que você não pediu.

Acho que estou pegando o jeito.

Oliver balançou a cabeça.

— Vejo que você vai ser uma companhia bastante desafiadora.

— Desculpe.

— Não se desculpe. — Um risinho brincou nos lábios de Olivier. — Gosto de desafios.

Nesse momento houve uma batida na porta. Dani entrou.

— Desculpe interromper a refeição de vocês — disse ela —, mas o capitão está se preparando para partir. — Dani olhou para Grace. — Ele gostaria de vê-la antes de ir.

Grace ficou de pé, surpresa.

— Sim, claro. — Não esperava que o capitão fosse partir tão cedo. Será que ele tivera tempo de conversar sobre todas as coisas pelas quais queria consultar Mosh Zu? Ou haveria outro motivo para ele voltar correndo para o *Noturno*?



CAPÍTULO 14

O Tífon

A plataforma central da *Três Desejos* havia sido baixada para permitir que o capitão Wrathe e seus companheiros passassem facilmente do *Diablo* para o *Tífon*.

— O que, exatamente, é um tífon? — perguntou Connor enquanto passavam pela placa com o nome do navio.

— É uma criatura mitológica — respondeu Cate. — Um monstro de cem cabeças e com cem serpentes no lugar das pernas. Supostamente, criava tempestades terríveis.

— Maneiro! — disse Connor.

Ele se sentia meio desconfortável vestido com a camisa engomada, o paletó e a gravata emprestados por Molucco. Bart parecia ter problemas semelhantes, mas talvez fosse menos por causa da goma na camisa e mais porque a casaca de veludo, ainda que elegante, era um tanto pequena para seus ombros largos. Ele se remexia enquanto andava.

— Nós precisamos mesmo usar esses trajes?

— Acho que vocês dois estão nos trinquês — disse Cate com um sorriso.

— Está zombando da gente? — perguntou Bart.

— Claro que não — respondeu ela, a própria imagem da inocência. — É bom ver você barbeado, para variar, e cheirando a limão, em vez de suor.

Connor se divertiu vendo Bart ficar vermelho. Notou que, mesmo que Cate tivesse se recusado a “se vestir de acordo”, como Trofie havia requisitado, ela havia lavado o cabelo e amarrado um lenço limpo na cabeça. Agora Cate assentiu para Connor.

— Mantenha seca essa caixa de mapas — ordenou ela.

— Sim, senhora! — respondeu Connor, prestando continência de brincadeira com a mão livre.

— Não seja insolente, Tormenta. — Cate sorriu indulgentemente.

Do outro lado da *Três Desejos*, atravessando o convés do *Tífon*, havia um tapete vermelho de verdade. E, esperando nele, com o braço estendido, um mordomo com roupas formais.

— Boa noite, capitão Wrathe — disse o serviçal grisalho com uma reverência discreta. — Bem-vindo a bordo do Tífon.

— Obrigado — respondeu Molucco, passando por ele e seguindo pelo tapete. — Bom, devo dizer que meu irmão e sua esposa têm um estilo emperiquitado. Qualquer um pensaria que este é um navio de cruzeiro, e não uma embarcação pirata! Daqui a pouco vamos jogar serpentinas por cima da amurada!

Connor riu enquanto ele e Bart seguiam Cate e o capitão Wrathe pelo tapete vermelho. Olhando para cima, viu que Barbarro e Trofie estavam esperando-os no fim do convés, parados lado a lado no tapete vermelho como gente da realeza — realeza pirata. Ambos vestiam, como seria de se esperar, roupas raras. Barbarro usava smoking e calça com uma faixa azul brilhante e uma medalha dourada atravessando o Peito. Ao seu lado, Trofie parecia um cisne, reluzindo num vestido justo feito de material diáfano, que brilhava à luz da Lua e das lanternas postas no convés. Usava um colar parecido com uma teia de aranha, com rubis em cada ponto de conexão. Connor nem podia imaginar quanto aquilo valeria.

— Boa noite — cumprimentou Molucco, sorrindo e apertando calorosamente a mão do irmão. Escaramuça e Scrimshaw se projetaram para cumprimentar um ao outro. Quando seu cumprimento de cobras havia terminado, Molucco aproximou-se de Trofie para dar-lhe dois beijinhos no rosto.

— Boa noite, Molucco — disse ela, olhando para os outros por cima do ombro dele. — E que bom que todos fizeram esse belo esforço. Tenho certeza de que não é frequente vocês se vestirem de modo especial para jantar.

— Há... não — respondeu Connor, ainda incomodado com o colarinho. As refeições a bordo do *Diablo* geralmente eram um negócio bastante barulhento e rápido. Se você fizesse questão de tomar banho antes de sentar-se à mesa, geralmente se tornava objeto de muitas piadas e zombaria.

— Bem-vindos, todos — disse Barbarro, alegre.

Trofie estalou os dedos e o mordomo circulou entre os convidados com uma bandeja cheia de taças altas.

— Champanhe, senhor? — perguntou o mordomo, oferecendo a bandeja a Connor. Connor estendeu a mão para a taça.

— Não enquanto ele estiver de serviço — disse Cate, devolvendo a taça.

— Ora, ora — interveio Molucco. — Algumas bolhazinhas não farão mal ao garoto, não é?

— Tem toda razão — disse Barbarro. — Luar adora essa bebida!

Cate balançou a cabeça enquanto Connor, dividido entre o capitão e sua vice, segurava a taça.

Barbarro se virou para Trofie.

— Aliás, onde está o nosso Luar?

— Na cabine dele, imagino.

— Eu disse para ele estar aqui na hora!

— Não seja tão rabugento, *min elskeling*. Você conhece o Luar. Ele está sempre ocupado com alguma coisa...

— Mas provavelmente está ocupado fazendo nada — reagiu Barbarro.

Trofie conseguiu manter o sorriso no rosto ao mesmo tempo em que repreendia o marido.

— Não na frente dos convidados, querido. Famílias felizes esta noite. Lembra?

— Sashimi de baiacu, senhor? — O mordomo reapareceu diante de Connor, estendendo um grande prato de ouro com minúsculas fatias de peixe cru arrumadas como pétalas de flor. No centro do prato havia uma pilha brilhante de pele de peixe e uma pequena lima. Connor olhou para o arranjo, pensando que aquilo se encaixaria bem em uma galeria de arte. Mas comer, aí era outra história.

— Baiacu não é venenoso? — perguntou.

Trofie gargalhou.

— Está com medo de que tentemos envenená-lo, *min elskeling*? Se quiséssemos fazer isso, acho que seríamos mais sutis, não?

— Vá em frente, garoto — disse Barbarro. — É uma iguaria rara. — Ao lado dele, Molucco assentiu, encorajando-o.

Connor pegou um par de *hushis* de ouro e levou uma pequena fatia de peixe à boca. Ela pinicou na língua. A princípio ele imaginou se não era venenoso, afinal de contas. Então percebeu que era apenas o sabor raro do peixe e seu molho feroz de lima, chalotas e rabanete.

Trofie sorriu.

— Oras! Ainda não morreu — disse ela. — Teremos de nos esforçar mais da próxima vez, não é? — E lhe deu uma piscadela marota, mas Connor se pegou tremendo. Ainda não sabia se ela estava rindo com ele ou dele.

Trinta minutos depois, após uma segunda taça de champanhe e mais uma ou duas peças de sashimi, Connor se pegou relaxado e adorando a sensação de bem-estar que irradiava a bordo do Tífon. Era claro que Barbarro e Trofie viviam bem e, apesar das relutâncias iniciais de Connor, eles estavam se mostrando anfitriões calorosos e generosos.

Por fim Luar apareceu no convés. Connor notou que, quando ele fez isso, os dois pais se grudaram ao garoto como uma casca de marisco — Trofie para ajeitar sua gravata borboleta e Barbarro para perguntar (não muito baixinho) o que, exatamente, o impedira de aparecer meia hora antes. Connor não escutou a resposta de Luar, já que atrás dele um gongo foi tocado e o mordomo anunciou:

— Capitães, senhoras e senhores, o jantar está servido.

Barbarro se virou e chamou os outros para acompanhá-los e descer abaixo do convés.

— Maravilhoso — disse Molucco enquanto andava. — Aquelas fatias de peixe me deram apetite para comida de verdade. — Connor riu. Era possível levar Molucco para fora do *Diablo*... mas ele sempre atuaria segundo suas regras.

— Diga olá ao tio Molucco — mandou Trofie, de novo empurrando Luar para cima do tio.

— É, é... — disse Luar, aparentemente mais preocupado em colocar o cabelo comprido por cima dos olhos.

— E estes são Cate e Bart, e você se lembra do Connor, não é, querido?

Diante disso Luar levantou o rosto e, com um movimento de cabeça, fez o cabelo sair de cima do rosto. Encarou Connor com os olhos selvagens e injetados.

— Ah, sim, eu me lembro do Connor. E aí?

Luar estendeu a mão e Connor supôs que ele queria cumprimentá-lo. Ao fazer isso sentiu uma dor lancinante na palma. O que...?

Quando Luar afastou a mão, Connor viu que sua carne estava sangrando.

Connor se encolheu e olhou para Luar, depois olhou ao redor para ver se algum de seus colegas tinha visto o que acontecera. Mas, com toda a atração do jantar, subitamente ele e o outro rapaz estavam sozinhos no convés.

— Ops — disse Luar. — Desculpe. Isso deve ter escorregado da minha manga. — Ele pegou um *shuriken* em forma de estrela, uma arma serrilhada e circular, de lançamento. Agora uma das pontas estava molhada com o sangue de Connor.

— Por que você fez isso? — perguntou Connor, praticamente incapaz de esconder a raiva e a confusão.

— Achei que poderia ajudar a refrescar sua memória.

— Minha memória? Do que você está falando?

— Não finja ser mais burro do que é — zombou Luar.

— Estou falando da *Calle del Marinero*. Isso faz você lembrar alguma coisa, idiota?

Calle del Marinero. *Rua dos marinheiros* ou *Via do pecado*, dependendo de quem falasse com você. Era onde Connor fora com Bart e Jez numa licença em terra, cerca de um mês depois de entrarem para o *Diablo*. Hoje em dia Bart e Connor se referiam ao passeio como seu fim de semana perdido. De fato, aquilo virou uma lenda a bordo do *Diablo*. Os autoproclamados Três Bucaneiros haviam saído do navio numa noite de sexta-feira. E na noite do domingo, os três jovens piratas não conseguiam lembrar de nada do que acontecera nas 48 horas anteriores. Mais estranhamente ainda, eles foram descobertos vestindo apenas roupa de baixo e, misteriosamente, com tatuagens iguais. Dois meses depois Connor e Bart ainda sofriam zombarias por causa disso. No entanto, continuavam sem se lembrar de nada. Mas parecia que Luar sabia algo mais do que eles.

— Você esteve lá? — perguntou Connor. — Nós nos conhecemos lá?

Luar fungou enojado e estourou uma espinha na lateral do nariz.

— Dá um tempo, hein, Connor. Você sabe exatamente o que aconteceu na *Calle del Marinero*. Depois disso confiscaram meus guarda-costas, graças a você e seus colegas. Papai achou que eu estava lhe dando má fama. Bom, vou mostrar a ele... e a você. Espere a vingança em breve.

Vingança? Um *shuriken* na mão não era vingança suficiente? O que mais Luar havia planejado para ele?

— Ora, não é ótimo? — A voz de Trofie foi rapidamente seguida por seu rosto, reaparecendo na porta. — Os dois rapazes estão ficando amigos?

— Estamos, mãe — disse Luar, a voz doce como um melão maduro demais. — Mas o Connor teve um pequeno acidente. — E apontou para a ferida na mão de Connor.

— Ah, não! — disse Trofie, indo examinar o ferimento. — Você está sangrando!

— Vou ficar bem — respondeu Connor. — Foi só um corte superficial.

— Venha comigo, vou pegar o unguento de ouriço-do-mar. Pode arder um pouquinho, mas vai estancar o sangramento. Como foi que você fez isso? Ah, nem me conte — disse ela rindo. — Garotos são sempre garotos!

E os levou pela porta até um corredor acarpetado, com um lustre gigantesco.

Connor se virou para Luar com uma expressão de ódio puro.

— Vá andando, mutante — disse Luar, dando-lhe um empurrão. — Não quero me atrasar para a comilança.



CAPÍTULO 15

Partida

— Ah, Grace — disse o capitão. Ele e Mosh Zu estavam parados juntos no corredor. Ambos se viraram quando ela e Olivier se aproximaram. — Vou retornar ao *Noturno*. Mas, claro, queria me despedir pessoalmente.

Grace sorriu para ele, mas sentiu-se nervosa de repente. Não esperava que ele fosse embora tão cedo. Parte dela ansiava por ir junto. Claro, de jeito nenhum deixaria Lorcan, mas o *Noturno* havia se tornado seu novo lar. Estava intrigada com o Santuário, mas aquele ainda não era um lugar onde se sentia confortável. Ainda não. E estava impressionada com Mosh Zu, mas ele não era o capitão. Nunca poderia ocupar o lugar do capitão.

— Tudo bem — disse ele, com um sorriso parecendo se formar na trama da máscara. Em seguida pôs a mão no ombro dela, num gesto tranquilizador. — Vou deixá-la em boa companhia. Gostaria de ficar mais, porém devo retornar ao navio.

Grace confirmou com a cabeça. Entendia. Claro que sim. Lembrou-se das palavras de Darcy: “É muito raro o capitão deixar o navio. Correr esse risco mostra o quanto ele gosta do tenente *Femy*.”

— E você pode ficar tranquilo — disse Mosh Zu ao capitão. — Vamos cuidar muito bem de Grace e Lorcan.

— Gostaria que eu o guiasse montanha abaixo? — perguntou Olivier. — Posso pegar uma mula, se o senhor quiser.

O capitão balançou a cabeça.

— Você é muito gentil, Olivier, mas eu sempre gosto da caminhada. Além disso, como sempre, Mosh Zu me deu muita coisa em que pensar.

Mosh Zu sorriu, modesto.

— Bom... — começou o capitão.

Nesse momento ouviram passos e um grito. Todos olharam para o fim do corredor e viram Shanti correndo na direção deles a toda velocidade. Mal conseguiu

parar antes de provocar um engavetamento no corredor.

— Shanti! — disse o capitão. — Que bom vê-la. Estou agora mesmo partindo para retornar ao navio.

— Me leve junto! — gritou ela.

— Mas Shanti... — começou o capitão.

— Me leve junto! Por favor, o senhor precisa me levar! Eu odeio isso aqui! É um lugar horrível! — A cada frase, sua voz ficava mais aguda.

— Por favor — disse Mosh Zu. — Tente se acalmar. Diga o que há de errado...

— Não diga para eu me acalmar! — berrou ela. — Horrores! Horrores demais! Odeio aquele bloco dos doadores! Não vou ficar aqui! Não vou!

O capitão aproximou-se dela.

— Shanti, sinto muito se alguma coisa incomodou você, mas tenho certeza de que você vai querer ficar aqui, com o Lorcan.

— Não vou ficar aqui nem mais um minuto — reagiu ela histericamente. — Não vou!

— Mas Lorcan precisa de você — disse Grace. — Sei que você está com medo, mas precisa enfrentar esses medos. Por Lorcan.

— Por quê? — Shanti se virou para Grace, a voz agora tão cheia de raiva quanto de medo. — Por que devo sofrer tanto por Lorcan? Nós não precisávamos vir aqui. Estávamos bem naquele navio. Até você aparecer. É sua culpa estarmos aqui. Por sua causa ele saiu à luz. Foi aí que todos os problemas dele começaram. Na verdade, não: começaram quando você chegou ao navio!

— Shanti! — disse o capitão. — Não precisa ser tão agressiva com Grace.

— Não tem problema — reagiu Grace. — Ela já tentou me matar hoje cedo. Posso aguentar alguns insultos.

As duas pararam frente a frente, Grace agora com tanta raiva quanto Shanti.

— Você é tão egoísta — disse ela. — Só estamos pedindo que fique aqui e nos ajude a convencer Lorcan a tomar sangue de novo...

— Não é simplesmente sangue — respondeu Shanti. — É o meu sangue! O meu sangue, ouviu? Como você ousa querer se envolver com isso? Se realmente gostasse de Lorcan, você lhe daria o seu sangue. Mas não! Em vez disso, banca a superior, como se fosse alguma coisa especial. — Agora ela estava entrando em seu assunto predileto. — E o pior é que eles *acreditam* em você. Eles ouvem *voce*... Acham que você é especial. Mas eu não significo nada, nada mesmo. — Então ela irrompeu em soluços.

De novo o capitão aproximou-se.

— Shanti, você significa muito. Você é vital para a recuperação de Lorcan.

Shanti balançou a cabeça.

— Sinto muito — disse. — Não desejo mal a ele, mas não posso ficar aqui. Vocês pediram muito de mim. Mas isso é demais. Demais, estou dizendo. Me leve com você, capitão. Por favor, me leve!

Com isso ela se jogou sobre o capitão e, agarrando-se a ele, irrompeu em soluços altos que faziam seu pequeno corpo vibrar. Grace não sabia se já vira alguém tão perturbado.

O capitão olhou para Mosh Zu.

— Acho melhor levá-la de volta para o navio.

— Você sabe as implicações disso — respondeu Mosh Zu.

O capitão assentiu.

— Vou arranjar um modo de corrigir.

Mosh Zu franziu a testa e balançou a cabeça.

— O que eu lhe disse antes? Você assume responsabilidades demais.

— Realmente não vejo alternativa — disse o capitão.

— Então vai me levar? — perguntou Shanti, com os olhos brilhando. — Você vai me levar?

— Vou, minha criança. — O capitão assentiu. — Agora pegue suas coisas. Temos de ir.

— Não me importo com minhas coisas — disse Shanti. — Vamos embora logo!

— Certo — respondeu o capitão, como se consolasse uma criança pequena. — Certo. Vamos agora. — Ele olhou para os outros. — Olivier, poderia abrir o portão para nós?

Olivier assentiu. Começou a andar rapidamente pelo corredor. O capitão e Shanti foram atrás.

Grace não podia acreditar no que tinha ouvido. Podia entender os temores de Shanti, mas como ela podia abandonar Lorcan desse modo? E como o capitão podia permitir isso?

— Sua cabeça está transbordando de perguntas — disse Mosh Zu.

— É. — Grace se virou para ele quando os outros haviam saído.

— Venha caminhar comigo, Grace. Deixe-me tentar respondê-las do melhor modo que eu puder.

— Como ela pôde abandonar Lorcan desse modo?

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Não é exatamente essa a sua dúvida. Você está preocupada com Lorcan. Está pensando: como ele vai sobreviver sem sua doadora?

— É. — Grace confirmou com a cabeça, era exatamente isso que estava pensando.

— Podemos cuidar disso. Por enquanto precisamos simplesmente fazer com que Lorcan volte a beber. Mas você está certa, no devido tempo teremos de arranjar outro doador para ele, pelo menos enquanto ele estiver aqui, mas decerto numa base mais permanente. — Ele se virou para Grace. — O relacionamento entre um vampiro e o doador é complexo. Não se pode trocá-los a cada cinco minutos.

Enquanto iam para a sala de meditação de Mosh Zu, Grace se lembrou de sua oferta ao capitão, de que ela se tornasse doadora de Lorcan. Não era uma oferta que ela fizera levemente, e na ocasião havia sentido alívio porque isso não fora necessário. Mas, agora, talvez fosse. Nesse caso, ela o faria. Faria qualquer coisa para ajudar Lorcan. Até isso.

Haviam chegado à sala de meditação. Mosh Zu abriu a Porta e indicou que a garota o acompanhasse.

— Por favor, sente-se — disse ele. — Gostaria de um pouco de chá para acalmar os nervos?

Grace balançou a cabeça.

— Não. Não, estou bem. — Depois ficou de pé em um pulo. — Eu faço isso. Vou me tornar a doadora de Lorcan. Farei qualquer coisa para ajudá-lo.

— É — assentiu Mosh Zu. — Eu acredito em você. — Em seguida sentou-se nas almofadas. — Grace, agradeço a oferta. Sei que é de coração. Sei que você entende as

implicações do que está oferecendo...

— Sim, entendo.

— Mas, Grace, acho que você tem muito mais para oferecer. Já disse antes, você tem talento para a cura. Caso se tornasse doadora de Lorcan, sua vida seria mais limitada.

Grace sorriu e balançou a cabeça.

— Como seria limitada? Eu seria imortal.

Mosh Zu assentiu.

— Sempre um passo à frente. É, você seria imortal, mas não confunda imortalidade com a ausência de limites. A coisa é muito mais complicada do que isso.

Mas Grace estava gostando do assunto.

— Lembro-me do que você disse. Você falou da imortalidade como um presente. Talvez o maior de todos, foi o que disse.

Os olhos afiados dele a examinaram.

— Para um vampiro, sim. Mas, para um doador, as coisas não são exatamente iguais.

— Como assim?

— O relacionamento entre um vampiro e um doador é interdependente. Você compreende isso, não é?

Ela assentiu e disse:

— Enquanto o vampiro tomar o sangue do doador, o doador não envelhece. Exato. E você viu o que acontece quando esse elo se rompe. Quer dizer, a rapidez com que Shanti está envelhecendo? Sim. O capitão estava errado. Teria sido muito melhor se ele não deixasse Shanti ir com ele.

— Mas você disse que Lorcan ficaria bem — disse Grace, começando a sentir pânico de novo.

— Lorcan *vai* ficar bem. Vamos encontrar um doador para ele. Mas temo que o futuro de Shanti seja menos claro...

De repente Grace viu o que ele queria dizer.

— Sem um vampiro se alimentando dela, Shanti vai continuar envelhecendo depressa. Até...

Mosh Zu assentiu. Saindo do Santuário, Shanti assinara a própria sentença de morte. E o capitão havia permitido que ela fizesse isso.

— Como ele pôde? — perguntou ela a Mosh Zu.

— Como sempre, o capitão estava agindo por motivos exemplares. Não queria ver Shanti tão perturbada. Nenhum de nós queria. E suspeito, também, que ele ache que a presença dela aqui pudesse causar mais tensão em Lorcan. Ele sabe que podemos arranjar outras fontes de sangue.

— Mas ainda não entendo por que ele deixou que ela fosse junto.

Mosh Zu ficou muito sério.

— O capitão sempre acha que pode salvá-los. Esse é o problema. Ele sempre acha que pode salvar todo mundo. Mas estou preocupado com ele, Grace. Tudo isso está cobrando dele um preço muito alto. As coisas estão mudando depressa no nosso mundo. Você viu as rebeliões. Isso é só o começo. Precisamos ser fortes. Precisamos nos preparar. Mas o capitão não enxerga isso. É cheio de bondade, mas dá muito de si. Justo quando ele precisa ficar mais forte, permite-se ficar mais fraco

Grace ficou perplexa ao ouvir isso. Sempre havia pensado no capitão como uma figura heróica, absolutamente sem falhas nem pontos fracos. Ouvi-lo ser descrito dessa forma tão vulnerável era desconcertante.

— Você não deve falar dessas coisas com os outros — disse Mosh Zu. — Nem mesmo com Lorcan ou Olivier. Nem com ninguém.

— Eu entendo.

— Estou falando com você de curador para curador. Você e eu temos muito em comum.

Grace ficou pasma e sentiu-se ficar totalmente modesta.

— Mas eu tenho tanto a aprender!

— Todos temos. E é melhor aprendermos depressa.



CAPÍTULO 16

O imperador

— Nós viemos propor um ataque — disse Molucco.

Imediatamente Barbarro ficou alerta, cheio de interesse. Fisgando com o garfo seu resto de bife, *foie-gnus* e caviar, perguntou simplesmente:

— Um ataque?

— Sua tripulação e a minha — continuou Molucco. — O *Tifon* e o *Diablo*. Trabalhando juntos, como nos velhos tempos.

Connor notou que Trofie havia pousado seus talheres e estava escutando com atenção, o rosto pousando suavemente nas mãos cruzadas.

— Você tem um navio específico em mente? — perguntou ela.

Molucco sorriu.

— Não é um navio — disse. — Algo um pouquinho mais incomum. — Ele parou para tomar um gole de vinho.

— E então? — instigou Barbarro. — Ponha para fora, irmão. Isto é, o plano, não meu vinho envelhecido!

Completamente tranquilo, Molucco se virou para Cate e fez um sinal. Diante disso, ela abriu a caixa que Connor havia carregado e começou a desenrolar um grande mapa. Connor e Bart se levantaram e seguraram os cantos do papel.

— O Forte do Pôr do Sol — anunciou Cate. — Local: Rajastão, Índia. — Com a ponta de seu florete, ela bateu de leve no mapa, para marcar a posição.

Luar bocejou. Ainda estava devorando um monte de pizza e asas de frango que havia pedido em vez do que os outros haviam comido.

Trofie deu um sorriso doce para Cate.

— Obrigada pela aula de geografia, *min elskling*, mas acho que todos conhecemos o Forte do Pôr do Sol.

— Excelente — assentiu Cate, sem se abalar. — Então devem saber que foi construído na década de 1640 pelo príncipe Yashodhan, para sua esposa Savarna.

— Que tédio! — murmurou Luar. E depois: — Ai! — como-se alguém talvez o

tivesse chutado por baixo da mesa. Com uma careta de desprezo estendeu a mão para outra asa de frango.

Trofie deu outro sorriso doce para Cate.

— Na verdade — disse Trofie —, Yashodhan construiu dois palácios fortificados para Savarna. Um para olhar o nascer do sol, o outro para ver o pôr do sol.

Connor levantou a mão.

— Sim, Connor — disse Cate.

— Uma pergunta: por que dois palácios? Eles não podiam ter visto o sol nascer e se pôr no mesmo forte?

Trofie riu e balançou a cabeça.

— Imbecil — murmurou Luar, em volume suficiente para que apenas Connor escutasse.

Barbarro deu uma risada.

— Só um garoto, um garoto que ainda não conheceu o amor verdadeiro, faria essa pergunta. — Ele pôs a mão sobre os dedos dourados de Trofie. — Bom, eu construiria um palácio para cada hora do dia... não, para cada minuto, em homenagem à minha querida esposa.

Trofie riu de orelha a orelha.

— Não ponha idéias na minha cabeça, *min elskeling* — ela disse e, depois, deu um beijo na bochecha dele.

— Claro que o palácio tem um ocupante muito diferente hoje em dia — continuou Cate. A atenção de todos voltou para ela. — Há muito tempo o Forte do Pôr do Sol deixou de ser o lar de uma família. Durante séculos ficou abandonado e muitas das construções periféricas se arruinaram. Mas a estrutura central permaneceu em bom estado e hoje o forte tem um novo residente. Ele se denomina meramente Imperador.

— Imperador? — Barbarro ficou nitidamente interessado. — Imperador de onde? Cate balançou a cabeça.

— Ele não é imperador no sentido convencional. Não tem império, além do forte em si. Nem busca um. Não se interessa pelo poder propriamente dito. Nem se interessa por pessoas. É colecionador de tesouros. O mundo dele são seus tesouros. O príncipe Yashodhan encheu seu forte com tesouros para expressar os sentimentos pela adorável Savarna. Mas o Imperador só ama seus tesouros. Passou a vida angariando-os de todas as partes do mundo. É uma coleção extremamente rara e valiosa. Peças de artes que supostamente desapareceram na inundaçãõ foram parar lá. Antigamente eram expostas em museus, galerias de arte e casas de ricos. Agora estão escondidas do mundo no cofre do forte...

— Estou vendo aonde você quer chegar com isso — disse Barbarro. — Um ataque ao forte! Gosto da ideia!

Cate assentiu, ansiosa.

— Certo, certo; agora vocês estão com o mapa. Então, querem a boa notícia ou a má?

Barbarro ponderou um momento.

— Vamos encarar logo a má notícia.

Cate assentiu.

— Originalmente o Forte do Pôr do Sol foi construído, assim como seu palácio gêmeo, no topo de um morro alto. Mas quando aconteceu a inundaçãõ, há quatro

séculos, as águas subiram. Hoje o forte-palácio é rodeado de água por todos os lados. Antes havia uma subida árdua até sua base. Agora o forte está praticamente no nível do mar.

— Mais fácil ainda de ser alcançado por navio — disse Barbarro.

— Em termos gerais, sim — concordou Cate. — Mas não é uma viagem fácil. Os mares ao redor do forte são violentos e sujeitos a ondas desgarradas. Muitas outras tripulações de piratas tentaram alcançar o forte e quase todas se deram mal antes mesmo de chegar ao portão.

— Seriam preciso os navios mais fortes e os marinheiros mais talentosos para enfrentar aquelas águas — disse Molucco.

— Sábias palavras, irmão — reagiu Barbarro com os olhos em chamas. — Este é um trabalho para os Wrathe, sem dúvida.

Cate assentiu.

— O oceano foi a primeira parte da má notícia, porém há mais. O cofre do Forte do Pôr do Sol é um dos mais inacessíveis já construídos. Bom, o príncipe Yashodhan não queria que ninguém pegasse os tesouros que ele havia reunido para sua amada Savarna. A natureza inexpugnável do cofre é um dos motivos pelos quais o imperador escolheu o forte. E, claro, agora o cofre é protegido o tempo todo pela força de segurança de elite do imperador.

— Então podemos esperar uma luta colossal, não é? — perguntou Barbarro. — Não sei se é uma ideia tão boa. — Os outros se viraram, surpresos com sua mudança de ânimo. — Não fujo de uma boa luta, mas essa situação parece impossível. Mesmo que a gente consiga invadir a fortaleza e, por alguma habilidade ou sorte, vencer essa força de segurança, ainda teríamos de pegar os tesouros e sair de lá. — Ele franziu a testa. — A não ser que eu esteja deixando de perceber alguma coisa, não é?

Cate sorriu.

— O senhor pediu que eu guardasse para depois as boas notícias. Bom, aqui vão elas! Não teremos de invadir o forte nem lutar contra os seguranças. Na verdade, eles vão nos ajudar.

— Não entendo — disse Barbarro. — O Imperador está enfrentando uma rebelião?

— Por quanto tempo essa discussão empolgante vai continuar? — gemeu Luar, jogando o último osso de frango por cima do ombro. Imediatamente o mordomo se adiantou e retirou o item desagradável com a mão enluvada. Luar bocejou de novo. — E quando vamos ter sobremesa?

Connor olhou irritado para Luar. Adoraria lhe dar a sobremesa merecida.

— Fique quieto, Luar! — disse Barbarro rispidamente, também frustrado com as interrupções do filho. — Continue, Cate, estamos todos ouvindo.

— Com o último aumento no nível do mar, o Forte do Pôr do Sol deixou de ser um porto seguro para o imperador e seus tesouros. O próprio cofre corre perigo iminente de ser inundado. O imperador resistiu a tomar qualquer atitude pelo máximo de tempo que pôde. Ele adora o isolamento do forte. Mas agora está diante da possibilidade de uma única onda desgarrada apagar seu refúgio e tudo que ele adora.

— Então... — Trofie estalou os dedos. — Ele está de mudança!

— Exato — disse Cate rindo.

— E aposto que sei para onde ele vai — disse Trofie. — Para o Forte do Nascer

do Sol.

— Bingo! — assentiu Cate, com os olhos brilhando de empolgação. — Como vocês sabem, o Forte do Nascer do Sol foi construído em terreno um pouco mais elevado. O imperador e seus tesouros deveriam ficar em segurança lá, pelo menos pelo resto da vida dele.

— Ainda não entendo — disse Barbarro. — Onde nós nos encaixamos nisso?

— Não é óbvio, *min elskling*? — Trofie olhou para o marido. — Esse imperador precisa transportar seus bens do Forte do Pôr do Sol para o Forte do Nascer do Sol...

Barbarro continuava confuso, por isso Cate prosseguiu:

— Ele contratou uma empresa de segurança de alto nível para levar seus bens de A a B, ou do Pôr do Sol para o Nascer do Sol, se o senhor preferir. Está pagando uma nota preta para garantir a segurança dos tesouros.

— Sei — disse Barbarro sorrindo de novo. — *Nós* vamos interceptar a companhia de mudança enquanto ela viaja de um forte ao outro.

— Não exatamente — respondeu Cate.

Barbarro e Trofie a olharam com a mesma confusão.

Com uma tosse leve, Molucco se levantou para dar o golpe de misericórdia. Sorrindo de orelha a orelha, anunciou:

— Não vamos interceptar a companhia de mudança porque nós *somos* a companhia de mudança. — Virando-se para Connor e Bart, assentiu para eles. — Por favor, rapazes.

Os dois colocaram um baú de ônix na mesa. Molucco pegou uma pequena chave no bolso e enfiou na fechadura. Com um leve estalo, o baú se abriu e subitamente o aposento ficou cheio de luz. Dentro do baú havia um ninho de diamantes redondos, brilhantemente lapidados, que captavam a luz das velas e a refletia de cada face perfeita.

— Que diamantes *lindos!* — disse Trofie com a mão já estendida, como se o baú fosse um ímã, atraindo-a. Todo o seu braço tremeluzia em brilhos prateados à luz das pedras.

— Impressionantes, não são? — riu Molucco. — É o primeiro pagamento do imperador. Fomos contratados!

— O que você acha? — O capitão do *Tifon* se virou para sua subcapitã.

Trofie pensou por apenas um instante.

— O imperador não possui aquele crânio incrustado de diamantes? — perguntou. — Sempre sonhei em acrescentá-lo à minha coleção. — Ela fez uma pausa. — Estamos dentro!

Barbarro se virou de volta para Molucco.

— É um plano audaz, irmão. E estamos com você. — Ele estalou os dedos. — Transom, vamos abrir mais champanhe. Precisamos brindar ao sucesso deste empreendimento.

Houve grande empolgação no grupo enquanto todos começavam a falar uns com os outros.

— Só espero que dê mais certo do que o último plano de Cate — disse Luar. De algum modo sua voz atravessou o burburinho.

— Cala a boca, Luar — reagiu Barbarro com rispidez.

— O que foi? — perguntou Molucco.

— Eu só estava dizendo que espero que desta vez a estratégia de Cate seja melhor

do que quando vocês atacaram o *Albatroz*. Aquilo foi meio bagunçado, para dizer o mínimo.

Cate ficou totalmente vermelha. Molucco pareceu perplexo. Trofie franziu a testa. Barbarro estava incandescente de fúria.

— Vá para a sua cabine, Luar! — rugiu ele. — Agora!

Até o garoto pareceu meio pasmo com a fúria do pai. Sempre pronta a bancar a agente de relações públicas, Trofie sorriu.

— Boa ideia — disse. — Querido, por que não leva Connor para ver todas as suas coisas lindas?

— Que seja. — Luar deu de ombros, e saiu da sala de jantar batendo os pés.

Connor se virou para ir atrás dele. Ao fazer isso ouviu Trofie sibilar para o marido.

— Famílias felizes, lembra? Queremos que Molucco tenha apenas bons pensamentos sobre Luar. Afinal de contas, *min elskling*, ele é o herdeiro de *tudo*.

— Neste momento, eu preferiria que a fortuna de Molucco passasse para o garoto Tormenta — rosnou Barbarro.

— Não fale bobagem — sussurrou Trofie gelidamente. — Luar é o herdeiro por direito. Aquele garoto não é nada nosso.

Connor se perguntou se Trofie sabia que ele estava escutando. De repente ela pareceu se dar conta de sua presença e se virou, com o sorriso perfeito no lugar.

— Ainda está aí, *min elskling*? Ande logo. Luar está esperando por você, e nós, adultos, temos muitas questões importantes, de *família*, para discutir.



CAPÍTULO 17

As boas-vindas

— Oi! Sou eu. Grace. Posso entrar? — Ela empurrou a porta.

— Grace! — disse Lorcan, espreguiçando-se depois do sono demorado. Agora já havia escurecido. — Claro que pode entrar. — Ele sentou-se. — Como você está?

— Tudo bem — respondeu ela, esperando parecer convincente. A última coisa de que se sentiria capaz era contar a Lorcan sobre as cenas tensas que haviam precedido a partida do capitão... e de Shanti. — O que realmente importa é: como você está? — perguntou animada.

— Não muito mal. Dormi bem, de verdade. Muito melhor do que consigo lembrar. Talvez haja alguma coisa no ar aqui em cima!

— Falando em ar, que tal darmos uma saída mais tarde?

— Você acha que podemos? — perguntou Lorcan, surpreso.

— Isso aqui não é uma prisão. É um local de cura. Tenho certeza de que podemos ir lá fora tomar ar. Se você quiser.

— Talvez mais tarde.

Assentindo, Grace sentou-se na cama. Ao fazer isso percebeu que estava amassando um cartão.

— O que é isso? — perguntou ela, tirando o cartão e segurando-o. — Há um cartão aqui. Você sabia?

— Ah, sim. — Lorcan lembrou-se. — Olivier o deixou para mim antes. Disse que era uma espécie de mensagem de boas-vindas. Ofereceu-se para ler para mim, mas eu estava cansado demais. — Ele riu. — Além disso, achei que você poderia ler. Gosto mais da sua voz.

— Claro — disse Grace, sorrindo. Lorcan tinha um jeito de fazê-la sentir-se melhor. Todos os pensamentos a respeito de Shanti começaram a desaparecer. Ela pegou o cartão e começou a ler...

Bem-vinda, alma viajante. Bem-vinda ao Santuário.

Tudo que você acredita saber está prestes a mudar.

Você acha que é um ser limitado. Mas não é mais limitado do que o céu ou o oceano.

Você acha que só existe um caminho. Existem muitos.

Você acha que não pode mudar. Você pode.

Você acha que está cansado demais para continuar sua jornada. Você está prestes a recuperar a energia de que precisa. Nunca mais vai sentir-se cansado.

Você acha que os melhores tempos ficaram para trás. Os melhores tempos estão à sua frente como o mais belo dos jardins.

Você acha que sua existência é vazia. Vamos torná-lo capaz de preencher esse vazio.

Seu tempo de errante acabou. Pelo menos pode acabar. A escolha está dentro de você. O fato de ter vindo até aqui — uma jornada que não é fácil nem comum — me diz que você quer mudar.

Você ficará pasmo com as mudanças que poderá fazer aqui. Agora pode se sentir acorrentado a uma fome que jamais parece cessar, que apenas exige cada vez mais. Pode se sentir perdido num ciclo interminável de caça e fome. Esse ciclo produz uma névoa densa que o impede de ver o que há mais além. Você pode temer que não haja outro caminho. Há outro caminho. Vamos retirar a névoa e abrir seus olhos. Prepare-se para ver as coisas de modo muito diferente.

Há três estágios em seu tratamento aqui. Não há um período de tempo fixo para cada estágio ou para seu tratamento como um todo. Não há expectativas para cumprir. Fique o quanto quiser. Demore o quanto precisar. Não se preocupe se os outros passam depressa ou devagar pelas fases de tratamento. Permita-se progredir no ritmo certo para você.

O portão do Santuário jamais se fecha. Recebemos quem precisa vir. Do mesmo modo, você pode ir embora a qualquer momento. Quando as coisas ficarem difíceis — e elas vão ficar difíceis —, você pode sentir-se tentado a partir. Seu tratamento fará intensas exigências físicas, mentais e emocionais. Esses desafios podem parecer maiores do que qualquer um que você já enfrentou — na vida, na morte ou mais além. Saiba que você está à altura desses desafios. Lute. Você será mais forte assim.

Tenha certeza de que o tempo de sofrimento acabará.

Você pode sentir que está muito longe de ser humano. Não importa há quanto tempo tenha atravessado, lembre-se de que você já foi humano. Agarre-se ao melhor do que podemos chamar de traços humanos, ao mesmo tempo em que aprende a aceitar e a nutrir o restante do que você é.

Há grandeza em você. Aprenda a reconhecê-la.

Há paz em você. Aprenda a alimentá-la.

Há outro caminho. Você está para descobri-lo.

Muitos chegam aqui sentindo que receberam um fardo terrível para ser carregado. Vamos mostrar que você não recebeu um fardo, e sim um presente maravilhoso. Talvez seja o presente mais maravilhoso de todos. Esteja preparado para desembulhá-lo.

Mosh Zu Kamal

Grace sentiu-se bastante emocionada quando terminou de ler. Pousou com cuidado o cartão na mesinha de cabeceira de Lorcan.

— Bom, é muita coisa em que pensar — disse Lorcan.

— É. — Grace confirmou com a cabeça. Em seguida pegou a mão de Lorcan e segurou-a. — Este lugar é estranho, mas acho que você vai achar aqui a ajuda de que precisa. Mosh Zu parece um... *homem* extraordinário.

Lorcan assentiu.

— E tenho certeza — disse Grace — de que, se alguém pode ajudar a você, esse alguém é ele.



CAPÍTULO 18

O covil de Luar

— Minha cabine fica no fundo do navio — disse Luar, enquanto voltava pelo corredor em direção à escada principal, que mergulhava pelo centro do *Tifon*. — Geralmente as cabines VIP ficam no convés superior, mas eu queria uma nas profundezas. E sempre consigo o que quero.

Então ele subiu no corrimão e soltou-se, escorregando em círculos cada vez mais para baixo. Connor ficou olhando. Com suas roupas escuras, Luar parecia uma bruxa voando. Connor também subiu no corrimão, decidindo segui-lo. A corrida foi breve, mas empolgante. Quando pulou no piso inferior, viu que Luar já ia avançando na direção de uma porta muito bem trancada, com tantos cadeados pendurados que pareciam enfeites de árvore de natal. As mãos pálidas de Luar começaram a girar as combinações e abrir as trancas.

— Meus pais prezam muito a segurança — disse Luar. — Além disso, eu realmente valorizo minha privacidade.

Olhando o monte de cadeados abertos caídos no chão ao lado de Luar, Connor não pôde deixar de pensar que aquilo era meio exagerado. Mas talvez, só talvez, fosse justificado — se fossem verdadeiros os boatos de que Trofie fora sequestrada. Imaginou se ousaria perguntar a Luar sobre a verdade daquilo — sobre a mão metálica da mãe. Talvez por enquanto não.

Por fim a porta se abriu e um coquetel inebriante de incenso, odor corporal e algo animal atingiu as narinas de Connor.

— Bem-vindo ao Inferno! — anunciou Luar, sorrindo, enquanto entrava em seu quarto. Depois continuou, sem ao menos olhar para Connor: — E só para ficar claro, o fato de eu estar deixando você entrar aqui não significa que sejamos amigos nem nada idiota desse tipo. Certo?

— Por mim, tudo bem.

O quarto de Luar era amplo — pelo menos tão grande quanto a cabine de Molucco no *Diablo*. Era um aposento digno de um príncipe, e Connor supôs que Luar era isso, um príncipe pirata. Essa ideia, mesmo sem o cheiro abominável do aposento, bastou

para deixá-lo ligeiramente enjoado.

As paredes da cabine de Luar eram pintadas de preto. Uma grande cama de ferro, com colunas, ficava no meio do quarto. No mesmo lugar onde, numa cama comum, poderia haver cortinas penduradas, nesta pendiam correntes de metal. Enquanto o navio se movimentava, elas faziam barulho. O som bastaria para provocar dor de cabeça, mesmo sem a música *trush-náutica*, especialmente tocada tão alta. A canção — se é que poderia ser chamada assim — parecia um tanto familiar. Mas afinal de contas, pensou ele, todas as músicas *trush-náuticas* pareciam iguais.

Depois de escolher a música, Luar foi até uma enorme máquina de pinball do outro lado da cabine.

— Pinball Pirata — disse por cima do ombro, explicando. — Meu pai mandou fazer para mim. É único.

Connor deu de ombros. Ouvindo Luar falando e vendo os botins em seu covil enorme, teve a sensação de um moleque mimado que nunca tinha ouvido um “não”; que sempre ganhava tudo que queria.

Uma parede inteira da cabine era coberta de estantes cheias de coisas. Uma delas era lar de vários navios em miniatura. Enquanto Luar se perdia no Pinball Pirata, Connor chegou perto da estante para olhar melhor os modelos. Tinham detalhes impressionantes e eram muito bem pintados. Connor imaginou um Luar mais novo, mais gentil, trabalhando naqueles navios até tarde da noite. Viu o que parecia ser uma réplica do *Tifon*. Ao lado havia outro navio ligeiramente maior. Viu o nome pintado em minúsculas letras vermelhas na lateral. *Diablo*. Connor estendeu a mão para ele...

Luar se virou de repente.

— Não toque... em *nada!* — gritou, dando as costas para o pinball e se aproximando irritado.

Franzindo a testa, Connor recolocou o modelo de navio de volta na prateleira.

— Desculpe — disse. — Mas isso é realmente bom. Quanto tempo você demorou para fazer?

Luar sorriu, e foi como se nuvens de tempestade se abrissem de repente para revelar o sol.

— Ah, meu pai e eu fizemos esse navio juntos. Demoramos um fim de semana inteiro. Ficamos tão ligados que caímos no sono segurando pincéis e mamãe teve de descer aqui com cobertores, para que a gente dormisse assim... — Ele balançou a cabeça, num devaneio. — Dias felizes!

Mas de repente o sorriso beatífico de Luar foi substituído de novo por seu característico riso de desprezo.

— E se você acha que isso é verdade, Tormenta, é mais idiota do que eu pensava. Realmente acha que os capitães piratas têm tempo para construir modelos de navio com os filhos? Ha! Eu mesmo fiz, com uma ajudinha de Transorn, nosso *major-domo*. — Connor continuou sem entender. — O nosso mordomo, idiota. O cara que lhe deu champagne e sushi antes do jantar.

— Ah, ele.

— É, ele. E não comece a pensar que existe uma amizade especial entre mim e ele, ou que ele era uma espécie de pai substituto. Ele só descia com a cola e os pincéis porque minha mãe lhe passava uma bela gorjeta.

Connor não se abalou.

— Então você teve uma infância difícil? — perguntou olhando o aposento. Baixinho, murmurou: — Corta essa. — Pobre príncipe pirata, pensou. Mas, francamente, não sentia nenhuma pena de Luar.

Continuou explorando as prateleiras, os olhos indo de uma coleção de raras conchas do mar para uma fileira de livros chamada *Vidas dos piratas mais famosos*. Notou o *Volume 16: Os irmãos Wrathe*. Já ia pegar o livro quando percebeu um novo som, um guinchado que conseguiu distinguir apesar da música.

Virando-se de novo, viu que Luar estava diante de uma gaiola grande, que anteriormente estivera coberta de pano preto.

— Olá, meus amores — cantarolou o rapaz. Em seguida enfiou a mão na gaiola e ajudou duas criaturas a sair de dentro. Quando se virou de novo, Connor viu que duas ratazanas grandes, agradecidas por estar livres, andavam por cima do dono. Luar deu uma risada. — Eu as chamo de Destroço e Naufrágio. Destroço é a que tem a mancha branca. Não é bonita? — Ele fez uma pausa. — São gêmeas — disse sorrindo estranhamente.

— Verdade — disse Connor, ainda tentando entender seu estranho companheiro.

Por um instante Luar ficou entretido fascinado com seus bichos de estimação. Enquanto eles desciam correndo por seus braços, ele pareceu mais pacífico do que antes. Sentou-se numa poltrona que parecia um globo, pendendo do teto por uma corrente.

— Como foi a *sua* infância? — perguntou Luar, enquanto continuava a fazer carinho em Destroço e Naufrágio. A pergunta pegou Connor de surpresa.

Decidiu levá-la a sério.

— Foi boa — disse. — Meu pai era faroleiro. Nós não conhecemos minha mãe. Éramos só nós três, meu pai, minha irmã, Grace, e eu. Não tínhamos muita coisa, mas éramos felizes. Morávamos no farol...

— Ah — respondeu Luar, coçando os pelos sob o queixo de Destroço. Ele era muito carinhoso com os animais, pensou Connor. Luar encarou-o novamente, por entre as grossas mechas de cabelo. — Dias felizes na baía Quarto Crescente! Uma pena papai ter morrido, não é? Tchauzinho, Dexter Tormenta! Tchauzinho, bela baía Quarto Crescente!

Uau! Connor não havia previsto *isso*. A maldade de Luar era mais profunda do que ele imaginara. Mas estava mais pasmado com outra coisa.

— Você sabe coisas sobre mim — disse.

— Nós fizemos nosso dever de casa — respondeu Luar. — Trofie e eu *sempre* fazemos o dever de casa.

Connor estava começando a ver que havia uma estranha ligação entre o garoto e sua mãe.

— E como está sua irmã esquisitona? — continuou Luar. — Ainda de conluio com os Amigos da Noite?

Connor apenas balançou a cabeça. Estava decidido a não deixar que aquele garoto estranho o incomodasse. Luar continuou, sem se abalar:

— Parece que a pequena Grace tem todos os genes interessantes da sua família. Azar meu, eu ficar grudado ao gêmeo errado.

— Tudo bem — disse Connor, subitamente com raiva. — Posso sair a qualquer momento.

— É. É, você pode sair. Pode voltar ao *Diablo* e ir dormir num catre ao lado

daquele panaca do Bart. Pode voltar ao seu treino com espadas e a puxar o saco do meu tio. Mas é melhor se lembrar de uma coisa, Tormenta. Por mais que ele diga que você é a Próxima Maravilha, por mais que ele o elogie dizendo que você é o filho que ele nunca teve, você *não* é filho dele. *Eu* sou o herdeiro da fortuna dos Wrathe. Não é você. Sou eu!

— Que seja — disse Connor. — Não sou nenhum caçador de fortunas, se é isso que você pensa.

— Ah, não? Quer dizer que você está aqui porque considera o tio Lucco uma espécie de figura paterna substituta? — Ele deu um riso oco e balançou a cabeça. — É melhor entender uma coisa. Molucco Wrathe não é o velho lobo do mar débil que ele faz você acreditar que seja. É afiado como o meu *shuriken*. Ele usa as pessoas. Faz com que elas pensem que são parte da família e depois as manda para a linha de fogo. O seu amigo Jez, por exemplo...

— *Não* — começou Connor, com a voz rachando. — Não fale do Jez.

Luar riu.

— Ah, mas eu preciso, Connor. Preciso falar do Jez Stukeley para ilustrar meu argumento. Molucco Wrathe fingia que Jez Stukeley era um membro importante de sua tripulação. Mas mesmo assim mandou-o para aquele duelo com o campeão do capitão Drakoulis...

— Ele não o mandou — reagiu Connor. — Jez se ofereceu como voluntário.

— Grande diferença. Molucco o deixou lutar quando ele não poderia vencer de jeito nenhum. Molucco mandou o garoto Jez para a morte. E um dia, por mais que ele fale de você como o filho pródigo, vai fazer a mesma coisa.

— Não.

— Vá — retrucou Luar, com a mesma ênfase. — Vá sim. Porque é isso que nós, Wrathe, fazemos. Nós usamos. Eu. Meus pais. O tio Lucco. Ora, até o bom e velho tio Porfírio. Somos todos iguais. Dizemos tudo que achamos que pode fazer com que os outros façam o que queremos. Mas quando chega a hora, só estamos a fim do que podemos conseguir para nós próprios.

— Não — repetiu Connor. — Isso pode ser verdade para você e seus pais, mas Molucco não é assim. Ele salvou minha vida. Ele sempre cuidou de mim.

Luar gargalhou.

— Há quanto tempo você está por aí, Tormenta? Três meses? Você não sabe nada desse mundo, nada dessa família. Bom, não se preocupe. Logo você vai ver as coisas de modo diferente. Se o tio Lucco está sendo bom agora, é só porque não decidiu ainda como usar você. Mas ele vai decidir. Ele sempre decide. Todos nós decidimos. Se quer mesmo saber como são os Wrathe, olhe para mim. Você pode não gostar do que vê, mas eu sou o único desta dinastia maluca que fala as coisas como são.

Connor olhou para o rosto de Luar, cheio de espinhas e marcas. Viu a cicatriz lívida e roxa. Não era uma imagem bonita, mas a imagem da família que ele estava pintando também não era. De repente o fedor da cabine era demais para Connor. A boa comida e a bebida que ele havia desfrutado antes começaram a incomodá-lo e ele teve um medo súbito de vomitar. Precisava de ar puro, e depressa!

Virou-se e saiu rapidamente do covil de Luar. Começou a subir os degraus de dois em dois. Pegou-se tremendo, como se houvesse veneno em seu corpo. Talvez tivesse algo errado com o baiacu, afinal de contas, e aquela era apenas uma reação retardada.

Não, pensou. O veneno viera da boca de Luar — o vitríolo de um garoto solitário, ciumento, ameaçado. Não havia verdade no que ele dissera. Nenhuma.

Atrás, ouviu Luar trancando a porta de seu covil. Um cadeado ressoando depois do outro. Como era natural, pensou, que Luar optasse por residir lá embaixo, com as ratazanas de estimação, na escuridão pútrida de sua vasta cabine. Que criatura desprezível! Mas, por mais que tentasse descartar as palavras do garoto, parte do que ele dissera havia acertado no alvo. As sementes da dúvida haviam sido plantadas.



CAPÍTULO 19

A fita

— Você consegue inclinar a cabeça para trás um pouquinho, para mim? — perguntou Mosh Zu a Grace.

Ela fez isso, e ele veio inspecionar seu pescoço.

— Então Shanti vai embora mas deixa sua marca, não é? — Recuando de volta, ele sorriu. — Não creio que isso vá ficar muito ruim. Mas tenho certeza de que dói. Vou fazer um unguento. Deve apressar o processo de cura.

— Obrigada.

— Bom. Você está muito controlada. Outros poderiam se perturbar um pouco mais, caso acordassem e encontrassem as mãos de alguém apertando-lhe a garganta. — Enquanto falava, ele se ocupou com um almofariz e um pilão, pegando vidros de ervas e óleos e acrescentando um pouquinho de cada na tigela.

Grace observou-o.

— Acredite — disse. — Eu *fiquei* perturbada. Mas sei que Shanti não tinha intenção de me machucar. — Ela fez uma pausa. — Foi a fita.

Mosh Zu assentiu.

— É, Grace. Você tem razão. Foi a fita. Boa observação. — Ele começou a amassar as ervas com o pilão.

— Sei que você não gosta que façam perguntas.

Mosh Zu levantou a cabeça, surpreso.

— Por que diz isso?

— Olivier. Ele disse que no Santuário há uma regra de não fazer perguntas. — Ela sorriu. — Acho que terci de me esforçar para seguir isso.

— É. — Mosh Zu sorriu, posando o almofariz e olhando-a diretamente. — Entendo. Sim, eu sabia que alguma coisa a estava segurando. Esperava que você irrompesse aqui dentro, explodindo de perguntas. Sei que eu estaria assim, no meu primeiro dia neste lugar novo e intrigante.

Grace confirmou com a cabeça.

— Eu estou assim. Quero dizer, sim, realmente tenho perguntas. Mas Olivier disse que preciso esperar que as pessoas se abram, disse para não perguntar...

— Bom, Grace, eis algumas coisas que você precisa saber. Primeiro, Olivier é um bom homem. Leva suas tarefas aqui muito a sério. Ele veio a mim quando era um pouco mais velho do que você e se tornou quase indispensável.

Grace notou que Mosh Zu disse *quase*. Isso lhe pareceu estranho. Havia algo por trás da palavra, como se ele estivesse lhe dando alguma informação extra; mas ela não conseguia decifrar qual era.

Mosh Zu continuou:

— Em segundo lugar, ele está certo, no sentido de que é melhor não pressionar muito rapidamente os que vêm aqui. Eles vêm porque têm suas próprias perguntas, que nós devemos ajudá-los a responder. Esta deve ser a nossa prioridade. — Ele sorriu para Grace. — Mas *voce* pode *me* fazer todas as perguntas que quiser. As regras, se é que você pode chamá-las assim, não existem entre nós.

Grace sorriu. Era um grande alívio ouvir isso.

Mosh Zu pegou um pequeno frasco de vidro e derramou nele o conteúdo do almofariz.

— Aí está — disse entregando-o. — Aplique um pouco do unguento agora, e depois, se o ferimento ainda estiver dolorido, um pouco mais antes de dormir, esta noite.

Grace desatarraxou a tampa. Era uma mistura de cheiros fortes. Reconheceu alguns.

— Tem alecrim nisso?

Mosh Zu assentiu.

— Tem. Bom, você não precisa de muito. Isso. Só um pouquinho de cada lado.

Grace aplicou o unguento, depois enxugou os dedos num pano que Mosh Zu lhe entregou.

— E agora um pouco de chá e perguntas? — perguntou ele, sorrindo e indicando o círculo de almofadas num canto da sala.

Serviu para ela uma xícara de chá de ervas e outra para ele, depois sentou-se nas almofadas, com as pernas cruzadas.

Grace olhou-o levar a xícara de chá aos lábios. Ficou surpresa. Uma pessoa que esteve perto de vampiros por tanto tempo quanto Grace procura sinais. Se Mosh Zu estava bebendo chá, isso significava que não era vampiro? Seria um intermediário, como ela e Olivier? Será que o guru dos Vampiratas — para usar a palavra do próprio capitão — era um intermediário?

— É — disse Mosh Zu com um sorriso. — Vejo que você está cheia de perguntas. Por onde vamos começar?

Grace não teve dúvida:

— Fale sobre as fitas.

Mosh Zu tomou um gole de chá.

— Vamos tornar isso mais interessante — falou.

Grace esperou que ele continuasse.

— Por que *voce* não *me* fala sobre as fitas?

— Não sei nada sobre elas.

Mosh Zu tomou outro gole de chá.

— Sabe mais do que imagina.

Grace negou com a cabeça.

— Olivier nos levou pelo Corredor das Fitas a caminho do nosso quarto, mas não explicou nada sobre elas. Disse que você explicaria.

Mosh Zu pousou sua xícara.

— Vamos considerar o que sabemos. Shanti pegou uma fita no corredor. Achando que não passava de um pedaço de pano bonito, usou-a para amarrar o cabelo. Caiu no sono usando-a e a energia contida na fita começou a agir sobre ela. — Ele encarou Grace. — Você notou alguma coisa estranha no comportamento de Shanti antes de você mesma cair no sono?

— Notei. No mínimo ela pareceu muito inquieta. Estava agitada e se virando tanto que quase a acordei. Achei que ela poderia estar tendo um pesadelo...

— E, de fato, isso não está longe da verdade. Certamente a fita estava controlando os pensamentos dela. A energia sombria contida nela começou a escapar para a cabeça de Shanti, mudando seu padrão de pensamentos.

Grace estava de olhos arregalados.

— Está me dizendo que a fita, em si, é maligna?

— Pense no tipo de gente que vem aqui, nos vampiros. Você vai conhecer alguns deles em breve. Os vampiros que vêm até aqui são aqueles que estão atormentados. Talvez tenham atravessado apenas recentemente e estejam lutando para aceitar sua nova existência, o que eu chamo de Pós-morte. E também podem ter atravessado há muito tempo, mas ainda estar em conflito. — Enquanto ele tomava outro gole de chá, Grace sentiu-se ansiosa para saber mais.

— Com o quê eles estão em conflito?

— Muitas coisas. Pode ser com relação à fome — que podemos controlar — ou talvez ainda seja difícil deixar a luz para trás e abraçar a escuridão. E, além disso, há os que acham a ideia da existência eterna avassaladora demais. Podemos ajudá-los a lidar com essas emoções.

— Mas o que isso tem a ver com as fitas?

— Quando alguém chega ao Santuário, não importa o que o aflija, começamos o tratamento do mesmo modo. Trabalhamos com eles a fim de deixar para trás todas as dores do passado. Está me acompanhando?

Ela assentiu.

— Quanto mais dor eles puderem abandonar, maior é a chance nossa de sucesso no trabalho. E, assim, cada um ganha uma fita. Depois começamos a pôr para fora todas as experiências ruins deles: toda a dor que suportaram na vida, durante a morte e depois. E, igualmente, a dor que infligiram a outros.

— Então as experiências são transferidas para as fitas?

— Exato. E, quando o paciente está pronto para passar ao próximo estágio de tratamento, penduramos a fita dele no Corredor das Fitas. Eles são liberados das dores passadas, mas a energia sombria permanece na fita.

— Mas não é perigoso guardar as fitas?

— Evidentemente — disse Mosh Zu. — Mas para onde mais essa energia deveria ir? Ela deve ir para algum lugar. E, por mais que eu queira que cada um deles se livre da dor, não quero de jeito nenhum que se esqueçam da estrada que percorreram. Alguns

vezes eles precisarão ser lembrados. Algumas vezes todos precisamos ser lembrados.

— Então a fita que Shanti pegou continha uma energia sombria.

Mosh Zu assentiu.

— Você sabe a quem a fita pertencia? Que experiências ela continha?

Mosh Zu assentiu de novo.

— Mas não vai me contar?

Ele sorriu.

— Por que você não me fala sobre a outra fita? A que ela deu a você?

— Você sabia?

— Olivier a viu na sua mão quando a salvou. Pegou-a e trouxe para mim.

É, Grace percebeu que, durante o ataque, havia se esquecido da fita. E agora Mosh abriu a mão e colocou-a entre os dois.

— Sinto muito — disse Grace, olhando para o pedaço de tecido. — Ela me deu antes de irmos dormir. Eu sabia que ela não deveria ter apanhado aquilo. Shanti não fez por mal. Eu ia fazer com que ela devolvesse, mas fomos atropeladas pelos acontecimentos.

— Não estou com raiva de você. E nem de Shanti, por sinal. Você está certa. Ela não sabia o que estava fazendo. Mas diga, o que aconteceu com sua fita?

— Bom, ela não me fez querer matar ninguém.

Mosh Zu sorriu.

— Não, não fez. Não é interessante?

— Meus sonhos! — disse Grace de repente. — Tive os sonhos mais nítidos! Foi a fita? De algum modo canalizei algumas experiências da fita?

— Talvez. Que tal se você contar seus sonhos?

Ela pensou. O garoto deitado no chão, olhando o céu estrelado. O garoto com o cavalo. Uísque. E o garoto se chamava Johnny...

Contou a Mosh Zu os fragmentos do sonho. Ele ouviu com paciência, encorajando-a a se demorar, a recordar cada pedaço o mais nítida e detalhadamente que pudesse. Quando passou de Johnny domando o cavalo bronco para ele cavalgando no rodeio, a memória de Grace começou a falhar.

— Se você precisar de ajuda — disse Mosh Zu —, pegue a fita de novo.

Grace olhou a fita enrolada dentro de uma tigela de madeira entre os dois. Parecia inócua, mas assim que ela a pegou, sentiu uma energia súbita. Instintivamente fechou os olhos.

— Isso é bom, Grace. Agora encontre seu lugar. Encontre Johnny no cercado.

Grace confirmou com a cabeça.

— Estou lá.

— E agora?

— Não é o rodeio — disse perplexa. — Ele está montando outros cavalos, domando-os. Está em locais diferentes, com outras pessoas, mas não é um grande rodeio. E então ele começa a cavalgar pelo país... Isso mesmo...

Ela abriu os olhos de novo e soltou a fita.

— Não entendo. O rodeio foi tão claro antes. Eu não poderia ter imaginado.

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Você não imaginou. Isso vem depois. Vem depois de ele morrer.

Grace tremeu.

— Depois de ele morrer. — Claro.

— Então ele começa a viajar a cavalo pelo país. Pegue daí.

Grace continuou a história de Johnny. O resto do sonho entrou em foco, até o momento em que ela foi levantada da neve e sentiu uma corda sendo posta em volta do pescoço de Johnny.

— E foi aí que cheguei quando senti as mãos de Shanti em mim. Era como se o sonho tivesse se realizado naquele momento.

— Isso não é muito estranho. Sua capacidade de canalizar a história de Johnny é incrível. Está pronta para saber como ela termina?

Grace não tinha certeza. Enquanto canalizava as experiências de Johnny, não estivera apenas observando-as, havia sentido as emoções dele, sua dor — a dor que de algum modo ele havia canalizado para a fita.

— Talvez você não esteja pronta para dar esse passo — disse Mosh Zu. — Talvez não ache que está pronta. Mas eu acho que está.

Ela queria saber. Não podia deixar a história ali. Respirando fundo, estendeu a mão e pegou a fita de novo. Outra vez sentiu o súbito jorro de energia.

— Os justiceiros estão prendendo o laço da forca no meu pescoço — disse hesitante. — E no pescoço dos meus dois companheiros. E estou dizendo a eles que não é justo. Não fiz nada errado. Não sabia que os dois eram ladrões de gado. E, ainda que eles tivessem mentido para mim até aquele momento, agora começam a contar aos justiceiros que estou dizendo a verdade. Não sou ladrão de gado. Eu não fazia ideia dos crimes deles. Eles sabem que vão morrer pendurados naquela árvore, mas começam a implorar que me poupem. Mas o laço se aperta. Eles me levantam. Agora estamos pendurados lado a lado, como roupas num varal. E então o nó se aperta e estou ali pendurado, olhando a pradaria, a vastidão infinita de céu e estrelas. E estou pensando: é isso. Tenho 18 anos. Viajei desde o Texas até Dakota do Sul para isso. Então tudo fica preto. Não... tudo fica vazio.

Grace abriu os olhos, sentindo lágrimas quentes crescendo por trás deles.

— Aqui, deixe-me pegar a fita — disse Mosh Zu gentilmente.

Quando ele fez isso, as lágrimas começaram a descer pelo rosto de Grace.

Através delas viu que Mosh Zu estava sorrindo.

— Você tem habilidades tremendas — disse ele. — Não vê? Quando Shanti usou a fita, tudo que captou foi a escuridão, a violência. Mas você... você leu toda a história dele.

— Mas de quem era a história? — perguntou Grace.

— Você vai descobrir logo.



CAPÍTULO 20

Missão noturna

— E para que, exatamente, vocês precisam do bote a esta hora da noite? — perguntou o pirata encarregado do turno de vigia. Isso é que era sorte, pensou Connor, o tenente Enxerido (ou Jean de Cloux) estar de serviço.

— É uma tarefa particular para o capitão Wrathe — respondeu Bart, cheio de confiança.

— Que tipo de tarefa? — Cloux ficou imediatamente cheio de suspeita.

— Se nós contássemos, não seria mais particular, seria?

— Acho melhor verificar com o capitão Wrathe — disse Cloux.

— À vontade — respondeu Bart, relaxado como sempre. — Tenho certeza de que o capitão vai adorar você interromper seu sono precioso questionando as ordens dele.

— Bom... — Cloux pensou de novo. Todo mundo sabia que o capitão Wrathe não gostava de ser acordado, em especial por causa de ninharias. — Certo — disse ele, emproado. — Vou ajudar vocês. Mas terei de verificar de manhã com o capitão Wrathe.

— Entendido — respondeu Bart. — Entendido mesmo. Só que, como esta é uma tarefa particular, o capitão pediu especificamente que nenhum de nós falasse dela de novo com ele ou com qualquer outro membro da tripulação em nenhum momento.

Connor sorriu da audácia de Bart, imaginando se Cloux engoliria.

Cloux parecia ter acreditado nas palavras de Bart.

— Ele disse isso?

— Disse — respondeu Bart, preparando-se para o golpe de misericórdia. — E pediu para darmos isto a você. — Enfiou a mão no bolso e pegou um pequeno embrulho, que largou na palma da mão de Cloux.

Cloux cheirou.

— É o que eu acho que é? — Ele abriu o pequeno embrulho. — Chocolate? — disse em voz distante. — Venho sonhando com chocolate... chocolate escuro, amargo... — Não conseguiu se conter e partiu um quadradinho. Enquanto o chocolate se derretia na boca, sua expressão era de puro êxtase.

— Ele sabia disso — contou Bart, selando o trato. — E pediu que nós lhe dêssemos para agradecer por seu silêncio.

— O próprio capitão Wrathe mandou vocês me darem o chocolate?

Bart assentiu, muito sério.

— Do suprimento particular dele. — Em seguida fez uma pausa e pôs a mão no ombro de Cloux. — E mais, disse que se você conseguisse ficar quieto, poderia haver uma promoção em não muito tempo.

— Promoção? — Os olhos de Cloux se arregalaram à luz da lanterna. Não podia acreditar em seus próprios ouvidos. Nem Connor. Isto não fizera parte da trama que haviam preparado. Bart estava se empolgando demais. Tudo bem subornar pessoas com doce contrabandeado, mas não era possível sair prometendo promoções.

Connor tossiu para atrair a atenção dos outros.

— Temos de ir — disse. — O tempo voa.

— É. — Cloux assentiu, guardando no bolso com cuidado o resto do precioso chocolate. — Vocês dois, entrem no bote e eu os baixo com o sarilho. — E chamou outro pirata para ajudar.

— Mas aonde eles vão a esta hora da noite? — perguntou o jovem pirata.

— Não seja intrometido, Gregory! — disse Cloux, cheio de autoridade. — São ordens do próprio capitão, então me ajude e fique de boca fechada ao menos uma vez.

— Sim, senhor — respondeu Gregory diante da bronca.

Connor estava rindo sozinho quando subiu no bote, com o cuidado de não pisar em Jez, que ainda estava escondido embaixo da lona. Bart entregou duas lanternas a Connor, em seguida subiu também, enquanto Cloux começava a baixar o barco para a água.

— Lembre-se — disse Bart enquanto fazia sinal de positivo para Cloux —: a senha é “mamãe”.

— A senha é “mamãe” — repetiu Cloux, com uma piscadela bem-humorada e pouco característica.

Instantes depois, o bote batia na água escura, Bart soltava os cabos que o prendiam ao *Diablo* e começava a guiar a pequena embarcação para o oceano aberto.

Haviam percorrido apenas alguns metros quando uma mão pálida empurrou a lona e o rosto igualmente pálido de Jez apareceu. Sua palidez ainda chocava Connor, mas o riso era o mesmo riso antigo de Jez Stukeley.

— Coitado do Cloux — disse Jez em meio aos risos. — Vai esperar até o Natal que o capitão Wrathe o chame à cabine para discutir suas perspectivas.

Bart riu.

— Vai esperar um pouquinho mais do que isso. Mesmo assim vai ficar quieto.

— Obrigado, pessoal — disse Jez, sentando-se entre eles, agora que estavam suficientemente longe do *Diablo* para não ser vistos. — Obrigado por tudo que estão fazendo por mim.

— Um por todos e todos por um. — Bart riu para Jez. — Nós não cuidávamos sempre uns dos outros? Só porque você está morto, meu chapa, não significa que deixou de ser um dos Três Bucaneiros, hein, Connor?

Connor balançou a cabeça e sorriu.

— Você não vai se livrar de nós tão fácil!

Jez retribuiu o sorriso.

— E eu estava pensando que vocês iam deixar o Brenden Gonzales tomar meu lugar.

— Gonzalez? — perguntou Bart, enquanto movia o leme. — Por que diz isso? Jez deu de ombros.

— Eu vi vocês todos dançando juntos, há algumas noites, na taverna da Madame Chaleira.

— Você estava na taverna? — exclamou Bart, surpreso.

— É. Eu quis falar com vocês, mas não tive coragem. Fiquei sentado num reservado com cortina, olhando vocês na pista de dança. Gonzalez estava com vocês.

Continuaram em silêncio por um minuto ou mais. Então, de repente, o rosto de Bart ficou pálido como o de Jez.

— Espere um minuto — disse ele. — Você estava na taverna na noite em que Jenny Petrell foi morta.

— Jenny Petrell? — repetiu Jez sem expressão. Evidentemente o nome não significava nada para ele.

— Era uma garçonne da madame. Você se lembra da Jenny Bela como um dia de verão. — Ele franziu a testa. — Foi encontrada numa cabine acima da pista de dança. Ninguém ouviu nada. A pequena Jenny nem gritou. Mas quando a encontraram... havia cortes por todo o peito... tinha sangrado até morrer.

Jez balançou a cabeça com tristeza.

— Pobre Jenny — disse.

— Então — continuou Bart — você estava num dos reservados com cortina, onde ela foi morta. Agora você precisa beber sangue humano para viver, não é? — Ele deu um suspiro profundo. — Não entende o que estou dizendo? — Bart parecia abalado. — Foi você, não foi?

— Eu? — Jez reagiu como se a sugestão fosse totalmente absurda, para não dizer repugnante. Então sua expressão se normalizou de novo, enquanto ele admitia. — Pode ter sido. — E após uma pausa: — Não lembro.

— Como *assim*, não lembra? — perguntou Connor, pasmo.

— Como você pode *matar* alguém e não lembrar? — disse Bart.

— É a fome — respondeu Jez, em tom casual. — Quando a fome toma conta, a gente não tem escolha, a não ser alimentá-la. Ela comanda, depois entorpece a gente. Mais tarde seus sentidos ficam embotados durante um tempo e você precisa descansar.

Connor não podia acreditar no que estava escutando. Sem dúvida Bart também não podia. Antes, quando haviam partido no bote, parecera como nos velhos tempos. Mas por mais que quisessem fingir que nada havia mudado, que esta era apenas mais uma aventura louca dos Três Bucaneiros, as coisas *eram* diferentes. Uma linha separava Connor e Bart de Jez. Estranhamente, não havia importado muito que ele fosse um morto-vivo, um vampiro... como quer que você quisesse chamar. Mas agora ele havia confessado que era um assassino desumano, sem demonstrar um pingão de remorso, nem mesmo um pensamento desgarrado pela vítima.

— Sei o que vocês dois estão pensando — disse Jez. — Não sou idiota. Vocês não veem? Eu odeio essa coisa em que me transformei. Já disse antes. Preciso de ajuda. Farei o que for necessário. Se eu matei aquela garota... e sim, provavelmente matei... bom, isso é terrível. E é terrível eu não me lembrar. Mas vocês não entendem como é essa fome. Eu não controlo mais o meu corpo, meus pensamentos, minhas necessidades.

Quando a fome aparece e me domina, não consigo lutar contra isso.

Connor ficou um pouco tranquilizado ao ouvir essas palavras. Ele não é um monstro, disse a si mesmo. Nem, pelo menos, um monstro criado por si mesmo, um monstro que *escolheu* fazer o mal. Conseguiu dar um sorriso débil para Jez.

— O capitão Vampirata vai ajudar você — disse. — Vai saber o que fazer.

Bart se virou para Connor, subitamente cheio de espírito prático.

— Certo — disse. — Vamos terminar o que começamos. Como vamos achar o caminho para o navio Vampirata?

— Vocês sabem onde ele está ancorado? — perguntou Jez com empolgação.

Connor balançou a cabeça.

— Não. Mas eu conheci o capitão. E ele me disse que, quando eu precisasse encontrá-lo, não seria difícil.

O capitão havia lhe dito um monte de coisas além disso, pensou Connor. Como o modo de matar Jez, ou a coisa em que Jez havia se tornado. Havia dito para atacar com fogo. Mas o fogo não havia matado Jez, apenas Sidório e os outros Vampiratas. Por que Jez fora poupado naquela noite? Seria algum resíduo de humanidade que somente ele, dentre os vampiros, havia mantido? Não era humanidade suficiente para impedir que ele matasse Jenny Petrel, refletiu Connor. Precisavam levá-lo ao navio Vampirata e procurar a ajuda do capitão; antes que ele cometesse outra atrocidade.

Olhou para seu antigo aliado, tentando avaliá-lo. Jez o encarou de volta. E ao fazer isso, os contornos de seu rosto mudaram subitamente. Os olhos haviam desaparecido, como se os globos oculares tivessem caído num poço escuro e fundo. Daquela escuridão subiram duas bolas de fogo. Era aterrorizante, e ao mesmo tempo hipnotizante. Então, com igual rapidez, o fogo sumiu de novo. As pálpebras de Jez piscaram e ele olhou de novo para Connor com seus antigos olhos familiares.

— Qual é o problema, meu chapa? — perguntou Jez. — Parece que viu um fantasma. — Ele riu sozinho. Mas dessa vez Connor não conseguiu rir da piada.

— Seus olhos desapareceram, só por um segundo. — Ele se virou para Bart. — Você viu? — Bart confirmou com a cabeça, o rosto retesado de medo. Connor se virou de novo para Jez. — Seus olhos desapareceram. E no lugar deles havia fogo.

— Ah — disse Jez, casual como sempre. — Isso geralmente significa que eu preciso de sangue.

— *Você precisa de sangue?* — repetiu Bart, com a voz ficando aguda. — Nós estamos sozinhos no meio de um oceano escuro com você e você tem um súbito desejo de sangue! Quem foi mesmo que bolou este plano brilhante?

Vendo que Bart estava à beira da histeria, Connor assumiu o comando da situação.

— Quanto falta? — perguntou a Jez. — Quanto falta para você precisar de sangue?

Os olhos de Jez desapareceram de novo e o fogo do inferno retornou.

— Preciso-sangue-agora — disse ele. — Preciso-sangue-agora.



CAPÍTULO 21

A cerimônia da fita

Grace bateu à porta.

— Entre — gritou Mosh Zu, de dentro.

Grace segurou forte a mão de Lorcan antes de empurrar a porta. A sala era pequena e pouco mobiliada.

Duas outras pessoas — um homem e uma mulher — já estavam sentadas no centro do cômodo. Além deles, havia uma cadeira vazia, presumivelmente para Lorcan. Quando Grace o levou para a cadeira, olhou rapidamente para os outros.

O homem vestia branco da cabeça aos pés. Seu rosto era tão pálido quanto as roupas. Já a mulher usava um elaborado vestido de baile. Olhando mais atentamente, Grace notou que a roupa dela estava em frangalhos. Seu olhar viajou até o pescoço da mulher. Nele havia um colar de diamantes, brilhando à luz fraca do lampião. A mulher pegou-a olhando e sorriu suavemente, os dedos tocando o colar. O homem já havia se virado para o outro lado, com os olhos fixos firmemente no chão.

Quando Lorcan se sentou, Grace notou que não havia outras cadeiras.

— Eu devo sair? — perguntou a Mosh Zu.

— Não — disse ele. — Gostaria que você ficasse. — Em seguida olhou para os outros. — Se não houver problema para vocês.

A mulher deu de ombros.

— *Pourquoi pas?*

O homem não disse nada, os olhos ainda grudados ao chão.

— Sente-se no chão, onde quiser — disse Mosh Zu a Grace. Ela assentiu e sentou-se de pernas cruzadas.

— Estamos todos aqui, portanto vamos começar — disse Mosh Zu. — Quero lhes dar as boas-vindas ao Santuário. Estou feliz por terem encontrado o caminho até aqui. Vocês podem ficar o tempo que quiserem. Sem dúvida erraram por este mundo durante muito tempo.

O olhar de Grace viajou pelo rosto dos três vampiros. Notou que a mulher não estava mais sorrindo e que o homem de branco havia finalmente levantado os olhos e estava encarando Mosh Zu.

— Sei como devem estar cansados — disse Mosh Zu. — O Santuário vai ajudar a aliviar esse cansaço. — Ele sorriu. — Vamos trabalhar duro para remover os fardos que vocês carregaram durante tanto tempo.

Havia algo incrivelmente tranquilizador na voz de Mosh Zu, pensou Grace. E, mesmo que ele não falasse com ela, a garota sentiu que seus fardos também poderiam ficar mais leves no tempo em que estava ali.

— Não vou pedir muito de vocês hoje — disse Mosh Zu. — Porque o dia de hoje marca apenas o início de uma nova jornada. Uma jornada que, espero, lhes trará paz e um novo recomeço. Pensem no Santuário como um lugar para descartar tudo aquilo que lhes provoca dor.

Ele deixou as palavras serem absorvidas pelos três. Grace viu o alívio nos rostos.

— Digam seus nomes — pediu Mosh Zu. — Quando e onde nasceram e quando e onde morreram. Neste ponto, é só disso que preciso.

Ele assentiu para a mulher. Grace notou que ela ainda estava passando os dedos pelo colar de diamantes.

— Meu nome é Marie-Louise, Princesse de Lamballe — disse ela, e parou, como se esperasse alguma congratulação ou um reconhecimento. Mosh Zu não disse nada, simplesmente assentiu e esperou por mais. — Nasci em Turim em 1749. Morri em Paris em 1792. Fui acompanhante e confidente de...

— É só disso que preciso, obrigado — interrompeu Mosh Zu; porém com gentileza. Pela expressão da mulher, Grace pôde ver que ela estivera ansiosa para contar mais de sua história. Mas então Mosh Zu assentiu para o homem totalmente vestido de branco.

— Meu nome é Thom Feather — disse ele. — Nasci em Huddersfield em 1881. Morri em Wakefield em 1916.

Diferentemente da princesa, Thom Feather não deu mais nenhuma informação.

— Obrigado — disse Mosh Zu, virando-se agora para Lorcan. Em seguida se adiantou e pôs a mão no ombro dele. — E agora você.

— Meu nome é Lorcan Furey — Grace olhou-o atentamente enquanto ele continuava. — Nasci em 1803 em Connemara, morri em 1820 em Dublin.

— Obrigado — disse Mosh Zu. — Obrigado a todos por terem optado por vir aqui.

Grace se perguntou como os outros teriam ouvido falar do Santuário. E como teriam encontrado o caminho até ali. Será que, como o grupo de expedição vindo do *Noturno*, tiveram de subir a montanha? Que outra opção haveria? Nesse caso, como as roupas de Thom Feather haviam permanecido tão brancas? E como a princesa havia conseguido chegar usando um vestido tão pouco prático? Era uma coisa que deveria perguntar a Mosh Zu quando fosse a hora certa.

— Tenho algo para cada um de vocês — disse Mosh Zu. Em seguida pegou uma caixa de madeira e entregou-a primeiro à princesa. — Por favor, pegue uma fita.

— Devo? — Estranhamente, a princesa tremeu.

Mosh assentiu.

— Sim. Sei que isso traz recordações ruins, mas você deve.

O que ele queria dizer com isso? Grace viu como a princesa foi surpreendida pelas palavras dele. Viu a mulher tirar uma fita verde da caixa e segurá-la, tremendo, com os dedos.

Em seguida a caixa foi passada a Thom Feather. Ele olhou dentro e deu um riso oco.

— Imagino que a branca seja para mim — disse tirando-a da caixa.

Por fim Mosh Zu passou a caixa a Lorcan. Grace ficou olhando Lorcan estender o braço e procurar o ar diante dele, em busca da caixa. Mosh Zu esperou pacientemente. Quando Lorcan franziu a testa, Mosh Zu pôs a mão no seu ombro de novo.

— Não há pressa, Lorcan Furey. Leve o tempo que precisar.

Finalmente os dedos de Lorcan encontraram a caixa e seguraram a fita que estava dentro.

— Muito bem — disse Mosh Zu, fechando a caixa e recuando de novo. — Agora quero que cada um de vocês segure a fita dentro da mão fechada com força. — Seu olhar passou pelos três. — Bom. Agora vocês devem ser corajosos. Em seguida vou pedir que liberem sua dor; de onde quer que essa dor tenha vindo, seja de sua vida, de sua morte ou do pós-morte. Não a force. Vocês provavelmente não poderão se livrar de uma parte muito grande, a princípio. Mas vamos repetir isso noite após noite. E com o tempo estarão livres desses fardos terríveis.

Ele sorriu.

— Agora, enquanto se concentram em liberar a dor, continuem segurando uma das pontas da fita mas deixem a outra cair.

Ele esperou e ficou olhando cada um dos três seguir suas instruções. Atrás, Grace olhava com atenção igual. Poderia ser verdade? Será que a dor deles poderia realmente ser transferida para dentro das fitas? Ela podia ver a intensidade da expressão nos rostos dos três. Mesmo que os olhos de Lorcan não estivessem visíveis, dava para ver sua determinação na postura do maxilar.

Ficou olhando Mosh Zu levantar a mão direita. Quando ele fez isso, algo incrível aconteceu. As três fitas pararam de pender frouxas no ar e começaram a procurar sua mão, como se um ímã as atraísse. Os outros também notaram, levantando os olhos com espanto.

— Não se concentrem em mim — disse Mosh Zu. — Mantenham o foco em vocês mesmos. Liberem a dor de seu corpo e deixem que ela se transfira para a fita.

Grace viu as fitas ficando mais retesadas, como se Mosh Zu as estivesse puxando. Podia ver um poço de luz se juntar nas bordas das fitas. Se precisasse ser convencida da força do tratamento, encontrou a confirmação quando se virou de novo para os vampiros.

Viu que a princesa estava chorando. Seus olhos continuavam fechados, mas lágrimas escorriam pelo rosto. Grace se virou para Mosh Zu. Ele não a encarou de volta. Ela percebeu que ele também deveria estar canalizando toda a sua concentração nas fitas.

Então houve um gemido terrível. Grace percebeu que aquilo vinha de Thom Feather. Os olhos dele também estavam fechados. O gemido continuou, baixo e longo. Ela se lembrou de que a morte dele fora em 1916. Mas era como se a dor de seiscentos anos estivesse lentamente deixando seu corpo. A princípio o som a perturbou, mas, à medida que continuava, ela imaginou um furúnculo estourando dentro dele e ondas de

sofrimento finalmente começando a se libertar.

Quando o gemido de Thom Feather finalmente começou a diminuir, Grace voltou o olhar para Lorcan. Não havia lágrimas no rosto dele, e ele não fez nenhum som. Grace franziu a testa. Sentiu que isso não era bom sinal.

Olhou enquanto, finalmente, Mosh Zu baixava a mão e sua conexão com as três fitas era rompida.

Gradualmente a princesa abriu os olhos. Ainda estava apertando a fita com força. Com a mão livre, remexeu no vestido e pegou um lenço de renda com o qual enxugou as lágrimas.

Então Thom Feather abriu os olhos. Parecia abalado, como se tivesse acabado de acordar e estivesse surpreso com o ambiente ao redor. Depois de alguns instantes ele voltou a si, mas Grace achou que já havia uma nova vitalidade nele.

Lorcan não fez nenhum movimento, mas Mosh Zu pareceu sentir que ele também fizera o máximo possível.

— Vocês todos deram o primeiro passo — disse o guru. — Qualquer que tenha sido a dor que trouxeram ao Santuário, vão deixá-la para trás aqui. Quer estejam lutando com sua fome, batalhando contra feridas antigas ou novas, ou quer estejam simplesmente cansados, cansados demais de viverem errantes, aqui vocês *encontrarão* um novo começo.

Grace pensou em como as palavras dele eram tranquilas como água batendo de mansinho numa praia.

— Agora vão — disse Mosh Zu. — Retornem a seus quartos ou, se quiserem ar puro, vão aos jardins. Passem o tempo em solidão ou, se preferirem, conheçam melhor uns aos outros, ou conheçam os que chegaram antes de vocês. Teremos outro encontro amanhã à noite. Mantenham as fitas com vocês o tempo todo e tragam-nas aqui amanhã.

Ele sorriu e se virou. Estava claro que a sessão havia terminado.

— Tenho uma pergunta — disse a princesa. Seus olhos se viraram na direção de Grace. Por algum motivo Grace se pegou tremendo.

Mosh Zu virou-se para a mulher.

— Sim?

— Sangue — respondeu a mulher. — Minha necessidade de sangue é muito forte. Disseram que você iria nos informar sobre os arranjos.

Mosh Zu sorriu.

— Vocês não tomarão sangue — disse ele.

— *Não tomaremos sangue?* Mas isso é absurdo!

Ele balançou a cabeça.

— Vocês não precisam. Eu garanto. Vocês precisam aprender a distinguir entre a verdadeira necessidade e o vício.

— Mas... — Ela começou a protestar de novo. Outra vez Mosh Zu a interrompeu.

— Quando vocês precisarem realmente de sangue, vamos cuidar disso. Viva com a ansiedade. Permita que sua fome a possua. Depois, rejeite-a e veja-a recuar.

— Não posso... — começou a princesa. — Sou fraca.

— Não. Você é muito forte. Todos vocês são. Mais fortes do que imaginam. Mas logo vão conhecer melhor a si mesmos.

Ele sorriu. Depois, para surpresa de Grace, simplesmente saiu da sala e desapareceu pelo labirinto de corredores.



CAPÍTULO 22

A Taverna do Sangue

— O que vamos fazer? — perguntou Bart enquanto ele e Connor olhavam nervosos para o fogo ardendo na cavidade dos olhos de Jez.

A fome estava obviamente crescendo, mas Jez parecia se esforçar ao máximo para lutar contra ela.

— Não tenham medo de mim — disse com voz rouca. — Não vou fazer mal a vocês.

— Meu chapa, você precisa de sangue, e nós estamos sozinhos no mar sem nada além de uma gota de rum na minha garrafa — respondeu Bart. — Você mesmo disse. Quando a fome toma conta, você não consegue se controlar. Acho que todos temos motivos para estar com medo.

— Levem-me... — Pareceu um grande esforço para Jez colocar as palavras para fora. — Levem-me-à-Taverna-do-Sangue.

Bart olhou-o, confuso.

— *Taverna do Sangue*. Que papo é esse, meu chapa?

Em resposta, Jez estendeu o braço e levantou a manga. Connor ficou novamente chocado com a brancura da pele. Era quase translúcida, veias azul-daras nadando por baixo da superfície fina. Ali, na parte interna do antebraço, estava a misteriosa tatuagem dos três alfanjes com que todos haviam acordado depois do fim de semana perdido na *Calle del Marino*. Mas Jez estava apontando acima da tatuagem, para uma tinta mais nova. Não era outra tatuagem, mas o que parecia um bilhete escrito às pressas.

Taverna do Sangue
Riacho do Limbo
Porta preta
Lilith

— Me levem — disse Jez outra vez, os olhos chamejando e a boca parecendo se

contorcer.

Connor estremeceu. Virou-se para Bart.

— Conhece o riacho do Limbo?

— Conheço — respondeu Bart, já ajustando a direção do bote. — Não fica longe daqui.

Connor se virou para Jez, que parecia estar tentando desesperadamente conter o apetite. Mas o corpo não parecia mais sob seu controle.

— Quanto tempo temos? — perguntou Connor.

Jez manteve o rosto virado para o outro lado, mas disse de novo em voz rouca:

— Preciso-sangue-agora.

Os ventos noturnos estavam favoráveis e Bart guiou o bote a vela rapidamente na direção do riacho do Limbo.

— Pronto — disse ele. — Chegamos.

Jez estava balançando para trás e para a frente, levando o pequeno barco a fazer o mesmo.

— Chegamos — repetiu Connor, estendendo o braço, hesitante, para Jez. Quando Jez levantou os olhos, Connor precisou desviar rapidamente o olhar. A cada momento que passava, Jez parecia estar descartando outra camada de sua aparência humana.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou Connor.

Jez abriu a boca, mas, em vez de responder à pergunta, simplesmente repetiu:

— Preciso-sangue-agora.

Bart soltou um profundo suspiro.

— Não adianta. Não dá para tirar mais nada lógico dele. Vamos ter que encontrar sozinhos a tal Taverna do Sangue.

Connor concordou.

— Então estamos procurando uma porta preta.

— Nesse momento, qualquer porta pode ser um bom ponto de partida — disse Bart, a voz pesada de frustração e ansiedade.

Agora estavam perto da rocha no perímetro do riacho, mas, até ali, não havia sinal de qualquer construção ou habitação.

— Nem me lembro de já ter visto alguma construção perto deste riacho — disse Bart, desconsolado.

O coração de Connor estava cada vez mais apertado. Se não chegassem logo à Taverna do Sangue, aquilo teria um fim desagradável. Um fim que resultaria com uma pessoa a menos voltando ao bote, talvez duas.

— Espere um minuto — gritou Bart subitamente, apontando para a rocha. — Aquilo ali poderia ser uma porta?

— Onde? — Connor não conseguia ver nada a não ser a rocha escura.

— Depressa. Me empresta seu lampião!

Connor obedeceu, e Bart segurou-o na direção da rocha. Havia uma saliência um tanto plana na rocha e, acima dela, meio escondida pela vegetação, a silhueta de uma porta.

— *Tem* que ser isso! — disse Connor.

— É preta e é uma porta! — concordou Bart, sorrindo. — Para mim basta!

Jez levantou a cabeça e abriu a boca. Parecia inchada. Connor não havia notado antes como os incisivos dele eram pronunciados. Pareciam estar crescendo. As gengivas estavam intumescidas e sangrando. Connor ficou tremendamente aliviado quando Jez fechou a boca de novo.

— Não há onde amarrar o bote — disse Bart. — Connor, vou ter que esperar aqui, você entra com ele.

— Eu?

Bart assentiu, apertando seu braço.

— Vá, meu chapa. Por pior que seja, não pode ser pior do que a alternativa.

Connor não tinha tanta certeza. Uma taverna de sangue parecia um lugar bem ruim para se estar. Tremeu em antecipação enquanto Bart firmava o bote para ele descer sobre a rocha e subir até a parte mais plana.

— Aqui — disse estendendo a mão para Jez. — Venha. — Ajudou Jez a subir. Era como guiar um cachorro selvagem.

Assim que chegaram à parte plana, as plantas crescidas formaram uma espécie de pérgula que levava na direção da porta preta. Havia uma corda de campainha ao lado. Enquanto tentava acalmar a maré de nervosismo, Connor estendeu a mão e puxou-a.

Depois de uma ligeira demora, houve um som de metal deslizando e uma pequena abertura apareceu na porta. Dois olhos turvos e leitosos olharam para fora. Fixaram-se em Connor. Ele encarou de volta, com o coração acelerado.

— Sim? — disse uma voz de dentro.

— Esta é a Taverna do Sangue? — perguntou Connor.

Não houve resposta. Os olhos turvos olhavam para fora, sem qualquer expressão. Connor não pôde deixar de se perguntar se eram os olhos de um cego.

— Aqui é o riacho do Limbo, e esta é a única porta preta. Esta deve ser a Taverna do Sangue. Por favor, deixe-nos entrar. Meu... meu amigo precisa de sangue... urgentemente.

Os olhos não demonstraram sequer um tremor de compreensão. Então Connor se lembrou da última anotação no braço de Jez.

— Lilith — disse. — Estamos procurando uma pessoa chamada Lilith.

Diante disso a porta se abriu rangendo e uma abertura apareceu na rocha. Connor se abaixou e entrou, puxando Jez.

Os olhos leitosos do porteiro pareciam pairar na escuridão. Ele usava um manto preto. Sem dizer nada, levantou a mão e apontou para um corredor em curva. Connor pôde ver um brilho de luz e escutar vozes adiante.

— *Sangue?* — perguntou Jez.

— É — respondeu Connor, tranquilizando-o. — Sangue. Agora falta pouco.

Seguiram pelo corredor mal iluminado até chegarem a um pequeno vestíbulo quadrado. Havia uma cabine de vidro no centro — parecia com a do Cine Baía Quarto Crescente — e Connor pôde ver uma mulher dentro. O cabelo da mulher estava arrumado num coque preto meio desgrenhado. As pálpebras tinham uma grossa camada de purpurina verde-esmeralda. Aquilo parecia não combinar com o ambiente ao redor e com o rosto dela, que não estava no frescor da juventude.

Havia alguém à frente deles, na fila. O sujeito se virou e Connor viu, horrorizado, o mesmo fogo ardendo nos olhos dele. Outro vampiro. Se havia sentido que corria perigo no bote, quando Jez era apenas um contra ele e Bart, a coisa era muito pior aqui.

Nesse lugar estranho, no fundo da rocha, sem dúvida os vampiros eram em maior número do que os mortais. Ficou olhando quando o vampiro enfiou a mão no bolso e pegou um monte de moedas. Depois Connor sentiu o sangue gelar. Teriam de pagar pelo sangue. Claro que sim! Por que não havia previsto isso?

— Quarto três! — anunciou a mulher na cabine, colocando o dinheiro do vampiro em seu caixa e apontando para uma porta coberta com veludo vermelho. O vampiro assentiu e passou pela porta, penetrando na escuridão que havia atrás dela.

— Próximo! — gritou a mulher de dentro de sua gaiola de vidro enfeitada de dourado. Connor se adiantou, tremendo.

— Precisamos de um pouco de sangue — disse.

— Vieram ao lugar certo — respondeu a mulher. — Uma garrafa, meia garrafa ou uma quantidade em especial?

Connor olhou para Jez, depois se virou de novo para a mulher.

— Não sei. É para ele, não para mim.

A mulher olhou Jez de cima a baixo e se virou para Connor.

— Acho que uma garrafa.

— Certo — respondeu Connor, depois fez a pergunta que estivera temendo. — Quanto é?

Não era uma quantia muito grande. Mas era mais do que Connor tinha.

— Você tem algum dinheiro, Jez? — perguntou.

Jez balançou a cabeça e gemeu:

— *Saaaaangue.*

— Sem dinheiro, nada de sangue — disse a mulher. — Desculpe, querido, mas não somos uma instituição de caridade. Agora saia do caminho, há outros atrás de você na fila.

Connor não podia acreditar que tivessem vindo tão longe para ser derrotados. Triste, virou-se. Ao fazer isso, a mulher falou.

— Espere! Esse medalhão que você está usando. Acho que vale alguma coisa.

Connor se virou.

— Meu medalhão? — Seus dedos pousaram nele. Era o medalhão que havia dado a Grace e que ela deixara quando foi embora. Para ele era um talismã, um modo de fazê-lo sentir que ela estava perto. — Não posso lhe dar isso. Não posso.

— Ah, bem — respondeu a mulher. — Foi só uma ideia. Próximo!



CAPÍTULO 23

Uma alternativa ao sangue

Olivier tinha uma suíte, mas, pelo que Grace podia ver, cada um dos aposentos era tão simples e monástico quanto os outros no Santuário. A porta do quarto estava aberta e ele parecia tão pobre quanto o de Lorcan ou o dela, sugerindo que os “funcionários” não tinham mais privilégios do que os visitantes ou os que estavam em tratamento. Outra porta dava para um pequeno escritório. Ela não ficou surpresa em ver que o lugar era meticulosamente arrumado. Havia uma cadeira e uma pequena escrivaninha, no momento sem qualquer papel. Atrás, uma prateleira com uma fila de livros e pastas muito bem-arrumados. Na parede, havia uma espécie de fichário de madeira com cartões enfiados. Parecia algo que a gente encontraria num hospital ou numa biblioteca. Grace desejou chegar perto para ver exatamente o que era.

— Dando uma boa xeretada, hein? — disse Olivier, pondo um avental simples sobre o manto e amarrando na cintura.

— Desculpe! — respondeu Grace, ficando vermelha. — Nunca resisto a explorar lugares novos.

— Sem problemas. *Mi casa su casa*, e coisa e tal.

Grace pareceu não ter entendido.

— Significa “minha casa é sua casa” — explicou Olivier.

— Ah — disse Grace, afastando-se da porta do escritório e indo para o balcão de madeira onde Olivier estava colocando um grande almofariz com pilão.

Este cômodo, o maior da suíte, parecia uma mistura de cozinha e farmácia. O balcão ocupava a maior parte do cômodo. A parede atrás era coberta com prateleiras da esquerda à direita e do piso ao teto. Elas vergavam sob o peso de uma infinidade de frascos de vidro contendo temperos, garrafas de óleos, cestos de ervas frescas, frutas e legumes, cascas, castanhas e outros itens que, no momento, escapavam à capacidade de categorização de Grace. Uma escada de madeira era conectada à prateleira mais alta, permitindo que Olivier subisse e pegasse o que fosse necessário nos locais mais altos.

Cada vidro era rotulado, mas ele parecia saber instintivamente onde estava tudo de que precisasse. Era como olhar um pianista, pensou Grace, enquanto as mãos de Olivier passavam pelas prateleiras, escolhendo rapidamente os vários itens necessários e pondo-os no balcão, ao lado do pilão e do almofariz.

— Puxe um banco, Grace — encorajou ele, enquanto enfileirava os frascos e se preparava para trabalhar.

— Obrigada — respondeu ela, obedecendo. — Então, o que há neste unguento?

— Hera moída... losna... cera de abelha, de nossas colmeias... óleo de girassol... sabugueiro verde... tanchagem... folha de bananeira...

Enquanto citava os ingredientes, Olivier abria cada frasco e media a quantidade que ia para a tigela de ferro. Continuou citando outras substâncias mas Grace perdeu o fio da meada, fascinada em ver como ele parecia saber exatamente que quantidade de cada ingrediente deveria colocar, sem uso de balança, colheres de medida ou qualquer outro equipamento.

De repente ele ergueu os olhos.

— Qual é o problema?

— Você sempre faz as poções sem medir?

— Estou medindo — disse ele. — Só que não com equipamentos. Já fiz esse unguento muitas vezes.

— Muito impressionante.

Ele deu de ombros.

— Na verdade, não. É um remédio bastante comum. O sabugueiro é o ingrediente mais importante. Conhece os poderes mágicos do sabugueiro, Grace?

Ela fez que não com a cabeça.

— Bom, deixe-me colocar você a par — disse esmagando as várias folhas e os pequenos gravetos. — Na Rússia, acreditavam que as árvores de sabugueiro afastavam os espíritos maus. E na Sicília usavam-no para repelir serpentes e ladrões! Os sérvios usavam o sabugueiro em cerimônias de casamento para dar sorte ao feliz casal. E na Inglaterra as pessoas juntavam folhas de sabugueiro no último dia de abril e penduravam nas portas e janelas para impedir que bruxas entrassem nas casas. E aqui, no Santuário, usamos para curar ferimentos externos e hematomas, como os dos olhos do seu amigo.

Ele começou a socar a mistura com o pilão. Grace ficou olhando as substâncias diferenciadas começando a se misturar, tornando-se uma pasta cremosa. Não sabia se acreditava no folclore que Olivier havia acabado de contar. Mesmo assim havia uma certa alquimia no modo como ele fazia o unguento a partir de seus muitos componentes.

— Dá vontade de comer isso — disse ela enquanto Olivier pousava o almofariz.

— É melhor não — respondeu ele com um sorriso. Em seguida pegou um pequeno pote de vidro vazio e colocou o unguento dentro com a ajuda de uma colher. Depois o entregou a Grace. — Aqui, cuide disso. Vamos entregar ao seu amigo mais tarde. Vou aplicar o primeiro curativo, mas depois será sua responsabilidade fazer isso, duas vezes por dia, quando ele acordar e antes de ir dormir. Com mais frequência, se for necessário.

Grace segurou o pote de unguento, satisfeita ao pensar que poderia fazer alguma coisa prática para ajudar a reduzir a dor de Lorcan.

Olivier levou o almofariz e o pilão a uma pia funda e o encheu com água quente.

Grace ficou olhando-o esfregar vigorosamente as mãos. Depois ele foi até uma enorme panela de cobre que estava sobre um fogão apagado.

— O que há aí? — perguntou Grace.

— Venha ver.

Ela desceu do banco e rodeou a mesa. A panela ainda estava quente, mas não havia calor embaixo. Dentro havia um líquido vermelho-púrpura e denso, em cuja superfície havia se formado uma película. Olivier pegou uma concha, rompeu a película e mexeu o líquido. Quando fez isso, um cheiro nítido e não muito agradável penetrou nas narinas de Grace.

— O que é *isso*? — perguntou ela.

— Prove — disse Olivier, colocando uma pequena quantidade numa xícara e entregando a ela. Depois olhou um termômetro, enfiou-o na panela e viu a temperatura. — Ainda está um pouquinho quente. É melhor se for bebido por volta de 37 graus centígrados.

Grace segurou a xícara, e ficou observando o líquido. Era mais ralo do que uma sopa, porém mais grosso do que suco de fruta, e havia algo familiar naquele tom específico de vermelho. De repente um pensamento horrível atravessou sua mente.

— Espere um minuto. Trinta e sete graus é a temperatura do corpo. — Ela franziu a testa. — Isso não é o que eu acho que é, *ê*?

— Prove. Agora está na temperatura certa.

Ela não sabia se queria provar. Principalmente se *fosse* o que achava que era.

— Grace, ande!

Ela levou a xícara aos lábios e, fazendo uma careta, tomou um pequeno gole. Tinha um gosto estranho e bastante amargo. A textura também era muito definida. Parecia se demorar na boca e na língua. A maioria dos líquidos matava a sede, mas este era mais seco. Fez com que ela sentisse desejo de um copo d'água para lavar a boca.

— Gosta? — perguntou Olivier.

Grace balançou a cabeça.

— Não muito. — Depois perguntou pela terceira vez: — O que é?

— Chá de frutas — respondeu Olivier finalmente. — Fazemos com uma mistura de sete pequenas frutas silvestres. Muitas são bastante raras, mas crescem aqui na montanha.

— Que alívio! Achei que poderia ser...

— Você achou que poderia ser sangue — terminou Olivier, sem demonstrar surpresa. — É o que damos aos vampiros durante a primeira fase do tratamento aqui. A textura é muito próxima da do sangue, porém o mais importante é que a bioquímica também é. Tem um nível muito alto de minerais e outros nutrientes.

A mente de Grace estava disparando.

— Vocês dão aos vampiros uma alternativa ao sangue? Mas a privação do sangue de verdade não os enfraquece?

Olivier balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Como você viu no *Noturno*, os vampiros só precisam de uma quantidade relativamente pequena de sangue, tomada em base regular, para sobreviver. A qualidade do sangue que tomam é o importante. A maioria dos vampiros que chegam aqui andou se entupindo de sangue de fontes múltiplas, frequentemente desconhecidas. Boa parte dele é lixo. Na primeira fase do tratamento aqui nós precisamos tirar esse

sangue do organismo deles e começar a conter suas ideias sobre a fome. Quando nós os rerepresentamos ao sangue, insistimos em que devem tomá-lo de modo mais comedido, de uma fonte conhecida.

— O doador.

Olivier assentiu.

Grace estava perplexa.

— Eu não achava que eles conseguiam digerir outra coisa além de sangue.

Olivier assentiu.

— Ah, sim. A digestão de um vampiro é sem dúvida diferente da de um humano vivo. Seria praticamente impossível para eles, por exemplo, digerir comida sólida. A explicação fisiológica é um tanto complexa, mas pense do seguinte modo: depois da morte, o corpo é mais ou menos como ao nascer. Você não tentaria alimentar um bebê recém-nascido com um bife, não é? — Ele sorriu. — Bom, do mesmo modo, um vampiro só consegue digerir líquido. Mas a beleza deste chá é que é semelhante ao sangue em aparência e textura. Satisfaz a necessidade imediata deles. E, como eu digo, também espelha bastante bem o sangue em termos de seus compostos químicos.

A cabeça de Grace estava girando.

— Eles poderiam sobreviver com isso, em vez de sangue?

Olivier balançou negativamente a cabeça.

— Indefinidamente, não. Pelo menos achamos que não. É uma providência temporária. Mas é uma substância verdadeiramente maravilhosa. Usamos principalmente para afastar os vampiros do sangue, mas, por exemplo, Mosh Zu disse que vamos começar a fazer Lorcan usá-lo, para estimulá-lo a tomar sangue. — Ele mergulhou o termômetro de volta na panela e fez outra leitura. — Ah, perfeito. — Em seguida pegou uma bandeja com garrafas de metal e começou a desatarraxar as tampas.

— Você disse que dão o sangue aos vampiros na primeira fase do tratamento. O que acontece depois?

Olivier começou a colocar conchas do chá nas garrafas enquanto falava.

— Há três fases no tratamento aqui. A primeira é a iniciação e a diminuição do vício de sangue. O chá faz parte disso, mas há um bocado de trabalho psicológico, mais importante, a ser feito. A fome de sangue, a obsessão pela caçada, são necessidades tanto mentais e emocionais quanto físicas. — Ele tampou uma garrafa e começou a encher outra.

“A segunda fase é a reaproximação deles ao sangue, mas de um modo novo, comedido. Nessa fase receberão sangue de verdade, fornecido pelos doadores locais, mas não haverá interação física entre os vampiros e os doadores. O sangue é fornecido aos vampiros em garrafas como estas.” Ele tampou a segunda.

“Só durante a terceira e última fase do tratamento os vampiros e doadores são emparelhados. Então começa o compartilhamento. É a preparação final para entrar para o *Noturno*.”

Grace assentiu.

— Então o objetivo definitivo de cada vampiro que passa pelo Santuário é entrar para o navio Vampirata?

Olivier assentiu.

— Sim, claro.

— Mas como há espaço para todos eles?

— O *Noturno* tem espaço necessário para todos que queiram viajar nele. E, além disso, alguns não conseguem completar o tratamento aqui e voltam à vida antiga. É frustrante quando isso acontece, mas nem todo mundo consegue. — Ele tampouco outro frasco e andou adiante. — E ocasionalmente há pares de vampiro e doador que completam o estágio de parceria do tratamento mas optam por não ir para o navio.

— Para onde eles vão? — perguntou Grace, perplexa de novo.

— Para onde quiserem. — Olivier sorriu. — Sem dúvida o caminho deles é o mais difícil, vivendo em meio à sociedade humana e mantendo o segredo...

— Quer dizer que nos povoados e cidades há vampiros vivendo com seus doadores, entre nós? — Os olhos de Grace estavam arregalados.

— É um pensamento intrigante, não é? — disse Olivier com os olhos brilhando. — Bom, nunca se sabe, eles podem ser seus vizinhos da casa ao lado! Como você poderia saber? Só pelo fato de que um dos dois parece jamais envelhecer e o outro nunca é visto comendo. Mas, na maior parte do tempo as pessoas não são tão observadoras. São enganadas facilmente com histórias de dietas exóticas e tratamentos de beleza.

Grace supôs que não haveria motivo lógico para duas pessoas não viverem na sociedade “normal” como vampiro e doador. Era um pensamento espantoso.

— Pronto — disse Olivier, fechando a tampa do último frasco. — Está pronto. O chá vai ficar quente nesses frascos durante mais algumas horas. Faremos a ronda mais tarde, mas agora há coisas mais urgentes.

Começou a colocar mais potes, panelas e facas na mesa. Grace estava espantada: as tarefas de Olivier pareciam jamais terminar.

— O que você vai fazer agora?

— Bom, quanto a você, não sei, mas eu estou morrendo de fome. Pensei em preparar um lanchinho.



CAPÍTULO 24

Quarto número quatro

Connor viu as chamas ardendo nas cavidades dos olhos de Jez. Era como se fossem consumir o rosto dele.

— Tudo bem — disse arrancando com força o medalhão. — Tudo bem, pode ficar com ele. Agora dê um pouco de sangue ao meu amigo!

— Sem problema, querido — respondeu a mulher, com as mãos apertando o medalhão e puxando-o para dentro da cabine.

— Quarto número sete.

Connor levou Jez para a porta de veludo vermelho.

A mulher interrompeu a transação seguinte para gritar.

— Você não pode entrar com ele. Espere aqui. Temos café e revistas.

Connor ficou um pouco aliviado. Enquanto passava pela porta, Jez se virou e seu rosto pareceu normal de novo, só por um instante.

— Obrigado — disse, e sumiu.

A meia hora que Connor passou naquela sala de espera foi uma das mais estranhas de sua vida. A princípio havia um fluxo constante de vampiros entrando na antessala e entregando o dinheiro, antes de ser mandados para o outro lado da porta coberta de veludo. Connor fez o máximo para evitar contato visual com os clientes, mas percebia que absolutamente todos o olhavam ao passar. Talvez pudessem sentir que ele não era vampiro e se perguntassem por que, então, ele estaria ali. Ou talvez o vissem em termos mais simples — como um conveniente receptáculo de sangue. Esforçou-se ao máximo para conter o pânico crescente induzido por esse pensamento. Pegando uma revista, virou as páginas, mas sentia-se incapaz de se concentrar no conteúdo. Só pensava naquele lugar estranho, no caminho curioso que o trouxera até ali e no perigo que pairava sobre ele.

Espiava os recém-chegados com o canto do olho. Evidentemente os vampiros

eram todo tipo de gente. Homens e mulheres. Brancos, negros, asiáticos, hispânicos. Jovens, velhos e de todas as idades intermediárias. O que os unia era a fome terrível nos olhos. Poucos se encontravam no estado extremo de necessidade de Jez, mas o mesmo fogo reconhecível tremeluzia nos rostos. A cada vez que o via, Connor pensava nas palavras que Jez havia dito mais cedo...

Eu não controlo mais o meu corpo, meus pensamentos, minhas necessidades. Quando a fome aparece e penetra em mim, não consigo lutar contra isso.

Talvez tivesse sido muito apressado julgar Jez pelo ataque à pobre Jenny. Jez não havia pedido esta existência. Havia tido uma morte precoce como pirata. Connor não sabia o que existia do outro lado da morte, mas, se deveria ser a paz, esta tinha sido negada a Jez. Sidório havia se intrometido. Sidório o trouxera de volta para uma nova existência, uma distorção da vida. Mas agora Sidório havia partido e Jez tinha ficado para carregar seu fardo sozinho.

Desejou que Grace estivesse com ele agora. Como ela podia ficar tão à vontade com vampiros? Sua irmã tinha coragem em uma profundidade que ele só podia imaginar. Levou a mão, triste, ao pescoço vazio, onde o medalhão estivera meia hora antes. Sentia-se deprimido por tê-lo entregado por um preço tão barato. Como se, de algum modo, tivesse traído Grace. Mas que opção havia?

— Quer um café?

Levantou os olhos e viu a mulher da cabine, agora de pé ao seu lado. Ela era muito menor do que parecera dentro da cabine, empoleirada num banco.

— Café? — repetiu ela. — Estou no meu intervalo. E você parece a ponto de cair.

— Quero sim, obrigado. — Connor assentiu, surpreso pela oferta e pelo sorriso que a acompanhava.

Instantes depois ela voltou com uma bandeja e pôs uma caneca quente em suas mãos.

— Sirva-se de leite e açúcar. — Ela pegou sua própria bebida, acendeu um cigarro e sentou-se ao lado dele.

— Você não é um deles, né? — perguntou. — Não pertence a este mundo.

Ele negou com um movimento de cabeça.

— Não. Só estava ajudando um velho amigo.

A mulher assentiu, soprando fumaça num círculo perfeito.

— Eu percebi. Há uma coisa limpa em você. Inocente.

Connor deu de ombros. Não gostava de dizer, mas agora não se sentia nem um pouco limpo. Algo naquele lugar lhe dava uma necessidade imediata de um banho longo e quente.

— O que aconteceu? — perguntou. — Atrás da porta de veludo. Nos quartos. O que acontece lá?

Houve uma pausa enquanto a mulher tomava café e tragava o cigarro, absorvendo uma dose de caféina e nicotina.

— O que você acha que acontece, querido? Os clientes precisam de sangue. E minhas meninas... e meninos, eles dão o que eles precisam.

Mesmo contra a vontade, Connor ficou intrigado.

— Suas meninas e meninos... o que eles são? De onde vêm? Porque eles querem fazer isso?

A mulher pôs o cigarro num cinzeiro.

— Bom, não imagino que nenhum deles tenha saído por aí pensando “Ah, já sei o que eu gostaria de ser: doador de sangue para vampiros!” Mas por aqui as opções são poucas. Não há muitas oportunidades para ganhar dinheiro... não hoje em dia. O que leva qualquer um de nós a fazer qualquer coisa na vida, querido? Dinheiro. A necessidade de sobreviver.

— Mas dar sangue, assim... — Connor estremeceu.

— O que *voê* faz?

— Sou pirata.

— Ah, verdade? — Ela riu, e não foi uma risada simpática. — Um pirata. Que profissão nobre! — Então seu sorriso se suavizou e ela sorriu, um sorriso gentil. — Boa sorte. Você realmente acha que isso é nobre, não acha? Você é ingênuo demais.

Ele não entendeu. O que ela estava querendo dizer com isso?

— Aqui. — A mulher enfiou a mão no bolso e pegou o medalhão. — Tome de volta — disse apertando-o na mão de Connor.

— Não — protestou ele. — Tudo bem. Nós fizemos um negócio justo.

— Shhhh, garoto. — Ela fechou os dedos dele em volta do medalhão. — Você é um dos bons, dá para ver. Não seria certo eu ficar com isto. Foi uma noite boa. Posso absorver um pequeno prejuízo.

— Está bem, então. Obrigado.

— Ah, olhe — disse ela. — Finalmente seu amigo voltou.

Connor levantou os olhos enquanto Jez passava pela porta de veludo vermelho. Era o velho e familiar Jez, dando um sorriso largo. Parecia recuperado, como se tivesse acordado de um sono longo e tido um café da manhã reforçado. Vão se juntar a Connor e à mulher.

— Está melhor? — perguntou Connor.

— Muito. Estou me sentindo um novo homem. Vamos voltar ao bote, certo? — E começou a andar pelo corredor.

— Bom — disse a mulher —, vá lá, pirata. O que está esperando? Não vai atrás dele?

— Vou — respondeu Connor, levantando-se. — Obrigado pelo café. — Fez uma pausa. — Meu nome é Connor. Connor Tormenta. E o seu?

— Lilith. — A mulher sorriu. — Meu nome é Lilith. — Deu uma piscadela, depois fez um movimento com as mãos como se o mandasse embora. — Saia daqui, Connor Tormenta. Volte para os oceanos, que são seu lugar.

Ele assentiu e sorriu, depois se virou e seguiu Jez para a noite. Quando fechavam a porta, ouviram uma voz vindo de baixo.

— Connor? Jez? Pulem!

Bart havia posto o bote logo abaixo deles. Connor pulou com leveza, seguido por Jez. Imediatamente Bart começou a guiar o bote para longe do riacho.

— Próxima parada, navio Vampirata! — disse ele.

Junto à face da rocha, outro bote pequeno saiu do meio dos juncos, encoberto pela escuridão. Tinha apenas um tripulante. Um jovem vestindo um casaco de couro gasto, que sorriu sozinho e não pôde deixar de exclamar:

— Ora, ora. Esta noite está ficando cada vez mais interessante.

Então Luar Wrathe fixou o olhar no pequeno bote e começou a velejar atrás dele, seguindo-o rumo à parada seguinte de sua curiosa viagem.



Um pouco mais tarde, naquela noite, outro bote entra no riacho do Limbo. Seu único ocupante é familiarizado com o lugar. Não precisa de mapa para encontrar a porta preta. Dá um puxão forte na corda da campainha. Os olhos leitosos aparecem pela fenda na porta, mas ele mal os vê; só diz uma palavra:

— Lilith.

Quando a porta se abre, ele entra, seguindo direto pelo corredor até o vestibulo.

Ela está sentada na cabine, lixando as unhas. Ele se aproxima e ela ergue os olhos, surpresa a princípio. Depois dá um sorriso maroto.

— Ouvi dizer que você estava morto.

Ele devolve o sorriso.

— Que bom. Então o boato se espalhou. Isso me dá mais tempo.

— O boato se espalhou mesmo — diz ela, pousando a lixa. — E eu posso muito bem continuar alimentando-o.

— Faça isso. — Ele enfia a mão no bolso e passa um maço de notas para dentro da cabine.

— Alguém está se saindo bem — diz ela, depois levanta uma das notas à luz.

— Todas são verdadeiras — garante ele.

— Tenho certeza de que sim. Só preciso verificar. — Ela faz uma pausa. — Aquele seu colega esteve aqui mais cedo. O jovem.

— Stukeley? Excelente. Então tudo está seguindo de acordo com o plano.

— O que será que você está aprontando? — Ela dá um risinho. — Não, não diga. Você sabe que sou uma fofocqueira terrível.

Ele confirma com a cabeça.

— Então, você veio aqui só para bater papo ou quer um pouco de sangue nessas suas veias grossas?

— Estou com fome — diz ele.

— Uma garrafa? Duas?...

— Ilimitado.

— Isso vai custar caro.

— Eu sei.

— Tenho de pensar na desova do corpo. E em contratar um substituto...

Ele enfia outra pilha de notas na cabine.

— Isso deve cobrir qualquer *inconveniência*.

Lilith pega o dinheiro e o empilha em cima do que ele havia dado antes. Ela pensa por um momento.

— Quarto número quatro — diz decidida.

Ele assente, depois se vira e vai até a porta de veludo vermelho.

— Tente não fazer muita... sujeira — grita ela.

Ele ri.

— É bom ver você de novo, Lilith.

— Você também, Sidório.



CAPÍTULO 25

A sala de recreação

Grace ficou observando enquanto Olivier aplicava com cuidado o unguento em torno dos olhos de Lorcan. Ela ainda sofria ao ver as queimaduras lívidas atravessando o centro do rosto dele, mas se consolou com o pensamento de que, com esse tratamento, a ferida começaria a se curar. Tudo valeria a pena — tudo pelo dia em que Lorcan abrisse os olhos de novo e pudesse vê-la outra vez, como antigamente. Por um instante os pensamentos de Grace voltaram aos seus primeiros dias no *Noturno*, quando o charme travesso e os olhos brilhantes de Lorcan a haviam impedido de enlouquecer.

— Veja bem, Grace — disse Olivier. — Só é necessário um pouquinho. Isso é forte. — Depois falou diretamente com Lorcan. — Vou colocar nas suas pálpebras agora. Acho que vai arder um pouco.

Mesmo com o toque gentil dos dedos de Olivier, Lorcan se encolheu.

— Desculpe — disse Olivier. — Sei que é desconfortável mas vai melhorar.

Lorcan assentiu de leve.

— Tudo bem — respondeu com voz rouca.

Grace apertou a mão de Lorcan.

— Eu vi Olivier preparar o unguento. O ingrediente principal é sabugueiro. Ele estava me contando sobre as crenças mágicas que as pessoas têm em relação ao sabugueiro. Tipo: na Sicília, ele era usado para afastar cobras e ladrões!

Lorcan deu um sorriso suave.

— Na Irlanda também. Bom, na Irlanda o sabugueiro é uma árvore tão sagrada que é proibido quebrar um galho. As pessoas acham que as bruxas usam os galhos de sabugueiro como cavalos mágicos. Imagine só!

— Pronto — disse Olivier. — Acabei. Não foi tão ruim, afinal de contas, não é? — Em seguida pegou um novo rolo de bandagem e uma tesoura em sua sacola, depois pareceu hesitar. — Na verdade, Grace, não quer colocar a bandagem do Lorcan? Você está ficando muito boa nisso.

Grace confirmou com a cabeça, pegando a bandagem e a tesoura e começando a trabalhar. Olivier ficou olhando enquanto ela ajustava bem a nova bandagem na cabeça de Lorcan.

— Excelente trabalho — disse Olivier. — Você tem sorte, Lorcan Furey, por ter ao seu lado uma enfermeira tão competente.

— E eu não sei? — respondeu Lorcan, sorrindo de novo.

O coração de Grace deu um salto. Dois sorrisos numa sucessão rápida. Não via isso vindo do Lorcan havia um bom tempo.

— Bom, eu também trouxe uma coisa para você beber — disse Olivier.

O sorriso desapareceu imediatamente.

— Não estou com sede.

— Não é o que você acha — disse Grace. — É um substituto do sangue. É um chá feito de sete frutas silvestres que crescem aqui na montanha. É cheio de minerais e outros nutrientes.

Olivier sorriu.

— Isso mesmo. Não esperamos que você comece a tomar sangue enquanto não estiver preparado. Mas até lá, este chá vai ajudá-lo a ganhar forças.

Lorcan permaneceu impassível.

— Estou me sentindo cansado de novo — disse.

— Não é surpresa — disse Olivier. — Se está cansado, deve descansar. É por isso que está aqui. Tudo faz parte do processo de cura.

— Quer que eu fique com você? — perguntou Grace.

— Quero — Lorcan assentiu. — Quero, se você não se importa.

— Não me importo nem um pouco. — Ela sorriu e apertou de novo a mão dele.

— Vou deixar vocês dois — anunciou Olivier. — E estou deixando o frasco de chá aqui na sua mesinha de cabeceira. Se quiser um pouco, peça para Grace servir. Não quero pressionar, Lorcan, mas se você conseguir tomar ao menos uma gota, isso vai ajudar a acelerar sua recuperação.

— Entendo — disse Lorcan. — Deixe-me dormir e depois veremos quanto ao chá.

— Por mim está ótimo. — Olivier assentiu e começou a recolher suas coisas e colocá-las de volta na sacola. Levantando-se, foi para a porta. — Grace, uma palavrinha — disse chamando-a para o corredor.

Ela foi até ele.

— Deixe-o dormir — Olivier disse em voz baixa. — Mas, quando ele acordar, tente fazer com que beba um pouco do chá. Não force, mas se alguém pode conseguir fazer com que Lorcan beba isso, é você. — Ele sorriu. — Provavelmente é melhor não dizer que achou ruim!

Grace confirmou com a cabeça.

— Mais tarde venho vê-los — disse ele. — Ah, quase esqueci. Tenho uma coisa para você.

Ele abriu a sacola de novo e pegou um livro. Estendeu-o para ela.

— O que é isso? — perguntou Grace, esperando que fossem mais informações sobre o Santuário, ou talvez uma coleção de receitas de remédios herbais. Mas, quando virou o livro de lado e leu a lombada, sorriu.

— *O jardim secreto!* Um dos meus favoritos.

— Achei que talvez você quisesse alguma coisa com a qual se ocupar enquanto ele estiver dormindo.

— Obrigada. — De novo, Grace se pegou revendo sua opinião sobre Olivier. As primeiras impressões sobre ele haviam sido bastante erradas. Afinal de contas, ele era muito atencioso. Viu-o sair pelo corredor, com a sacola no ombro, batendo na porta seguinte e desaparecendo no aposento de outro vampiro. Depois ela fechou a porta do quarto de Lorcan. Pela respiração, dava para ver que ele já havia caído no sono. Sentou-se na cadeira ao pé da cama e abriu silenciosamente o livro. Tinha-o lido pela primeira vez havia anos, e desde então lera de novo com frequência. A abertura, que lhe era familiar, parecia um bálsamo.

Quando Mary Lennox foi mandada à mansão Misselthwaite para morar com seu tio...

Com um suspiro de satisfação, logo Grace se perdeu de novo na história da chegada da pobre Mary Lennox à casa solitária em meio ao terreno desolado.

— O que você está lendo?

A voz soou de repente.

Grace levantou os olhos.

— O que você está lendo? — perguntou ele de novo.

— Como sabe que estou lendo? — perguntou ela, desconcertada.

— Porque posso ouvir você virando as páginas — respondeu Lorcan com um risinho. — Não foi necessária muita habilidade psíquica para deduzir.

— Está acordado há muito tempo?

— Não sei. — Ele deu de ombros e sentou-se.

— Aqui — disse ela. — Deixe-me arrumar seus travesseiros.

— Obrigado. Sem dúvida você é uma boa enfermeira. Desculpe causar tanto problema. Não é justo.

— Bobagem. Você cuidou de mim, lembra? Você evitou que eu me afogasse, e depois, no *Noturno*, me protegeu... O mínimo que posso fazer é afogar seus travesseiros.

— Mesmo assim. — Desta vez ele pegou sua mão. — Agradeço muito, Grace.

Com o canto do olho, Grace viu a garrafa que Olivier havia deixado na mesinha de cabeceira de Lorcan. Ele estava num humor tão bom que ela achou que seria o momento de falar de novo no chá. Estava se preparando para perguntar, mas ele falou primeiro:

— Então, vai me contar ou é algum segredo profundo e sombrio?

— O quê? — perguntou ela, sentindo-se culpada e sem certeza exatamente do motivo.

— O que você está lendo!

— Ah! — Ela sorriu. — É *O jardim secreto*. Olivier me deu. É um dos meus livros preferidos. Você conhece?

— Já ouvi falar. Mas não sou muito de ler. De que se trata?

— Bom, há uma garota chamada Mary Lennox. — Grace sentou-se na beira da cama. — Ela morava na Índia, mas seus pais morrem e ela é mandada de volta à Inglaterra para ficar com seu tutor numa mansão enorme. É um lugar lindo, mas solitário. A mulher do tutor morreu mas ele ainda está de luto. A mulher possuía um jardim murado, mas, depois de ela morrer, o marido o trancou e enterrou a chave...

— Parece triste.

- É bem triste, mesmo. Mas eu gosto de histórias tristes. E também é muito linda.
— Você leria um pouco para mim?
— Claro que leio. — Grace voltou à cadeira e abriu o livro de novo no início. —

Está sentado bem confortável?

— Como assim?

Grace sorriu.

— É só uma coisa que meu pai costumava perguntar a Connor e a mim antes de ler para nós.

— Ah. Bom, sim, senhorita Tormenta, estou bastante confortável. Então vamos ouvir sobre esse seu jardim secreto.

Grace abriu o livro e começou a ler.

— Acho melhor parar aqui, por enquanto — disse Grace. — Estou ficando rouca.

— É uma história fantástica. E você lê muito bem.

— Obrigada. — Ela levantou o olhar para Lorcan e sorriu.

Ele bocejou.

— Está com sono de novo? — perguntou ela.

— Não. Na verdade me sinto bem acordado. Poderia me levantar e dar uma volta.

— Verdade? — Grace ficou surpresa.

— É. Vamos dar um passeio?

— Claro. Mosh Zu disse que a gente poderia sair, não disse? — Depois ela pensou melhor. — Ah, não. Está de dia.

— Bom, então vamos explorar um pouco as coisas aqui dentro, que tal?

— Vamos! Por que não? — Grace ficou satisfeita ao ver Lorcan tão ansioso para se levantar. Não pôde deixar de pensar que esse era um bom sinal. Fechou o livro, marcando a página para continuar mais tarde, depois foi ajudá-lo a sair de debaixo das cobertas.

— Pronto — disse ela. — Ponha os pés no chão. Eles deixaram uns sapatos macios para você.

— Pantufas, Grace. Vamos chamar as coisas pelos nomes, sim? Eu sou um inválido, portanto é claro que me deram pantufas. Tudo bem. Se você as puser na frente dos meus pés, eu calço.

Ela obedeceu e ele enfiou os pés nas pantufas.

— Prontinho — disse Lorcan. — Agora vamos fazer um *tour* por entre mágicas e mistérios.

Grace olhou para a garrafa de chá na mesinha de cabeceira.

— Antes de irmos — começou —, será que você acha que poderia experimentar um pouquinho de chá?

Ele pensou por um momento, depois baixou a cabeça.

— Não estou com sede. Talvez mais tarde, quando voltarmos.

Grace ficou um tanto frustrada, mas pelo menos havia tentado. E Olivier a instruíra a não pressionar Lorcan.

— Tudo bem — disse. — Então você está pronto? Ele assentiu. Ela abriu a porta e o levou para o corredor

— Esquerda ou direita? — perguntou Grace.

— Escolha você.

Ela decidiu ir para a direita. A princípio Lorcan ficou meio inseguro por estar de pé, mas à medida que ela o guiava, ele foi ganhando ritmo. O corredor mal iluminado estava deserto. Todas as portas dos dois lados se encontravam fechadas. Isso fez Grace se lembrar do *Noturno*, de quando os vampiros estavam dormindo; ou depois do Festim, quando ficavam trancados, compartilhando.

Um corredor levava a outro. Grace não sabia se eles voltariam ao ponto de partida caso continuassem ou se, como um labirinto, o corredor os levaria a um beco sem saída ou a um lugar de onde seria difícil retornar. Mesmo assim continuou em frente, sem saber se esse era um novo corredor ou algum que já teriam percorrido.

— Está muito silencioso — disse Lorcan.

— É. Os outros devem estar descansando.

— Viu? — Lorcan deu um risinho. — Eu tenho mais pique do que o restante deles, mesmo nesta condição.

— É, tem sim.

Quando o corredor fez outra volta, Grace viu uma porta aberta de um dos lados e o brilho de luz dentro. Deve ter se demorado, porque Lorcan perguntou:

— O que é? Por que você parou?

— Há uma porta aberta ali na frente.

— Bom, o que estamos esperando? Vamos investigar!

Grace confirmou com a cabeça, adorando porque ele parecia estar num humor tão bom. Levou-o pelo corredor até o leque de luz que se derramava pela porta aberta.

— Cá estamos — sussurrou, levando-o para dentro com hesitação

— Bom — perguntou Lorcan, também sussurrando —, como é o lugar?

— Maior do que o seu quarto ou o meu — disse sentindo-se menos nervosa agora ao ver que a sala era bastante comum. — Retangular. Há um sofá e duas cadeiras em volta de uma mesa baixa. Num dos lados do sofá há uma estante de livros, caixas de jogos e... — Ela se virou. — Ah, desculpe.

— O que foi? — perguntou Lorcan.

— Tem gente aqui — respondeu Grace, os olhos encontrando os do rapaz bonito sentado à mesa. Ele assentiu e devolveu o sorriso, com os olhos castanhos-chocolate brilhando para ela. Diante dele havia um tabuleiro de xadrez. Ele parecia estar no meio de um jogo, a julgar pelas peças espalhadas de cada lado do tabuleiro. Mas seu oponente devia ter saído por um momento. — Desculpe — disse Grace, dirigindo-se de novo ao rapaz. — Não queríamos interromper.

— Está *bien* — respondeu ele. — É bom saber que mais alguém está acordado e andando por aqui.

— Como está o jogo?

— Bastante equilibrado — disse o rapaz, passando a mão pelo cabelo denso e encaracolado. — Mas também, os jogadores têm o mesmo nível.

Em seguida olhou para Lorcan e, quando ele fez isso, Grace aproveitou para observá-lo melhor. Vestia um roupão igual ao de Lorcan, portanto estava claro que era outro vampiro fazendo tratamento. Mas sob o roupão dava para ver que ele usava um lenço de pescoço vermelho. Isso a fez parar, mas seus pensamentos foram interrompidos quando os olhos do rapaz retornaram a ela.

— Será que um de vocês joga xadrez? — perguntou esperançoso. — É realmente

chato jogar sozinho, mesmo sendo muito bom nisso.

— Eu jogo — disse Lorcan. — Mas seria um pouco difícil neste momento.

— Ah, é, sinto muito — respondeu o rapaz. — Espero que você não esteja sentindo muita dor. — Ele olhou de novo para Grace. Seus olhos castanhos eram grandes e sinceros. A abertura do olhar a atraía. Era como uma mão estendendo-se para ela, puxando-a. Era convidativo, mas, ao mesmo tempo, ela se sentiu desconfortável. Não, não somente desconfortável. Sentiu medo. Como se algum instinto estivesse lhe dizendo para não chegar muito perto. Para se virar agora, enquanto ainda podia.

— E você, pequena dama? Posso convidá-la para jogar uma partida? — A voz dele era tão macia e suave quanto os olhos.

— Acho que seria melhor voltarmos — disse ela. — Todos precisamos dormir um pouco...

— Não — interromperam Lorcan e o estranho, simultaneamente.

— Não — repetiu Lorcan. — Não quero voltar para o meu quarto.

— E eu não vou perder a única companhia boa que tenho há semanas — disse o novo companheiro. — Sentem-se. Fiquem à vontade. Fico perplexo, de verdade, ao ver como são poucos os que usam essa sala de recreação.

De repente ele estendeu o braço por cima da mesa.

— Desculpe — disse ele. — Nós não nos apresentamos.

— Meu nome é Grace — respondeu ela. — Grace Tormenta. — Em seguida apertou a mão dele, notando duas coisas. O aperto era forte. E suas mãos tinham um pouco de calo. Algo na mente dela estalou.

— Nome bonito, Grace — disse ele. Ela notou o traço de um sotaque. Agora sua mente estava girando. Ele havia dito “*Está bien?*”, antes. Está *bien* e não “está bem?”.

— E este é Lorcan Furey — disse ela, tentando se manter o mais calma possível.

Ele apertou a mão de Lorcan.

— Prazer em conhecê-lo, Lorcan.

— E você é? — perguntou Lorcan.

— Sou Johnny. Johnny Desperado.

Claro! Esse era o Johnny. O caubói cuja fita ela tivera nas mãos. Aquele cujas lembranças de algum modo ela havia captado nos sonhos. Aquele cuja morte solitária, pendurado num galho acima da neve, ela havia canalizado. Grace ficou imóvel, incapaz de afastar os olhos dele. Isso não escapou à percepção de Johnny. Sorrindo, ele lhe deu uma piscadela. Sem afastar o olhar sequer por um instante, o rapaz falou de novo:

— Bom, vocês vão ficar aí de pé, cheios de cerimônia, a noite toda, ou vão se sentar e contar ao velho Johnny alguma coisa sobre vocês?



CAPÍTULO 26

Perdidos

— Então — perguntou Bart enquanto guiava o bote para fora do riacho do Limbo. — A Taverna do Sangue é um lugar único ou eles têm franquia?

Connor fez uma careta.

— Para você é fácil fazer piada. Você não teve de entrar.

— Não é piada — disse Bart. — Pergunta séria, meu chapa. — Ele se virou para Jez. — É um estabelecimento único ou existem essas tavernas de sangue em toda parte, se você souber onde encontrar?

Jez deu de ombros.

— Não sei. Nem me lembro de ter ido lá antes. Só quando estava dentro o lugar pareceu familiar.

— Humm — disse Bart. — E o que exatamente acontece lá?

Connor suspirou. Mais do que qualquer coisa, queria deixar para trás o mundo da estranha “taverna”. Tentou levar a mente para a taverna de Madame Chaleira. Assim é que uma taverna *deveria* ser: um lugar aonde ir para beber e se divertir com os amigos. E não um lugar onde a gente ia sugar o sangue de outra pessoa.

— Imagino que vocês dois não vão me contar, não é?

Jez assentiu.

— Já que você não teve *ajones* para ir comigo e com Connor, acho que vamos ficar de boca fechada. — Ele suspirou. — Além disso, realmente não quero falar a respeito. Precisei de sangue e consegui um pouco. Fim.

— Certo, meu chapa — disse Bart. — Entendi.

— Só me leve ao navio Vampirata.

Bart olhou irritado para o velho amigo.

— Não sei se gosto desse novo você. Me leve à Taverna do Sangue... Me leve ao navio Vampirata... Se não se importa, meu chapa, desde que morreu você ficou tremendamente mandão. Por que a pressa, afinal? Você não é imortal agora? Pelo que vejo, você tem todo o tempo do mundo.

Jez balançou a cabeça.

— Esse é o caso. Talvez eu ainda não seja imortal. Talvez não seja totalmente vampiro. Se houver uma chance... *alguma* chance de o capitão Vampirata reverter o processo, quero que ele faça isso. De modo que, pelo que eu vejo, o tempo é essencial.

Connor então falou:

— Mas se o capitão revertisse o processo você não ficaria morto de novo? — Ele tinha uma lembrança triste de Jez caído nos braços de Bart, ensanguentado e pálido depois do duelo fatídico.

Jez assentiu.

— Prefiro estar morto a continuar desse jeito.

— É tão ruim assim? — perguntou Connor.

— Você não faz a *minima* ideia.

O rosto de Bart era a própria imagem da tristeza. Quando falou, sua voz, geralmente robusta, começou a embargar.

— Você não pode morrer de novo. Não é justo... *om* a gente. Já perdemos você uma vez. Ai você volta...

As palavras de Jez interromperam as do amigo.

— Eu *ainda* estou perdido para vocês, meu chapa. Estou perdido para vocês e para mim mesmo. — Então Connor viu o desespero abjeto nos olhos de Jez. De certo modo aquilo o apavorou mais do que o fogo que havia chamejado ali durante a fome de sangue.

— Precisamos levar você àquele navio — disse Connor. — O capitão vai poder ajudá-lo. Tenho certeza.

— Espero que sim — concordou Jez. — Nunca quis tanto uma coisa na... bem, nunca quis tanto uma coisa.

— Se ao menos o desejo bastasse para levá-lo até lá — disse Bart. — Ainda não tenho ideia de como vamos achar o navio. O que acha, Connor?

Connor olhou ao redor. Estavam no meio do oceano. Não podiam mais ver a terra. Nem existia algum navio à vista. De repente, tudo ficou claro para ele.

— Pare o barco — disse.

— O quê? — perguntou Bart.

— Você ouviu — disse Connor. — Pare de guiar o barco. Vamos apenas ficar aqui flutuando um momento.

Bart balançou a cabeça.

— Sei não. Estou no meio do nada com dois cabeças de vento! — Mesmo assim, ele obedeceu a ordem de Connor e parou o barco.

— E agora? — perguntou sentando-se de novo.

Imediatamente Connor escutou a voz de seu pai dentro da cabeça. Virou-se para Bart.

— *Agora* — disse — vamos aprender a confiar na maré!

Bart olhou-o com curiosidade, mas Connor não disse mais nada. Simplesmente se acomodou novamente em seu lugar, encostando-se na lateral do bote.

Ficaram sentados assim por longo tempo, nenhum deles falando. O único barulho eram as batidas da água contra o costado do bote. O mar estava numa calma incomum e o bote e transformou num berço, a docemente acalantar três bebês cansados.

Até que, sem aviso, a água ficou subitamente agitada. As pálpebras de Connor

havam se fechado lentamente, mas agora, num instante, seus olhos se arregalaram de novo.

Bart também estava alerta e olhando em volta.

— O mar está ficando agitado demais, depressa demais — disse ele, incapaz de esconder o medo.

— Talvez — disse Connor com um sorriso. De algum modo ele havia esperado que isso fosse acontecer.

Bart olhou-o interrogativamente.

— O que você está pensando, Tormenta?

— Espere só — respondeu Connor.

A força das ondas começou a revirar o barco. Eles começaram a girar; lentamente, a princípio, e depois com ímpeto cada vez maior. O movimento provocava tontura.

— O que é isso? — gritou Jez. — Estamos em algum tipo de redemoinho?

Bart era incapaz de esconder o pânico enquanto o pequeno bote girava cada vez mais rápido.

— Sabe que dizem que muitos barcos desapareceram nas vi-zi-nhan-ças do ri-acho do Lim-bo...? — Agora o barco estava girando tão rápido que quase pairava acima da água.

Connor balançou a cabeça, empolgado com o passeio.

— Nada de ruim vai acontecer com a gente — exclamou, sem saber de onde vinha essa confiança. — Tenham paciência!

— *Paciência?* — rugiu Bart, a voz lutando contra o barulho que fazia a água furiosa. — *Confiar na maré?* Tem certeza de que alguém não fez você tomar alguma coisa estranha lá no bar do sangue?

Connor sorriu e balançou a cabeça. Seu cabelo estava totalmente encharcado. Assim como a frente da camisa. Mas, olhando para cima de novo, notou que o movimento estonteante do bote estava diminuindo depressa. Então as águas que os haviam feito girar começaram a empurrá-los à frente com força igual.

— O que... O que está acontecendo? — perguntou Bart.

— É o capitão Vampirata — respondeu Connor, com alguma satisfação. — Está nos levando para o navio.

Não foi exatamente uma viagem tranquila pelo oceano escuro. Eles não precisavam guiar o bote, apenas se segurar com força. Mas a embarcação era pequena e os três eram obrigados a se agarrar para não cair na água. Para Connor aquilo trouxe lembranças desconfortáveis da tempestade que havia mudado sua vida. Ao mesmo tempo sentia-se protegido, de algum modo. Sabia que o capitão Vampirata estava no controle, com tanta certeza quanto se estivesse sentado junto deles, como um quarto passageiro no bote. Lembrou-se de uma coisa — daquele momento fugaz na taverna de Madame Chaleira, quando havia conhecido o capitão e apertado sua mão. A sensação estranha enquanto a mão enluvada do capitão apertava a sua e como ele tivera certeza de que já havia apertado aquela mão antes.

De repente Connor sentiu-se gelado. Levantou os olhos, tremendo, e não pôde ver nada. Estavam rodeados por um véu de névoa por todos os lados. O barco parecia ter diminuído a velocidade, mas talvez fosse apenas uma ilusão de ótica. A névoa ficou rapidamente tão densa que ele mal podia enxergar os dois colegas. Eles não eram mais do que formas meio pretaçadas: uma tripulação fantasma.

— Imagino que tudo isso faça parte do plano, não é? — perguntou Bart.

— É — gritou Connor de volta, a voz ecoando no vazio. Pegou-se sorrindo diante de outra lembrança súbita. Na primeira vez, e única, em que vira o navio Vampirata, ele estivera cercado de névoa. Deviam estar perto agora, bem perto.

A névoa começou a se dissipar. Quando isso aconteceu, ele notou que seus sentidos não o haviam enganado. O barco estava mesmo se movendo mais lentamente. O que era bom, porque ninguém ia querer colidir com um majestoso galeão que roçava as águas a apenas alguns metros de distância.

— Lá está o navio! — gritou Jez, com o rosto nítido de novo enquanto atravessavam a névoa. — Deve ser ele!

Connor assentiu. Ali, diante deles, estava o navio Vampirata. Exatamente como soubera, bem no fundo, que aconteceria. O capitão havia dito que ele sempre poderia encontrá-lo quando precisasse. E não tinha mentido. Enquanto o bote se aproximava, Connor olhou para a proa do navio, esperando ver a linda figura de madeira que tinha vislumbrado na noite da tempestade. Os olhos pintados dela pareceram espia-lo, mas agora ela não estava à vista. A frente do navio, onde a estátua estivera suspensa, se encontrava vazia. Connor riu sozinho, lembrando-se das histórias de Grace. A figura de proa ficava viva ao pôr do sol. Agora o Sol já havia se posto. Não era de espantar que ela tivesse abandonado o posto de vigia para passar a noite.

Connor estava empolgado com a ideia de ver Grace. Sua cabeça tinha andado cheia demais com outras coisas, mas, agora que havia chegado ao navio, percebeu que não precisava de nada quanto precisava ver a irmã, dar-lhe um abraço e falar dos velhos tempos. Uma grande dose de normalidade. É, era do que ele precisava.

Chegando junto ao navio, pôde escutar vozes no convés e ver o brilho de lanternas no alto. As velas enormes, parecidas com asas, balançavam lentamente para trás e para diante — com a textura curiosa ocasionalmente soltando fagulhas de luz. Connor se virou para os outros. Bart parecia atordoado. Os olhos de Jez brilhavam de expectativa. Connor sabia que o navio representava a última esperança de Jez. Fez uma oração silenciosa para que o capitão pudesse ajudar seu amigo.

— Então, como vocês acham que vamos subir ao convés? — perguntou Bart.

Connor levantou sua lanterna e apontou para uma escada de corda descendo pelo costado do navio.

— Quem iria imaginar? — Disse Bart, rindo. — Você na frente, meu chapa. Primeiro os jovens, depois os belos.

Connor balançou a cabeça e estendeu a mão para a corda áspera da escada. Enquanto saía do barco, virou-se para os outros e sorriu.

— Um por todos — disse. Bart pôs a mão no ombro de Jez.

— E todos por um — responderam os dois.

Então Connor se virou e começou a subir. Nem pensou na altura. Ainda que as águas embaixo estivessem agitadas e espirrassem nele, o navio parecia estranhamente imóvel. Era como se estivesse pairando acima da água, e não dentro dela. Assim como ele vira pela primeira vez. Nesse momento, na cabeça, escutou um sussurro, suave e impalpável como um fio d'água.

— Bem-vindo, Connor Tormenta. Você demorou.



CAPÍTULO 27

O Vaquero

Depois de um tempo, Grace percebeu que estava lendo para si mesma. Olhou para Lorcan, se perguntando há quanto tempo ele estava dormindo. Ah, bem, pensou. Ele precisava de descanso. Era o motivo para estarem aqui no Santuário. Ela não havia pensado em como podia ser solitário esse lugar.

Estendeu a mão para a mesinha de cabeceira de Lorcan, procurando algo para marcar a página, depois fechou o livro. Levantando-se da cadeira, decidiu levá-lo. Podia sentir as horas insones adiante e talvez precisasse dele.

— Durma bem, Lorcan — disse, curvando-se para beijar a testa dele antes de sair para o corredor.

Estava com vontade de tomar um pouco de ar, por isso subiu pelo corredor até o pátio. Saiu pela porta principal, e, suspirando, inspirou o ar fresco e puro. Era uma noite clara. Talvez fosse até o portão, olhar pela encosta da montanha.

Mas, enquanto começava a atravessar o pátio, ouviu alguém gritar.

— Ei! Pequena dama! Grace, não é?

Virando-se, viu Johnny Desperado sentado no muro do pátio. Esta noite ele estava sem o roupão do Santuário. Em vez disso vestia botas, jeans, camisa xadrez com as mangas enroladas até os cotovelos e um chapéu de feltro. Ele levantou o chapéu e acenou.

— Olá, Johnny — disse Grace.

— Cadê o velho Lorcan? — perguntou, ajudando-a a subir no muro ao seu lado.

— Dormindo — disse ela, sentando-se.

— Então você sentiu um pouquinho de solidão, não foi?

— Algo assim.

— Bom, eu estava sentindo a mesma coisa, por isso acho que tivemos sorte, porque nós dois queríamos um pouco de ar puro.

Ela assentiu. Olhando para as mãos de Johnny, notou de novo como eram

calçadas. Então, acima de uma das mãos, na parte interna do antebraço, viu que havia marcas. Pareciam coisas escritas, mas não podia ter certeza.

— O que você está olhando? — perguntou ele.

— O que é essa tatuagem?

— Ah, isso! — Ele estendeu o braço e o manteve parado para ela.

— *A viagem está longe de acabar* — leu ela.

Johnny puxou a mão e passou os dedos pelo cabelo denso e revoltoso.

— Acho que essa tatuagem resume minha história. — Ele se virou de novo para Grace, os olhos se cravando nela. — Não acha, pequena dama?

— Como assim? — perguntou ela, um tanto alarmada.

— Quero dizer, você sabe tudo a meu respeito, não sabe? Esteve com minha fita. Leu-a. Mosh Zu me contou. A fita da gente é uma coisa meio particular.

Grace sentiu um embaraço profundo. Percebeu que havia invadido um território tremendamente particular.

— Sinto muitíssimo — disse. — Não foi de propósito. Me deram sua fita.

— Tudo bem. O velho Johnny não está com raiva, Grace. Nem um pouco. Bom, só estou surpreso, e lisonjeado, por você se sentar comigo, conhecendo minha história e coisa e tal.

— Por que eu não me sentaria com você? — perguntou ela, franzindo a testa diante do pensamento.

— Eu já fiz umas coisas muito ruins, Grace. Mas você já sabe.

— Na verdade, me parece que fizeram algumas coisas muito ruins com você.

Ele sorriu.

— Então é assim que você vê? É o que acha realmente?

Ela assentiu, sorrindo de volta. Depois teve uma ideia.

— Você me contaria? Com suas palavras?

— Minha história? — Ele deu de ombros. — Mas você já sabe.

— Não. Eu tive uma breve janela para a sua vida e... morte. Mas quero saber se eu estava certa. E quero saber mais.

— Quer?

Ela assentiu.

— Adoraria ouvir. Adoro ouvir as histórias das pessoas.

— Bom, claro, se isso for necessário para ter sua companhia durante um tempo. Mas fique confortável, pequena dama, porque tenho muito a contar.

Grace sorriu, apertando o suéter em volta do corpo para se aquecer mais, enquanto Johnny começava a contar sua história.

— Nasci no Texas em 1869. Meu nome de batismo era Juan, mas o pessoal da fazenda sempre me chamava de Johnny. Cresci num rancho, veja bem. Eu, meu pai e meu irmão Rico. Acho que minha mãe também estava por perto mas não passei muito tempo com ela. Eles costumavam me provocar porque eu achava que os cavalos eram meus pais de verdade. Diziam que eu aprendi a montar antes de andar. Veja bem, eu não era um caubói qualquer. Era um *vaquero*! Um caubói mexicano, o melhor tipo de caubói que se pode ser! Andar a cavalo está no meu sangue, como no do meu irmão, do meu pai e do pai do meu pai. Rico e papai me treinaram. Eu participei da primeira comitiva aos 11 anos.

“Foi quando minha vida teve a primeira reviravolta ruim. A gente cresce depressa

durante uma comitiva. A gente se acostuma com o tempo ruim e instável, as fugas e a morte. Rico e meu pai comandaram aquela comitiva. Fomos do Texas a Denver até que aconteceu essa grande debandada de animais. Nevava muito. O gado estava ficando louco. Rico e meu pai faziam todo o possível para impedir. Mas estávamos subindo uma montanha, veja bem, e o gado, idiota, começou a se jogar pelo penhasco.”

Ele fez uma pausa.

“Naquele dia perdemos 361 cabeças de gado e dois cavalos no abismo. Caíram 30 metros e morreram. Perdemos dois homens também...”

— Seu irmão e seu pai?

Ele assentiu.

— Você devia ter visto o corpo deles, Grace. Nunca esqueci aquela imagem. Nunca vou esquecer.

— O que você fez, então?

— Os rancheiros são como uma família. Por isso, mesmo tendo perdido meu pai e Rico, e logo depois minha mãe também (dizem que ela morreu de tristeza), eles cuidaram de mim. Cuidaram muito bem do pequeno Johnny. Mesmo naquela época sabiam que eu podia vencer qualquer um deles com meu laço. Aos 14 anos eu era requisitado naqueles ranchos do Texas. Na época era domador de broncos. Sabe o que é isso? Significa que eu domava os cavalos mais difíceis. Durante um tempo foi divertido saber que eu podia ser melhor do que homens com o dobro, o triplo da minha idade. Mas domar cavalos broncos é um trabalho perigoso, que paga mal, e eu queria uma coisa melhor na vida. E esse foi meu primeiro erro. Deveria ter ficado com o que tinha, mesmo que isso não fosse muita coisa.

— O que você fez? — Grace estava fascinada.

— Saí do Texas, cavalgando pelas estradas. E nunca mais voltei. Dei a volta no país. E nem tudo era trabalho. Tinha tempo para diversão também. Tive uma época louca. Havia touradas, brigas de galo, *fiestas* e feiras. — Johnny sorriu e fechou os olhos por um momento, e ela soube que, em sua mente, ele estava de volta lá. Quando Johnny abriu os olhos de novo, estavam brilhantes. — A comida naquelas feiras, Grace, você nunca provou coisa melhor: *tamales*, tortilhas e doces. E uísque! Muito uísque. — Ele riu. — Engraçado, porque esse era o nome do meu primeiro cavalo, agora que pensei nisso. — E parou um momento, perdido de novo na viagem.

“E assim foi minha vida. Eu seguia pela estrada, ganhava um dinheiro e arranjava milhões de maneiras de torrá-lo. Também experimentei rodeios, mas isso foi antes de a mania de rodeios ficar tão grande. No fim decidi que precisava dos espaços abertos. E esse foi meu erro número dois.

“Acho que sou simplesmente um mau avaliador de caráter!” Ele balançou a cabeça. “Eu tinha 18 anos. Era o inverno de 1887. Eu estava nas regiões ermas de Dakota do Sul. E fiquei sabendo de um trabalho com dois pecuaristas que transportavam um rebanho. Eles queriam um domador de cavalos, gostaram do meu estilo e ofereceram um bom dinheiro, dinheiro bom *mesmo*, na hora. O que poderia dar errado? Parecia o melhor negócio da minha vida. Acabou sendo o pior. Ele fez outra pausa. “Aqueles invernos, de 1885 a 1887, foram brutais. Era uma nevasca depois da outra. Tempestades tão fortes que mataram milhões de cabeças de gado nas Grandes Planícies. Três quartos do gado da cordilheira norte pereceram. O fim de uma era. Chamaram de “Grande Morte”. Foram as últimas das grandes comitivas e reuniões. E foi o fim de

uma era para mim também.

“Era um tempo de tensão. Morria gado de um lado, de outro, por toda parte. Qualquer gado que você ainda tivesse, você valorizava. E, como eu disse, aqueles caras que me contrataram tinham um rebanho bem grande. O único problema é que era roubado.”

Grace ofegou.

— Eu sei. Mas você precisa acreditar, eu não sabia quando me contrataram. Só soube no fim. Então tudo fez sentido. O motivo para terem oferecido tanto dinheiro. Eu estava pagando com minha vida para aqueles dois ladrões. E o tempo todo em que trabalhava até me arreentar, cuidando do gado deles, havia justiceiros na nossa trilha. Mandados pelo dono legítimo do gado para se vingar.

Grace tinha total certeza de que sabia o que havia acontecido em seguida. Esperava que ele lhe poupasse dos detalhes.

— Os justiceiros nos alcançaram. Enforcaram os dois pecuaristas. Eu disse que não sabia de nada. Eles pensaram sobre me soltar mas, no fim, decidiram que não podiam correr riscos. Acho que não posso culpá-los. Eles me enforcaram na mesma árvore.

A imagem na cabeça dela era nítida demais, assim como quando havia lido a fita de Johnny. Mas agora, em vez de olhar a partir da árvore, olhava para Johnny, pendurado junto aos dois ladrões de gado que haviam custado sua vida. Sentiu-se enjoada.

— Então você morreu com 18 anos. Em 1887?

Ele assentiu.

— Foi um inverno ruim para o gado e para vaqueros idiotas que deveriam ter feito perguntas mais detalhadas.

— Então o que aconteceu depois? Como você atravessou?

Johnny sorriu.

— Você adora isso tudo, não é?

— Você acha esquisito?

Ele parou, pensando por um momento, depois assentiu.

— Acho, Grace, acho. Acho que você é completamente anormal.

Ela ficou abalada por um momento, mas depois viu o riso largo no rosto dele. Johnny riu. E ela riu junto. E o riso eliminou qualquer estranheza que pudesse haver entre os dois.

— Pelo modo como vejo — disse Johnny —, você se interessa pelas pessoas. Se interessa pelo que move as pessoas. Seria bom se todos nós prestássemos atenção a esse tipo de coisa. Bom, se eu tivesse prestado um pouco mais de atenção naquela época, bem... — Ele parou, ruminando, passando o dedo sobre a tatuagem.

— Sou fascinada por essas histórias de travessia — disse Grace, feliz em poder exprimir livremente a empolgação. — Na verdade comecei a anotar algumas. Demorei um pouquinho a começar a fazer isso. Peguei a de Darcy, Darcy Flotsam. É a figura de proa do *Notumo*. Era cantora num grande cruzeiro que bateu num iceberg. Durante o acidente sua alma se fundiu à da figura de proa do navio.

Johnny sorriu.

— É uma história fantástica!

— É, e há a do Sidório. Ele viveu no Império Romano Foi pirata na Sílicia, um forte reduto pirata que ameaçou o Império. Ele e alguns cúmplices sequestraram Júlio

César quando Júlio era estudante. — Ela fez uma pausa. — Sabe quem foi Júlio César?

— Por Deus, sei sim. Quando eu era vivo, os únicos nomes que eu conhecia eram os dos meus amigos e da minha família. Talvez de um ou outro astro de rodeio. Mas desde que atravessei li alguns livros.

— Certo. Bom, o Sidório sequestrou César, quando César era rapaz e estava indo para a universidade.

— Maneiro!

Grace estava começando a entender o que Johnny quisera dizer com relação a não ser um bom avaliador de caráter.

— O que não foi tão maneiro é que César virou o jogo dos sequestradores. Matou a todos.

— Mesmo assim. Se você vai ser morto por alguém, é melhor que seja por um grande imperador romano.

Grace revirou os olhos.

— Ah, sim. Você deveria ter ouvido Sidório falar sobre isso. Ele usa o feito como se fosse uma medalha de honra.

— Ele também está no *Noturno*? Eu gostaria de conhecê-lo.

Grace balançou a cabeça.

— Ah, Johnny, você não iria querer conhecê-lo. Ele era maligno. O capitão precisou expulsá-lo do *Noturno* porque ele começou a se rebelar. Não queria tomar sangue em quantidades moderadas. Sempre queria mais. Ele matou o doador!

— Não! — Os olhos de Johnny estavam arregalados. Grace não sabia se era de choque ou admiração.

— É — disse ela. — Depois disso foi banido. Mas não foi embora discretamente. Encontrou outros que se sentiam da mesma forma e começaram a espalhar violência. Mataram um capitão pirata muito famoso, irmão do capitão do navio onde meu irmão está.

— Seu irmão está num navio pirata?

Grace confirmou com a cabeça.

— Um irmão que é pirata e uma irmã que é... o quê, exatamente?

— Que está aprendendo coisas. Você mesmo disse. Gosto de saber o que move as pessoas. Connor, meu irmão, e eu nascemos numa cidade pequena. Nunca soubemos de muita coisa sobre o mundo fora da baía. É uma história longa, como ele foi parar onde está e como eu vim parar aqui, mas tudo que aconteceu me deu a chance de ver coisas com as quais nem sonhava.

Johnny sorriu.

— Você não pode fazer isso — disse.

— O quê?

— Me obrigar a contar toda a história da minha vida e depois resumir a sua em algumas frases.

Ela deu de ombros.

— Acho que a sua é muito mais interessante.

— A grama do vizinho é sempre mais verde — disse ele rindo. — Parece que você e seu irmão estão vivendo coisas extraordinárias. E vocês ainda nem morreram!

— Pode ser. — Ela deu de ombros de novo.

— Pode ser — disse ele, imitando-a pessimamente. Voltou rapidamente à sua

própria voz. — Gosto de você, Grace. Gosto de você e quero saber tudo sobre você. Eu lhe contei minha história. Agora quero ouvir a sua!

— Tudo bem — admitiu ela. — Vou lhe contar uma hora dessas. Mas esta noite, não. Você precisa terminar sua história. Afinal de contas, você só chegou à parte em que morreu. — Seus olhos estavam brilhantes de novo. — Conte como atravessou! Johnny não pareceu animado.

— Francamente, Grace! Aposto que você era o tipo de criança que adorava histórias de terror antes de dormir.

Ela assentiu.

— Claro!

— Bom, na verdade não há muito que contar. Pelo menos não lembro muita coisa. Como você lembra, eu estava pendurado pelo pescoço partido, naquele galho de árvore. Devo ter ficado ali pendurado uns dois, três dias. Acredite, nesse ponto a paisagem havia perdido qualquer graça. A neve continuou caindo e, com o *rigor mortis* e o frio cortante, eu estava virando um pedaço de gelo. No terceiro dia chegou um cavaleiro. Só que não era um cavaleiro comum. Não era o tipo de cara que costumava andar por aquelas terras. Eu já havia perdido os sentidos, claro, de modo que o que vem em seguida é o que ele me contou. Pelo que disse, ele cortou a corda da árvore e me carregou no cavalo. Me degelou numa fogueira de acampamento e me deu o beijo da vida. Ou o beijo da morte, se você preferir assim. Em outras palavras, ele foi meu progenitor.

— Por que ele escolheu você? Por que você e não os outros dois homens pendurados naquela árvore?

Johnny assentiu.

— Eu fiz exatamente a mesma pergunta. E ele me disse duas coisas. Primeiro, havia algo em mim que o fez se lembrar dele próprio. E segundo, que parecia que eu tinha muito mais vida pela frente. — Johnny gargalhou. — E ele estava certo. E sabe de uma coisa? Depois disso as coisas ficaram muito melhores. Eu e Santos... esse era o nome dele. Em vida ele também havia sido *vaquero*. Eu e Santos nos esquecemos das comitivas. Como eu disse antes, elas meio que morreram junto comigo, naquele inverno. Mas os rodeios... bom, os rodeios estavam crescendo em grande estilo. E Santos e eu nos divertíamos um bocado indo de estado em estado, ganhando prêmios, festejando com as mulheres bonitas...

— Você competia em rodeios como um *vampiro*?

— Com certeza! Dava para ver que alguns cavalos suspeitavam. Os animais têm um sentido mais aguçado de vida e morte do que os humanos. Mas os caubóis, os caubóis idiotas! Não faziam a mínima ideia.

Johnny riu outra vez, depois baixou a cabeça e ficou quieto por um tempo. Grace imaginou se ele estaria pensando nos fatos duros de sua vida — e de sua morte. O silêncio pairou pesado entre os dois.

— Você está bem? — perguntou ela finalmente.

— Eu? Ah, claro, claro. Só estava pensando nessas suas histórias de travessia. Conte outra. — Ele fez uma pausa. — Conte a do Lorcan. — Seus olhos escuros brilharam ao luar.

Grace hesitou.

— Eu não... veja bem... Lorcan nunca me contou a história dele.

— O quê? — Johnny olhou-a de lado. — Não faz sentido. Vocês dois parecem tão próximos, e você não conhece a história dele?

Grace balançou a cabeça.

— Claro, eu sempre pensei sobre isso. Só sei onde ele nasceu e onde morreu. O resto é um vazio.

Johnny balançou a cabeça, incrédulo.

— A questão — continuou Grace — é que acho que, se eu conhecesse a história dele, talvez pudesse ajudá-lo. Mosh Zu diz que há algo na mente de Lorcan que está impedindo a cura. Se eu pudesse descobrir o que é, bom, talvez conseguisse ajudá-lo a enfrentar o que quer que seja e começar de fato a recuperação.

Johnny deu um sorriso suave.

— Lá vai você. Você é uma dama com um plano.

— É — disse Grace, dando de ombros. — Mas não é tão simples assim, é? Lorcan nunca foi de se abrir. E agora, especialmente, está mais reservado do que nunca. Eu não iria querer perguntar a ele.

Johnny assentiu.

— Mas você não precisa perguntar.

— Como assim? — Ela se virou para Johnny, perplexa.

— Você é boa em ler fitas, não é?

Grace confirmou com a cabeça, depois ficou olhando enquanto o olhar de Johnny pousava no livro que ela havia posto no muro entre os dois. Projetando-se entre as páginas de papel serrilhado estava a fita de Lorcan. Claro! Sem perceber, ela a havia posto como marcador. Grace percebeu o que Johnny estava sugerindo. Seu coração começou a disparar. Finalmente poderia começar a decifrar o enigma de Lorcan Furye. Ousaria? Era certo?

— Não. Não posso.

Johnny deu um risinho.

— Você não mostrou qualquer escrúpulo em ler a *minha* fita. Qual é a diferença?

— Aquilo foi um acidente. Eu lhe disse...

Johnny empurrou o livro do muro. Quando ele caiu no chão, o rapaz estendeu a mão e pegou a fita.

— Ops! — disse ele, envolvendo a fita em suas mãos calendas. Grace olhou-a, ali caída, como uma cobra. Que segredos conteria?

Então Johnny pegou a fita entre os dedos e estendeu para ela. Grace balançou a cabeça.

— Realmente acho que não posso.

— No meu ponto de vista, você não tem escolha. Você quer ajudar seu amigo e isto vai lhe dizer como. — Assim, ele pôs a fita em volta do pescoço dela e amarrou-a gentilmente com um laço. Em seguida desceu do muro em um pulo. — Vou deixar você sozinha, Grace. Mas não deixe de me procurar quando tiver terminado.

Ela não disse nada, sentindo um tremor quando a fita se acomodou em sua pele.

— Ei — disse ele. — Não fique tão preocupada. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. — Com isso, fez uma pequena reverência, em seguida pôs o chapéu de novo na cabeça e foi andando pelo pátio.



CAPÍTULO 28

O pedido

O convés do navio Vampirata estava apinhado. Os rostos foram rápidos em se virar, e as conversas foram rápidas em parar, quando Connor, Bart e Jez chegaram. Em silêncio, os vampiros começaram a se mover até eles. Seria a imaginação de Connor ou eles pareciam um bando de animais juntando-se para a matança? Todos os olhos os encaravam atentamente, avaliando os recém-chegados.

Na frente do grupo havia dois homens — um gorducho, outro alto — e uma garota.

— Quem são eles? — perguntou a garota.

— Novos doadores, talvez? — disse o homem mais baixo e mais roliço. Ele estava olhando para Bart, com a cabeça inclinada de lado, para olhá-lo bem. — Ele seria um doador *muito* bom. — Connor ficou olhando a boca do homem se abrir e seus dentes afiados ficarem visíveis.

Seu companheiro mais alto riu.

— Você não pode trocar de doador. A coisa não funciona assim. — Em seguida olhou para Connor, os olhos chamejando. — Mesmo assim é tentador, não é? Hoje estou com muita fome.

Connor sentiu-se como um pedaço de carne jogado numa jaula no zoológico. Será que corriam perigo? Sem dúvida o capitão iria protegê-los.

— Quem são eles? — repetiu a garota, chegando mais perto. Tinha uma expressão de confusão perpétua. — Quem são eles? — Sua pequena boca se abriu e agora dava para ver os dentes se projetando como agulhas. Connor não sabia quanto mais poderia suportar.

De repente uma voz nova foi ouvida no convés.

— Deixe-me passar! Deixe-me passar! — Houve um movimento na multidão. Connor olhou enquanto uma mulher forçava passagem entre os outros e parava ao lado da garota confusa. A recém-chegada tinha uma postura muito mais animada. Possuía olhos grandes, fixos, e cabelos escuros e curtos. Connor a havia encontrado uma vez.

Sorriu com alívio enorme.

— Darcy Flotsam — disse ele. — É isso, não é? E eu sou...

Ela sorriu de volta.

— Você é Connor Tormenta. Eu me lembro. Além disso, seus olhos são exatamente da mesma cor dos da sua irmã.

Ele assentiu.

— Ela está aqui?

— Não — respondeu Darcy. — Saiu do navio para ir a um local chamado Santuário.

— Santuário?

— É um lugar onde os vampiros se curam. Grace foi com Lorcan Furey Sabe sobre o Lorcan?

Ele assentiu. Sabia tudo sobre Lorcan. Havia alguma ligação entre Lorcan Furey e Grace. Ele era o motivo para ela ter achado impossível ficar longe do navio. Era como uma paixonite, mas Connor sabia que não era nada tão fugaz quanto isso. Era algo mais forte. Ele não gostava daquilo. Não tinha nada pessoal contra Lorcan, porém gostaria que o rapaz vampiro nunca tivesse entrado na vida de sua irmã. Mas, por outro lado, se não fosse por Lorcan, Grace teria se afogado. Era como se, ao salvar a vida de Grace, Lorcan a tivesse reivindicado para a vida dele. O que ele queria com ela? Isso dava dor de cabeça em Connor.

— Se você sabe sobre o Lorcan, talvez saiba do sofrimento dele. Lorcan está cego. Os dois foram para o Santuário em busca de cura. O capitão foi junto, mas acabou de retornar.

Cego? Poderia ser verdade? Agora Connor sentiu-se mal. E sua culpa foi misturada com o desapontamento diante da notícia de que, afinal, não iria encontrar Grace aquela noite. Esse havia sido o único ponto luminoso num horizonte muito escuro. Bom, se não iria vê-la, era melhor irem direto ao assunto.

— Na verdade — disse —, mesmo que eu quisesse encontrar Grace, é o capitão que viemos visitar. — Connor indicou os companheiros de viagem. — Darcy, esses são meus amigos. Este é o Bart...

— Prazer em conhecê-lo. — Darcy fez uma pequena reverência e apertou a mão de Bart. — Na verdade acho que já vi você antes. Você veio com o Connor quando ele esteve no navio, daquela vez.

— É — disse Connor assentindo. — Isso mesmo. E este é... este é o Jez.

Jez estendeu a mão para ela.

— Prazer em conhecê-la — disse segurando a mão pálida de Darcy por um instante.

Darcy ficou ruborizada.

— O prazer é meu, senhor... Jez, não é?

— Isso mesmo — respondeu ele sorrindo. Parecia nervoso, pensou Connor, e não era para menos.

Uma voz nova começou a falar. Mas não era dos que estavam reunidos no convés. A voz era um sussurro. Connor a reconheceu imediatamente.

— Traga-os à minha cabine, Darcy.

A ordem do capitão bastou para fazer Darcy se recompor. Ela se virou e pigarreou, para falar com os vampiros ao redor.

— Vocês ouviram o capitão. Ele quer que eu acompanhe os convidados até a cabine. Agora abram caminho, por favor. Isso mesmo. Abram caminho!

Os vampiros demoraram a se mexer, mas por fim um caminho se abriu entre eles. Connor tentou não encarar nenhum nos olhos. Já sentia uma inquietação profunda a bordo daquele navio. Como Grace podia viver no meio daquelas criaturas era um mistério para ele. Quanto antes ele e Bart entregassem Jez aos cuidados do capitão e voltassem ao mundo dos vivos, melhor.

Enquanto seguiam Darcy pelo convés, ouviu a garota confusa perguntar de novo:

— Mas quem são eles? Quero um. Quero que o mais novo seja meu novo doador.

— Peço desculpa pelos meus companheiros de viagem — disse Darcy, baixinho, aos três rapazes. — Estão muito inquietos esta noite. Amanhã é a Noite do Festim, de modo que estão totalmente secos e incapazes de ao menos estabelecer uma boa conversa neste momento.

— Noite do Festim? — repetiu Jez, com os olhos cheios de espanto.

— É — respondeu Darcy — É a noite em que cada vampiro toma o sangue de que precisa para a semana seguinte.

Jez assentiu. Connor se perguntou como Jez se sentia com relação a esse mundo novo, com seus estranhos rituais.

Darcy guiou-os até uma passagem e, quando chegaram ali, a porta da cabine se abriu. Darcy entrou, acenando para eles a fim de que a seguissem.

— Capitão, trouxe os seus convidados.

— Obrigado, Darcy — respondeu o sussurro incorpóreo do capitão. — Pode se retirar agora.

Ela ficou obviamente desapontada, mas ao sair da cabine estendeu a mão e roçou o braço de Jez.

— Prazer em conhecê-lo, senhor Je... quer dizer, Jez.

— É, o prazer é todo meu — respondeu ele, sorrindo. De novo Connor sentiu nervosismo ao se virar de Darcy para o capitão. Muita coisa dependia da decisão do capitão. Para Jez, aquilo significava a diferença entre a vida e a morte ou, pelo menos, entre uma morte em vida e o esquecimento final.

Darcy saiu da cabine, fechando a porta em seguida. Os três rapazes se viram momentaneamente na escuridão. A pulsação de Connor estava disparada. Mas, disse a si mesmo, eu conheço o capitão. Já me encontrei com ele. E ele cuidou de Grace. Não tenho o que temer. E no entanto... e no entanto este era um navio de vampiros e ali estavam eles, trancados num cômodo escuro com o líder da tripulação.

— Venham mais para dentro — disse o sussurro. Quando fizeram isso, entraram numa parte da cabine iluminada por velas. Connor podia ver as dobras da capa do capitão. Ele estava de pé, de costas para eles. Tremores de luz riscavam as veias da capa. Connor tinha visto isso antes, mas sabia como aquilo devia parecer alarmante para Bart e Jez. Queria reconfortá-los, mas não ousava falar.

O capitão se virou para eles. Quando fez isso, Bart engasgou.

— Perdoem-me — disse o capitão. — Esqueci que, mesmo que *eu* tenha visto *voce* antes, Bartholomew, você não me viu. Por favor, não se alarme com minha aparência. Vai se acostumar com ela, tenho certeza.

— Desculpe, mas o senhor já me viu antes?

— Ora, sim. Acho que foi na *Calle del Marinero*. Você estava tendo... dificuldades.

Eu pude ajudar.

Calle del Marinero... o “fim de semana perdido” deles? Connor ficou pasmo.

— O senhor estava lá? — perguntou, perplexo.

O capitão assentiu.

— Estive. Mas não vamos nos preocupar com isso agora. Connor, é bom vê-lo de novo. Você parece estar bem.

— Obrigado, senhor.

— Sem dúvida gostaria de ter notícias de sua irmã — disse o capitão, estendendo a mão enluvada e pousando-a no ombro de Connor. — Ela está bem, e parece crescer em força e sabedoria a cada dia. Todos temos muito a aprender com ela.

Connor ficou vermelho de orgulho.

— Imagino que a escolha dela pareça estranha para você — continuou o capitão.

— Mas cada um de nós deve seguir seu próprio caminho no mundo, e acho que Grace está exatamente onde deveria estar.

Connor assentiu.

— Na verdade, também acho isso, senhor.

O capitão também assentiu, e recolheu a mão. Passou por Connor e Bart e parou diante de Jez.

— Este é o Jez... — começou Connor.

— Não precisa nos apresentar. Sei quem está diante de mim. — Ele fez uma pausa.

— Este é aquele que eu pensei que você havia destruído. O que foi gerado por Sidório.

Suas palavras eram frias. Todo o calor que ele havia demonstrado para Connor sumira subitamente. Então ele falou diretamente com Jez:

— Há muita escuridão em você.

— Sim — disse Jez com a voz fraca.

— Por que está aqui?

— Quero que o senhor me tire dessa escuridão. Quero mudar aquilo em que me tornei.

O capitão ficou parado por um bom tempo, observando Jez. Enquanto isso, lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Jez.

— Eu não pedi isso — disse ele. — Aceitei minha morte. Mas ele me encontrou e, como o senhor disse, me gerou. — Jez parou para enxugar as lágrimas com as costas da mão. — Fiz coisas terríveis. Algumas que ele me obrigou a fazer. Outras por causa da fome. Dessa fome terrível que não consigo controlar. — Ele começou a tremer.

— E você acha que eu posso ajudá-lo com isso?

— Ouvi dizerem certas coisas, senhor. Que há modos de reverter minha situação. Que posso virar mortal de novo. Que posso ter minha vida antiga de volta.

— Sim. É verdade que isso pode acontecer, mas o caminho é cheio de dificuldades. Não vou ajudá-lo com isso. Posso levá-lo a outro...

— É a *sua* ajuda que eu busco, senhor. Quando eu era mortal, senhor, ouvi a irmã de Connor falar a seu respeito, de como o senhor é forte e misericordioso. Como dá abrigo a quem é como eu...

— Não — interrompeu o capitão. — Eu dou abrigo aos que controlam a fome. Não posso me arriscar a tê-lo a bordo do meu navio.

Connor não podia acreditar. Teriam vindo tão longe só para ser recusados pelo capitão? De um modo soturno, lembrou-se do que Jez havia dito a eles no *Diablo*.

“Quero que vocês me ajudem a achar o caminho de volta. E se eu não puder, quero que me matem. De uma vez por todas.” Precisava fazer alguma coisa.

— Capitão — disse Connor —, não há nada que o senhor possa fazer para ajudá-lo?

— Eu não disse que não podia ajudar. Disse que não o faria. — O capitão recuou. — Você deveria tê-lo destruído quando teve a chance. Teria sido muito melhor.

— Mas, capitão...

— Não, Connor. Eu já lhe disse uma vez. Ele não é quem você acha. É só um eco. Pode falar como seu amigo e se parecer com ele, mas há escuridão demais nele. Graças ao Sidório.

Jez gritou e caiu de joelhos.

— Estou implorando, senhor, me ajude! Sidório se foi. E todo o grupo dele. Estou sozinho. Sozinho demais. Mesmo quando estou com meus amigos aqui, estou sozinho. Há uma distância entre nós que não posso atravessar... Imploro, senhor... — Sua voz se esvaiu em silêncio.

Houve uma pausa longa.

— Tudo bem — disse o capitão finalmente. — Levante-se.

De pé. Jez se empertigou.

— Vou permitir que você viaje conosco por um tempo. E se provar seu valor, vou levá-lo a quem pode ajudar em sua jornada interior. Mas não espere que nada disso seja fácil. Há muito trabalho a fazer e ele só pode vir de você.

— Sim, capitão; *meu* capitão. Obrigado.

— O melhor modo de agradecer é provando que há verdade no que disse. Se me desapontar, você deixará este navio para jamais retornar. Entendido?

Jez assentiu.

— Sim, senhor.

— Vou mandar Darcy arranjar um quarto para você. E um doador. Acho que tenho alguém que pode cumprir esse papel.

Connor ficou subitamente branco.

O capitão balançou a cabeça.

— Não é você, Connor. Estamos com uma doadora extra no momento. O nome dela é Shanti. Acho que servirá perfeitamente.

O humor do capitão pareceu subitamente ficar mais leve.

— Connor, Bart, gostariam que eu preparasse uma cabine para vocês?

— Não — respondeu Connor abruptamente. — Isto é, quero dizer...

Bart interveio:

— Acho que o que Connor está querendo dizer, senhor, é que nós deveríamos retornar ao *Diablo* antes que sintam nossa falta.

— Como quiserem — respondeu o capitão. Quando falou de novo, não foi com eles. — Darcy, por favor, venha pegar o Jez. Eu gostaria que você o levasse a uma de nossas cabines reserva. Ele vai viajar conosco por um tempo.

Em alguns instantes Darcy apareceu na cabine, cuja porta se abriu para deixá-la entrar. Ela estava rindo de orelha a orelha.

— Venha comigo — disse a Jez —, e vamos acomodar você.

— Obrigado, Darcy — disse o capitão.

— Eu é que devo agradecer, senhor — observou Jez. Seu alívio era evidente.

— Lembre-se do que eu disse, Jez. Não há mais chances além desta.

— Sim, senhor! — Nisso, Jez abraçou Bart e Connor. — Obrigado por me ajudar, pessoal.

Enquanto soltava Jez, Connor imaginou o que o aguardava. Será que iriam se ver de novo? De repente sentiu-se esgotado — pelo reencontro e pela jornada de volta ao navio Vampirata. Tinha uma certa curiosidade para descobrir mais sobre aquele lugar, mas sabia que não era o seu mundo. Grace obviamente lidava bem com aqueles mistérios, mas ele preferia o mundo mais sólido dos piratas.

— Então é hora do adeus de novo — disse o capitão.

— É — respondeu Connor. — Por enquanto. Sinto que vamos nos encontrar outra vez.

O capitão pareceu sorrir por trás da tela da máscara.

— Ah, sim, Connor, vamos nos encontrar de novo. E, enquanto isso, estarei de olho em você.

Ainda que as palavras pudessem parecer sinistras para outros, para Connor havia nelas um estranho conforto. Ele apertou a mão enluvada do capitão. Ao fazer isso, teve uma visão súbita. Estava dentro d'água e aquela mão o puxava, para salvá-lo. Seria isso que havia acontecido na *Calle del Marinero*? Tentou manter a visão, mas ela se evaporou depressa demais.

Enquanto ele e Bart caminhavam pelo convés, sua cabeça estava cheia de pensamentos e perguntas sobre o capitão Vampirata.

Chegaram à escada que descia ao bote e se viraram. Jez e Darcy estavam conversando no convés. Connor ouviu-os rindo.

— Acho que Jez vai ficar bem, aqui — disse ele.

— Acho que sim — concordou Bart. — Esse Stukeley sempre teve jeito com as garotas! O capitão parece duro, mas justo. E, por falar em capitães, é melhor irmos logo antes que o nosso descubra que estamos sumidos.

Assentindo, Connor passou pela amurada e começou a descer. Quando fez isso, escutou uma voz familiar.

— Mas quem são eles? Quem *são* eles? Estou com fome. Estou com *muita* fome.

Engaçado, pensou. *Eles são tão curiosos a nosso respeito quanto nós a respeito deles.*

Pulando de volta no bote, pensou na vastidão do oceano escuro — tão vasto que podia abrigar tantos tipos diferentes de pessoas. Então, quando Bart se juntou a ele, Connor puxou a âncora e partiram de novo, guiados pela fatia prateada de uma lua crescente.



CAPÍTULO 29

A fita de Lorcan

A fita estava claramente provocando um efeito em Grace. Desde que Johnny a havia posto em seu pescoço, ela começara a ficar tonta. Era como se a fita estivesse se preparando para falar com ela — ou melhor, preparando-a para ouvir. Descendo do muro, Grace decidiu que era melhor encontrar um local mais confortável. Em termos ideais, deveria ter voltado ao seu quarto, mas sentiu que não havia tempo. Podia tirar a fita de novo, mas agora que o processo havia começado estava ansiosa para ir em frente. Tinha ouvido Olivier falar de uma horta e uma fonte do outro lado do pátio. O local parecia tranquilo para ficar durante um tempo.

A horta era como Olivier a havia descrito. No centro havia uma fonte circular. O som da água correndo era imediatamente tranquilizador. Melhor ainda, havia três bancos ao redor de sua circunferência. Grace sentou-se em um deles, depois decidiu que ficaria mais confortável deitada. Tirou o suéter e o enrolou formando um travesseiro. Enquanto se esticava, seus olhos se fecharam com força e ela se viu rapidamente transportada para outro lugar.

Estava escuro. Demorou um instante para perceber que se encontrava embaixo d'água. Então viu o corpo. O corpo da garota, flutuando na água. Estremeceu. Era o seu próprio corpo. Estava olhando-se prestes a se afogar. Era fascinante mas ao mesmo tempo horrível. Seu primeiro instinto foi abrir os olhos, mas sabia que precisava ficar dentro deste mundo da visão, por mais perturbador que fosse.

Nadou com ímpeto na direção de si mesma e estendeu as mãos, pegando o corpo frágil e levando-o à superfície. Podia sentir a fraqueza em seu próprio corpo frouxo enquanto o levava para o ar noturno.

Então se pegou olhando para si mesma, esparramada num convés. Claro! Percebeu que estava vendo seu primeiro encontro com Lorcan, mas do ponto de vista dele.

Ele olha para baixo, maravilhado com a garota deitada no convés. Os olhos dela estão fechados. Já estará morta? Não, não pode estar. Ele espera. Por fim as pálpebras

dela estremecem e a garota olha para ele. Olha, mas não vê — está ocupada demais procurando o caminho de volta ao mundo. Mas ele a vê. E a visão provoca nele um choque. Os olhos dela são verdes como esmeraldas. Ele viu olhos assim, antes. Em três rostos. Será? Pode ser mesmo verdade?

— Você vai me colocar em encrenca — diz ele.

Ela parece confusa, como se não pudesse entendê-lo bem. Os fios de seu cabelo castanho avermelhado se grudaram sobre os olhos. Ele estende a mão e os afasta. A visão do cabelo em suas mãos pálidas provoca outra lembrança. Cabelos exatamente dessa cor. Ele treme ao pensar nas implicações. Mas então a garota começa a fazer sons e ele é atraído de volta para o momento.

Ela está tremendo, e, a princípio, os sons que emite são incoerentes. Ele percebe que ela está desesperadamente desidratada. Pega sua garrafa e oferece. Enquanto ela toma a água, ele usa a mão livre para tirar o casaco, enrolá-lo e colocar sob a cabeça dela. De novo vê o cabelo castanho-avermelhado e sente o choque do reconhecimento.

— Quem é você?

Por fim as palavras dela fazem sentido. Provocam um tremendo jorro de pensamentos e lembranças. Agora ele está começando a entrar em pânico. Mas, ao mesmo tempo, sente-se intrigado, empolgado. Este momento é um presente que ele jamais pensou em receber.

— Meu nome é Lorcan — diz. — Lorcan Furey.

Ela quer saber onde está, como chegou ali. Ele responde do melhor modo que pode, escolhendo as palavras com cuidado. Então ela menciona o irmão. Fala o nome dele.

— Connor! Nós somos gêmeos. Somos tudo um para o outro...

Gêmeos. Ela disse a palavra. E agora não pode restar dúvida. Ele a encara e espera que ela não veja o medo em seus olhos. Sente-se grato, grato demais, ao ouvir o sussurro do capitão chamando seu nome.

— Acorde! Acorde, estou dizendo!

A visão fica trêmula. A garota se desvanece. Então o convés some totalmente, transformado em névoa.

— Acorde!

Ela sentiu um dedo cutucar seu peito.

— Aai! — Grace abriu os olhos e se pegou olhando um rosto de mulher. Demorou um instante a recuperar os sentidos, a perceber que estava na horta do Santuário e que já vira o rosto da mulher antes, mas não com tanta raiva quanto parecia estar agora.

— Você é a princesa! — disse ela, sentando-se.

— Isso mesmo — respondeu a mulher que Grace havia observado durante a cerimônia da fita. — Sou Marie-Louise Princesse de Lamballe.

Grace pôs os pés no chão.

— O que está fazendo aqui? — perguntou.

— Desculpe — disse a princesa rispidamente. — Não sabia que esta era sua horta particular. — Ela apontou para o pescoço de Grace. — O que significa isso?

Ela demorou um instante para perceber do que a princesa estava falando. Então notou que ela apontava para a fita. Sentiu-se instantaneamente culpada.

— Pertence ao meu amigo... — começou.

A princesa a interrompeu.

— Não importa a quem pertence — retrucou ela. — Acho tremendamente inadequado você usá-la desse modo.

Grace franziu a testa. Do que ela estava *falando*?

— Por favor — disse a princesa, estendendo a mão para desfazer o laço. — Por favor, tire-a. Tire-a imediatamente!

— Tudo bem — respondeu Grace, bloqueando as mãos da princesa e soltando gentilmente a fita. — Tudo bem, já que isso incomoda. — Ela dobrou a fita cuidadosamente e apertou-a na palma da mão.

— Assim está melhor! — disse a princesa com mais calma. Em seguida sentou-se ao lado de Grace e arrumou a saia em frangalhos. Parecia estar se acomodando. Grace ficou sentada ao lado, impaciente. Sentia uma frustração profunda porque a princesa havia interrompido sua visão. Tinha sido fascinante ver-se através dos olhos de Lorcan, e sentia que estava à beira de descobrir algo importante.

— Desculpe por ter ficado com raiva — disse a princesa em tom mais amigável. — Claro, você não pretendia me aborrecer. Você não sabia. Como poderia saber? — Ela fungou. — Bom, você nem sabe quem eu sou, sabe? Minha pobre criança, tão inocente. — Ela se inclinou para Grace e enfiou uma mecha solta do cabelo de Grace atrás da orelha. Seu toque era surpreendentemente suave.

— Já fui uma pessoa muito poderosa — continuou. — Acompanhante e confidente de Maria Antonieta. A rainha da França. — Ela girou a cabeça, com o brilho do colar ofuscando Grace por um momento. — Imagino que já ouviu falar de Maria Antonieta.

— Sim — confirmou Grace. — No semestre passado, na escola, ensinaram sobre a Revolução Francesa...

— Ah — disse a princesa, sorrindo. — Então você *sabe* sobre mim?

Grace balançou a cabeça.

— Sei um pouco sobre sua amiga, a rainha.

A princesa franziu a testa.

— Talvez você devesse ter lido um pouco mais sobre o assunto. Por acaso eu apareço na maioria dos melhores livros de história. Eu era a amiga mais íntima dela, superintendente da casa real. Bom, ela me deu esse colar. — A princesa levou a mão ao pescoço, onde os diamantes muito bem lapidados brilhavam à luz da Lua. — É lindo, não é? Mas não o uso apenas por causa da beleza. — Com os olhos fixos em Grace, ela levou a mão à nuca e soltou o fecho do colar. As jóias rolaram para sua mão. Diante disso, Grace ofegou. Havia uma cicatriz lívida, serrilhada, ao redor de todo o pescoço da princesa.

“Este é meu colar eterno”, disse ela, com os dedos tocando gentilmente a carne. “A turba equívocada cortou minha cabeça, enfiou-a num pedaço de pau e desfilou com ela pelos cafés, onde as pessoas bebiam à minha morte. Mas pior, pior do que isso, eles desfilaram com ela diante da varanda da rainha. Pode imaginar? Pode imaginar minha indignidade? O horror dela?”

Grace negou com a cabeça. Era espantoso o modo como a princesa falava tão objetivamente sobre a violência terrível infligida contra ela. Isso a fez enxergar a mulher de um modo totalmente novo.

— A crueldade, a barbárie deles, não tinha limite. Um homem arrancou meu

coração e o comeu. — Grace ficou boquiaberta, mas a princesa balançou a cabeça de novo e deu um riso amargo. — Ele teve um choque quando lhe fiz uma visita, uma ou duas noites depois. Naquela noite, sofreu mais do que de indigestão. Acho que ficou meio surpreso ao ver que eu havia conseguido reunir os pedaços do meu corpo... bom, pelo menos a maior parte. A costureira real me remendou de volta. Não havia ninguém que rivalizasse com ela em habilidade. Havia lágrimas nos olhos dela, claro, mas a agulha em sua mão era firme.

Grace balançou a cabeça. De novo se pegou espantada com a história de travessia de um vampiro.

— Mas por que minha fita a deixou perturbada?

— Na época em que fui morta, havia um ritual. A cada noite os aristocratas, os que eram poupados, ofereciam um grande baile. Eram eventos luxuosos; imagine a bebida, a comida, os vestidos. Eles estavam determinados a dançar até o amanhecer porque sabiam que a festa estava acabando. Você só podia comparecer a um baile desses se tivesse perdido alguém para a turba. E todo mundo que comparecia usava uma fita no pescoço, exatamente como você estava usando a sua.

— Mas isso não era para homenagear os amigos e familiares? Não era sinal de respeito?

— Homenagear? Respeito? Ora! — A expressão da princesa era de raiva novamente. — Eles deveriam estar *lutando*, e não *dançando*. Se houvesse menos bailes, talvez as coisas tivessem sido diferentes para mim, para muitos de nós. — Ela voltou a pôr o colar de diamantes no pescoço. — Por favor, me ajude a prender isto. — Grace ajudou. — Assim está melhor. — A princesa se levantou. — Bom, agora estou cansada. Essa falta de sangue é exaustiva demais. — Ela se virou para Grace e a fome era visível demais em seus olhos. Grace se perguntou se deveria estar em alerta para um ataque. Mas a princesa apenas tocou sua mão, a que segurava a fita.

— Sei de quem é esta fita — disse ela.

— Sabe?

— Claro. É daquele garoto. O que perdeu a visão. Você veio com ele. Acho que está um pouco apaixonada por ele.

Grace ficou vermelha.

— Tenha cuidado — disse a princesa.

— Como assim?

— Sei o que você está tentando fazer. Está procurando algum tipo de resposta nesta fita.

— É, acho... — começou Grace, mas a princesa a interrompeu de novo.

— Tenha cuidado. Eu vivi muito mais do que você, e uma lição eu aprendi muito bem.

— Qual é? — perguntou Grace, esperando que a princesa a soltasse.

— Não faça perguntas se não estiver preparada para ouvir as respostas. *Compremez?*

Grace confirmou com a cabeça.

Finalmente a princesa soltou-a.

— Escute, criança. Eu entendo dessas coisas. Sou uma boa confidente. A melhor, pelo que dizia a rainha.

— Obrigada. Muito obrigada pelo conselho.

— *Mon plaisir*. Agora, criança, boa noite. Vou fazer um último circuito pelos

jardins, e, depois, cama. — Nisso, ela foi para o outro lado da fonte. Enquanto desaparecia nas sombras, suas cicatrizes lívidas foram sumindo e os trapos das saias pareciam renda fina. Ela se movia como se fosse a dama mais elegante do mundo.

Sozinha de novo, Grace sentiu um calor crescente na palma da mão. Olhou e viu a fita enrolada ali. Será que ela estava pedindo para recomeçar? Mas talvez a princesa estivesse certa. Seria perigoso retornar à visão? Será que ela se encontrava à beira de uma descoberta para a qual ainda não estava preparada? Hesitou, pensando que talvez devesse considerar a noite encerrada e devolver a fita à mesinha de cabeceira de Lorcan.

Mas era tentador demais. A primeira visão já havia lhe contado sobre a existência de uma conexão mais profunda entre ela e Lorcan do que Grace jamais havia percebido. Talvez, além disso, essa fosse a pista para a doença dele, e portanto para a cura, também. Precisava descobrir mais. Mesmo que isso significasse mergulhar em águas escuras, precisava fazer. Por ele. E por ela.

Deitando-se de novo no banco, apertou a fita na palma da mão e fechou os olhos. Instantaneamente a jornada da visão recomeçou. Estava escuro de novo, nebuloso. Grace imaginou se estaria recebendo a mesma parte da história. Mas não, agora não estava embaixo d'água. Em vez disso, se encontrava no convés de um navio... do *Noturno*. Virou-se e se viu correndo para a noite. Percebeu que havia se transformado de novo em Lorcan. E, ao mesmo tempo, soube a que momento haviam chegado. Agora ia descobrir alguma coisa!

— Connor! — ouve a outra Grace gritar. Então vê Connor. mas não como uma irmã enxerga o irmão que ela vê quase todo dia. Está vendo-o como Lorcan o vê. E agora, enquanto vê Connor, Lorcan o olha com o mesmo espanto de quando observou Grace abrir os olhos no convés. O garoto é mais alto, mais forte, o cabelo um pouquinho mais escuro. Mas os dois têm olhos de esmeralda iguais. Observa, enquanto eles se abraçam. O encontro é alegre, mas a alegria é cortada por dor e medo.

Ele afasta o olhar. Percebe a luz começando a perfurar a escuridão. Como grãos de areia numa ampulheta, seu tempo está acabando. Começa a entrar em pânico. E não somente por causa da hora. Percebe que o garoto chegou, não do nada, mas de um navio. Um navio que agora fica visível na névoa. Em sua beirada há hordas de homens e mulheres armados com espadas. Que tipo de truque é esse? Que tipo de perigo? Precisa proteger Grace! Precisa proteger os dois. Fez uma promessa há muito tempo.

O Toque do Amanhecer soa. Ele ouve a voz de Darcy gritando para todos entrarem. Sabe que deve, mas está paralisado. Não pode ir. Não sem ela. Não sem os dois.

A luz é desorientadora, e no último instante ele vê um pirata correndo em sua direção. Desembainha seu alfanje. O pirata vem com uma espada larga. As garotas gritam. Darcy implora que ele entre. Grace grita dizendo que ele não fez nada de mal, porém agora Lorcan percebe que todos estão correndo perigo. Não pode fugir da luta. Junta toda a energia e acerta o braço do pirata. Há mais gritos, mas agora Lorcan conhece seu destino.

— Eu disse que protegeria Grace, e é o que pretendo fazer — grita.

Vai protegê-la, vai proteger ambos. Como já fez uma vez. Até o último fôlego, vai proteger os gêmeos. Caso contrário, de que servem as promessas? E agora há novas emoções misturadas com promessas antigas. Sentimentos que ele não quer admitir, nem mesmo para si próprio. Perigosos demais.

A luz o prejudica. Ele precisa fechar os olhos. Mesmo assim golpeia com a espada, mas não adianta. Eles lhe dizem que não há ataque. Mas não pode crer. A princípio, não somente quando o garoto, quando Connor fala, ele acredita. Nota uma força grande demais na voz do jovem. Não é surpresa ele ter herdado tamanha força. Isso, isso basta para convencê-lo de que pode entrar.

Pela fresta da porta, observa-os. É doloroso. Doloroso em muitos sentidos. Tem uma sensação de perda avassaladora. Enquanto fecha os olhos, tem uma imagem súbita de dois bebês enrolados em cobertores macios. Estão sendo entregues a ele, um em cada braço. Olha-os, observa um e outro. Realmente são parecidos como duas ervilhas numa fava.

Agora ele os vê de novo, abraçando-se. Ela irá com o irmão. Ela deve ir com ele. Para longe daqui. Longe daqui eles estão seguros, longe deste navio e de sua tripulação. E no entanto... e no entanto, não quer que ela vá. É tão errado assim admitir isso? É tão errado querer algo para si mesmo? Alguém. Ela.

De repente a imagem se parte e ele está olhando de novo para a garota no convés. Ela abre os olhos. Luz verde emana deles. É ofuscante.

Então, à medida que a visão clareia de novo, os gêmeos ainda estão se abraçando.

E são bebês com roupas largas de novo. Em seus braços, enquanto ele entra num bote e se prepara para velejar.

— Eles nunca devem saber — diz a si mesmo. — Eles nunca devem saber.

A visão morre ali, transformando-se em escuridão. Silêncio.

Grace abre os olhos. Estão molhados de lágrimas. O que ficou sabendo? Demais e, no entanto, não o bastante.



CAPÍTULO 30

Os culpados

Molucco Wrathe andava furioso de um lado para o outro em sua cabine. Connor jamais o vira com tanta raiva.

— Então — começou ele, com os olhos chamejando. — Será que alguém vai se dignar a me contar o que está acontecendo? — Olhou furioso para Connor e Bart. — E eu quero a verdade, toda a verdade e nada mais do que a pura verdade. — Por fim, Cate o fez parar. O rosto dela era difícil de ser decifrado, um contraste direto com a fúria que emanava visivelmente de Molucco.

Connor olhou desconfortável para Bart. Bart olhou nervoso de volta. Antes que qualquer um dos dois ousasse falar, Molucco explodiu de novo:

— Por que não facilito isso para vocês, senhores? Sei que Pegaram um dos meus botes e partiram durante a noite. E sei que visitaram um lugar estranho onde vendem SANGUE e depois foram encontrar aquele navio de... de... VAMPIROS!

Connor estava atordoado. Como o capitão *sabia* de tudo isso? Ninguém os tinha visto. Eles haviam sido tão cuidadosos. Dava para ver que Bart estava pensando a mesma coisa. Mas não podiam perguntar a Molucco como ele sabia. Isso apenas levaria sua fúria a um nível mais alto.

— E então? — insistiu Molucco, indo de novo na direção deles. Cate franziu a testa. Até mesmo Scrimshaw pareceu se encolher enquanto o capitão prosseguia: — Falem! O que diabos vocês estavam aprontando?

Por fim, Bart falou:

— Estávamos ajudando o Jez, senhor — disse baixinho.

— Mais alto! — estrondeou Molucco, num volume de rachar os tímpanos.

— Estávamos ajudando o Jez, senhor. Jez Stukeley — repetiu Bart, um pouco mais alto.

— Jez Stukeley? — Molucco parecia extremamente confuso. Evidentemente seu informante misterioso não havia mencionado Jez. — Mas Jez está morto.

— Sim, senhor — confirmou Bart. — Está morto, mas não se foi.

— Não entendo — disse Molucco, a testa franzida profundamente.

Connor continuou a história:

— Todos sabemos que Jez morreu no duelo no *Albatris*. Nós o sepultamos no mar. Mas depois ele foi encontrado por um dos Vampiratas, Sidório, e foi transformado num vampiro.

— É, é, eu sei de tudo isso — disse Molucco em tom sombrio. — Jez foi um dos vampiros que assassinaram meu irmão e a tripulação dele...

— Não! — exclamou Connor, de modo mais passional do que pretendia. — É, ele estava com eles. Não tinha escolha. Mas ele não sabia do ataque, do ataque terrível, até que já estava acontecendo. Ele nem foi a bordo do navio do seu irmão. Não participou propriamente...

— Você certamente mudou de opinião, Tormenta! — disse Molucco rispidamente. — Na noite em que caçamos os vampiros você disse que ele era um dos culpados. E mais, você comandou o ataque contra ele. Jogou tochas acesas e o matou pela segunda vez.

— É — assentiu Connor. — Bem, na verdade, não.

— Que negócio é esse? — trovejou Molucco.

— Eu *pensei* que nós o tínhamos destruído, mas não tínhamos. Ele sobreviveu. — Connor fez uma pausa. — Ele sente uma culpa terrível por ter participado...

— Espero que sim — disse Molucco.

— E ele odeia esse negócio... esse vampiro, que foi o que ele virou. Quer virar mortal de novo. Implorou que nós o ajudássemos, senhor. Não podíamos recusar.

Molucco ficou em silêncio, os braços cruzados enquanto esperava o restante da história. Cate assentiu para Connor continuar.

— Nós o levamos ao navio Vampirata, senhor. O navio que resgatou minha irmã antes. O capitão é um ho... um ser misericordioso. Não é sedento de sangue como Sidório. Acharmos que ele pode ajudar o Jez.

— Ora, não é ótimo? — disse Molucco em tom mais afável. — Como é que vocês costumavam se chamar? Os Três Bucaneiros?

Connor assentiu. Bart sorriu.

— E estavam se reunindo pela última vez pelo bem de seu velho colega?

— É! — assentiu Connor, aliviado por ele entender finalmente.

— Exato! — disse Bart.

Houve uma pausa, e então Molucco soltou um grito.

— Vocês não fazem ideia do dano que causaram! Eu tinha quase convencido meu irmão a abandonar a ideia de vingar o assassinato de Porfírio. De que nós havíamos cuidado dos assassinos dele, que tínhamos nos vingado. Agora vocês vão e fazem isso, e ele sabe que um dos assassinos de Porfírio está vivo... — Molucco parou, com o rosto tão vermelho que Connor se perguntou se ele iria morrer.

— Desculpe, senhor — disse Connor —, mas como Barbarro sabe disso?

— Não é óbvio? — reagiu Molucco rispidamente. — Vocês foram seguidos.

— Sinto muito — disse Connor, arrasado. — Desculpe ter causado todo esse incômodo.

— Só estávamos tentando ajudar um velho amigo — continuou Bart.

— Não me interrompam! — rugiu Molucco. — Vocês dois precisam acordar e sentir o cheiro de algal! Jez Stukeley morreu no convés do *Albatris*. E fim. Não me

importo com esse absurdo de zumbi-pós-morte. Nós perdemos Jez naquele duelo no navio de Drakoulis. — Ele fez uma pausa. — Foi terrivelmente triste, mas essas coisas acontecem.

Connor e Bart se encolheram diante desse casual resumo da morte do amigo.

— Não me interessa o que aconteceu com Jez depois de termos entregado seu caixão ao oceano. Não quero saber desses Vampiratas. Certamente não quero encontrá-los de novo. E, enquanto forem membros da minha tripulação... *E me corrijam se estou errado, mas vocês dois assinaram contratos ligando-os ao meu serviço pelo resto dos seus dias...* Enquanto forem membros da minha tripulação, nem ao menos falarão a palavra vampiro... ou Vampirata... a bordo deste navio. Entendido?

— Sim, capitão. — A voz deles saiu fraca.

— Desculpe. Alguém disse alguma coisa?

— Sim, capitão Wrathe — declararam Connor e Bart, desta vez mais alto.

— Então fim de papo. E agora vamos colocar todas as energias na tentativa de salvar esta situação e convencer meu irmão a se concentrar no ataque na Índia. — Em seguida se virou de lado e adotou um tom mais comedido. — Cate, vou me encontrar com Barbarro agora. Deixo você para determinar uma punição adequada para esses dois.

Em seguida se virou para Connor e Bart.

— Vocês dois me desapontaram tremendamente. — Connor mal conseguia olhar o capitão enquanto este prosseguia: — Vocês eram como filhos para mim. Mas agora não sei. Simplesmente não sei. Confio que no futuro vocês se lembrem de onde está sua lealdade. — Depois levantou a voz de novo para gritar uma última palavra: — Dispensados!

Cate levou Connor e Bart para fora da cabine do capitão. Todos pareciam exaustos como se tivessem travado uma batalha, enquanto saíam ao convés. O sol era um convidado luminoso e mal vindo, ofuscando-os.

Andaram por todo o convés em silêncio, cada um pensando nas palavras ferozes e implacáveis do capitão.

— O que há? — perguntou uma voz vinda de trás do mastro. Luar Wrathe pulou na frente deles. — Parece que vocês dois acabaram de vir de um enterro.

— Agora não, Luar — disse Cate.

— Você não deveria me chamar de *tenente Wrathe*?

— Sou a subcapitã do *Diablo* — respondeu Cate severamente. — Você está no meu terreno, agora.

Luar ergueu uma sobrancelha.

— Você ficou bem agressiva, hein, Cate? Por que será? Algumas vezes acha que não está à altura do cargo?

— Ah, Luarzinho — disse Bart. — Já chega. Você não tem uma mosca para arrancar as asas ou outro hábito maligno com o qual se ocupar?

O rapaz gargalhou.

— Isso é muito divertido, Bartholomew. Nós achávamos que você era só músculos, sem cérebro, mas vejo que teremos de revisar nossas opiniões.

Bart suspirou e balançou a cabeça, exasperado.

— E você, Connor? — continuou Luar. — O que está te incomodando? Está sentindo falta de seus amigos vampiros? Está meio pálido. Talvez precise de outra visita

à Taverna do Sangue, não é? — Os olhos de Luar se arregalaram. Connor e Bart ficaram pasmos.

— Foi *voilà*! — disse Connor. — Você nos seguiu! E depois voltou e contou ao capitão Wrathe.

Luar deu de ombros.

— Já está na hora de o tio Lucco ficar sabendo das estranhas predileções de sua tripulação.

Bart encarou-o com olhos duros.

— Qual é o problema? — zombou Luar. — Não entende o que significa “predileções”?

Bart balançou a cabeça e mandou o punho.

— Eu entendo *isso*! — gritou.

Mas Cate levantou o braço e bloqueou o peso do soco de Bart.

— Não — disse ela. — Não vale a pena, Bart. Você já está encrencado com o capitão Wrathe. Não piore as coisas.

Luar sorriu.

— Isso mesmo, Cate. Pelo menos um dos três colegas tem 1 grama de cérebro.

— Certo — disse Cate, com o aço de novo na voz. — Acho que já ouvimos o suficiente de você. Vá embora. E agradeça porque eu o liberei de uma surra.

Luar abriu a boca de novo mas pareceu pensar melhor. Foi andando emproado pelo convés. Deu alguns passos, depois girou a cabeça antes de acenar.

— Tchaul! Eu não queria estar no lugar de vocês! — Rindo sozinho, ele seguiu seu caminho.

Quando ele se afastou, Bart se virou para Cate.

— Obrigado — disse. — Eu gostaria mesmo de enfiar o meu punho na cara dele, mas fico feliz porque você me impediu.

Cate conseguiu dar um sorriso débil.

— Sem problema. — Depois suspirou. — Ah, que confusão, isso tudo!

— E então — perguntou Connor, sombrio —, vai dar o nosso castigo?

Cate pôs a mão no ombro dele.

— Castigo? Ora, por que eu faria isso? Ah, vou inventar alguma história para o capitão Wrathe, mas acho que vocês já sofreram o bastante. Todos sofreram. Vamos esquecer isso, certo? E ir em frente do melhor modo possível.

— Você teria ajudado o Jez, não teria, Cate? — perguntou Bart. — Você teria ajudado um velho amigo?

Cate deu um suspiro profundo.

— Eu teria feito *qualquer coisa* para ajudar o Jez. Qualquer coisa que eu pudesse fazer, independentemente do que ele tivesse virado. Foi minha culpa ele ter morrido. Eu estraguei nossa estratégia de ataque. Deveria ter percebido que havia algo errado com nossas informações. Deveria saber que estávamos sendo atraídos intencionalmente para aquele navio...

— Não — disse Bart. — Não foi sua culpa.

Cate balançou a cabeça.

— Sei que você me apoia, Bart, e agradeço. De verdade. Mas sou subcapitã deste navio. Era meu trabalho nos preparar *totalmente* para o ataque. Estraguei tudo. Se a morte de Jez não foi minha culpa, não sei de quem foi.

— Bom, *eu* vou dizer — disse Bart, com os olhos sombrios. — Nós não seríamos atraídos ao *Albatris* se não houvesse uma velha rixa entre Molucco Wrathe e o capitão Drakoulis. E assim que a situação ficou clara, o capitão Wrathe não tentou resolver o problema, tentou? Não. Como sempre, ele piorou as coisas um bocado.

— Ele não poderia ter impedido o duelo — disse Cate. — Não havia como convencer Drakoulis.

— E — acrescentou Connor — não havia como impedir que Jez se oferecesse para lutar.

— Ah — disse Bart —, isso tudo dá para entender. Mas alguém *deveria* tê-lo impedido. Era uma rixa entre os dois capitães, e os capitães é que deveriam ter travado aquele duelo. Só que o capitão Wrathe não é conhecido por fazer seu próprio trabalho sujo, não é?

— Bart — reagiu Cate, com uma forte nota de alerta na voz —, você precisa deixar isso para trás. Não adianta nem pensar essas coisas, quanto mais...

— Não, Cate — disse Bart, teimoso. — Não vou mais fugir da verdade. Só há uma pessoa neste navio que é responsável pela morte do meu amigo Jez. Não sou eu e certamente não é você. É Molucco Wrathe!



CAPÍTULO 31

O bloqueio

— Onde está Mosh Zu? — perguntou Grace.

— Boa noite para você também — respondeu Olivier, olhando-a do fogão, onde estava preparando uma nova quantidade de chá de frutas.

— Desculpe. Não queria ser grosseira. Só queria falar com ele, mas não consigo encontrá-lo.

— Ele está meditando. Não pode ser incomodado. — Olivier mexeu o líquido na panela. — Mas vou dizer a ele que você o está procurando, quando eu o vir.

A cabeça de Grace estava a mil com tantos pensamentos. As visões que havia canalizado da fita de Lorcan estavam passando repetidamente em seu cérebro. Queria desesperadamente falar com Mosh Zu a respeito.

— Grace, você está bem? — Olivier encarou-a. — Parece meio abalada. O que há de errado?

— Nada — respondeu ela, percebendo que ele sabia que era mentira. — Nada, verdade. Só queria falar com Mosh Zu.

— Sabe — disse ele, baixando o fogo e se aproximando —, você pode conversar comigo, se quiser. Sobre qualquer coisa. De estagiário de cura para estagiário de cura.

Ela pensou por um instante na possibilidade. Mas sua experiência com a fita havia sido pessoal demais. Ainda não se sentia suficientemente confortável com Olivier para lhe confiar essas coisas.

— É gentileza sua — disse. — Mas vou esperar para falar com Mosh Zu quando ele estiver livre.

Olivier continuou encarando-a. Pela expressão, dava para ver que ele não estava satisfeito. Mas ele simplesmente assentiu e disse:

— Como quiser.

— Obrigada. — Grace saiu para o corredor.

Estava indecisa quanto a onde iria. Sentia-se cansada, mas tinha certeza de que o

sono não viria, com todos aqueles pensamentos zunindo em sua cabeça. Poderia sair de novo e tentar andar para dissipar a ansiedade. Poderia procurar Johnny e falar com ele sobre isso. Avaliou todas essas opções mas sabia, bem no fundo, que só havia um modo de sentir-se melhor.

Empurrou a porta.

— Lorcan? — disse baixinho. — Lorcan, está acordado?

— O quê? — murmurou ele.

— Sou eu, Grace. Está acordado?

— Bom, agora estou. — Ele não parecia *muito* insatisfeito.

— Desculpe, não queria acordar você.

— Tudo bem. Você parece meio abalada, Grace. Aconteceu alguma coisa?

— Sim — respondeu ela, com um suspiro profundo.

— O que é? — De repente ele era o velho Lorcan de novo, o que havia cuidado dela durante seus primeiros dias no *Noturno*. — Venha sentar-se aqui e fale comigo.

Ela puxou a cadeira para perto da cama e sentou-se. Ele segurou sua mão.

— Você está tremendo. O que está acontecendo?

O toque da mão dele era tranquilizador.

— Ah, Lorcan. Eu fiz uma coisa ruim.

— Você? — Ele sorriu. — Grace Tormenta, fazendo alguma coisa ruim? Acho meio difícil de acreditar.

— Lorcan, eu li sua fita.

— O quê? — Ele teve um choque de surpresa e sua mão soltou a dela.

— Sei que não deveria ter feito isso. Mas eu a peguei por acidente. Estava no meu livro, e Johnny achou que era boa ideia.

— Johnny? — perguntou Lorcan. — O cara que nós conhecemos na sala? O que ele tem a ver com isso?

— Desculpe. Eu estava contando a ele como me preocupo com você, como queria lhe ajudar mas não sabia como...

— Você estava me ajudando muito bem. Não deveria ter feito isso, Grace.

— Eu sei. Agora sei. Só pensei que encontraria algumas respostas na fita.

— E encontrou?

Grace confirmou com a cabeça. Depois se lembrou de que ele não podia vê-la.

— Sim, encontrei.

— Acho melhor você me contar. Conte o que viu.

— Tive duas visões. Eram de você e de mim. A primeira foi de quando nós nos conhecemos, quando você me salvou do afogamento naquela noite...

Contou a cena para ele, como a havia vivido na visão Lorcan permaneceu imóvel como uma estátua enquanto ela falava. Quando Grace terminou, ele fez uma pausa e perguntou simplesmente:

— Qual foi a segunda parte da visão?

— Foi da noite em que você ficou cego. Quando Connor chegou ao *Noturno* e você achou que nós corríamos perigo...

De novo ela contou o que tinha visto. Quando terminou, ele tinha uma última pergunta:

— E foi só isso que você viu? Só esses dois momentos?

— É. Depois disso não pude continuar. Guardei a fita. Está na sua mesinha de cabeceira. — Ela olhou a fita.

Lorcan estendeu a mão. Seus dedos arqueados pareciam uma aranha branca, procurando a teia. Ao encontrar a fita, pegou-a e pôs sob o travessão.

— Agora vai ficar aqui — disse.

— Lamento muito. A última coisa que eu queria era deixar você chateado.

Ele suspirou.

— Como você achou que eu me sentiria, com você espionando meus pensamentos particulares desse modo? Você ia gostar se alguém lhe fizesse isso?

— Eu só estava tentando ajudar. Sei que fiz uma coisa ruim. Mas só estava tentando ajudar você a melhorar.

— Melhorar?

— Mosh Zu disse que seus ferimentos são só parcialmente físicos. Que seu ferimento mais profundo é mental, emocional. Achei que, se lesse a fita, poderia ajudar você a descobrir onde está o bloqueio.

— O bloqueio...?

— É — disse ela, sentindo-se de novo em terreno mais sólido. — Se soubermos o que está prendendo você, poderemos romper o bloqueio.

— *Poderemos?* — Havia um traço de amargura em sua voz.

— Podemos tentar.

— Grace, eu já disse antes, eu a alertei. Este não é o seu mundo. Há muita coisa aqui que você não entende.

— É. E sou nova neste mundo, mas quero entendê-lo. — Ela fez uma pausa. — Quero entender você. Talvez seja isso que mais quero.

— Entendo. Entendo mesmo, mas há coisas que não posso contar a você.

— Sobre você mesmo? Ou sobre mim? Ou sobre nós?

Ele fez uma pausa.

— Sobre tudo isso.

Grace ficou desesperadamente frustrada pelo modo como ele se fechava de novo, deixando-a de fora.

— Mas Lorcan, se é sobre mim, pelo menos em parte, eu não tenho o direito de saber? Tenho tantas perguntas...

— E, eu sei. Mas o negócio é o seguinte, Grace. Não estou pronto para responder. Eu estava chegando lá do meu jeito, no meu tempo, mas então você foi e fez isso. — Ele balançou a cabeça.

— Você me conhecia. — Ela não conseguia mais manter aquilo dentro de si. — Quando me salvou, quando viu quem eu era. Não era a primeira vez em que nos víamos. Você sabia quem eu era. E Connor também. Você tinha visto nós dois quando éramos bebês. Mas como pode ser?

A pergunta dela pairou no ar.

— Por favor, Lorcan. Preciso saber.

Ele balançou a cabeça.

— Não de mim. Não agora.

Grace sentiu como se sua cabeça estivesse se partindo.

— Por favor — repetiu.

— Sei como você deve se sentir, Grace. Sei como sua mente funciona. Essas perguntas são como uma cocadeira e você precisa coçá-la. Foi principalmente por isso que pegou minha fita. Mas você não vê? É como a caixa de Pandora. Você começou uma coisa que agora não pode ser parada. E terá um fim terrível para todos nós.

Ela refletiu sobre suas palavras. O que ele queria dizer? Tudo que ele dizia só provocava mais perguntas. Perguntas maiores.

— Por favor, Grace. Por favor, vá embora.

— Não posso. Agora não posso sair. Você precisa falar comigo.

— Não. Não, não preciso. Apenas saia.

— Não me deixe de fora desse modo.

— Eu preciso. Pelo bem de nós dois.

Ela estava tremendo quando se levantou e começou a se dirigir para a porta. Mas não podia sair sem uma última tentativa.

— Mas sei o quanto você gosta de mim. Li na fita.

Lorcan suspirou.

— Você realmente precisava ler a fita para saber que eu gostava de você? Realmente, Grace, você não me conhece nem um pouco?

— Achei que conhecia — disse ela, virando-se e abrindo a porta. E saiu rapidamente ao corredor, para poupá-lo do som de seus soluços.

— Ei. — Johnny levantou o olhar do tabuleiro de xadrez quando Grace parou junto à porta da sala de recreação.

Ao ver seu rosto manchado de lágrimas, ele se levantou imediatamente e foi até ela. Estendeu os braços e envolveu-a, fechando a porta em seguida.

Grace sentiu-se melhor com o abraço mas, enquanto as lágrimas paravam, percebeu a ironia da situação. Johnny é que a havia pressionado a ler a fita de Lorcan, e agora era ele que ela procurava em busca de consolo.

— Você leu a fita? — perguntou ele, afastando-se. — E foi ruim, não foi? Sinto muito, Grace. Eu não deveria ter sugerido...

Ela balançou a cabeça.

— Não, não foi ruim, exatamente. Mas descobri coisas. E fui falar com Lorcan sobre elas, e ele está com raiva de mim.

— Acho que era de se esperar. Sei que é difícil, mas não creio que você devesse ter contado a ele, por enquanto.

— Eu precisava. As coisas que li na fita... Eram muito pessoais. Sobre Lorcan e eu.

— Ah.

— É complicado. Acho que não devo falar sobre isso com você.

Johnny assentiu.

— Claro. Respeito isso. Mas, se mudar de ideia, pode aparecer e encontrar o velho Johnny. Você sabe, não é?

Ela assentiu.

— Vamos secar seus olhos — disse ele, enfiando a mão no bolso e pegando um lenço de bolinhas vermelhas. Grace não pôde evitar um riso. — Pronto. Viu como o velho Johnny já pôs um sorriso no seu rosto? — Ele pôs o lenço na mão dela. — Por

que não fica com isso por enquanto? Só para o caso de você fazer mais chuva facial esta noite.

Grace enfiou o lenço no bolso. Johnny pegou uma cadeira para ela e sentou-se ao lado.

— Você estava certo com relação a uma coisa.

— O quê? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ler aquela fita me mostrou por que Lorcan não está se curando. A culpa é minha. É tudo minha culpa. — Ela sentiu as lágrimas pinicando nos olhos de novo e rapidamente pegou o lenço para enxugá-las. Johnny esperou com paciência. Ela respirou fundo, depois prosseguiu: — A cegueira de Lorcan não pode ser curada apenas fisicamente. Mosh Zu disse que há outro elemento nela, que no mínimo é a parte mais forte. Ele diz que é psicossomática, provocada por estresse e medo, e que, num certo nível, é infligida por ele mesmo.

Johnny franziu a testa.

— Ele está *optando* por não enxergar?

— Bom, não conscientemente. Não é como se ele pensasse: “prefiro ficar cego”, mas em algum nível, sim, ele está bloqueando a cura.

Johnny balançou a cabeça.

— Nunca ouvi nada assim antes.

— Mosh Zu diz que não é incomum. Diz que pode trabalhar com Lorcan no que quer que esteja atrapalhando-o.

— Bom, isso é uma boa notícia, não é?

Grace balançou a cabeça. Não sabia mais o que pensar.

— Grace, sei que você quer que ele se cure rápido, mas acho que você precisa lhe dar algo, como este tempo. Lembre-se: deste lado em que eu e ele estamos, temos muito mais tempo disponível.

— Sou eu. *Eu* sou responsável pela cegueira de Lorcan. Ele não teria saído à luz do dia se não fosse para me proteger. Eu sempre soube que era responsável por sua cegueira física...

Johnny a interrompeu gentilmente.

— Mesmo que haja um cerne de verdade nisso, você mesma disse que o ferimento físico estava se curando.

Ela assentiu.

— É, mas agora sei que também sou a causa do ferimento mais profundo. Eu tinha suspeitas. Mas agora que li a fita tenho certeza. O motivo para ele estar se recusando a melhorar, este bloqueio, está ligado a mim.

Pronto, havia dito. Sentia-se melhor por ter dado voz ao pensamento sombrio. Ainda se sentia mal, mas um pouco melhor.

— Como eu disse, você só precisa dar tempo a toda essa situação. Lorcan não poderia estar em mãos melhores do que as de Mosh Zu. Quer dizer, ele é o guru dos Vampiratas! Ele é o cara! Se alguém pode fazer Lorcan superar isso, é ele.

— Mas e se *não* puder? — perguntou Grace, sentindo o medo dominando seu corpo de novo. — E se Lorcan optar por ficar cego? Você deveria ter ouvido quando ele falou, Johnny. Agora ele está me afastando. E se eu estraguei tudo, ao fazer o que fiz?

— Ei. — Johnny passou o braço por seu ombro. — Ei, ei, você tem que aceitar

um conselho do velho Johnny: Uma coisa que aprendi naquelas longas comitivas com o gado. Grace, você precisa aprender a atravessar um rio de cada vez.



CAPÍTULO 32

A passagem para a Índia

Connor ficou olhando com alguma tristeza enquanto a familiar bandeira com o crânio e as tibias cruzadas era baixada do mastro do *Diablo*. O mastro parecia vazio sem ela.

— É só temporário — disse Cate, enquanto Gonzalez dobrava a bandeira e fazia uma diferente subir pela corda. — Tudo faz parte do nosso disfarce, Connor. Não podemos deixar que o imperador ou alguém de sua equipe imagine, sequer por um momento, que este é um navio pirata. No momento estão fazendo a mesma coisa na *Tifon*. Haverá algumas outras mudanças também; superficiais, claro, nada que impeça nossas operações de sempre. E os capitães não poderão participar da ação. O rosto deles é conhecido demais!

Connor levantou os olhos de novo enquanto Bart, no alto do cesto de gávea, colocava a nova bandeira em posição. Era de um azul profundo com um logotipo branco — duas mãos abertas carregando um navio. Embaixo da imagem estavam as letras CMO.

— Gosta? — perguntou Cate.

— O que é?

— O objetivo é sugerir garantia e segurança. É o logotipo da Companhia de Mudanças Oceânicas. — Ela se virou de novo para Connor. — Nós!

Em seguida fez o sinal de positivo para Bart.

— Bom trabalho, Bart. Agora desça correndo e vamos começar nossa sessão de treinamento de combate.

Nos preparativos para o ataque, Cate havia aumentado o nível de treinamento de combate a bordo. Havia treinos diários. Tanta era a reputação de Cate que Barbarro e Trofie haviam mandado seus tripulantes ao *Diablo* durante aquele período.

— É importante que, para os objetivos deste ataque, nossas duas tripulações sejam uma só — dissera Barbarro, quando eles haviam anunciado a novidade.

De modo que agora, temporariamente, havia 25 tripulantes extras no *Diablo*. Eles treinavam juntos, comiam juntos no mesmo refeitório e dormiam nos mesmos

dormitórios. Na maior parte eram bons sujeitos, pensava Connor enquanto chegava ao convés para a sessão de combate do dia.

— Ei, Tormenta! Como vão as coisas? — Dois de seus novos colegas o cumprimentaram com tapas nas mãos enquanto Connor se juntava a eles para o início do aquecimento.

Bart chegou logo antes de Cate. Era bom, em meio a todas aquelas mudanças, ter seu melhor amigo ao lado.

— Certo — anunciou Cate. — Vamos começar com um aquecimento físico. Mantenham as armas e vamos fazer três circuitos pelo convés.

Connor escutou alguém rindo atrás dele.

— Puxa, realmente — ouviu um murmúrio soturno. — Ela não parece uma professora de ginástica?

Connor olhou por cima do ombro e viu Luar Wrathe rindo debochadamente com um dos seus amigos. Ele lançou um olhar maldoso para Connor, antes de se virar e partir na corrida de aquecimento. Connor corria ao lado de Bart.

— Acho que hoje o Luarzinho está de novo com a corda toda — disse Bart enquanto corriam.

— Ah, é — concordou Connor. — Como foi mesmo que ele se saiu no esquadrão de ataque?

Bart gargalhou.

— Não creio que alguém tenha tido dúvida de que ele seria aprovado. Mas eu lhe contei o que escutei Barbarro falando ao Molucco?

— Não.

— Que desejaria que Luar fosse um pouco mais parecido com você, que ele precisava ser mais durão se quisesse ser um pirata *de verdade*.

— Uau! — Connor ficou lisonjeado e meio surpreso por Barbarro Wrathe ter feito essa comparação.

— Claro — disse Bart enquanto corriam pelo convés de proa —, tenho certeza de que Trofie tem motivos muito diferentes para colocar o queridinho da mamãe no esquadrão. Sem dúvida ela considera que esse é o lugar dele, como herdeiro do reino.

— É. É uma pena ele não ser um pouquinho mais confiável com a espada.

Bart concordou.

— Está aí uma coisa certa, Tormenta. Maligno? Sim! Confiável? Não!

— Certo, pessoal, muito bem! — disse Cate quando o último tripulante voltou à parte central do convés. — Agora vamos nos dividir em duplas e trabalhar algumas seqüências de ataque.

Esse era o momento do dia que apavorava Connor. Porque, claro, haviam-no emparelhado com Luar.

— Mas por quê? — havia implorado Connor a Cate depois do primeiro exercício, que foi insuportável. — Só porque somos os mais novos? Sou mais alto do que ele e muito mais experiente.

— Eu sei, Connor. Mas não posso fazer nada. O pedido, ou melhor, a *ordem* veio de cima. Instruções muito específicas de Barbarro Wrathe, de que você e Luar deveriam formar uma dupla.

Enquanto Connor se afastava balançando a cabeça, Cate havia gritado:

— Você deveria ficar lisonjeado com isso. Evidentemente o capitão Wrathe acha que o filho tem algo a aprender com você.

Isso era muito bom, mas a realidade de seus treinos de luta cotidianos com Luar era que o príncipe pirata não estava aberto a aprender nada com ninguém. Em vez disso, parecia decidido a fazer tudo de seu jeito único e imprevisível.

— Certo — disse Cate, batendo palmas. — Vamos pegar a partir da manobra que começamos a trabalhar ontem. Espero que todos tenham feito algumas horas de treino extra nos intervalos entre os turnos de trabalho!

Connor e Bart haviam treinado a manobra juntos até tarde da noite. Com o canto do olho, Connor viu Bart e seu parceiro do *Tifon* executar uma sequência perfeita de jogos de ataque e defesa.

— Eil! Eil! — ouviu o grito lamentoso de Luar. — Será que você pode afastar os olhos de seu amado Bart só por um momento, para que a gente acabe logo com isso?

Connor se virou para ele.

— Quando você quiser!

Luar deu uma estocada contra Connor, com sua espada, e Connor posicionou a lâmina sem esforço para repelir o ataque. Os dois conseguiram alguns golpes e defesas básicos, mas logo ficou claro que, como sempre, Luar estava lamentavelmente abaixo do nível.

— Você não treinou nada, não é? — disse Connor enquanto eles tentavam começar a sequência pela quarta vez.

— Eu *teria* treinado. Pela honra dos escoteiros navais, e coisa e tal. Mas o negócio é que tive uma noite muito ocupada.

Connor podia imaginar. Luar era o único da tripulação hóspede que tinha permissão para retornar ao *Tifon* à noite. Sem dúvida, a ideia de compartilhar uma cabine era demais para o príncipe pirata. De modo que, em vez disso... era um belo jantar de cinco pratos com mamãe e papai, e depois ir para a sua masmorra jogar Pinball Pirata e passar um tempo se divertindo com suas amadas ratazanas de estimação.

— Além disso — disse Luar —, faltam semanas para o ataque! Ainda tem muito tempo para treinar.

Mas, à medida que os dias e semanas passavam, a técnica de Luar com espadas mostrava poucos sinais de melhoria. Em alguns dias ele era razoável. Mas em outros era como se estivesse recomeçando do início. Não havia como negar: quando se tratava de instinto maligno, ele estava bem acima da média. Connor tinha vários arranhões e cicatrizes de diferentes dias para provar isso. Mas, num complexo ataque de equipe, a malignidade não poderia ir muito longe. Connor sabia, por suas experiências com os companheiros do *Diablo*, que o trabalho de equipe era fundamental para o sucesso no calor da batalha, quando o convés ficava apinhado. Certamente era possível um certo grau de improvisação, mas você precisava se manter rigorosamente concentrado em sua peça do quebra-cabeça, caso contrário — com cinquenta homens e mulheres na sua equipe — era fácil demais tombar no caos absoluto.

Uma noite, durante o jantar, ele verbalizou seus temores a Bart.

— Ele é descontrolado — disse. — Não tem como saber o que ele vai fazer em seguida.

— Eu sei, meu chapa — respondeu Bart. — Entendo você. Mas quando

estivermos envolvidos de fato no ataque, isso não vai importar. Se a operação seguir de acordo com o plano, não teremos nem que desembainhar as espadas. É mais um roubo do que um assalto, pensando bem. Só teremos de pegar as espadas se o disfarce for descoberto. E foi gasto tanto tempo e esforço no planejamento que realmente não vejo essa hipótese se concretizando.

Connor balançou a cabeça.

— Sei de tudo isso. Mas o que é que Cate sempre diz? *Esperem o inesperado!* Não estou só preocupado por causa do Luar. Estou perdendo minha própria técnica porque não consigo fazer um treino decente com ele.

— Esse é o seu modo de dizer que precisa de uma sessão de treino extra com este seu criado, mais tarde?

Connor assentiu.

— Seria ótimo! Se você não se incomodar.

Bart balançou a cabeça.

— Só me deixe tomar outra cerveja e ficarei feliz em conceder.

Connor franziu a testa.

— Você realmente não deveria beber e usar espada — disse pensando nas regras de Cate.

Bart gargalhou.

— Estou muito abaixo do limite de bebida, meu chapa. Só preciso de um pouco de lubrificação na goela, e vou ficar ótimo!

Mais tarde, passaram 45 minutos no convés, treinando enquanto o sol se punha ao redor — uma furiosa fogueira de laranja e vermelho. Acabou com Connor se jogando do mastro sobre Bart. Num ataque, ele teria acabado com Bart, mas sinalizou a intenção para que o amigo pudesse sair do caminho a tempo. Enquanto os dois sacudiam a poeira, Bart deu um tapa nas costas de Connor.

— Você não tem absolutamente nada com que se preocupar! Não há nada de errado com a *sua* técnica. Nadinha.

Faltando apenas alguns dias para o ataque, o maior desafio se tornou a dificuldade de navegação. À medida que rasgavam as águas na direção do Forte do Pôr do Sol, os dois galeões encontraram as piores condições de navegabilidade que Connor já havia experimentado a bordo do *Diablo*. O treinamento de combate precisou ser posto de lado enquanto todos os tripulantes trabalhavam juntos para vencer as águas turbulentas.

Abaixo do convés havia muita gente vomitando e murmurando sobre se alcançariam o destino antes que o oceano os engolisse.

Cate chamou Connor à sua cabine. Ele a encontrou sentada atrás da mesa, bebendo calmamente um copo de leite e beliscando um sanduíche de queijo.

— Você não está nem um pouco enjoada? — perguntou ele.

Cate balançou a cabeça.

— Nunca sinto enjoo no mar. Tenho essa sorte.

Enquanto ela falava, os dois ouviram um coro de gemidos do lado oposto da parede da cabine, indicando que outros não tinham tanta sorte.

— Então — disse Cate —, como está se sentindo com relação ao ataque? Pronto para botar para quebrar?

Connor assentiu. Ele e Bart haviam conseguido fazer mais alguns treinos antes que o mar ficasse violento demais. A confiança em suas habilidades havia retornado. Agora estava cheio de adrenalina e ansioso para ir em frente. Disse isso a Cate.

— Fantástico — disse ela, dando tapinhas no esquema que havia arrumado à sua frente, caneta em mãos. — Só estou alocando os últimos pares agora. E decidi emparelhar você com Luar Wrathe.

Connor gemeu no mesmo instante.

— Sei que não é isso que você escolheria, mas deveria ter imaginado que seria assim. Você fez par com ele em todas essas semanas. Desse modo ele está confortável com você. E você, melhor do que qualquer um de nós, conhece os pontos fortes e fracos dele. Pode protegê-lo se for necessário.

— *Proteger?* Achei que esse era um ataque em busca de lucro. Não é esse o objetivo de todos nós? E não proteger os molengas!

Cate balançou a cabeça.

— Connor, vou ser sincera com você. Você é um colega muito valioso, e um bom amigo. Sim, claro, o objetivo geral da operação é entrar e sair do forte do modo mais limpo possível e retornar com o máximo dos tesouros do imperador que pudermos. Mas não se engane, seu papel é garantir que, se entrarmos em situação de combate, nada aconteça com Luar.

Connor pareceu contrariado.

— Por que não me disse isso antes?

— Porque você iria pegar no meu pé dia sim, dia não, implorando que eu repensasse. Mas sem dúvida, você deve ter adivinhado. Por que outro motivo eu colocaria um dos meus espadachins mais fortes com o mais fraco?

Connor franziu a testa.

— Então todo aquele papo furado sobre Barbarro ter pedido expressamente que eu...

— Não foi papo furado. Expressão encantadora, por sinal. Nem um pouco papo furado. Ele disse isso. Não creio que ele tenha nenhuma ilusão quanto às habilidades marciais do filho. Não posso dizer o mesmo com relação a Trofie. Quem sabe o que se passa na cabeça dela?

— Deixe-me ver se entendi: você está dizendo que a minha principal função neste ataque é tomar conta dele?

Cate balançou a cabeça.

— Não é a sua função *principal*, Connor. É a sua *única* função. Pode deixar que os outros cuidem do objetivo principal. Simplesmente traga Luar Wrathe de volta a este navio, são e salvo. Ou a coisa vai ficar muito feia para todos nós. — Com isso ela pegou o sanduíche e deu outra mordida. — Agora — disse engolindo um bocado de gorgonzola com alga —, se você não tem mais nenhuma pergunta, é melhor eu terminar esse documento de estratégia. Preciso que seja ratificado pelos dois capitães esta noite.

Connor lamentou para si mesmo. Enquanto saía da cabine, as palavras dela ficavam girando em seu pensamento. *Simplesmente traga Luar Wrathe de volta a este navio, são e salvo.* Não podia acreditar na injustiça dessa missão.

Quando começava a descer a escada para o refeitório, em quem trombou, senão no próprio Luar? O garoto parecia mais pálido do que o normal — um branco fantasmagórico tingido com um leve tom de verde-limão.

— Você está bem? — perguntou Connor. Enquanto ele falava, o navio tombou dramaticamente de lado. Luar escorregou na escada, com os braços agitando-se.

Connor segurou-o com firmeza pelo braço.

— Tudo bem. Peguei você.

O outro rapaz olhou estranhamente para Connor e abriu a boca, como se fosse falar. Pareceu pensar melhor e fechou-a de novo. Depois abriu outra vez e vomitou em cima de Connor.

Connor ficou parado, imóvel de incredulidade, enquanto os restos meio digeridos do jantar de Luar — curry, se ele não estava enganado — pingavam lentamente por sua cabeça e seu peito.

— Desculpe — murmurou Luar, e, pela primeira vez, parecia que era a sério. Então se sacudiu de novo e um novo jorro de vômito acertou Connor bem no rosto.



CAPÍTULO 33

Colhendo frutas

A porta dos aposentos de Olivier estava escancarada. Quando Grace entrou, ele levantou os olhos e sorriu.

— Recebi seu recado — disse ela. — Que negócio urgente é esse? Está tudo bem?

— Tudo bem, Grace. Só tive uma ideia. Preciso sair para cumprir uma pequena tarefa e pensei que talvez você gostaria de ir junto.

Grace balançou a cabeça e deu um suspiro leve.

— Uma pequena tarefa? Foi para *esse* negócio urgente que você interrompeu meu sono precioso?

Aparentemente sem notar o tom de sarcasmo na voz dela, Olivier apontou para a pilha de cestos de vime, com tampas, sobre a bancada.

— Vamos catar frutinhas! Agora pegue um cesto em cada mão e me siga! Ah, talvez seja bom pegar um desses casacos, também. Pode ficar muito frio lá fora.

Depois de remexer num dos depósitos na borda do pátio externo, Olivier saiu com um pequeno carrinho de empurrar.

— Pode colocar os cestos aqui — disse. — Estão bem leves agora, mas quando terminarmos, você vai ficar muito feliz por isso.

— Exatamente *quantas* frutas vamos catar?

— Um monte! — respondeu Olivier, enquanto esperavam que o pesado portão do Santuário fosse aberto.

— Você faz isso todo dia?

Ele assentiu.

— É preciso. Os vampiros consomem um bocado do nosso chá de frutas. Mas sabe de uma coisa? Não é um trabalho duro. Ainda sou mortal, afinal de contas. Assim como você. Por mais que possamos nos acostumar com a escuridão, ainda precisamos

de umas saídas de dia.

Grace notou que o sol do início da tarde estava alto e que a montanha estava luminosa e bastante quente, apesar de ainda haver montes de neve no capim. Era ótimo estar ao ar livre e ver o campo ao redor do Santuário à luz do dia. A montanha parecia muito diferente de como Grace se recordava que era, impressão que se formou durante a subida árdua que a trouxera. Tentou deduzir a rota que haviam feito.

— Anda, preguiçosa! — zombou Olivier. — Se já está cansada, não vai ser muito útil para mim.

Grace balançou a cabeça e correu para alcançá-lo.

— Não estou cansada. Só estava tentando deduzir a rota que nós pegamos para vir da orla.

Olivier gargalhou.

— Eu não pensaria muito nisso.

— Por quê? — perguntou Grace, não gostando do tom da voz dele.

— É uma montanha muito mutável. Nunca parece a mesma de um dia para o outro.

— Como isso pode acontecer?

— Simplesmente acontece. Todo mundo encontra seu próprio caminho até aqui. Para alguns a jornada é intensamente árdua. Para outros, é uma simples caminhada.

Grace ponderou essas palavras enquanto continuavam pelo caminho sinuoso. Olivier empurrava o carrinho cheio de cestos. Estavam se aproximando de uma área cercada por arbustos densos. Quando chegaram, Olivier parou o carrinho.

— Aqui é nossa primeira parada — disse.

Grace podia ver que os arbustos de um verde quase preto estavam pesados de frutas.

— Bom — disse Olivier —, são sete cestos. Um para cada tipo de fruta. É muito importante não misturarmos os tipos.

Grace confirmou com a cabeça.

— Entendo. Mas como posso ter certeza?

Olivier levantou a tampa do primeiro cesto. Presa ao lado de dentro havia uma imagem detalhada de uma das plantas. Parecia algo que a gente veria no livro de um naturalista. Era um desenho a pena, lindamente detalhado e preciso.

— Você que fez isso? — perguntou ela.

Ele assentiu.

— Achei que talvez tornasse a tarefa mais fácil para você.

— Obrigada. Você é muito talentoso. Eu não fazia ideia.

Ele deu de ombros.

— Algumas vezes este é um lugar solitário para nós, intermediários. Quando não consigo dormir ou quando o tempo simplesmente pesa demais, gosto de desenhar.

Olivier começou a abrir os outros cestos. Grace viu que ele havia posto um desenho igualmente detalhado em cada um.

Olivier suspirou, mas sorriu.

— Venha. Pare de admirar meus rabiscos e vamos catar essas frutas. Caso contrário, ficaremos aqui até o pôr do sol.

Acabaram realmente ficando na encosta até o pôr do sol. Não por causa da lentidão de Grace, mas porque estavam passando um tempo muito agradável. Grace não considerava Olivier a pessoa mais fácil com quem conversar, o que a deixava perplexa porque — como *intermediários* — os dois pareciam ter muito em comum. Mas, à medida que o sol esquentava suas costas, ele se derreteu suavemente e os dois conversaram de modo agradável sobre o Santuário, sobre Mosh Zu e o *Noturno*, e também sobre desenhos, o tempo todo indo de um arbusto ao outro, empurrando o carrinho e enchendo os cestos.

— Vamos encher esse último cesto e voltamos em seguida — disse Olivier finalmente.

— Certo — concordou Grace. Estava cansada e com um pouco de fome, mas mesmo assim havia sido ótimo passar a tarde na montanha, e de certa forma ela estava triste por ter que voltar.

— Não fique com essa cara tão triste — disse ele. — Você me ajudou de verdade. Pode vir me ajudar a colher frutinhas sempre que quiser.

Era um pensamento animador, e, sorrindo, ela começou a última parte da colheita. Enquanto Grace fazia isso, Olivier passou por ela.

— Há alguém na montanha — disse com a voz subitamente profissional de novo.

— Onde? — Ela se empertigou, mas não viu ninguém.

— Estava ali — disse Olivier apontando. — Mas agora se escondeu atrás daquele agrupamento de árvores. Vou trocar uma palavra com ele. Não estamos esperando ninguém novo esta noite.

— Vou com você — disse Grace pousando o cesto.

— Não, não, termine a colheita. Não vou demorar nada. — Ele começou a se afastar.

— Achei que você disse que deixavam as pessoas encontrar o próprio caminho até a montanha! — gritou ela. — Não entendo!

— Não precisa entender — disse Olivier, um pouco enfaticamente demais. — Só termine de encher o cesto! — E foi andando pelo caminho.



A vista da montanha sempre o intriga. A cada vez que vem aqui, a paisagem provoca muitas lembranças. Lembranças que o levam de volta, completamente, ao início de sua história. Mas as montanhas de suas origens não eram vestidas de capim e urzes nem empoadas com neve. Os montes Taurus eram rachados pelo sol — tão altos, com um clima tão extremo, que nada de bom poderia sobreviver ali.

Cilícia Tracheia — “Cilícia Escarpada” — era como chamavam. Ele se lembra de dar seus primeiros passos cambaleantes até os limites das terras de seu pai — com a ambição de aço contida apenas pela limitada capacidade de suas pernas de dois anos de idade. Mesmo assim ele era mais ambicioso do que qualquer um poderia ser. Algumas coisas não mudam jamais. Mesmo assim, conseguiu chegar — meio andando, meio engatinhando, até a beira do penhasco —, mãos sujas de poeira vermelha da terra morta. Agora mesmo lembra-se da primeira vez que olhou pelo penhasco, para o oceano turquesa, tão distante lá embaixo. Sentiu-se atraído instintivamente pela água, como uma gralha vislumbrando uma joia brilhante. Lembra-se de estender os braços roliços, quase

caindo mas sendo apanhado — na última hora — pelas mãos fortes de seu pai.

Uma lembrança provoca a outra. Agora não é mais um menino, tem bem mais de 1,80m, no primeiro jorro da idade adulta. De pé, firme, determinado, naquela mesma borda rochosa. Agora sabe algo sobre a crueldade do mundo. Sabe que, se ficar, a aspreza dessa terra lhe tirará cada gota de vida e o obrigará a se juntar ao pai e à mãe nas sepulturas secas e quentes. Agora, enquanto olha o mar reluzente lá embaixo, ele lhe parece água de beber, tremendamente necessária. Está sedento naquela terra ressecada. Tem uma sede desesperada...

— Olá! Olá!

Ele se vira. Alguém está descendo rapidamente a encosta em sua direção, acenando. Reconhece a figura e ri sozinho. Na primeira vez em que o viu, confundiu-o com uma jovem, por causa do manto. Agora conhece o rosto do homem. E o nome dele.

— Boa noite — diz Olivier, estendendo a mão. — É bom vê-lo de novo!

Sidório o cumprimenta mas não diz nada em resposta.

— Como está esta noite? Pensou mais na minha proposta?

— Faça-me lembrar — diz Sidório. Eles já fizeram esse jogo antes.

Olivier sorri e olha para o pico acima.

— Ora, para você vir ao Santuário, claro. Poderíamos fazer muito por você, lá.

— É o que você diz. — Sidório balança a cabeça. — É o que você *sempre* diz.

Olivier faz uma pausa.

— Quero ajudá-lo. E acho que você quer ser ajudado. — Ele faz uma pausa, mais ousado do que o usual. — Caso contrário, por que você subiria esta montanha toda noite?

Sidório ri, com seus dois dentes de ouro expostos ao luar por um momento.

— Talvez eu só goste da vista daqui.

— A vista é melhor ainda lá de cima. — Olivier aponta. — Quanto mais você sobe, melhor fica a vista.

Sidório dá de ombros.

— Esta vista é boa o bastante.

— Venha — insiste Olivier. — O que você tem a perder?

— Não tenho nada a perder, e nada a ganhar.

— Entendo, amigo. Mas por que não me seguir? Você já está na metade da montanha.

Sidório sorri, mas seus olhos estão mortos.

— Estou na metade da subida ou da descida?

Olivier devolve o sorriso. Será que estão destinados a fazer esse jogo toda noite? Olha por cima do ombro. Então Sidório vê que, esta noite, ele não está sozinho. Um pouco acima na montanha, sua companheira está ocupada empilhando cestos. Sidório vê que é uma garota. E não qualquer garota. *Aquela* garota! Por que parece que seus caminhos se cruzam aonde quer que ele vá?

— Grace! — grita Olivier por cima do ombro. *Grace!* Esse era o nome dela. A garota que não tem medo dele. A que só lhe faz perguntas. Sidório se vira. Será melhor se ela não o vir.

— Pegue o carrinho e comece a voltar! — grita Olivier. — Vou logo depois.

— Certo! — responde ela. Agora não há dúvida. É a voz dela.

Depois de ela ter ido embora, Sidório pergunta:

— Quem é aquela garota?

— Ela? Seu nome é Grace. Por que pergunta?

— O que ela está fazendo aqui?

— Ela é como eu. Assistente de Mosh Zu Kamal, o grande guru dos Vampiratas.

— Verdade? — Os olhos de Sidório se arregalam. — Ela é jovem para esse trabalho.

— É — diz Olivier, incapaz de afastar uma certa amargura da voz. — Ela é jovem. Mas tem talento para a cura. — Ele faz uma pausa. — Pelo que diz meu mestre.

— Você discorda? — Sidório olha no fundo dos olhos de Olivier.

Olivier olha de volta, subitamente precisando articular seus sentimentos e achando que este é alguém em quem pode confiar.

— Alguma vez você já se sentiu sendo substituído?

Sidório assente.

— Continue. Conte.

E Olivier conta. É bom deixar as palavras saírem, é como lancetar um furúnculo. Não há ninguém a quem possa fazer confidências no Santuário, ninguém a quem contar segredos sombrios assim. Mas aqui, na encosta, está livre para falar o que pensa. O estranho — porque na verdade esse homem não passa de um estranho para ele — é um bom ouvinte. Pode até ser uma espécie de curador. Parece capaz de arrancar a escuridão de dentro dele. Quando Olivier termina, o estranho assente e põe a mão em seu ombro, tranquilizando-o.

— Se eu fosse você — diz Sidório, — faria algo a respeito disso.

— Faria? — Um clarão de alguma coisa, seria instinto?, lhe diz que isso é errado. Mas, de novo, olha nos olhos do estranho e aquele instinto frágil desaparece. Substituído por uma fome profunda pelo conselho do estranho.

— Você *precisa* fazer algo a respeito. Antes que isso fuja ao controle.

Ele está certo. Olivier assente. Claro, ele está absolutamente certo.

— O que você sugere? — De novo examina ansioso o rosto do homem.

Sidório parece estar pensando no assunto.

— Dê-me tempo para pensar — diz. — Encontre-se comigo aqui amanhã à noite. Vamos conversar um pouco mais.

Olivier está consternado. Precisa esperar até o dia seguinte?

Sidório começa a se afastar na escuridão.

— Espere! — grita Olivier. — Qual é o seu nome? Não sei seu nome.

Sidório se vira, olhando-o.

— Até amanhã, meu amigo.

Olivier é deixado faminto por essas palavras, ao mesmo tempo ditas e não ditas.

— Só mais uma coisa antes de você ir... — grita.

Sidório para de novo, com uma sobrancelha erguida, esperando.

— Só espero que você considere minha proposta. Que uma noite você venha para o Santuário.

— Ah, sim — respondeu Sidório, tranquilizando-o. — Uma noite iréi. E essa noite está cada vez mais próxima.

Diante disso, Olivier sorri. Por fim algum resultado! Depois de todos os encontros na encosta. Sente-se melhor do que há muito tempo, enquanto sobe pelo caminho para alcançar Grace.

Olivier se recolheu em si mesmo de novo enquanto voltavam para o Santuário, pensou Grace. Ele havia ficado afável na encosta, como se amaciado pelo sol. Mas agora, à medida que se aproximavam do portão, ele ia se fechando de novo. Não, pensou ela. Não: isso havia começado quando ele viu o estranho.

— Quem era ele? — perguntou.

— Só um viajante.

— Um vampiro? Alguém procurando ajuda? Por que não o trouxe conosco?

— Você faz perguntas demais — disse Olivier, franzindo a testa.

— O que você quer dizer?

— Exatamente o que eu disse. Tentei ser paciente com relação a isso, tentei mesmo. Mas sabe de uma coisa? Se você é tão talentosa a ponto de se tornar futuramente a primeira assistente de Mosh Zu, então terá que deduzir algumas coisas sozinha!

— Primeira assistente dele? — Grace estava perplexa. — Como assim? Você é o primeiro assistente dele.

— Por enquanto. Mas isso vai mudar logo. Você deve estar cega, se não vê. Mosh Zu está treinando você. E assim que eu tiver feito meu trabalho, voltarei a ser um assistente comum e você vai tomar meu lugar.

— Não. Não, isso não é justo. Não é o que eu quero.

Olivier deu um riso oco.

— Não importa o que é justo ou o que você pensa ou eu penso. O negócio é simples. Você foi escolhida.

Haviam chegado ao portão. Olivier deu o sinal para que fosse aberto. Grace foi adiante, pasma com o que ele havia dito.



CAPÍTULO 34

Sem heróis

Na manhã do ataque, a forte equipe ofensiva, composta de cinquenta tripulantes, se juntou no convés do *Diablo*. Connor olhou de um lado para o outro. Todos estavam vestidos com roupas iguais, uniformes falsos: macacões e bonés com o logotipo da CMO. Os macacões escondiam de modo inteligente as armas por baixo. Com um puxão fácil, cada pirata teria acesso ao armamento padrão de alfanje, espadim, florete ou adaga. Nenhum trabalho ou gasto havia sido poupado nessa operação. Mas, como Cate havia dito, “É preciso especular para acumular. Se tudo acontecer de acordo com o plano, ficaremos muito ricos depois desta missão. Muito ricos mesmo!” No entanto ainda não havia sido explicado como as riquezas seriam divididas entre os capitães, seus imediatos e as tripulações.

Agora Connor levantou os olhos enquanto os dois capitães — Molucco e Barbarro — e as subcapitãs — Cate e Trofie — saíam ao convés. Atrás deles, cada vez se aproximando mais, estava o majestoso Forte do Pôr do Sol. Era como se o destino de todos ali estivesse vindo ao encontro deles, pensou Connor.

Molucco começou os procedimentos, mas rapidamente deu lugar a Cate para repassar a estratégia pela última vez.

— Vocês treinaram muito e intensamente — disse ela, concluindo. — Cada um de vocês é um representante de seu navio e seu capitão. — Connor olhou para Luar. Sem as roupas de couro preto, vestindo o mesmo uniforme de todos os outros, parecia mais novo e curiosamente vulnerável. Talvez, na última hora, ele finalmente estivesse encarando o quanto estava distante do nível dos outros.

Connor voltou a atenção para Cate.

— Se seguirem nossa estratégia, esta deve ser uma operação bastante simples. Portanto mantenham-se disciplinados, concentrados, e cuidem uns dos outros! — Seu olhar procurou Connor em meio à multidão.

O esquadrão de ataque aplaudiu Cate. Todos sabiam que ela havia trabalhado tanto quanto eles para preparar esse ataque. Cate sempre havia sido popular a bordo do

Diablo. Agora também tinha o respeito e o afeto dos tripulantes do *Tifon*.

Enquanto os aplausos iam morrendo, Barbarro Wrathe tomou a palavra.

— Eu só queria dizer, em meu nome, e em nome da minha preciosa esposa e de meu amado irmão, como temos orgulho de cada um de vocês. Já faz um tempo que os irmãos Wrathe não fazem uma operação conjunta, mas estou confiante de que esta não será a última.

Será que ele não estava sendo meio prematuro?, pensou Connor.

— Tenho pouco mais a acrescentar ao que meus colegas disseram hoje — continuou Barbarro. — A não ser o seguinte: como vivemos dizendo, esta deve ser uma operação simples. Já foi dito antes, mas nunca é demais enfatizar: *sigam o plano*. Não queremos ninguém bancando o herói lá em cima. — Ele apontou para o forte. — Nada de heróis, apenas colegas; seguindo a excelente estratégia de seus líderes, cuidando dos companheiros.

De novo Connor se virou para Luar. As palavras de Cate estavam frescas em sua cabeça. *Simplesmente trazer Luar Wrathe de volta a este navio, são e salvo*. Nesse momento o filho de Barbarro virou a cabeça e seus olhos encontraram os de Connor. Connor não podia acreditar, mas na verdade sentia pena do garoto. Luar Wrathe era muitas coisas, mas definitivamente não era idiota. Mesmo que não soubesse da missão específica de Connor, quase certamente sabia que alguém havia sido designado para protegê-lo — que atrás de portas fechadas haviam se desenrolado conversas em voz baixa sobre como mantê-lo fora do perigo real. Para a mente de Connor, essas conversas eram uma profecia fadada a se realizar. Se eles ficassem sempre impedindo Luar de encontrar o perigo real, estariam sempre negando a ele a chance de ver como se sairia. Como você pode ser um herói, se nunca for testado?

Esses pensamentos estavam girando em sua cabeça enquanto o esquadrão de ataque se dividia, metade retornando com Barbarro e Trofie ao *Tifon*. Molluco foi junto — ele e a família veriam o ataque de uma das elegantes salas de comando do *Tifon*. Dos quatro que estavam no controle, apenas Cate iria se envolver integralmente no ataque. Ela era a representante oficial da Companhia de Mudanças Oceânicas, e comandaria a equipe de especialistas de mudanças dentro do forte.

Connor se maravilhou com a beleza do forte à medida que faziam a aproximação final. O último trecho de água estava calmo como um poço, em contraste com o oceano violento que haviam atravessado nos últimos dias e noites. E que iriam atravessar de volta muito em breve, lembrou a si mesmo.

Quando fora construído pelo príncipe Yashodhan, o Forte do Pôr do Sol não era aninhado nas águas, como agora. Em vez disso, empoleirava-se majestosamente no topo de uma colina alta. Devia ser impressionante, pensou Connor, mas de algum modo sua atual proximidade da água ampliava a beleza, refletindo cada vitral, cada torre, de modo que dava para ver dois fortes pelo preço de um.

Os dois navios de mudança atracaram e Cate foi na frente, atravessando uma das Descjos, até a ponte flutuante do porto.

Parecia que o imperador viera pessoalmente encontrá-la. Connor observou que ele era um homem pequeno. Estava ladeado por dois outros, muito mais altos, presumivelmente responsáveis por sua segurança. Nesse momento era como se eles

estivessem em posição para o caso de um sopro de vento desgarrado derrubar o imperador na água, como a uma pena.

— Bom dia, senhor! — disse Cate, toda animada e lépida, apertando sua mão (a outra agora segurava a prancheta oficial da CMO). — Eu não esperava que teria a honra de ser recebida pelo senhor.

O autoproclamado imperador falou, com a voz fina e esganiçada:

— Sempre gosto de me certificar de que os serviços sejam benfeitos. Além disso, vocês são os últimos convidados que receberei no Forte do Pôr do Sol. — Sua voz estava saturada de tristeza.

— É. — Cate assentiu, ainda sorrindo. — Mas somos os primeiros convidados que o senhor receberá em seu novo lar, o Forte do Nascer do Sol.

— Acho que sim — disse o homem, com um sorriso débil atravessando momentaneamente o rosto. — Bom, você tem o mapa, não é?

— Ah, sim. — Cate levantou algumas páginas na prancheta e bateu numa carta de navegação colorida. — Não se preocupe com nada, senhor. Está tudo aqui. Tenho absolutamente tudo sob controle.

— Por isso escolhemos a CMO — disse um dos auxiliares do imperador. — Vocês foram muito bem recomendados.

— Fico feliz por os senhores terem verificado nossas referências — disse Cate, sorrindo. — Qualquer coisa que lhes dê confiança quanto ao nosso serviço e remova qualquer camada de tensão num dia como hoje só pode ser boa coisa.

Ela estava tendo um desempenho brilhante, pensou Connor. Parecia relaxada e eficiente; pronta para colocar as coisas em movimento, mas sem pressa que causasse suspeitas.

— Bom — disse o imperador —, acho que vocês querem começar, não é?

— Sem dúvida! Por que não vão na frente e me mostram como tudo está organizado? Então darei as ordens às minhas equipes. — Ela se virou e indicou os cinquenta homens e mulheres vestidos com seus uniformes azuis e brancos.

— São tantos! — disse o imperador.

— Bom, o senhor tem muitos bens. E nós queríamos cuidar do melhor modo possível de cada item.

— Por isso encomendamos o serviço premium, lembra-se? — lembrou um dos seguranças ao chefe. O imperador encolheu os ombros e começou a subir a encosta verde até a entrada do forte.

— Não se incomode com ele — sussurrou o outro segurança a Cate. — Ele está muito esquisito hoje. Por sinal, adoro seu uniforme. É muito náutico.

— É — respondeu Cate com um sorriso. — É, acho que sim.

Connor e Luar subiram juntos pelo caminho em direção ao forte, acompanhando vários outros pares de “especialistas em mudança”, com o restante seguindo atrás.

Assim que chegaram ao enclave do forte, foram afastados das áreas sociais mais opulentas, indo em direção aos vastos depósitos onde ficavam os tesouros. Connor se lembrou de Cate dizendo que os raros tesouros do imperador praticamente nunca viam a luz do dia. Isso o fez sentir-se um pouquinho melhor quanto à significativa redistribuição de riqueza que iria acontecer.

Ainda podia ouvir o segurança do imperador batendo papo com Cate.

— Acho que lhe falei antes, Catherine, que o depósito principal era originalmente a gigantesca casa de banhos que o príncipe Yashodhan criou para a princesa Savarna.

— Sim — disse Cate. — Lembro-me muito bem.

— Bom, e aqui estamos!

Guiados pelo imperador e por seus dois auxiliares, entraram no vasto depósito. Connor olhou para cima. A construção ainda mantinha alguns sinais de grandeza. Certamente a casa de banhos havia sido construída em escala épica. Quando o príncipe se apaixonou, obviamente queria deixar sua pretendida sem qualquer dúvida quanto a isso.

Agora a piscina havia sido esvaziada e enchida com muitos caixotes numerados. Seria um trabalho brutal recolher cada um deles e carregá-los aos navios. Mas por isso é que Cate havia se concentrado em aumentar a forma física de todo mundo nos preparativos para o ataque.

— O grosso da coleção do imperador está dividido entre a casa de banhos e a galeria de música do outro lado do pátio — disse o segurança. — Eu ficarei aqui, ajudando-a, e Alessandro fará o mesmo do outro lado.

— Obrigada — disse Cate. — Seria ótimo, Sr. Esposito.

— Por favor, Catherine, eu me sentiria mais confortável se você me chamasse de Salvatore.

— Salvatore, então. Como você sabe, a CMO é comprometida em fazer com que os clientes se sintam o mais confortáveis possível o tempo todo.

— Creio que vou deixá-los agora — disse o imperador com a voz mais fraca do que nunca, se é que isso era possível. — Simplesmente fico nervoso demais vendo meus tesouros sendo carregados.

— Fica mesmo — disse Salvatore. — Por que não o levamos até o complexo principal, para o senhor descansar, e poderemos voltar e ajudar Catherine e sua equipe em qualquer dúvida que ela tenha?

O imperador assentiu. Em seguida virou-se e estendeu a mão ossuda para Cate.

— Por favor — disse. — Por favor, mande que tenham cuidado.

Cate estendeu a mão levemente, tendo o cuidado para não quebrar nada.

— Senhor, minha equipe é de especialistas no campo das mudanças. Confie em mim, tomaremos o máximo cuidado com seus tesouros. Vamos tratá-los como se fossem nossa própria herança preciosa.

— Isso é muito tranquilizador — disse ele. Depois estendeu os braços, e Salvatore e Alessandro o empurraram para longe.

— Certo — disse Cate, virando-se calmamente para a equipe reunida. Sem sair de seu personagem sequer por um momento, bateu na prancheta. — Espero que todo mundo esteja a postos.

— Sim, chefe — foi a resposta bem ensaiada.

— Excelente. Bom, agora vamos nos dividir em equipes. A equipe A fica aqui e começa. Se tiverem qualquer pergunta, deve ser feita ao Bart. Equipe B, siga-me até a sala de música...

Três horas depois o serviço havia prosseguido sem qualquer falha. Era um dia quente de rachar, e sob o macacão Connor estava suando em bicas. Luar também. Connor sabia

que seu parceiro estava achando o trabalho muito pesado. O garoto estava se esforçando ao máximo, mas era magro e ressequido, ao passo que Connor era musculoso, e dava para ver que o trabalho de levantar e carregar, somado ao calor, estava acabando com ele.

— Estou morto! — confessou ele a Connor.

— Será que os funcionários não gostariam de fazer uma pausa para um lanche? — perguntou Salvatore, que havia escutado Luar.

Cate sorriu e, folheando os papéis em sua prancheta, pareceu pensar no assunto.

— É muita gentileza sua, mas acho que estamos tão perto de terminar o carregamento que deveríamos ir em frente.

— Como quiser — respondeu Salvatore. — Mas insisto em prepararmos um pouco de limonada fresca para sua equipe, antes de partirem. Eles trabalharam muito, e num calor implacável demais. — Ele se abanou. — É o mínimo que podemos fazer.

— É muita gentileza sua — disse Cate. — Certamente minha equipe vai adorar um copo de limonada.

— Excelente! Vou providenciar agora mesmo.

Enquanto ele saía rapidamente da casa de banhos, Cate aproximou-se de Connor e Luar.

— Está tudo bem com vocês dois? — Sua voz não revelava nada, mas Connor reconheceu preocupação nos olhos dela.

— Tudo bem — respondeu Connor.

— Estou com calor demais — gemeu Luar.

— Todos estamos — disse Cate rapidamente. — Mas estamos quase terminando. Só levem esse caixote ao navio. Depois acho que haverá mais uma carga para cada um e teremos acabado.

— Sim, chefe — disse Connor, piscando.

— Continuem o bom trabalho! — exclamou Cate, recusando-se a sair do personagem ao menos por um instante. — Agora não falta muito! — gritou por cima do ombro enquanto se afastava.

Os pares de piratas transformados em profissionais de mudança levaram os últimos caixotes do tesouro dos dois armazéns para os navios. Como havia sido previsto pelos comandantes, a operação tinha acontecido estritamente segundo o plano. Todo o treino físico e os outros preparativos — desde os uniformes falsos até as referências falsas — haviam dado um resultado fantástico.

Agora Cate olhava da frente do forte enquanto Salvatore arrumava uma mesa com copos de limonada no gramado que descia até a ponte flutuante.

— É muita gentileza sua — disse ela.

— De jeito nenhum — respondeu ele, sorrindo. — Vocês se mataram de trabalhar. É bem uma hora de navegação, daqui até o Forte do Nascer do Sol. É o nosso singelo modo de dizer muito obrigado.

Cate juntou sua equipe de cinquenta piratas na ponte flutuante.

— Trabalho excepcional, pessoal — disse. — O dia está quente, tenho certeza de que todos concordam, mas nada impede a CMO de fazer o serviço. Logo estaremos navegando e continuaremos até o Forte do Nascer do Sol, para descarregar a preciosa carga do imperador. Mas, antes de sairmos, o senhor... quero dizer, o Salvatore teve a gentileza de oferecer um pouco de limonada gelada para todos nós. Portanto venham,

tomem um copo e depois vamos voltar ao navio para manter o prazo previsto!

— Limonada! — Connor ouviu Bart gritar. — Que maravilhoso!

Vários outros membros da equipe também estavam curtindo o personagem de carregadores. Connor pôde ver a ligeira ansiedade no rosto de Cate. Sabia que ela preferiria levá-los logo de volta ao navio, para longe do perigo.

À medida que a equipe pegava seus copos, Cate procurou Connor de novo.

— Tudo em ordem? — perguntou.

— Sim, chefe — respondeu ele, pegando a limonada.

— E onde está Luar?

— Aqui mesmo — disse Connor, olhando em volta. — Bem ao lado...

Mas, quando se viraram, os dois se pegaram olhando para o vazio.

— Onde está ele? — perguntou Cate, tendo o cuidado de manter o tom leve e jovial.

— Não sei — respondeu Connor com um riso falso, e sentiu a pulsação começando a acelerar.

— Connor, esse era o seu trabalho principal — disse ela baixinho. — Encontre-o! Depressa!

— Está tudo bem? — perguntou Salvatore, aparecendo ao lado de Cate.

— Sim, está tudo bem. Limonada deliciosa, por sinal. Você precisa me dar a receita.

Salvatore sorriu.

— O segredo são algumas folhas de hortelã — disse com uma piscadela.

Connor saiu em busca de Luar. Aonde, afinal de contas, ele teria ido? Os dois haviam saído do *Diablo* juntos, de modo que ele não poderia estar lá ainda. Sem dúvida estava em algum lugar do forte, mas onde? Connor examinou a multidão mas, com cinquenta pessoas vestidas de modo exatamente igual, não era fácil identificá-lo. *Onde* ele estaria?

De repente sua pergunta foi respondida. Houve uma agitação no topo do gramado e o segurança mais corpulento do imperador, Alessandro, surgiu, aparentemente ajudando Luar. O primeiro pensamento de Connor foi de que o garoto havia desmaiado de calor. Depois percebeu que Alessandro não estava ajudando Luar, e sim arrastando-o.

— O que está acontecendo? — perguntou Salvatore ao seu colega.

— É — disse Cate, grudando-se ao lado dele. — O que, afinal, está acontecendo?

— Sinto dizer que houve um acidente infeliz — disse Alessandro. — Envolvendo um membro da sua equipe.

Todos os olhares se voltaram para Luar, e depois para Alessandro.

— Parece que nossa confiança na CMO era equivocada — disse ele, franzindo a testa.



CAPÍTULO 35

Papo de mulher

Grace não conseguia dormir. Não sabia se era por causa de seu biorritmo tentando se ajustar ou dos acontecimentos da noite anterior. Mas uma coisa de que tinha total certeza era que, quanto mais permanecia na cama, fechava os olhos e se obrigava a dormir, mais acordada ficava.

Decidida a buscar outras opções, levantou-se e trocou a roupa de dormir pela que estava usando antes. Saiu do quarto e foi para o corredor. O silêncio era absoluto. Queria ver se Lorcan estaria acordado. Nesse caso poderia conversar ou mesmo ler um pouco do *O jardim secreto* para ele. Haviam acabado de chegar à parte em que Mary encontrava a chave para o jardim murado e trancado, no terreno da mansão. Esperava realmente que, nesse momento, ele tivesse tido tempo de superar a raiva por causa da fita.

Chegou à porta de Lorcan e decidiu que seria injusto bater e acordá-lo, caso ele estivesse dormindo. Em vez disso, empurrou a porta e entrou no quarto escurecido. Os olhos dele continuavam cobertos por curativos e bandagens, claro assim como ela o havia deixado algumas horas antes. Lorcan estava imóvel como uma pedra. Ela chegou mais perto, mas não havia dúvida de que ele estava totalmente adormecido.

Que azar! Todas aquelas noites lidando com a insônia de Lorcan e, na única vez em que ela não conseguia cair no sono ele estava dormindo todo feliz. Ah, bom, ela estava feliz por ele. Devia ser um bom presságio para a cura. Pegou o exemplar de *O jardim secreto* na mesinha de cabeceira. O livro não servia para Lorcan, sem ela para ler, mas poderia ser uma boa distração para Grace.

Continuou pelo corredor, ainda sem passar por ninguém, e virou a curva em direção à sala de recreação. Talvez Johnny estivesse lá, e os dois poderiam bater papo ou até mesmo jogar um pouco de xadrez. Mas, quando virou a curva, já podia sentir que a sala de recreação estava vazia. Enquanto enfiava a cabeça pela porta, viu que o tabuleiro continuava ali, mas ele, não.

Suspírando, sentou-se e abriu o livro. Começou a ler, mas parte dela não queria passar do trecho em que Lorcan estava na história. Além disso, Grace realmente não estava no clima para ler. Colocou o novo marcador — uma pena que havia encontrado enquanto catava frutas com Olivier — de volta no lugar e fechou de novo o livro.

Olhou para o tabuleiro. Parecia estar no meio de um jogo. Ela sabia que algumas vezes Johnny jogava sozinho, por puro tédio. Talvez devesse imitá-lo. Examinou as peças no tabuleiro.

— Eu diria que o cavalo no C4 é a sua melhor opção.

Grace deu um pulo ao escutar a voz. Estivera tão concentrada no tabuleiro que não havia percebido alguém entrando na sala. Levantou os olhos, mas o lugar parecia vazio.

— Ou talvez use seu bispo para ameaçar a torre.

Reconhecendo a voz, Grace estava sorrindo enquanto se virava.

— Darcy! — exclamou. — Darcy! Que maravilha ver você!

Darcy Flotsam saiu de trás de Grace e deu um sorriso enorme. Grace ficou de pé para abraçá-la. Estendeu os braços, mas Darcy balançou a cabeça.

— Desculpe, Grace. Não estou aqui de verdade. Vim numa daquelas viagens astro...

— Viagens astrais? — perguntou Grace, para ajudá-la.

— É, isso mesmo. Tipo quando fui ver você no navio pirata, daquela vez.

Grace confirmou com a cabeça.

— Lembro. — Não lhe importava se podia tocar Darcy ou não. Era simplesmente fantástico tê-la para conversar. Sentou-se de novo, rindo de orelha a orelha e indicando uma cadeira para Darcy.

— Espero que você não se incomode por eu ter vindo — disse Darcy, pairando sobre a cadeira. — Não consegui dormir, e não havia com quem conversar a bordo do *Notumo*. Além disso, senti sua falta, Grace. Sinto falta de nossos papos de menina.

Grace confirmou.

— Sei *exatamente* como é. E você não poderia ter escolhido uma hora melhor para vir. Também não consegui dormir. Lorcan está morto para o mundo...

— Como está o Lorcan? — perguntou Darcy, com a voz e os olhos cheios de preocupação.

— Ah, vai cada vez melhor. O problema físico está começando a se curar. Mas vai demorar um tempo. Olivier, um dos assistentes de Mosh Zu, bom, ele fez um unguento especial que parece estar funcionando. Mas o ferimento não é só físico. Mosh Zu acha que a cegueira de Lorcan pode ser psicossomática, pelo menos em parte.

— Pisco-sou-mais-o-quê? — perguntou Darcy, ficando praticamente vesga.

Grace sorriu.

— Psicossomática. Isso não torna a doença menos real, mas significa que é causada mais por fatores mentais do que físicos. A causa mais comum seria o estresse, por isso Mosh Zu acha que Lorcan está estressado com alguma coisa.

— Bom, deve ser alguma coisa grande, para fazer com que ele fique cego.

Grace confirmou com a cabeça, pensando nas descobertas que havia feito com a fita de Lorcan. Parte dela queria desabafar com Darcy, pois a amiga sempre havia se mostrado uma ouvinte extremamente compreensiva. Mas ela sabia que a conversa só deixaria as duas para baixo. Poderia esperar outra hora. Por enquanto estava com clima para conversar e para, por falta de uma expressão melhor, um “papo de menina”.

— Então me conte — disse Grace. — O que tem acontecido a bordo do *Noturno* desde que eu saí?

Os olhos de Darcy se arregalaram.

— TANTA coisa que você nem acreditará!

— Bom, comece. Comece a falar. Não quero que você seja chamada de volta ao navio antes de eu ouvir pelo menos *algumas* coisas boas.

— Não se preocupe. Acho que estou ficando melhor nesse negócio de viagem astral. O capitão me deu umas dicas. Mas olha, o negócio é o seguinte. — Ela parecia a ponto de estourar. — Grace, acho que estou apaixonada!

— *Apaixonada?* Uau! Isso é uma *tremenda* notícia. Quem é o sortudo?

— Bom, o Sr. Náufrago — respondeu Darcy — Você sabe que eu andei esperando todo esse tempo pelo Sr. Náufrago, meu verdadeiro amor?

Grace confirmou.

— Bom, sei, mas você não quer dizer que alguém realmente chamado Sr. Náufrago surgiu na sua vida, quer?

Darcy balançou a cabeça e depois colocou o cabelo para trás das orelhas.

— Não, não, eu não espero que isso aconteça. Mas sei, no fundo do coração... ou no lugar onde meu coração ficava que tipo de homem o Sr. Náufrago seria, e acho que ele chegou ao navio.

Grace ficou empolgada.

— E então, qual é o nome dele?

— Chama-se Stukeley — respondeu Darcy, com a voz subitamente sonhadora. — O nome inteiro é Jez Stukeley.

— Jez Stukeley — repetiu Grace.

— O que há de errado?

— Nada. — Grace balançou a cabeça. — Absolutamente nada.

— Não minta para mim, Grace. Posso estar fazendo uma visita astral, mas minha mente é afiada como navalha. Tem alguma coisa na sua voz. Um alerta.

— Não. Estou surpresa, só isso. Eu conheci um Jez Stukeley. Era amigo de Connor, a bordo do *Diablo*. Morreu há alguns meses.

— Ora, sim. Sei disso. E é o mesmo Jez Stukeley. Quero dizer, não é um nome tão comum assim! Não há nada de comum no meu Jez. E foi o Connor que o trouxe a bordo do navio.

— *Connor* foi ao *Noturno*?

— Foi! Ele e aquele amigo grandão e musculoso dele esqueci o nome.

— Bart — disse Grace com um sorriso.

— Esse mesmo! Bart! Connor e Bart vieram ao *Noturno* com o Jez. Trouxeram ele para pedir ajuda ao capitão. Veja bem, Jez fez a travessia durante um duelo.

— É. — Isso estava começando a fazer algum sentido. — Eu sei. Foi durante o tempo em que eu estive no navio. Eu fui ao sepultamento dele.

— Ah, sim. Claro, você devia estar lá. Sinto muito.

Grace balançou a cabeça.

— Sem problema. Continue!

— Bom, parece que depois que o caixão foi jogado no oceano, Sidório o encontrou, entrou nele e gerou Jez, para ser assistente dele. Agora ele é um vampirata, como eu.

— Jez agora é um vampiro? — exclamou Grace. Isso sim era uma tremenda novidade.

— Não, sua boba. Vampiro, não. *Vampirata!* Como eu!

— Sei — observou Grace distraidamente. Ela ainda estava tonta com a notícia de que Connor havia visitado o *Noturno*. Como ele soubera um modo de encontrar o navio? Será que compartilhava uma ligação com o navio, assim como Grace? Isso era surpresa, realmente. — Você disse que Connor e Bart levaram Jez para pedir ajuda ao capitão. Que tipo de ajuda?

— Bom, você sabe que Sidório está sumido, supostamente morto? Sem dúvida isso é uma bênção, em muitos sentidos. Mas o principal era que Jez estava completamente sob o controle dele. Bom, você pode imaginar, não pode? Gerar outro vampiro é como ser um pai... e você pode imaginar que tipo de pai Sidório seria. — Os olhos de Darcy se arregalaram de novo. Grace estremeceu ao pensar.

— Depois que Sidório desapareceu, Jez ficou completamente sozinho no mundo. Fez algumas coisas ruins. Mas como poderia se deter? É difícil se ajustar ao pós-morte. E ele não tinha ninguém para ajudá-lo. Não foi como nós, a bordo do *Noturno* com o capitão, ou como os que estão aí com Mosh Zu. Jez ficou tão perdido que... bom, estava pensando em acabar com tudo.

Grace estava de olhos arregalados de novo.

— Isso é possível? — Seu conhecimento sobre vampiros morrerem, ou qualquer que fosse o estágio seguinte depois da morte, era mínimo.

— Não sei. Mas acho que as manciras de se atormentar são infinitas neste mundo. Isto é, no seu mundo e no meu.

Instintivamente Grace estendeu a mão para a de Darcy, mas ela apenas atravessou o pulso do fantasma.

— Nós vivemos no *mesmo* mundo, Darcy.

— Bom, é. Mas você sabe o que eu quis dizer.

— Então, como está o Jez desde que se juntou à tripulação?

— Ah, muito melhor. Bem feliz, acho. Na verdade, ele tem sido um sopro de vida no *Noturno*.

— E está se saindo bem com o Festim e o relacionamento com o doador?

Diante disso, Darcy franziu a testa.

— Você precisava puxar esse assunto, não é?

— Desculpe. Ele está tendo problemas com o doador?

Darcy balançou a cabeça.

— Não. Mas eu estou! O capitão entregou a ele aquela tal de Shanti, como doadora.

— *Shanti?* — inicialmente Grace ficou surpresa, mas depois tudo fez sentido.

— É, bom, depois que Shanri voltou do Santuário com ele, ela não tinha parceiro vampiro, claro, e isso não estava lhe fazendo bem, de modo que tenho certeza de que pareceu solução óbvia. Mas eu realmente gostaria que não tivesse sido. Verdade, Grace, eu gostaria mesmo. Ela sente muito ciúme de nós. Todos sabemos que há uma ligação especial entre o vampiro e o doador. Eu tenho um relacionamento muito especial com meu Edward. Mas é diferente do meu relacionamento com Jez. É diferente de um relacionamento amoroso

— O que o Jez diz sobre tudo isso?

— Ah, ele diz que isso está só na minha mente. Diz que não existe nada entre eles,

que é só um relacionamento profissional. Mas você sabe como Shanti é. Você viu como ela era possessiva com o Lorcan.

— É — assentiu Grace. — Bom, tenha cuidado, Darcy. Sei que você acha que está apaixonada, mas eu odiaria vê-la se magoar.

— Eu não *acho* que estou apaixonada, Grace — respondeu Darcy, aérea. — Eu *sei*. Eu sinto. Jez é o meu Sr. Náufrago. Senti isso desde o momento em que ele chegou a bordo do navio.

Grace não tinha tanta certeza. Precisaria ficar de olho nessa situação, do melhor modo possível. Mas não iria estragar a alegria de Darcy.

— Estou realmente empolgada em ver você tão feliz. Ele certamente deixou você mais leve, com uma cor nas bochechas!

— Ah, não foi ele! — Darcy deu um sorriso. — É meu ruge novo, muito especial. Emprasto a você quando a gente se encontrar de verdade... É, olá. Quem está aí?

Grace ficou confusa.

— Desculpe, o que você disse?

— Ah, é você, querido! Só um momento! Estou no meio de uma coisa... Grace, preciso ir. Ele está do lado de fora da minha porta. Desculpe, mas vou ter de encurtar essa visita astral. Foi ótimo ver você!

— Você também! — respondeu Grace, levantando-se para se despedir. Mas quando levantou os olhos, Darcy já havia sumido no éter. Típico!, pensou Grace. No minuto em que encontra um homem, Darcy desaparece de vista. Grace sentou-se de novo, examinando soturnamente o tabuleiro de xadrez.

— Andou bagunçando as minhas peças?

— Johnny! — Ela olhou para cima e o encontrou rindo. Vestia um roupão felpudo, com o lenço costureiro ainda enrolado no pescoço.

— Não consegui dormir — disse ele.

— Nem eu.

Ele sentou-se na cadeira ao lado.

— Você estava conversando com alguém? Agora mesmo, antes de eu entrar?

Grace balançou a cabeça, decidindo que era mais simples contar uma mentira inofensiva.

— Não. Só estava batendo papo comigo mesma.

Johnny girou o dedo perto da cabeça.

— Eu não vou ser mais seu amigo se você ficar com os parafusos frouxos. Acho que você deveria saber disso, Grace.

— Obrigada pelo estímulo, caubói. Agora sente-se e faça sua jogada. Esta noite as pretas são suas.



CAPÍTULO 36

Complicações

Todos os olhares permaneciam grudados em Alessandro e Luar. Cate avançou. Connor podia sentir os processos mentais dela. Era vital que a tripulação pudesse vê-la e seguir sua liderança nesse ponto. As coisas pareciam ter passado para a zona de perigo, mas, dependendo do que acontecesse em seguida, uma situação de combate ainda poderia ser evitada.

Alessandro continuou segurando Luar, mas se virou para falar com Cate.

— O seu garoto aqui pediu para usar o banheiro. Claro, indiquei um, sem problemas. Mas no caminho de volta ele pegou um desvio, passou pelos aposentos do imperador e embolsou uma ou duas lembrancinhas.

Então o segurança enfiou a mão no bolso de Luar e pegou um punhado de itens. Connor, assim como os outros, estava hipnotizado. Parecia que o fascínio por safiras era recorrente na família Wrathe.

O garoto nem tentou negar. Simplesmente parecia aborrecido por ter sido apanhado. Connor imaginou se ele percebia a gravidade do que havia feito. Não tinha colocado simplesmente ele próprio em perigo, mas também Cate e todo o esquadrão.

— Sinto terrivelmente — disse Cate. — Claro, vou querer passar um tempo sozinha com meu funcionário para examinar isso mais de perto. Mas posso garantir que é um incidente isolado.

Alessandro não seria aplacado com facilidade.

— Francamente, esperávamos coisa melhor da CMO.

— Claro — respondeu Cate. — E neste estágio só posso lhe oferecer minhas sinceras desculpas. Mas posso garantir que também haverá um desconto significativo no preço do serviço.

Alessandro balançou a cabeça.

— Não é tão simples assim. A segurança foi violada e não me sinto mais confortável em usar sua companhia. Este contrato está cancelado. Esperamos a devolução total do depósito. E eu gostaria que os itens do imperador fossem retirados

de seus navios.

— Retirados? — A expressão de Cate dizia tudo, mas ela falou com calma. — Não podemos conversar sobre isso? Não estou diminuindo, sequer por um instante, a seriedade do ocorrido, mas o restante da minha tripulação foi totalmente profissional.

Alessandro deu de ombros.

— Só temos sua palavra para garantir isso. E, como eu disse, agora esta palavra está sendo questionada.

Connor prendeu a respiração. O que iria acontecer agora? Não suportava a ideia de carregar tudo de volta dos navios Para o forte. Sem dúvida Cate não concordaria.

— Claro — disse ela. — Se os senhores estiverem totalmente insatisfeitos, devemos fazer todo o possível para deixá-los satisfeitos de novo.

— Alex — Salvatore aproximou-se —, não acha que está sendo um pouco apressado demais? É só uma maçã podre, só isso!

— Não, Salvatore, não acho. Nossa confiança foi traída. Quem sabe que outros delitos essa gente pode ter planejado?

Houve um burburinho entre os tripulantes. Connor ficou impressionado com a capacidade de atuação da equipe, para entrar nos personagens de funcionários de uma companhia de mudanças consternados.

— Por favor — disse Cate. — Sei que o senhor está desapontado, terrivelmente desapontado, com os atos desse... — Ela examinou Luar atentamente, procurando a palavra certa. — Desse funcionário. Mas não ficarei aqui parada deixando que o restante da minha equipe, que trabalhou incansavelmente e com integridade, seja caluniado.

— Tente entender — continuou Alessandro. — Seus sentimentos aqui têm muito pouca importância. O que importa é que a considerável fortuna pessoal do imperador foi colocada em sério perigo. Agora diga à sua equipe para deixar os copos de limonada e começar a trazer a carga de volta para o forte.

Cate parecia à beira das lágrimas — fossem genuínas ou não, Connor não sabia.

— Certo — disse ela. — Certo, pessoal, ouçam! Faremos exatamente o que foi pedido. Voltem aos navios e comecem a descarregar. E façam isso com cuidado. Com licença um momento — disse a Alessandro e Salvatore. — Só preciso me comunicar com meu imediato. — E foi andando atrás de Bart. Connor a encontrou quando ela passou as instruções depressa e com exatidão.

— Leve todo mundo de volta aos navios. E preparem-se para zarpar. Entendido?

Bart assentiu.

— Sim, chefe!

— Eu cuido do Luar e vou em seguida. Mas ninguém mais deve voltar para cá, entendeu?

— Sim, chefe! — repetiu ele. Depois começou a levar as equipes de volta ao navio, repassando calmamente as ordens.

Em questão de instantes, restavam apenas Alessandro, Salvatore, Luar e Cate no gramado. Bom, só os quatro e mais uma pessoa.

— Connor? — disse Cate, notando-o pela primeira vez. — O que está esperando? Volte ao navio e junte-se à sua equipe. Precisamos de todo mundo no convés para devolver aquela carga.

— Mas chefe — disse ele, sem hesitar —, ele é meu parceiro de trabalho. — E assentiu para Luar. — Não posso carregar as coisas sozinho, posso?

Cate sorriu para Connor. O sorriso transmitiu uma quantidade de pensamentos e emoções que eles não tinham tempo de comunicar de outro modo naquele momento.

Então ela se virou para Salvatore.

— O senhor pegou o ladrão — disse. — Saiba que ele será disciplinado com extrema severidade. Mas, enquanto isso, o importante é tirar sua carga dos navios. Com uma dupla a menos, isso vai demorar ainda mais. Será que o senhor consideraria soltar esse garoto para que ele e o parceiro possam prosseguir enquanto nós três combinamos quais seriam as reparações adequadas para essa confusão?

Salvatore assentiu.

— Sim, acho que isso seria aceita...

— Não. — Alessandro colocou-se entre eles. — Não, não acho.

Nesse momento Luar tomou uma decisão. Connor pôde ver o que ele estava prestes a fazer, como se fosse em câmera lenta. E, se ele tivesse ousado abrir a boca, teria gritado “*Nããããã!*”. Em vez disso, só pôde ficar olhando enquanto Luar empurrava Alessandro para o lado e começava a correr. Alessandro caiu pesadamente contra Cate e Salvatore, e os três despencaram no chão.

Luar abriu a aba de seu macacão e pegou suas armas preferidas — *shuriken* estrelado-mar. Começou a jogá-las contra os seguranças. Era um típico ataque de Luar: instintivo, não planejado, maligno.

Os dois guardas rapidamente se puseram de pé.

— Eu disse! — gritou Alessandro, correndo atrás de Luar. — Eu disse, Salvatore. Nós fomos enganados! — E apontou para a água, onde os dois navios estavam levantando âncoras.

Por um momento Salvatore pareceu abatido. Depois pegou uma adaga com cabo de jóias no bolso e partiu contra Cate. Agora sem nada de seu papo furado, atirou a adaga na direção do coração dela. Enquanto ele fazia isso, ela desembainhou seu florete e aparou habilmente a arma lançada. Depois, no momento em que ele se preparava para atacá-la, Cate deu um golpe hábil com o florete contra sua costela. Enquanto ele caía no chão, atordoado, Cate olhou-o.

— Sua limonada não era lá *essas coisas!* — disse.

Nesse ponto Connor viu Alessandro alcançar Luar e derrubá-lo no chão. Como o colega caído, ele carregava uma pequena adaga com cabo de jóias. E encostou-a no pescoço de Luar.

— Vou adorar isso — disse ele.

— Não! — Connor saltou adiante enquanto Alessandro baixava a adaga. Jogou-se em cima de Alessandro, cravando a lâmina de sua espada entre as omoplatas do guarda. Imediatamente uma poça de sangue irrompeu do ferimento, encharcando a camisa do guarda num círculo cada vez maior, como um Sol poente. O corpo de Alessandro ficou frouxo em cima de Luar, grudando o garoto no chão. A lâmina da adaga, que momentos antes havia indicado morte certa, estava agora cravada no gramado impecável do imperador.

— Tire-o de cima de mim! — gritou Luar. — Tire-o de cima de mim!

Connor havia caído em cima de Alessandro, com a mão ainda segurando a espada. Então levantou-se de cima do corpo sem vida. Num certo nível, sabia exatamente o que havia feito. Cate havia ordenado que ele protegesse Luar a todo custo, e, como ele tinha visto o guarda atacar com a adaga de jóias, o instinto e o treinamento haviam dado as

mãos e assumido o comando.

Connor percebeu que havia matado Alessandro e salvado Luar. Mas não havia tomado uma decisão consciente de matar. Não teve tempo para isso. Nem teve tempo de avaliar se poderia ferir Alessandro com segurança ou simplesmente matá-lo. De fato, ao ver a espada mergulhar pela camisa de Alessandro e penetrar na carne entre as omoplatas, era como se estivesse vendo outra pessoa fazer o ataque. Como se outra pessoa tivesse apanhado a espada e feito seu trabalho sujo. Sua cabeça disparou com esses pensamentos. *Isto não está acontecendo comigo. Eu não fiz isso. Não sou um... não sou um...* Mas ali, em suas mãos, estava a verdade incontestável. A espada ensanguentada.

— Tire-o de cima de mim! — gritou Luar de novo.

Era como se até agora tudo tivesse acontecido em câmera lenta, mas o que ocorreu em seguida foi em tempo duplamente acelerado. De repente Cate estava ao lado de Connor, estendendo a mão e ajudando-o a tirar o peso morto de cima do outro garoto. Mais tarde Connor se lembraria daquele peso e pensaria numa peça de carne ou num saco de batatas. Então, tudo em que pensou foi no esforço necessário e em quanto sangue havia. Parecia escapar por cada poro do corpo do sujeito morto. Agora os três sobreviventes tinham o sangue de Alessandro. Luar estava totalmente imóvel, banhado naquilo.

— Corra! — gritou Cate para ele, ajudando-o a se levantar. — O mais rápido possível! Para o navio!

Então ela se virou e empurrou Connor na direção do navio.

— Você também. Corra!

Mas Connor não conseguia se mover.

— Eu o matei — disse, olhando a poça de sangue que havia feito a camisa de Alessandro, antes branca, virar vermelha. A realidade estava caindo sobre ele. Depressa. — Eu o matei.

— É — disse Cate. — Eu matei um e você matou o outro. O que você quer, uma medalha? Volte ao navio. AGORA!

Ela o empurrou e os dois correram para a ponte flutuante. O coração de Connor estava disparado, um terrível coquetel de adrenalina e medo. Atravessou a Desejo enquanto o *Diablo* começava a se afastar depressa do porto.

Ao tomar no convés, estava ficando cada vez mais confuso com o que havia acontecido. Queria rebobinar o tempo, não tanto para mudar o que havia feito mas só para ver como tinha acontecido, mais lentamente do que havia acontecido, para entender. Mas não era possível voltar o tempo. Pelo menos não para ele. Pelo menos não para os dois seguranças, que estavam caídos no gramado verde diante do forte, desaparecendo rapidamente de vista enquanto o *Diablo* continuava seu caminho.

Olhou para o lado. Sua espada continuava firmemente segura na mão. A lâmina estava coberta com o sangue que secava rápido e que, até alguns momentos antes, bombeava no corpo de Alessandro. Quanto tempo fazia desde que Alessandro estivera vivo? Cinco minutos? Dez? Exatamente a mesma quantidade de tempo desde que Connor havia se tornado um assassino.

Ele sabia que um dia poderia matar. Mas havia esperado que esse dia estivesse muito longe. Quando tivesse tempo de se preparar. Mas não era isso que a vida havia guardado para Connor Tormenta. Sem preparação real, tinha feito uma viagem da qual jamais retornaria. Em questão de segundos havia passado de pirata a assassino. Agora

tinha toda uma vida para entender que instinto o havia levado a fazer aquilo.

Enquanto o navio se afastava rapidamente pelo oceano, Connor olhou pela última vez para os guardas esparramados na grama, depois de novo para sua espada cheia de sangue. Sua mão começou a tremer e ele sentiu a espada escorregar e cair no convés. Quando se abaixou para pegá-la, teve uma imagem súbita, não da espada, mas de Alessandro caído ali, olhando-o, com sangue empoçando ao redor do corpo deitado.

— Você me matou! — exclamou o segurança, meio de surpresa e meio de raiva. — Você me matou! Mas por quê?

— Eu estava seguindo ordens.

Alessandro olhou-o enojado.

— Você não pode explicar o que fez em termos de ordens.

— Posso sim. Eu estava protegendo meu colega.

— *Ele?* — disse Alessandro, atarantado, olhando pelo convés. Connor girou a cabeça e viu Luar tirando a camisa cheia de sangue e pegando uma toalha. As palavras de Alessandro ressoaram em seus ouvidos. — Mas você nem gosta dele. Na verdade você o despreza. — Isso não estava longe da verdade, percebeu Connor, dando as costas para Luar.

— Desculpe — disse. — Mas eu só fiz o que tinha que fazer.

Alessandro balançou a cabeça.

— Estou indo — disse. — Mas você nunca vai me esquecer. Nunca se esquece a primeira morte.

De repente a imagem do guarda sumiu e Connor estava agachado no convés, olhando apenas para a espada. Pegou-a e enxugou o sangue na calça. Por um momento a espada ficou limpa. Então ele viu que o sangue havia retornado. Como podia ser? A lâmina estava coberta de sangue. Enxugou-a de novo. E por um momento ela ficou limpa. Connor suspirou aliviado. Então, um sangue novo cobriu a superfície da lâmina. Era como se o ferimento estivesse na própria espada.

— Não! — disse. Primeiro havia mortos falando com ele. Agora sua própria espada o estava confundindo.



CAPÍTULO 37

O Festim de Stukeley

Stukeley está rindo de orelha a orelha. Como está adorando esse quarto Festim a bordo do *Notumo!* O capitão — isto é, Sidório, porque agora ele tem (ou pelo menos finge que tem) um novo capitão — não lhe contou sobre essas delícias. Claro, ele não teria apreciado essas coisas. Ficaria entediado com o ritual — com o negócio de vestir as melhores roupas, como se fosse um baile de verão; ficaria entediado com o jantar formal em que nenhuma comida tocava seus lábios, pois que necessidade eles sentiam de comida? E talvez, acima de tudo, Sidório ficaria entediado com a necessidade de jogar conversa fora com o doador. Mas tudo que teria entediado seu mestre é uma fonte de raro deleite para Stukeley. Desde o smoking e a camisa social que está usando — com o colarinho engomado e branco — até a luz das velas que se estende por toda a mesa vasta; até o modo como Shanti fez uma reverência diante dele e ele baixou a cabeça para ela enquanto os dois ocupavam seus lugares na mesa longa. E, por todos esses motivos e mais outros ainda, Stukeley não poderia estar mais feliz.

Parece que Shanti está feliz também. Ela conversa, com a impressão de que ele se concentra demoradamente em cada palavra que ela diz. Ele assente e faz pequenos ruídos de vez em quando, sorrindo quando ela sorri. Desse modo ela parece convencida de que ele presta atenção completa quando, de fato, sua mente está num lugar totalmente diverso. Ele tem muito em que pensar. Ousa um olhar rápido pela mesa. As filas de vampiros e doadores se estendem quase até o infinito, dos dois lados. Ele se lembra de sua missão.

— Com licença, minha querida — diz a Shanti, estendendo a mão e pegando a taça dela.

Ela o observa curiosamente enquanto Jez pega com a outra mão a faca que ela não usou. (Shanti come tudo com o garfo e os dedos. Não é totalmente elegante, mas ele pode perdoá-la.) Agora, levantando-se, Stukeley bate na taça com a faca. Uma, duas, três vezes.

— Senhoras e senhores — diz. — Senhoras e senhores, será que posso implorar sua indulgência por um momento brevíssimo?

— Sente-se, Stukeley! — Ele ouve o sussurro dentro da cabeça. Dá um sorriso indulgente para o capitão mas continua:

— Senhoras e senhores, não pretendo tomar muito tempo deste Festim delicioso. Simplesmente queria fazer...

— Sente-se e fique quieto!

— Simplesmente queria fazer um agradecimento sincero ao nosso generoso anfitrião, o capitão. Esta noite é meu quarto Festim a bordo do *Notumo*, e também estou gostando tremendamente deste período por aqui.

— Sente-se *agoni*, Stukeley!

— Perdoem se pareço um tanto inepto; ainda sou novo nessas coisas. Sei que não é tradicional fazer discursos nessa ocasião. E isto nem de longe é um discurso. É mais um brinde. Se tiverem uma taça diante de vocês, por favor, levantem-na. E, para aqueles de nós que não têm taças, bem, nós, ao nosso modo, beberemos a este brinde mais tarde.

Alguns riram disso.

— Mas, por favor, tenham ou não suas taças na mão, por favor juntem-se a mim num brinde de agradecimento ao capitão. Um agradecimento a quem nos garante um porto seguro. Ao capitão!

Ele ergue sua taça. Os doadores o acompanham. Alguns vampiros, divertindo-se com esse desvio da norma, levantam as mãos segurando taças imaginárias. Juntos, doadores e vampiros exclamam:

— Ao capitão!

— E agora, senhoras e senhores, gostariam de se juntar a mim para uma dança? — Com essas palavras, a suave música percussiva do Festim fica mais alta e mais rápida. Stukeley assente para os músicos no canto. Eles sorriem de volta. Por fim alguma música nova para tocar.

— Sente-se, Stukeley! — diz o capitão de novo, mas Stukeley já pegou Shanti e a levou para o centro do salão. Começa a girar com ela. A música fica mais alta.

— Venham! — grita Stukeley aos outros, ignorando os protestos do capitão. O suposto líder do navio fica imóvel como uma estátua enquanto Stukeley e Shanti dançam ao seu redor. — Juntem-se a nós! Esta noite é motivo de comemoração.

— Não — diz o capitão de novo. E agora não somente Jez o ouve. Agora não somente Jez o desafia. Outros Vampiratas guiam seus doadores para o centro do salão e começam a dançar. Seus rostos revelam uma mistura de medo deleite e rebelião.

Balançando a cabeça, o capitão passa por eles e sai do salão. Muitos vampiros se levantam e seguem-no com seus doadores. Não farão parte disso.

Mas outros se juntam à dança, intrigados ao ver que o ritual da Noite do Festim pode mudar desse modo. Olham para Stukeley com verdadeira admiração. Ele é tão novo no navio! Um sopro de ar puro, muito necessário. Mãos se estendem por cima da mesa. Pés vão rapidamente ao centro do salão. Algum dia houve música tão doce e tentadora quanto esta? Ora, é impossível ficar parado!

O estilo de dança varia de um casal para outro. Danças de diferentes épocas são executadas lado a lado. Nem todos os pares de vampiros e doadores são compostos por homem e mulher, de modo que há homens dançando com homens e mulheres com mulheres. Ninguém pensa nada a respeito. De cima, eles parecem pétalas de uma flor

gigantesca. E no coração dela estão Jez e Shanti.

— Ora — diz ela enquanto giram mais uma vez. — Isto é diferente, para dizer o mínimo.

— Pensei em agitar as coisas um pouquinho.

— Pensou mesmo? — Enquanto fala, ela percebe que alguém está observando. Vira-se rapidamente e encontra o olhar de Darcy Flotsam. Darcy está segurando a mão de seu doador. Eles estão para sair do salão, claro, mas há algo no olhar de Darcy. Um desejo de ficar, talvez? Um desejo de mais alguma coisa. Os olhos de Darcy encontram os de Shanti. Sem graça, Darcy vira-se e sai do salão. Jez olha-a se afastar.

— Aquela figura de proa é insuportável! — diz Shanti, puxando Jez.

Jez ri.

— Ora, ora, minha cara. Que mal ela fez a você?

— Qual é o jogo dela, afinal?

— Jogo?

— Ela está de olho em você — diz Shanti, enquanto ele a faz girar de novo.

— Darcy e eu somos amigos, só isso.

— Amigos?

Jez roça com o nariz a curva do pescoço de Shanti.

— Ela não pode me dar o que eu preciso. — Ele a olha nos olhos. — Só você pode fazer isso.

— É. Que bom que você lembra.



Mais tarde, estão sozinhos na cabine. Agora finalmente ele pode beber em honra ao capitão. E faz isso, saboreando demoradamente o gosto do sangue de Shanti.

— Pare! — diz ela. — Pare!

Jez olha para o rosto dela. Shanti parece contrariada. Ele recua um momento e a encara, a própria imagem da inocência, com os lábios molhados de sangue.

— Alguma coisa errada?

— Você está tomando demais! Já tomou o bastante!

— Bobagem. — Ele sorri. — O gosto do seu sangue é fantástico, por sinal!

— Você já tomou o bastante — repete ela, afastando-se.

— Como você sabe?

— Já fiz isso muitas vezes. Ou você já esqueceu? Fui a doadora do tenente Furey por muito tempo antes de ser passada para você. — Ele pode ouvir a dor na voz de Shanti, o rebaixamento de um tenente para um tripulante sem posto.

— Não imagino que o bom tenente tivesse muita sede. Ele era só um garoto, pelo que dizem. Sou um homem.

— Ele tinha uma sede muito saudável, até que surgiram suas... dificuldades atuais.

— É — diz Jez, com um leve desprezo nas palavras. — E agora ele não gosta nem um pouco do seu sangue.

— Isso não tem nada a ver comigo.

— Imaginei que você ficaria agradecida. Lá estava você encolhendo-se como uma ameixa velha, e eu cheguei, bem na hora, para beber seu sangue.

— Ah, sorte minha! Sorte minha! Lembre-se, Jez, você precisa de mim.

— É, Shanti, e lembre-se de que *voce* precisa de *mim*. Sem o outro, nós dois não somos nada.

Jez se curva de novo para o tórax dela, e, embora ela tente detê-lo, Shanti sente a boca dele se grudar na sua pele de novo.

O convés está quase vazio. Jez foi tomar um pouco de ar. Está em êxtase com a presença de sangue fresco nas veias. O sangue de Shanti é tão animador quanto ela. São um par perfeito. Ele gosta do elemento de gato e rato no relacionamento dos dois. E, se algumas vezes se sente como o rato e deixa que ela se sinta como o gato, qual é o problema?

Vê uma figura familiar encostada na amurada.

— Olá, linda! — diz.

A mulher se vira. Darcy Flotsam direciona os grandes olhos para ele.

— Olá — responde ela, contendo algo na voz.

— Você está desapontada comigo — diz ele, aproximando-se.

— Desapontada?

— Por causa da dança. Sei que fui impulsivo, mas estava sentindo uma alegria tremenda. Antes eu estava muito cheio de desespero. Mas agora, desde que cheguei aqui, as coisas são muito diferentes. Você entende isso?

Darcy confirma com a cabeça.

— Entendo, de certa forma. Mas você precisa ter cuidado. Tente conter essa sua alegria, algumas vezes. Por respeito ao capitão.

Ele ri.

— Mas sem dúvida o capitão quer que sejamos felizes.

— O capitão quer o que é melhor para nós. Devemos respeitar seus desejos.

— Desejos? Ou regras? — Ele vê que chegou ao máximo que poderia. Não quer deixá-la chateada. Não ela. — Está uma noite linda, não? — diz com a voz muito mais suave. — Bem agradável. E olhe só aquelas estrelas!

Juntos, eles viram os olhos para o céu. Sem dúvida, as estrelas estão abundantes esta noite.

— Mas sabe de uma coisa? — diz Jez, olhando Darcy com tristeza. — Sabe de uma coisa, Darcy? Falta uma estrela no céu esta noite.

Ela suspira.

— Por favor não use essa cantada velha comigo.

— Que cantada? — pergunta ele, mais inocente do que nunca.

— Você sabe, vai dizer que eu caí do céu.

— Não — diz ele, levantando a mão fechada. — Você não; isto.

Ele abre a mão e, ali, na sua palma, está um brilhante broche de diamantes na forma de uma estrela cadente.

— Para você.

Ela fica boquiaberta, depois diz, com relutância:

— Não. Sério, é lindo, mas você não deve.

— Não devo o quê?

— Não deve me dar coisas.

— Por quê?

— Bom, para começar, Shanti vai ficar com ciúme.

— Shanti? Por que isso aconteceria? Eu me sinto grato, claro, pelo que ela faz por mim. Mas ela só pode preencher uma das minhas necessidades. Ao passo que você, Darcy... Bom, fico sem graça de falar mais. Posso? Posso prender este broche no seu vestido?

Darcy baixa a cabeça.

— Tudo bem. Já que você insiste.

Ele chega mais perto, estende a mão e prende cuidadosamente o broche no corpete dela, tendo o cuidado para não rasgar o tecido fino.

— Pronto — diz recuando. — Coisa linda.

— É lindo mesmo! Obrigada, senhor Stukeley.

— Por favor, me chame de Jez. E eu não estava falando do broche.

Darcy balança a cabeça. Primeiro a dança, agora isso. Ele é como uma força da natureza. Impossível de ser detido. Ela balança a cabeça de novo.

— O que vamos fazer com o senhor... quero dizer, com você, Jez? O que vamos fazer com você?



CAPÍTULO 38

O herói do momento

Os colegas de Connor estavam em um clima de júbilo. Em todos os sentidos, o ataque ao Forte do Pôr do Sol tinha sido um grande sucesso. Tanto o *Diablo* quanto o *Tifon* estavam carregados com tesouros mais preciosos do que qualquer um dos dois já havia transportado antes. E tudo tinha sido feito sem perdas de vida — pelo menos da parte das tripulações. E ninguém parecia em dúvida quanto a quem era responsável por essa vitória.

— Você foi incrível, cara! — disse Gonzalez dando um tapa nas costas de Connor. — Todos estávamos olhando do convés. O modo como você derrubou aquele cara!

— Tudo teria ido por água abaixo se não fosse você — disse um tripulante do *Tifon*. — Aquele idiota do Luar quase arruinou toda a operação, mas você salvou o dia!

— Você agiu bem, Connor — disse Cate, que havia permanecido ao lado dele desde que tinham voltado ao navio. — Fez exatamente o que lhe foi pedido.

Ele olhou-a, tentando absorver as palavras, mas descobriu que estava tremendo incontrolavelmente. Tentou de novo falar.

— Eu m... matei... eu matei...

Cate balançou a cabeça e o envolveu com o braço.

— Você cumpriu seu dever, Connor. Se não tivesse matado aquele guarda, Luar Wrathe agora estaria morto. Você só estava cumprindo seu dever.

Mas Connor parecia que não conseguia ver a coisa desse modo. Em sua mente, suas mãos estavam esticadas como os dois lados de uma balança. Luar numa das mãos e o segurança — Alessandro — na outra. Quem poderia dizer quem merecia mais a vida — ou a morte?

— Onde está ele? — Connor perguntou.

— Não sei — respondeu Cate. — Deve estar em algum lugar por aí. Ah, sim, ali está ele! Luar! — gritou ela. — Luar, venha aqui!

Não!, pensou Connor. Não queria vê-lo. Mas era tarde demais. Luar Wrathe vinha pelo convés em sua direção. Já havia tirado o uniforme falso e agora vestia seu

uniforme mais comum, jeans justos e uma camiseta.

— Ei — disse ele ao se aproximar de Connor. — Obrigado pela mão que me deu lá.

Connor tentou sorrir.

— Tudo bem.

— Sério — disse Luar. — Aquele segurança era um cara durão. Eu lhe devo uma. — Ele deu tchau para Connor e foi andando emproado de novo.

Eu lhe devo uma. Será que isso era tudo que o caso significava para ele? Luar quase havia sido morto. Suas ações haviam posto Connor e Cate em perigo extremo. Ele quase havia estragado todo o ataque. E agora Connor havia tirado uma vida por causa dele. Mas tudo isso não significava nada para o jovem príncipe pirata. Ele estava refeito e pronto para deixar o incidente para trás.

— Sei o que você está pensando — disse Cate. — Posso ver nos seus olhos. Todos já passamos por isso. Você vai demorar para saber lidar com isso. Mas vai conseguir, Connor, você vai conseguir. — Ela o abraçou de novo.

Mais participantes do esquadrão de ataque vieram agradecer e dar os parabéns. Suas palavras e seus rostos começaram a virar um borrão. Ele sentia como se uma névoa tivesse baixando, separando-o dos outros. Eles tocavam-no, apertavam sua mão, davam socos em seu ombro. No entanto, era como se estivessem totalmente em outro mundo. Connor se sentia como se estivesse totalmente sozinho, com frio e exposto. Não conseguia parar de tremer.

— Ei — disse Cate. Connor se virou e viu que ela estava falando com Bart, que havia aparecido ao lado dos dois.

— E aí, pessoal, como vão?

— Connor não está muito bem — disse Cate. — Mas não é surpresa, pelas circunstâncias.

— Não — concordou Bart, sentando-se do outro lado de Connor. Passou o braço pelo ombro dele. — Todos nós já passamos por isso. E agora vamos ajudar você a superar também. É um processo difícil, mas vamos fazer você superar.

— Ele não merecia morrer — disse Connor. — Ele não *precisava* morrer. Se Luar não tivesse aprontado aquilo...

— Você não pode pensar desse modo — disse Cate. — Não pode voltar a cena. Aconteceu como aconteceu. É lamentável que tenhamos tido de fazer o que fizemos. Mas você viu como os guardas puxaram com presteza as adagas. Esse é o mundo em que eles vivem, o mundo em que nós vivemos. Viver pela espada, morrer pela espada.

Era isso? Será que a filosofia de Cate ia só até aí? Porque não estava dando nenhum consolo a Connor. Absolutamente nenhum. De repente se sentia como um peso morto, como se toda a adrenalina tivesse se esvaído completamente dele e estivesse a ponto de despençar.

— Estou muito cansado — disse, descobrindo que mal conseguia pôr as palavras para fora.

— Olha — sugeriu Bart —, acho que vou levar você para a sua cama. Vamos deixá-lo novo em folha, e depois você deve descansar. Provavelmente vai haver uma tremenda comemoração esta noite, e você vai ser o herói do momento.

— Nada de comemorações. — Connor balançou a cabeça. — Não há o que comemorar. Sou um assas...

— *Não!* — disse Cate. — Você não pode pensar assim. Haverá comemorações sim esta noite, Connor. E o melhor que você pode fazer é participar delas. Então vá com Bart tome um banho e descanse um pouco. E veremos você no jantar. — Ela se virou para Bart. — Leve-o à minha cabine. Ele vai descansar melhor num lugar fechado. Fique com ele, se achar que isso ajuda.

— Venha — disse Bart, com mais gentileza. — Venha, Connor. Vamos lá para baixo. — Ele o ajudou a ficar de pé. O corpo de Connor parecia barro: pesado, sem forma e desajeitado. Não tinha nenhum ferimento, mas mesmo assim ele se apoiava em Bart enquanto os dois seguiam pelo convés.

Enquanto passavam pelo animado esquadrão de ataque, seus colegas se viraram e continuaram a agradecer e dar os parabéns.

— Muito bem, meu chapal!

— Cara, você tem *cojones!*

— Luar Wrathe deve a vida a você!

As palavras passavam direto por ele. Não significavam nada. Na mente ele só via sua mão pegando a espada e cravando-a entre as omoplatas de Alessandro. E então o sangue — o sangue espirrando, encharcando a camisa de Alessandro e a dele, unindo-os. A união eterna entre o assassino e o assassinado.

— Connor! Connor! Connor! — Bart girou-o para o convés apinhado enquanto cada homem e cada mulher se juntava, entoando seu nome. O olhar de Connor varreu o convés. Havia algo febril no canto. Em sua cabeça, as palavras e expressões mudaram subitamente. Agora todos tinham os olhos furiosos e estavam cantando: “Assassino! Assassino! Assassino!”

— Parem! — gritou. — Faça eles pararem!

— Venha — disse Bart. — Vamos sair daqui.



Connor estava novamente no farol. Tinha 7 anos e estava emergindo de um sono profundo e confortável. Enquanto forçava os olhos a se abrir, viu que havia presentes ao pé da cama. Era como seu aniversário ou o Natal: não, eram os dois juntos! Havia presentes em toda parte: pacotes coloridos amarrados com fita ocupando quase todos os espaços do piso.

De algum modo seu pai e sua irmã haviam atravessado o mar de presentes e estavam agora ao lado da cama.

— Veja, ele está acordado! — disse Grace. Ela segurava um copo de milkshake. Em cima havia uma bola densa de sorvete, uma raspa de chocolate e milhares de confeitos. Com cuidado, Grace colocou-o na mesinha de cabeceira.

Então o pai se juntou a eles. Nas mãos tinha um grande prato de *lamingtons* — quadrados grossos de bolo macio mergulhado em chocolate e salpicados com coco ralado fofo e branco. Era sem dúvida seu doce predileto!

— Fizemos para você! — disse Grace.

— Para ajudá-lo a comemorar! — acrescentou o pai com um sorriso. — Estamos muito orgulhosos de você!

Os dois se inclinaram adiante.

— Parabéns pela sua primeira morte! — disseram.

Quando os rostos foram chegando mais perto, Connor soltou um grito. Abrindo os olhos, descobriu que estava num local desconhecido. Demorou alguns instantes para se situar. *Estou num navio pirata. O Diabolo. Esta é a cabine de Cate. Agora sou um pirata. Sou um...*

Não conseguia dizer a palavra, nem para si mesmo. Se ao menos pudesse dormir e não acordar — se bem que, se tivesse que passar por sonhos como aquele último, nem mesmo o sono daria consolo.

Espreguiçou-se na cama e foi então que viu, no cobertor ao lado. Era uma pequena escultura de madeira na forma de um homem. Pegou-a. Enquanto a trazia para perto dos olhos, viu que a figura estava manchada de sangue, bem onde deveria ficar o coração.

O coração de Connor disparou. De repente sua cabeça pareceu que ia estourar. O que era aquela escultura? Quem havia entrado na cabine enquanto ele estava dormindo e colocado aquilo ali? O que significava?



CAPÍTULO 39

O Capitão de Sangue

As mãos de Connor começaram a tremer enquanto ele olhava a figura grosseiramente esculpida. Por mais rústica que fosse, não havia dúvida de que possuía forma humana. E não havia dúvida de que a marca vermelha ficava bem onde o coração da figura estaria. Enquanto Connor se levantava, hipnotizado, teve certeza de que a tinta era sangue. O sangue mudava de cor quando secava. A cabeça de Connor preencheu-se com a visão do sangue de Alessandro espirrando do ferimento aberto para a sua camisa. Nunca iria se esquecer daquela cor. Tremendo, segurou com força a figura de madeira. Precisava se concentrar. O perigo era iminente. Alguém estava lhe mandando um recado. Isso era vodu — ou, se não exatamente vodu, era algum outro tipo de maldição. Alguém estava planejando vingança, e não somente havia sinalizado a intenção com muita clareza como havia conseguido entrar no *Diablo* e naquela cabine. Talvez ainda estivesse a bordo agora... Alguém tocou seu ombro. Ele ficou imóvel.

De repente, de algum modo, Connor colocou toda a atenção nos punhos. Girou e deu um soco no rosto do oponente. Ouviu um grito de dor, sentiu a mão se soltar e ouviu o corpo bater pesado no piso. Quando se virou, seu coração se encolheu. Caído no chão, com o nariz sangrando profusamente estava Bart.

— Desculpe — gritou Connor.

Bart balançou a cabeça.

— Tudo bem, meu chapa. Eu não deveria ter vindo por trás, assim. — Ele levantou a manga da camisa para estancar o sangue. — Você estava tremendo. Eu quis lhe reconfortar. Nem pensei no que estava fazendo.

Connor balançou a cabeça lentamente. Não sabia mais quem era. Tudo estava deslocado. A adrenalina bombeava em suas veias. Seu corpo lhe parecia desconhecido, fora de controle. Havia dado um soco violento em Bart. O que poderia fazer em seguida? Será que o fato de ter virado assassino tinha liberado uma sede de sangue anteriormente desconhecida?

— O que é isso? — perguntou Bart, apontando para a estatueta na mão de Connor.

— Não sei — respondeu Connor, agachando-se e trazendo a figura mais para perto de Bart. — Estava no cobertor quando acordei. Olhe, tem sangue nele. É vodu ou alguma outra coisa.

— Deixe-me ver — disse Bart. E estendeu a mão para a figura mas, ao fazer isso, sua cabeça começou a girar e ele tombou de novo no piso.

— Bart! Bart, você está bem? — Connor se ajoelhou e começou a dar tapinhas no rosto do amigo. — Bart, Bart, acorde!

— *O quê?* — Lentamente os olhos de Bart se abriram de novo. — O que aconteceu?

— Você desmaiou. Mas só por um segundo. Agora acordou. — Os olhos de Connor procuraram no chão alguma coisa para pôr sob o pescoço de Bart e deixá-lo mais confortável. Pegou um dos travessieiros de Cate. Enquanto o enfiava sob o pescoço do amigo, seus pensamentos se voltaram para a primeira noite que havia passado no *Diablo*. Bart havia lhe dado sua cama e dormido no chão, usando sua mochila como travessieiro. Connor tremeu. Isso havia se passado apenas quatro meses antes, mas muita coisa tinha acontecido desde então. Na época ele era um garoto. Agora era outra coisa. Um homem? Não tinha certeza. Será que matar alguém fazia de você automaticamente um homem? A sensação não era essa. No máximo ele se sentia como um animal selvagem. Muita coisa havia mudado.

— Vou procurar ajuda — disse Connor.

— Tudo bem. Só vou descansar aqui um pouco. Aqui, me passe meu cantil d'água, por favor?

Connor pegou o cantil e desatarraxou a tampa para o colega.

— Obrigado — disse Bart, bebendo sufregamente. — Ah, assim está melhor.

Connor olhou para o amigo.

— Sinto muito mesmo. Não quis machucar você.

— Claro que não — respondeu Bart, abrindo um sorriso. — Não precisa se desculpar. Você está passando por um momento difícil. Eu sei. — Ele estendeu a mão e segurou a de Connor. A força de Bart ao apertar sua mão fez Connor recuperar-se instantaneamente.

— Connor — disse ele —, isso por que você está passando é a coisa mais difícil que você vai ter que enfrentar. Mas todos já passamos por isso. Podemos dar uma força.

Suas palavras eram claras. Era o mesmo que se tivesse dito: “Agora você é um assassino. Todos neste navio somos. Mas agora que você matou pela primeira vez, na próxima vai ser mais fácil. E na seguinte vai ser mais fácil ainda. Logo você vai estar despachando a morte sem ao menos piscar.”

— Um por todos — disse Bart.

Connor estava perdido em seu devaneio.

— Um por todos — repetiu Bart.

Connor olhou para as mãos dos dois, juntas. Não podia encarar os olhos de Bart, não podia lhe mostrar a mistura de medo e súbita repulsa que havia ali.

— Todos por um — murmurou.

— Isso mesmo. Nós cuidamos uns dos outros. Como sempre fizemos. Como cuidamos do Jez, na vida e depois.

De repente Connor precisava se soltar da mão de Bart. Precisava sair daquela cabine claustrofóbica. Sentindo a escultura na outra mão, tomou uma decisão rápida.

— Preciso ir. Preciso falar com o capitão Wrathe.

— Claro — disse Bart, sorrindo como se nada tivesse acontecido. Soltou a mão de Connor, dando um último aperto, depois se deitou de novo e fechou os olhos. É com essa facilidade que ele pode desconsiderar a morte? Bom, Connor ainda não havia chegado a esse ponto, e não tinha certeza se um dia gostaria de chegar.

A porta da cabine do capitão Wrathe estava aberta. Connor entrou rapidamente, passando pelo familiar acúmulo de tesouros que o capitão havia adquirido em suas viagens e seus ataques.

Connor podia escutar vozes, inclusive a de Molucco. Vinham da parte de trás da cabine. Logo, enquanto passava por um familiar elefante coberto de jóias, encontrou o capitão Wrathe e Cate tomando vinho, rodeados pelo botim recente. Scrimshaw estava se enroscando preguiçosa numa estátua de Michelangelo como se verificasse a qualidade das mercadorias.

— Arrá! — disse Molucco, levantando os olhos e rindo. — O homem do momento! Quer um pouco de vinho, Connor? — Em seguida levantou uma garrafa de prata, mas Connor balançou a cabeça.

— Qual é o problema, Connor? — perguntou Cate. — Você está tremendo.

— O que é isso? — perguntou ele, estendendo a figura para os dois.

Molucco pegou-a e girou a figura na mão.

— Onde você arranjou isso?

— No meu cobertor. Eu estava dormindo na cama de Cate e, quando acordei, encontrei ali. Alguém deve ter entrado enquanto eu estava dormindo... — Ele parou. — É sangue de verdade, não é?

Molucco aproximou a figura do olho e assentiu.

— É, definitivamente é sangue.

— É vodu — disse Connor. — Eles vão vir se vingar de mim pelo que eu fiz. Por ter matado aquele guarda. Como me encontraram? Como entraram a bordo do navio?

— Calma, Connor — disse Cate.

Calma? Como ela podia falar em calma quando havia um inimigo a bordo do navio? Quando a qualquer momento não apenas Connor, mas o restante da tripulação, poderia ser atacado?

— Sente-se, Connor — disse Molucco.

— Mas... — protestou ele.

— Sente-se! — disse o capitão, e desta vez ficou claro que era uma ordem.

Connor sentou-se numa das almofadas do chão. Mas suas pernas se recusavam a ficar imóveis, chacoalhando como se a qualquer momento estivessem prontas para sair correndo.

Molucco aninhou na mão a figura esculpida.

— Sei o que é isso — disse ele. — E sei de onde veio. Sei de quem é o sangue. — Ele sorriu. — Agora... — Levantou a garrafa de vinho e derramou uma pequena quantidade numa taça. — Beba. Vai acalmar seus nervos.

Connor segurou a taça. Bastou um olhar para o líquido vermelho e ficou nauseado, lembrando-se de novo de sangue, mas dava para ver que Molucco não toleraria uma recusa. Tomou um gole minúsculo, depois pôs a taça.

— Tudo bem? — perguntou Molucco.

Connor assentiu.

— Então. Esta figura, meu garoto, chama-se Capitão de Sangue. Não é uma maldição. Pelo contrário. É um presente, uma antiga tradição pirata que alguns navios ainda mantêm. Quando um jovem pirata mata pela primeira vez, recebe um Capitão de Sangue. Como você pode ver, ele é esculpido na forma de um homem. Mas — Molucco olhou para Scrimshaw — certamente não é nenhum Michelangelo! Porém o sangue é genuíno. E é o sangue do capitão do navio.

Connor franziu a testa.

— Esse sangue é *seu*? O *senhor* o deu para mim?

Molucco balançou a cabeça.

— Não. Eu não continuo com essa tradição. Isso veio do meu irmão. O sangue é de Barbarro.

— Mas por quê?

— É uma honra — disse Cate. — O capitão Wrathe e sua mulher estão reconhecendo sua bravura e agradecendo por salvar a vida do filho deles.

Connor balançou a cabeça.

— Eles estão me honrando por ter matado?

— Não é tão simples assim, Connor. Você não simplesmente matou aquele guarda. Você realizou um ato de verdadeira coragem. Você apenas tomou a atitude necessária para salvar seu colega...

— Luar? — disse Connor, rindo mesmo contra a vontade. — Eu nem gosto de Luar. Na verdade eu o odeio.

— Mais motivo ainda para agradecermos — respondeu Molucco. — Por deixar de lado esses sentimentos compreensíveis, pessoais, e agir pelo bem da sua tripulação. — Ele estendeu a figura para Connor. — Pegue-a. Pegue, garoto, e guarde. Isso vai lembrá-lo do dia em que se tornou um pirata de verdade.

A cabeça de Connor estava girando. Havia tido ideias românticas sobre a pirataria. Havia sonhado em ser capitão de seu próprio navio. Adorava a luta, a demonstração corajosa de atletismo e habilidade com a espada. Mas nenhuma vez, nenhuma vez nesses sonhos ele havia tirado a vida de outro homem. Nenhuma vez havia ficado imóvel olhando o rio escuro de sangue jorrando das veias de outro homem. Não era isso que havia procurado. Não era o que queria.

Olhou para a escultura, manchada com o sangue de Barbarro Wrathe. Um presente. Não queria aquele tipo de presente. A estatueta maligna seria apenas uma lembrança cotidiana do feito mais terrível de juventude. Enquanto segurava-a de novo, sentiu lágrimas quentes picando por trás dos olhos. Não podia chorar, não diante deles. Fechou os olhos. Quando fez isso, teve a imagem nítida do rosto da irmã. Grace estava olhando-o com uma intensidade que só ela conseguia demonstrar. Não havia como fugir daquele olhar.

— Desculpe — disse a ela. — Fiz uma coisa terrível. Decepcionei você.

Não havia misericórdia nos olhos de Grace. Eles encontraram os seus, como gelados poços verde-esmeralda enquanto ela assentia.

— É. Decepções mesmo.



CAPÍTULO 40

Duas cartas

Caro capitão Wrathe

Lamento, mas preciso ir embora. Sei que Isso é violar o contrato, mas não sei que outra coisa fazer. Menti ao senhor e a todos os meus amigos a bordo do Diablo. Não pretendia enganar vocês. Achei que conseguiria ser pirata, mas agora sei que estava me enganando o tempo todo.

Depois do que aconteceu no forte, as pessoas estão agindo como se eu fosse algum tipo de herói. Mas não sou nenhum herói. Sei o que sou, mas não consigo me fazer escrever a palavra. Nem consigo dizê-la. Cate e Bart me disseram que, com o tempo, eu acabaria aceitando isso. Talvez aceite, mas neste momento parece algo impossível. Eu não seria de nenhuma utilidade para o senhor se ficasse, por isso é melhor ir embora e dar um jeito nisso do melhor modo que eu puder.

Não sei para onde vou. Acho que é essa a questão.

Obrigado por tudo.
Sinceramente,
Connor Tormenta

PS. Cate e Bart — obrigado por tudo que fizeram por mim. Vocês são os melhores amigos que já tive. Deveria ter escrito cartas para vocês dois, também, mas não tenho tempo. Preciso sair daqui. Espero que entendam. Espero que saibam o que vocês dois significam para mim.

C.

Connor examinou o bilhete, depois o dobrou, pôs num envelope e endereçou ao “Capitão Molucco Wrathe”. Em seguida pegou sua segunda carta e leu pela última vez.

Querida Grace

Realmente não sei por que estou escrevendo para você. Na verdade não sei como mandar esta carta. Mas, de algum modo, alguma coisa me está impelindo a colocar isso no papel, então vou em frente.

Você nunca aprovou o fato de eu ser um pirata, mas fui tão metido a besta que ignorei suas preocupações. Mas, como sempre, você estava certa. Acho que tenho talento para enterrar a cabeça na areia e só ver o que está aqui, agora. Enquanto você... é como se você conseguisse ver o quadro geral. Vê mais adiante, na estrada. E acho que viu o que aconteceria comigo — aonde essa estrada iria levar — muito antes de mim.

Bom, de certa forma seu desejo se realizou. Estou deixando o Diablo e não vou voltar. Não sou pirata.

O que eu sou? No momento só tenho uma resposta para isso, e não é uma resposta que eu consiga encarar, certamente é uma resposta que não ousou compartilhar com você.

Vou embora — não sei para onde nem por quanto tempo. Há um vasto oceano por aí e tenho certeza de que existe um pedaço dele onde possa me esconder.

Espero que você esteja bem: melhor do que eu, pelo menos. Sinto no coração que você está. Talvez você tenha escolhido um caminho melhor. Repito, eu não conseguia ver além do meu umbigo. Mas você sempre enxergou mais do que eu.

Como disse no início, não sei por que escrevi esta carta. Não tenho como enviá-la.

Pense em mim com carinho. Cuide-se!

Seu irmão
Connor

Connor pegou a segunda carta. Dobrou-a em três, em seguida pôs no envelope e endereçou a Grace. Pegou as duas cartas, pendurou a sacola no ombro e começou a ir para o convés principal. Estava silencioso lá em cima. Todo mundo se preparava para a noite de comemorações. O *Diablo* havia atracado ao lado do *Tifon*, num pequeno porto. Os botes haviam sido baixados n'água.

Connor andou silenciosamente pelo convés. A cabine de Molucco estava trancada. Enfiou o envelope sob a porta do capitão e depois andou o mais rápido que pôde. Ainda sem ser visto, começou a descer a escada para a ponte flutuante, embaixo.

Era como se o bote estivesse esperando que Connor viesse roubá-lo. Ele realmente deveria ter pedido desculpas por isso, na carta. Agora era tarde demais! O capitão Wrathe podia já estar andando pela cabine e pegando o envelope. Connor pulou no bote e começou a soltar as amarras. Então saiu do porto e começou sua fuga.

Lágrimas escorriam pelos olhos quando ele se virou e viu dois cascos dos navios piratas. Um deles Connor havia achado que era seu lar. Mas era ilusão. Tudo havia sido

uma ilusão gigantesca.

Enquanto ia para o mar aberto, tinha uma última tarefa, pegou a carta endereçada a Grace. Depois rasgou o envelope. Rasgou mais e mais. Até que os pedaços minúsculos pareceram confete, caindo como chuva pela lateral do barco, na água. Olhou suas palavras truncadas borrando-se, sem saber se a água do mar estava dissolvendo a tinta ou se eram apenas as lágrimas em seus olhos.



Grace estava andando pelo corredor quando a coisa aconteceu. Fechou os olhos e estendeu a mão para a parede, firmando-se nela. Sua cabeça estava cheia com uma torrente de água. Fechou os olhos, esperando focalizar com mais clareza a imagem. Deu certo.

Agora podia ver que a água não era tão agitada quanto havia parecido a princípio. Não era uma torrente furiosa, apenas o oceano.

Podia ver pedacinhos de algo se movendo nela. Papel. Então viu as marcas no papel e achou que entendia.

Preciso juntá-los, pensou. É algum tipo de teste. Talvez Mosh Zu tivesse mandado aquilo para ela. Com os olhos bem fechados, começou a examinar a água em busca dos pedacinhos de papel. Enquanto encontrava cada um deles, puxava-o para o centro de seu olhar mental. Depois de um tempo não pôde encontrar mais nenhum pedaço. Deve ser isso, pensou. Hora de montar o quebra-cabeça!

Era mais difícil do que havia imaginado. O movimento da água não era violento, mas era forte. No momento em que pôs um pedaço de papel no lugar, a maré ameaçou arrastar um outro pedaço para outra direção. Não! Não deixaria. Sabia que isso estava consumindo toda a sua energia, mas estava determinada a fazê-lo. Quando juntou dois pedaços de papel, reconheceu a letra. Então, com um choque terrível entendeu. Não era um teste. Era de verdade.

Sua cabeça doía com o esforço. Era tentador demais abrir os olhos e aliviar a dor por um instante, mas sabia que, se fizesse isso, a visão poderia se perder para sempre. Estava chegando lá. O quebra-cabeça de pedacinhos de papel estava quase montado. Agora ela simplesmente precisava segurá-los para ler a carta.

Querida Grace

Apenas ver seu nome escrito na letra característica do irmão a comoveu. Ele praticamente nunca escrevia cartas. Ela sabia que aquilo era sério. Continuou lendo.

Enquanto lia os sentimentos profundos encapsulados na carta, foi ficando cada vez mais difícil manter a visão, manter todos os pedaços juntos. Mas agora não podia desistir. Era muito importante.

Pense em mim com carinho

Estava quase no fim da carta e a dor de cabeça era lancinante. Aumentava mais ainda devido ao sentimento de pavor que crescia nela por causa do que ele havia escrito.

Por fim cedeu à dor de cabeça e deixou que os pedaços se espalhassem de novo.

Eles foram correndo com a maré, deixando sua mente cheia apenas d'água. O barulho ficou cada vez mais alto, a cor era cada vez mais escura. Parecia que ela ia se afogar.

Percebeu que devia ser isso que estava acontecendo com Connor. Ela havia recebido a carta, e agora estava recebendo a visão do que ele estava vivendo. Mas não tinha ideia de onde ele estaria. Não havia nada que pudesse fazer para ajudá-lo!

A visão da água foi diminuindo gradualmente. De súbito tudo ficou quieto. Perfeitamente quieto e numa escuridão completa. Fim.

Grace abriu a boca e gritou:

— *Não!*



CAPÍTULO 41

O barco na água

— Como está se sentindo agora? — perguntou Mosh Zu, quando Grace entrou na sala de meditação.

— Mais calma. Sinto muito pelo que fiz. Perdi o controle.

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Você tem uma conexão muito íntima com Connor. Quando ele sofre, você sofre. Isso é parte do que a torna tão poderosa como curadora. Mas precisamos trabalhar mais, para que possa usar o poder para ajudá-lo, e ajudar a outros, em vez de ser consumida por ele.

Grace estava meio perplexa com as palavras. Ele sinalizou para que ela entrasse e se sentasse.

— Pense nisso do seguinte modo. Sabemos que Connor tem algum tipo de fardo emocional. É como um peso muito grande que ele está carregando. Agora pense num objeto pesado que ele pudesse levantar. Diga. Em que você pensou?

Grace revirou a sala ao redor, em busca de ideias.

— Uma mesa? — perguntou dando de ombros.

— Muito bem! — Mosh Zu assentiu. — Vamos imaginar que Connor esteja lutando para carregar uma mesa. Ele é forte, sabemos disso. Mas não é uma mesa comum. É feita de madeira muito pesada. Talvez mais do que isso, ainda. Feita de pedra. Claro, ele vai ter que se esforçar muito.

Grace confirmou com a cabeça.

— Bom — disse Mosh Zu —, você quer ajudá-lo, não é?

Grace confirmou de novo.

— Então diga, qual é o melhor modo de ajudá-lo a carregar a mesa?

— Segurando a outra ponta — respondeu ela instintivamente.

— Exato! Compartilhando a carga. E não tirando a mesa totalmente das mãos dele e transferindo o peso todo para você. — Os olhos de Mosh Zu brilharam. — Entende?

— Entendo, claro. Faz todo o sentido.

— É uma das coisas mais importantes que precisamos aprender, como agentes de cura. Não podemos carregar o fardo dos outros. Às vezes pode ser tentador, mas isso nos torna ineficazes. Quando começamos a nadar nas emoções das outras pessoas, sempre há o perigo de nos afogarmos nelas.

— Então o que de fato podemos fazer para ajudar o Connor?

— Ah, muita coisa. — Mosh Zu se levantou e andou pela sala até um balcão alto. Virou-se e voltou carregando uma tigela larga e rasa, feita de cobre batido. Pousou-a no chão entre os dois. Quando ele fez isso, Grace viu que ela estava cheia d'água. Em seguida Mosh Zu pegou uma garrafinha no bolso e esvaziou-a na tigela.

— Tinta de lula — disse, enquanto mergulhava os dedos na tigela e misturava suavemente a tinta com o resto do líquido. — Queremos que a superfície da água fique o mais escura e reflexiva possível — explicou. Grace estava intrigada.

— E agora — Mosh Zu enxugou as mãos — preciso de sua ajuda. Temos que garantir que estas velas se reflitam na água. Pode me ajudar?

Juntos, andaram de um lado para o outro na sala, ajustando a posição dos altos candelabros até que a chama de cada vela se refletisse na bacia de água escura. Ao olhar para baixo, Grace teve uma ilusão de ótica por um instante, acreditando que olhava uma tigela de fogo.

— E agora — disse Mosh Zu —, vamos nos sentar. — Em seguida se acomodou perto da tigela e fez um gesto para Grace. — Você sente-se aqui. Mas certifique-se de que não vê seu próprio reflexo na água.

Ela sentou-se e assentiu.

— Certo, então — disse ele. — Agora vamos olhar a superfície da água e começar a respirar fundo. Inspira, expira. Inspira, expira. Inspira... — Enquanto ele continuava a falar com a voz macia e rítmica, Grace sentiu que sua respiração ficava cada vez mais lenta. Sabia que estava penetrando num estado de relaxamento profundo. Aquela, em si, era uma sensação boa, mas ela sabia que havia algo mais. Era apenas o início de um dos processos de Mosh Zu.

— Isso, Grace. Fique com as pálpebras ligeiramente baixas. Sua visão não deve ser fixa demais, atenta demais. Mantenha-a na água, mas permita que fique desfocada. — Ela ajustou a visão. — E agora simplesmente relaxe e veremos o que vier.

Todo o sentido cronológico desapareceu. Grace não tinha qualquer sentimento de há quanto tempo estariam sentados ali, os olhos suavemente focalizados na água. Mas de repente não estava mais olhando para uma superfície escura refletindo chamas. Em vez disso espiava um mar escuro e um pequeno bote balançando nele. Deve ter sorrido, porque Mosh Zu disse:

— É, também estou vendo. Agora fique com os olhos relaxados e vamos olhar mais de perto.

Enquanto ele falava, a imagem no barco ficou mais próxima dos dois. Era como uma lente de câmera dando um zoom. Agora podiam ver que o barco tinha apenas um passageiro.

— Connor! — sussurrou Grace. — Você está a salvo! — Ela sentiu o alívio jorrar pelo corpo.

— É — disse Mosh Zu. — Nós o encontramos.

— O que vamos fazer agora? Só olhar?

— Por enquanto, sim. Continue respirando, continue mantendo suave o foco do olhar.

Ela obedeceu às instruções e sentiu a imagem de Connor assumindo uma clareza cristalina. Podia ver o rosto dele, fácil de ler como um livro. Parecia cansado e perturbado. Sua testa estava marcada com rugas de preocupação e havia círculos escuros sob os olhos. Pelo jeito, ele não dormia havia muitas noites. Seus olhos estavam vazios, distantes.

— Ele parece estar sentindo uma dor enorme, não? — perguntou Mosh Zu.

— É — assentiu Grace, mas depois firmou a cabeça de novo. — Mas onde ele está? Está mesmo nesse bote?

— Ah, sim.

— Mas por que saiu do *Diablo*? O que aconteceu?

— Sssh. Essas não são perguntas que devemos fazer se quisermos ajudá-lo. Em vez disso, vamos olhar mais de perto sua dor.

— Certo — admitiu ela. — Mas como?

— Vou mergulhar a mão, muito gentilmente, na água. E quero que você faça a mesma coisa. Mas muito gentilmente. Tente perturbar a superfície o mínimo possível.

Grace ficou olhando Mosh Zu enfiar a mão na água. Ele praticamente não provocou nenhuma ondulação na superfície escura. Com cuidado, ela estendeu a mão e fez o mesmo. Era mais difícil do que parecia. Havia algumas bolhas. Ela hesitou.

— Está tudo bem, Grace, você está se saindo bem. E já está quase lá.

Estimulada por essas palavras, ela mergulhou a mão um pouco mais fundo na água.

E quando fez isso teve um jorro de sensações.

— Excelente, Grace. O mais importante agora é permanecer o mais imóvel possível. Continue respirando, mas tente não mexer nenhum músculo. Seja forte como pedra mas deixe as sensações varrerem você, como se você fosse uma pedra no centro do oceano.

E realmente parecia que uma onda de emoções estava sendo lançada sobre ela.

— Está sentindo, Grace?

— Estou — respondeu Grace, concentrando-se intensamente em ficar o mais imóvel possível, enquanto as emoções desgarradas se chocavam contra ela.

— Diga o que está sentindo.

— Raiva, me sinto traída, desiludida.

— Isso — disse ele, com uma nota de empolgação na voz. — Isso, Grace. O que mais?

— Estou exaurida, muito cansada e... não, espere! Estou me sentindo culpada. Essa sensação é mais forte do que as outras. Fiz alguma coisa terrível e me sinto *muito* culpada.

— Isso é realmente excelente.

Grace sentiu-se grata pelo elogio, mas isso era suplantado por uma preocupação mais profunda.

— Esses são os sentimentos de Connor?

— São. Você está lendo-os perfeitamente!

Ler era uma coisa, mas Grace tinha algo mais em mente.

— Mas eu quero *ajudá-lo*. Como posso fazer isso?

— Já vamos chegar lá. Agora vou tirar a mão para lhe dar mais espaço. Fique com a mão embaixo d'água. Certo?

Grace confirmou com a cabeça.

— Agora quero que você ponha a mão embaixo do barco. Ponha-a embaixo do barco de Connor como se quisesse pegá-lo e carregá-lo para fora d'água. Mas tenha cuidado. Imagine que é um sabonete escorregadio que você está tirando da banheira. Você deve fazer isso do modo mais gentil que puder. Não vai ser fácil.

Ela pôs a mão na posição.

— Certo? Tire o bote da água.

Grace levantou a mão e ficou pasma enquanto a imagem de Connor no bote saía das profundezas da água, mudando de duas dimensões para três, aninhada na palma de sua mão como um brinquedo vivo.

— Continue levantando a mão para fora d'água — instruiu Mosh Zu.

Ela continuou levantando a mão.

— Certo, perfeito. Agora mantenha-a aí.

Grace ficou maravilhada com o que via. Connor estava ali, diante de seus olhos. Era minúsculo, mas era claramente Connor.

— Agora pergunte o que ele quer. Pergunte como pode ajudá-lo. Não precisa dizer as palavras em voz alta. Só olhe nos olhos dele e faça a pergunta.

De novo ela seguiu a orientação de Mosh Zu. *O que você quer, Connor? Como posso ajudá-lo?*

Ele não deu uma resposta clara. Ela não podia escutar a voz. Mas algo a atraiu para a espada que ele estava segurando.

— O que ele está dizendo? — perguntou Mosh Zu.

— Não está claro.

— É, pode não estar. Continue ouvindo. Continue sentindo a resposta.

Ela esperou.

— Tem algo a ver com a espada.

Mosh Zu esperou.

— Se ainda não está claro, pergunte. Pergunte: “Connor, como posso ajudá-lo com a espada?”

De novo ela encarou os olhos de Connor. Fez a pergunta. A resposta veio como um choque elétrico.

— Ele quer soltá-la. Quer soltá-la, mas algo o impede. É como se estivesse colada nas mãos dele.

— Certo. Então use sua outra mão e, muito gentilmente, tente soltar a espada. Não puxe totalmente. Apenas a afrouxe para ele.

Com muito, muito cuidado, Grace levantou a outra mão. Levou o polegar e o indicador até a espada minúscula e puxou-a suavemente.

— Provavelmente já basta — disse Mosh Zu. — Espere e ele lhe dirá.

— Está bem. — No momento em que ela moveu a espada, sentiu um tremor por dentro, depois um pouco de tensão se aliviando. Será que esse sentimento emanava de Connor?

— Você está indo muito bem, Grace. Agora pode baixar a mão de novo e devolver o bote e Connor à água. Quando o barco estiver em segurança na água, pode tirar a mão de novo.

Grace baixou a mão com tanto cuidado como quando a havia levantado. Devolveu Connor e o barco às águas dentro da tigela. Quando afundaram na superfície, passaram de novo de três dimensões para duas.

— Agora tire a mão da água — instruiu Mosh Zu. — Fique imóvel e veja o que acontece.



No oceano escuro, Connor sentiu um jorro súbito de energia. Não sabia de onde aquilo tinha vindo. Antes estava muito cansado, com os pensamentos girando e girando como cães selvagens. Mas agora, de repente, tinha uma sensação de objetividade. Sabia exatamente o que precisava fazer.

Foi até a beira do barco, segurando a espada no ar. Depois soltou um gemido que parecia sair do fundo da própria alma e, quando o som irrompeu sobre o oceano, jogou a espada longe. Viu-a voar pelo céu escuro, depois rasgar a superfície da água e escorregar para o vazio lá embaixo.

Olhando a mão vazia, suspirou. Jogar fora a espada não afastava o ato horrível que havia realizado com ela. Mas sentia-se mais leve — como se tivesse jogado fora algo mais do que a espada. Pela primeira vez, desde que havia matado alguém, percebia que talvez houvesse um caminho à frente.

— Ele jogou a espada fora! — disse Grace, empolgada.

— É — concordou Mosh Zu. — Você lhe permitiu fazer isso. Não creio que ele conseguisse sem você. Pelo menos não agora.

— Incrível!

Mosh Zu sorriu.

— Você é uma curadora, Grace. E há muitas maneiras de curar. Mas você foi bem! Muito bem mesmo!

Ele começou a se empertigar, estendendo a mão para a tigela de água.

— Espere! — disse ela. — Não podemos olhá-lo só mais um pouquinho?

— É melhor não. Por enquanto devemos deixar que ele siga sua própria jornada. Lembra-se do que eu lhe disse antes, sobre a mesa?

Grace confirmou com a cabeça. Entendia. Mesmo assim teve um súbito sentimento de perda enquanto Mosh Zu levantava a tigela de cobre e a levava à pia, para esvaziá-la. Quando ouviu a mistura da água com tinta descer em redemoinho pelo ralo, não pôde deixar de pensar no irmão, no barquinho, completamente solitário no mar tão escuro.

Onde você está?, não pôde deixar de perguntar. O que o fez deixar o Diabolo? Porque se sente tão terrivelmente culpado?

Mas desta vez não haveria respostas. Qualquer conexão que tivessem formado estava partida, por enquanto.

— Boa viagem! — ela disse sem abrir a boca. Depois se levantou e foi ajudar Mosh Zu a recolocar as velas no lugar.



CAPÍTULO 42

Noite mágica

— Ah, encontrei! Procurei você por toda parte!

Ao escutar a voz, Darcy se virou e sorriu, vendo Jez — *seu* Jez — andando em direção a ela pelo convés. Suspirou. A cada noite ele parecia ficar mais bonito. Ela havia se apaixonado no momento em que ele entrara a bordo do *Noturno*, mas, pensando bem, na época ele era apenas uma sombra de seu eu atual. Jez havia prosperado sob o feitiço de seu amor — e ela, sem dúvida, sob o dele.

— Está pensando em quê? — perguntou ele, exibindo seu irresistível sorriso petulante.

Ela retribuiu o sorriso.

— Quer mesmo saber?

— Ah, sim. Quero saber cada um dos seus segredos, Darcy. Sou um homem com uma missão!

— Pare com isso! — disse ela, mas jamais se cansava de ouvir as doces bobagens dele. Não, não era justo descrevê-las assim. Isso era *de verdade*. Ela sabia. Era por ele que havia esperado, o seu senhor Náufrago. Ele havia demorado a chegar até ela, mas a longa espera tinha valido a pena.

— Você definitivamente está reluzindo esta noite — disse ele.

Ela deu de ombros, coquete, e se virou, encostando-se na amurada e deixando a deliciosa brisa do oceano subir e refrescar sua pele cheia de rubor. A fina echarpe de *chiffon* balançou na brisa e começou a se desenrolar de seu pescoço.

— Ah! — disse ela, quando a peça de tecido se soltou e começou a voar para longe.

No mesmo segundo, Jez saltou e pegou-a. Enrolou-a de novo no pescoço branco como porcelana de Darcy. Os dois ficaram se olhando por um longo momento.

— Você me faz muito feliz — disse ela.

— E você a mim — respondeu ele, rindo. — Nunca pensei que seria feliz de novo. Você me deu o beijo da vida, Darcy Flotsam, sem dúvida!

— Deí? — Ela se inclinou adiante e deu um beijo afetadíssimo na ponta do nariz

dele. Depois ele abraçou-a apertado enquanto ela se virava para olhar o mar. Olhando o céu escuro e cheio de estrelas, Darcy não conseguia aplacar a empolgação. Era uma noite mágica. Havia algo no ar. Era em noites assim que perguntas eram feitas, respostas dadas e vidas mudavam inexoravelmente.

— Você ficou quieta de novo — disse Jez, com a voz macia interrompendo os pensamentos dela.

— Só estava pensando mais um pouco.

— Bom, que tal eu lhe dar uma coisa nova para pensar?

Ela sentiu um tremor diante daquelas palavras.

— Diga.

— Tenho uma pergunta para você, senhorita Flotsam.

— Tem mesmo, senhor Náufrago?

Ele riu daquilo, sempre ria quando ela usava o apelido com que o havia batizado.

— Eu só estava pensando se você poderia considerar a ideia de sair do *Noturno* e ir embora comigo.

Aí estava, então. Ali estava o ponto de virada com o qual ela havia sonhado por tanto tempo. *Não se apresse, Darcy*, pensou. *Saboreie cada momento, cada sensação.*

— Imagine que isso signifique que sua resposta é não — disse ele. A boca se projetando e os olhos cheios de desapontamento o faziam parecer um cachorrinho desamparado. Nesse instante Jez estava mais atraente do que nunca. Darcy não poderia prolongar sua agonia.

Balançou a cabeça.

— Querido senhor Náufrago, eu irei aonde você quiser. Só nós dois. Nunca pensei que eu poderia deixar o *Noturno*, mas desde que você chegou, tudo mudou. — Ela olhou-o com espanto. — Bom, acho que eu o seguiria até o fim da terra.

— Bom, não seria exatamente só nós dois. Pelo menos não a princípio.

— Não?

— Ah, não fique tão perturbada, minha doce Darcy. Olhe, há umas coisas que eu preciso fazer agora, mas será que você poderia, isto é, será que você *estaria* disposta a partir esta noite?

— Esta noite? — Era cedo demais. Será que não teria tempo de planejar, nenhuma antecipação deliciosa? Bom, se era para ser assim, *c'est la vie!* Ele era tão romântico, tão impetuoso! Ela o havia esperado por muito tempo. Por que esperar mais? — Sim. Vou pegar minhas coisas e partiremos esta noite!

— Boa garota! — disse ele, enfiando a mão no bolso. — Isto é para você.

— Outro presente, não. Você realmente não deveria. Mas então ela olhou, mal acreditando, enquanto Jez se ajoelhava e estendia uma pequena caixa forrada de cetim. Quando ele a abriu, Darcy mal conseguiu se concentrar no anel através do borrão das lágrimas. Mas ela sabia que devia ser lindo. Os presentes dele sempre eram.

— O que *voce* está fazendo aqui? Você não deveria vir à minha cabine. Conhece as regras.

Ao ouvir a voz dela, Jez riu.

— Isso não são exatamente boas-vindas para seu parceiro de sangue, não é?

— São as únicas boas-vindas que você vai receber — disse Shanti. — Ver você

uma vez por semana mais do que basta para mim ultimamente. — Ignorando-o com deliberação, ela continuou remexendo no armário.

Ele balançou a cabeça.

— *Touché*, querida. Mas o que foi que mudou? Houve um tempo em que você não se fartava do Jezinho.

Shanti franziu a testa e jogou uma blusa longe, depois pegou outra.

— Você está mesmo iludido.

— Ah, não estou *nem um pouco* iludido, querida — disse ele, parando perto dela. — Sei exatamente qual é o trato entre nós. Você me trouxe de volta da beira do precipício e eu sempre serei grato por isso.

Ela fez uma careta para ele enquanto segurava a blusa encostada no corpo e avaliava o reflexo no espelho. Parecia realmente linda — nem que fosse ela mesma dizendo. Sua cor antiga estava de volta. A pele era lisa de novo, como seda.

— É, sempre serei grato a você, Shanti. Mas não foi um arranjo unilateral, foi? Quando o capitão a trouxe de volta do Santuário, você era uma doadora velha e seca, num trem a toda velocidade em direção ao esquecimento. Foi o Jezinho quem restaurou você. Na época você era uma coisinha ressecada, lembra? Diferente de agora! Agora você certamente recuperou seu brilho. — Ela ainda estava avaliando o próprio reflexo no espelho. — E seria de se esperar que você ficasse um pouquinho mais agradecida por isso.

— Se é gratidão que você quer — disse Shanti, sem se virar —, vá procurar aquela figura de proa metida a besta. Ela é pateticamente agradecida por cada olhar que você lança. Mas, afinal de contas, se eu fosse um pedaço de madeira velha, podre e pintada, acho que talvez também me sentiria assim... aaai!

Ela gritou quando ele agarrou seu braço e girou-o violentamente às costas.

— Não! — sibilou Jez em seu ouvido. — Não fale assim da minha bela Darcy. Uma lasca dela vale dez de você.

Mesmo com a dor que sentia, Shanti gargalhou.

— Ah, não me diga que era tudo de verdade! O tempo todo pensei que você estava jogando com ela, feito um idiota! Então era um verdadeiro *amor* de vampiro? — Ela gargalhou de novo, um riso frio, cruel. — Então, boa sorte para vocês dois. Tenho certeza de que serão muito felizes juntos.

— Seremos sim. É uma pena porque você não estará por perto para ver.

— O quê? — Ao ouvir as palavras ela se retesou. De repente ficou amedrontada. Instintivamente tentou esconder isso, mas ele pôde sentir.

— As coisas vão mudar por aqui — sibilou ele em seu ouvido. — Esta noite tudo muda. Em grande estilo. Eu vou embora. E Darcy vai comigo. Outros também. Estivemos planejando.

— Fico muito feliz por vocês — disse ela, parecendo ganhar forças novas vindas de dentro. — Bom, então vá logo, *querido*. Vá correndo para o seu novo navio. Mas, se não for problema para você, acho que vou ficar aqui mesmo.

— Ah, sim — respondeu ele, a mão apertando o pescoço dela, a outra girando-a em sua direção. — Sim — repetiu rasgando todas as obstruções para o peito de Shanti. — Esse sempre foi o plano.

Darcy estava no convés, com uma maleta ao lado, sobre a qual pendia seu casaco de noite predileto. A maior parte de suas roupas elegantes havia ficado pendurada no guarda-roupa. No fim, tinha parecido bobagem colocar mais do que algumas coisas na mala. Elas faziam parte de sua vida aqui — de sua vida antiga. Iria recomençar. Teria coisas novas. Coisas novas e lindas. O Sr. Náufrago cuidaria disso.

— Darcy!

Ela ergueu os olhos e viu o capitão se aproximando. Quando ele passou pelas velas do navio, elas tremeluziram brevemente com luz, mas logo caíram na escuridão de novo. Ele parecia cansado. Ultimamente parecia mais cansado a cada vez que ela o via.

— Capitão — disse ela, com um tremor. Estava morrendo de medo desse momento.

— Vejo que sua mala está feita. Vai embarcar numa viagem?

Ela confirmou, sentindo que as lágrimas já escorriam pela encosta do nariz.

— Capitão — disse ela fungando —, o senhor tem sido bom demais para mim. Mas aconteceu uma coisa, uma coisa maravilhosa. E é hora de eu partir.

Ele pareceu sorrir.

— Por que está chorando, criança? Pelo que você disse, parece que essa nova jornada é motivo de grande felicidade.

— Ah, sim! — respondeu Darcy assentindo. Como poderia ter duvidado de que o capitão ficaria feliz? Ele sempre havia cuidado muito bem dela.

— Claro, sentiremos sua falta — começou ele. — Você sabe que é muito mais do que a figura de proa do navio.

Mas seu sussurro foi abafado pelo primeiro grito. Depois o segundo. E o terceiro. Eles se sobrepuñam, uma sinfonia tortuosa. Um quarto, quinto e sexto grito se seguiram. Depois passos batendo nas tábuas do convés.

O capitão e Darcy se viraram e perceberam que o convés estava subitamente se enchendo com uma multidão. Os doadores!

— Capitão! — gritou um, rouco, as roupas rasgadas, o peito exposto e pingando sangue. — Como pôde deixar que isso acontecesse? — Tendo liberado as palavras, o doador caiu no convés, levando as mãos ao ferimento.

No pânico, seus companheiros passaram por cima dele, indo na direção do capitão.

— Estamos sendo atacados! — gritou outro, cujo rosto era a própria imagem do terror. Sua camisa também estava rasgada e suja de sangue. A pele branca como leite.

Houve novos gritos, e mais doadores chegaram correndo ao convés. Todos pareciam ter saído cambaleando de um campo de batalha. As roupas rasgadas, os ferimentos evidentes em cada peito. Havia mais sinais de luta com as riscas de sangue nos rostos e braços.

— Atacados, não — gritou um deles. — Massacrados. Eles estão tentando nos matar. Estão tomando sangue demais, sem cuidado.

— Não estou entendendo — disse o capitão.

Quando ele disse isso, os gritos em pânico dos doadores ficaram mais altos, subindo até tornar-se uma cacofonia terrível. Isso era acompanhado por novos gritos. Os doadores juntavam suas últimas energias para correr até a beira do convés, apoiando-se na amurada e inclinando-se na escuridão.

— Vamos pular! — gritou um deles. — É a nossa única saída!

— Não seja idiota! — gritou outro. — Você vai se afogar! O capitão vai nos ajudar. — Seus olhos se viraram para o capitão, implorando.

— É — gritou outro ao lado dele. — O capitão sempre nos ajuda. — Seus olhos também se viraram para o capitão.

Agora a própria Darcy olhou para o capitão. Ele iria tirá-los daquela crise, assim como havia tirado de cada crise anterior.

Mas o capitão estava imobilizado e suas palavras proporcionaram pouca tranquilidade.

— Parem de falar! Parem de falar todos ao mesmo tempo. Por favor!

Darcy olhava tudo aquilo aterrorizada. E a coisa que mais a aterrorizava era o sentimento súbito de que o capitão não estava no controle. Ela nunca o havia visto assim. Ele era sempre confiante, sempre no comando. Agora parecia... Parecia vulnerável. Ela não suportava olhá-lo.

Virando-se, viu que um novo grupo de pessoas havia chegado ao convés. Os Vampiratas renegados! Seus olhos estavam em chamas, e os lábios e dentes, manchados com o sangue que haviam tomado antes que os doadores se libertassem. Não havia dúvida de que a fome deles continuava forte. Estavam à caça de mais sangue.

Agora os gritos dos doadores ficaram mais altos e mais urgentes. Outros subiram nas amuradas. Um pulou no oceano.

Outro caiu atrás dele, mas era difícil saber se havia sido por acidente ou intencional.

O capitão, que agora parecia ter recuperado a força, levantou a mão enluvada e se dirigiu aos renegados.

— Parem! — disse. — O que vocês fizeram? O que diabos, vocês fizeram?

— Estávamos com fome — disse uma voz no centro da turba. — Estávamos famintos, por isso nos servimos de um pouco do que gostamos.

— Quem fala comigo de modo tão maligno? — perguntou o capitão, com o sussurro viajando pelo convés como um vento gelado. — Quem se rebela contra minhas regras? Mostre-se!

Mas Darcy já havia reconhecido a voz. Não foi surpresa para ela quando Jez Stukeley saiu do meio da aglomeração. Nesse ponto seu coração já havia sido despedaçado em um milhão de caquinhos.

— Você! — disse o capitão, evidentemente surpreso. — Você, que eu trouxe de volta das profundezas?

— Hã, é, isso mesmo — respondeu Jez. — Só que você deixou de citar a parte em que mandou Connor e seus colegas piratas pôr fogo em mim!

— Você sobreviveu. O que isso importa agora?

— Bom, de qualquer modo, não guardo mágoas. Eu me recuperei de volta. Sou um carinha resistente.

O capitão balançou a cabeça.

— Você... você trouxe terror a este navio, a esta comunidade. Você zombou de nosso mundo. Trouxe medo e pânico para onde havia calma. Você violou os laços de confiança. Você não é melhor do que... — Ele parou, aparentemente incapaz de dizer o nome.

— Talvez eu tenha *mesmo* agitado as coisas um pouco — disse Jez. — Mas não fui o primeiro. E, como você pode ver, certamente não sou o último. Não é, pessoal?

Os outros vampiros assentiram e voltaram o olhar irado para o capitão. Darcy se perguntou se eles chegariam a ponto de atacá-lo. Sentiu o medo cortá-la.

— Temos uma mensagem para o senhor, ó capitão, meu capitão — disse Jez. — Aqui, me dêem uma mãozinha, sim? — Com isso, dois dos outros o levantaram sobre os ombros. — Assim está melhor. — Depois, daquela posição elevada, olhou para o capitão e começou a entoar: — Mais sangue! Mais sangue!

Os outros se juntaram.

— Mais sangue! Mais sangue! Mais...

O canto era a coisa mais terrível que Darcy já tinha ouvido. Um sibilar que parecia um incêndio. A multidão de vampiros era como uma horrível criatura que respirava fogo, com o senhor Náufrago — *não, agora ela só devia pensar nele como Stukeley* —, com Stukeley sendo os olhos e a língua da criatura.

Não era, nem de longe, toda a tripulação que estava envolvida na rebelião, mas devia haver trinta deles, ou mais. Antes, a maior revolta a bordo havia acontecido com apenas três vampiros. Isto era uma coisa totalmente diferente. Darcy ficou olhando Stukeley liderar o canto. Lembrou-se de, horas antes, ter pensado que esta seria a noite em que tudo mudaria. Ela estava certa, mas não no sentido que ela havia esperado. Seus pequenos sonhos idiotas estavam agora em frangalhos. Aquela *não* era uma noite mágica, era uma noite diabólica. Enquanto pensava nessa mudança súbita e cataclísmica, Stukeley atraíu seu olhar e riu. Ela lhe deu as costas, sentindo-se totalmente nauseada.

— Mais sangue! Mais sangue! Mais... — continuavam os sibilos.

— Pare! — disse o capitão. — Pare! Ninguém vai tomar mais sangue neste navio. Pelo menos até o próximo Festim.

— Então, está certo — disse Jez, com uma concordância afetadamente apaziguadora. — Então acho que vamos deixá-los agora. Acho que todos estamos meio entediados aqui, para dizer a verdade. Sem ofensa, e coisa e tal.

— Você conhece as regras — respondeu o capitão, em um sussurro frio como aço. — Ou obedece a elas ou...

— Ou o quê? — veio um grito novo. A voz rugiu por sobre as águas. O capitão se virou. Darcy se virou. Os doadores enfraquecidos e aterrorizados, segurando-se à amurada, se viraram. O grupo de vampiros rebeldes sedentos por sangue se virou.

Todos viram a mesma coisa. Um navio velejando ao lado do *Notumo*. Outro galeão. E, no convés, orgulhoso e alto como sempre, um rosto do passado. Um rosto do passado de todos eles — e agora, talvez, de seu futuro também.

Sidório.

Ele acenou para o capitão. O capitão olhou-o de volta, balançando a cabeça.

— Achei que você havia partido de vez.

Sidório mostrou os dentes num riso.

— Não vamos desperdiçar nosso tempo aqui, certo? Você nunca vai me destruir, portanto é melhor parar de tentar e se acostumar a me ver por perto.

— Nunca — reagiu o capitão. — Enquanto meu corpo respirar, não hesitarei diante de nada para eliminar você.

Darcy sorriu. Havia força de novo no sussurro do capitão.

Sidório deu de ombros.

— Parece que alguém não sabe perder.

Stukeley riu disso. E seu riso se mostrou contagioso. Darcy apertou os ouvidos.

Ouvi-lo zombando do capitão, depois de tudo que ele havia feito, era demais para suportar.

— Belo trabalho, Stukeley! — gritou Sidório. — Eu sabia que você era o homem certo para o serviço! Você é charmoso como o diabo! Agora não vamos perder mais tempo. Todos vocês estiveram esperando muito por isso. Venham amigos. Venham a mim! Seu novo navio os espera. É somente temporário, vejam bem. Logo teremos algo maior!

Ao dizer isso, ele acenou para eles indicando que fossem até lá. Stukeley foi à frente. Subiu na amurada e se lançou alto no ar noturno, dando um salto mortal e pousando no convés ao lado do capitão renegado.

— Viram isso? — gritou Sidório aos outros. — Vocês também podem fazer! Cada um de vocês. Venham, experimentem. Vocês não conhecem o alcance de seus poderes! — Ele apontou para o capitão. — Ele privou vocês de sangue, manteve vocês fracos como cachorrinhos de estimação, quando devem correr selvagens como lobos. Agora aprenderão o que eu aprendi. Que, quanto mais sangue tomamos, mais fortes ficamos. Aquilo que nos ensinaram a rejeitar é exatamente o que devemos abraçar.

— Não — disse o capitão balançando a cabeça. — Não, isso é tudo mentira. Vocês verão! — Sua capa tremeluziu momentaneamente com luz.

— Em quem vocês acreditam? — perguntou Sidório. — Em quem se esconde atrás da máscara? Em quem se esconde em sua cabine? Em quem sussurra como uma criança apavorada? Ou em mim?

Nisso os vampiros renegados foram para a borda do navio e começaram a saltar.

— Isso mesmo! — gritou Sidório, obviamente adorando. — Muito bem! E isto, isto é apenas o começo!

Darcy virou-se para o capitão, esperando que ele fizesse algo mais para impedir aquilo. Ele parecia imobilizado. Agora sua capa estava escura. Ela ficou assistindo com horror enquanto cada um deles pulava do navio, até o último rebelde.

Até que apenas ela e o capitão permaneceram no convés do *Noturno*. Só eles e os doadores agarrados à amurada, ainda paralisados de medo.

A bordo do outro galeão, que não tinha nome, os rebeldes estavam numa empolgação tremenda. Stukeley passou por eles indo até a amurada e gritou para ela.

— Então, você não vem, Darcy? Não vai se juntar a nós?

Ela balançou a cabeça. Desta vez não tinha lágrimas. Não deixaria que ele a visse chorar.

— Tem certeza? — gritou ele. — Nós poderíamos ter um lindo futuro, você e eu!

— *Lindo?* Você não sabe o que essa palavra significa! — gritou ela, com raiva.

A bordo do navio rebelde, estavam zombando dela.

— Esqueça ela — Darcy ouviu um deles gritar para Stukeley. — É só um pedaço de madeira!

— É — gritou outro. — Se você gosta de madeira velha, tem muito mais no lugar de onde essa aí veio!

Ela já estava farta. Não ficaria parada recebendo esses insultos. Virou-se para o capitão, mas ele parecia atordoado demais para falar. Suas mãos cobertas pelas luvas estavam cruzadas sobre o peito.

Olhando para trás para o convés, viu mais Vampiratas chegando. Sua primeira sensação foi de que a rebelião continuaria, mas ficou aliviada ao ver que aqueles colegas

estavam tão chocados e perplexos quanto ela. Seus olhos eram límpidos e eles não mostravam qualquer indício de ter tomado sangue naquela noite.

— O que aconteceu aqui? — perguntou um deles.

Darcy se virou para o capitão, esperando que ele controlasse os tripulantes, como ele sempre fazia. Mas ele parecia ter ficado sem palavras. Permaneceu parado, imóvel como uma pedra olhando o outro navio. Instigados por Sidório, os Vámpiratas renegados gritavam palavrões enquanto partiam para longe.

Darcy se virou e encontrou o convés do *Noturno* apinhado de novo. A chegada de mais Vámpiratas havia claramente aterrorizado os doadores, que se agarravam freneticamente às bordas do navio. Mas o perigo havia passado.

— Está tudo bem — gritou ela, os olhos abarcando os doadores e os vampiros. — Está tudo bem. Houve uma situação terrível aqui em cima e alguns tripulantes nos deixaram. Mas estamos melhor sem eles.

Ela viu gestos de confirmação pelo convés.

— Certo — disse. — Vamos voltar às nossas cabines. — E se virou para os doadores. — Venham, soltem a amurada. Ninguém vai machucá-los agora. Você estão em total segurança.

Ficou olhando enquanto, para sua surpresa, os doadores começavam a obedecer. Os vampiros que permaneciam os ajudavam, oferecendo conforto.

Por fim, apenas Darcy e o capitão permaneceram no convés. Ele estava recolhido em si mesmo, ainda olhando o mar, apesar de o navio de Sidório já ter ido para longe, para o fundo da noite. Darcy tocou-lhe no braço. — Fiz certo, capitão? Eu falei a coisa certa?

Ele esperou um tempo antes de falar.

— Darcy, obrigado.

— Por que o senhor não fez alguma coisa? Por que não tentou impedi-los?

Houve um momento de silêncio. Então a cabeça do capitão baixou mais, e seu sussurro, de tão fraco, ficou praticamente inaudível.

— Eu tentei, Darcy. — O sussurro estava ficando mais fraco ainda. — Tentei, mas não tive força.

— Mas o senhor... — Ela estava quase sem fala. — O senhor nunca falha conosco.

— Estou ficando fraco, Darcy. — Sua voz era distante. — Não sei quanto tempo resta.

— Não! Eu vou ajudá-lo. Só me diga o que fazer.

— Não sei. Desta vez não tenho as respostas.

Darcy ficou olhando, horrorizada, enquanto o capitão se inclinava e tombava no convés, a capa esparramada ao redor. Houve uma breve fagulha de luz na capa. Depois a escuridão.

— Acabou — sussurrou ele. — Agora tudo acabou.

Aterrorizada, Darcy olhou para as velas. Também estavam absolutamente apagadas.



CAPÍTULO 43

De volta à Academia dos Piratas

O Sol estava se pondo num céu vermelho-sangue enquanto Connor velejava na direção do arco de pedra que marcava os limites da Academia dos Piratas. As grandes tochas já haviam sido acesas sob ele, com as chamas lambendo as pedras e iluminando o lema da academia:

**Fartura e Sacidade,
Prazer e Conforto,
Liberdade e Poder.**

Apenas alguns meses antes ele havia passado pela primeira vez sob o arco e perguntado a Cheng Li o significado de sacidade. “Ter tudo que você quer, e depois todo o resto”, havia dito ela, com um sorriso. Na lembrança, esse momento parecia ter acontecido séculos antes. Na época ele era criança — cheio de empolgação com o que a Academia tinha para oferecer. Durante seus dias na Academia, ele havia sido lisonjeado pelos professores — em especial pelo diretor — e levado a pensar que uma carreira como um grande pirata o esperava. Agora esses sonhos haviam sido despedaçados. Muita coisa havia mudado. Ao redor e dentro dele.

O lema prometia uma vida muito feliz como pirata — uma vida de riqueza e prazer infinitos, mas também de poder e liberdade. Tudo parecia fantástico na teoria, mas uma coisa que o lema deixava de dizer era o preço a pagar. Ah, sim, todas aquelas riquezas poderiam ser suas, se você pudesse se resignar ao ato de matar. Não, não apenas se *resignar*, mas aprender a gostar disso. Matar. Matar. Matar. Mais e mais e mais.

O céu, de um vermelho vivo, era uma lembrança nítida do sangue espirrando do ferimento da vítima. *Não pense nisso*, pensou ele, fechando os olhos. Dentro da cabeça a cena era mais nítida ainda — como um pedaço de filme, pronto para ser exibido repetidamente. Abriu os olhos outra vez, agradecido por ver que o pôr do sol estava se

desbotando depressa e a escuridão diminuía a força do vermelho.

Continuou velejando, olhando as construções da Academia no topo do morro. As janelas estavam iluminadas contra o céu escuro e ele podia ver as silhuetas dos alunos e professores se movimentando lá dentro — indo ou vindo do jantar, sem dúvida, depois voltando para as últimas aulas do dia. Era melhor esperar antes de atracar o barco e ir pelos gramados. Esperar até que o último sino tocasse e os estudantes cansados despencassem nos dormitórios.

Enquanto velejava até o cais, procurando um lugar onde poderia ficar esperando, sob a cobertura dos salgueiros, foi atacado por lembranças de seu breve tempo na Academia dos Piratas. Lembrou-se do primeiro encontro com o comodoro Kuo e o primeiro vislumbre da galeria de espadas na Rotunda ou no “Polvo”, como os garotos haviam apelidado o lugar. Pensou em sua espada — agora enferrujando no fundo do oceano. Sabendo de sua sorte, imaginou que ela provavelmente havia se cravado num golfinho a caminho do leito do mar. Lembrou-se das aulas — Oficina de Combate e SME —, a corrida matinal comandada pelo capitão Platonov. O barulho do cascalho sob os pés e o gosto de sal no ar matutino. O sentimento de fazer parte enquanto corria pelos terrenos da Academia, com Jacoby e Jasmine ao lado. Jacoby Blunt, seu novo melhor amigo... ou pelo menos ele havia pensado. Mas Jacoby o havia traído, instigado pelo diretor. Pensou na luta ensaiada, na “lagoa da Perdição”, onde Jacoby havia tentado feri-lo de verdade. Mas na hora Jacoby havia fracassado. Connor imaginou se isso teria selado seu destino na Academia. A Federação dos Piratas não procurava protegidos que falhassem.

Tinha sido uma época estranha e confusa para ele, mas, mesmo tendo terminado mal, Connor ainda não conseguia evitar uma certa empolgação com o lugar. A sensação de energia e otimismo era tão tangível ali que quase era possível tocá-la, segurando-a nas mãos como as romãs abundantes que amadureciam no solo fértil da Academia. Os garotos vinham com sonhos de se tornarem grandes piratas. Garotos como os da aula de Nós da capitã Quivers, que haviam olhado arregalados para Connor e Grace, bombardeando-os com perguntas sobre como era velejar num verdadeiro navio pirata. Na época ele havia falado com entusiasmo sobre a vida a bordo do *Diablo*. Agora poderia responder às perguntas de modo bem diferente. “*Esqueçam seus nós e suas habilidades de navegação. Esqueçam frescama como pensarem nomes para seu navio e costurar sua versão da bandeira com o crânio e as tibias. Concentrem-se apenas numa questão. Estão preparados para matar? Isso é realmente tudo que importa.*” Pensando bem, provavelmente não era boa ideia passar na aula de Nós da capitã Quivers durante sua visita de retorno e compartilhar sua sabedoria recém-adquirida.

De repente Connor escutou vozes, risos. No mesmo instante abaixou-se no barco, depois se levantou cautelosamente para olhar por cima da borda. Em meio aos galhos dos salgueiros, as lanternas do jardim iluminavam duas figuras que corriam até a beira d’água. Quando pararam, o coração de Connor se encolheu. Eram Jacoby Blunt e Jasmine Pavão. Logo eles! Não deveriam vê-lo. Escorregou de novo para o fundo do barco, esperando que os dois continuassem seu caminho. Eles ficaram em silêncio por um momento e Connor só podia ouvir um estranho som farfalhante. Depois mais risos. Depois o nítido som de algo caindo na água, seguido por um grito.

— Eu pulei! Agora é sua vez! — Era a voz de Jacoby. Sem dúvida. Ele estava na água, assustadoramente perto do barco de Connor, pelo som. — Venha, Jasmine.

Aposta é apostal

— Está fria? — Connor reconheceu a voz de Jasmine e precisou se segurar para não dar uma olhada na garota mais linda da Academia dos Piratas.

— Fica boa, depois que a gente entra e se mexe um pouco — gritou Jacoby, espadanando mais um pouco.

— Certo. Lá vou *eeeeeeent*

Outro som de mergulho e depois um guincho e muitas mais gargalhadas.

— Você é um mentiroso, Jacoby Blunt! Está *gelaaaaaada!*

— Então venha nadar. Logo você vai se aquecer.

O coração de Connor estava martelando. *Não nadem para cá, desejou ardentemente. Nadem para o porto.*

— Aposto corrida com você até os salgueiros! — gritou Jacoby.

Fantástico! Fantástico mesmo! Agora era só questão de tempo. Connor ficou deitado, tentando decidir o que fazer. Não havia tempo para velejar até o cais. Qualquer movimento apenas os alertaria mais depressa de sua presença. O melhor plano que pôde bolar era simplesmente ficar ali deitado, mantendo-se o mais imóvel possível junto com o barco. Desse modo havia uma chance — ainda que pequena — de eles continuarem nadando numa ignorância abençoada.

— *Uhuaaaa!* Ganhei! — Connor escutou a voz de Jacoby gritando. Ele devia ter chegado aos salgueiros.

— Não é justo! Você começou a nadar antes de eu ficar pronta.

— Ah, Jasmine, que desculpa esfarrapada!

— Revanche! O primeiro a chegar de volta no cais!

Issô! Connor poderia ter dado um soco no ar.

— Espera um minuto! Aquilo ali é um barco?

— Parece.

— O que está fazendo aqui? Não tem pontos de atracação aqui.

Quando Connor percebeu, estava olhando para os ombros quadrados e o rosto inquisitivo de Jacoby Blunt sobre a borda do bote. Ficou deitado, sem saber o que fazer, enquanto Jacoby entrava no bote e caía, pingando, sobre ele.

— *O quêeee?* — Jacoby encolheu-se, confuso.

Connor empurrou o corpo escorregadio de Jacoby para longe dele.

— Connor!

— Olá, Jacoby.

— O que você está fazendo aqui? Você é a última pessoa que eu esperava...

De repente Connor percebeu que Jacoby estava totalmente nu. Virou a cabeça.

— Será que você podia...? — Sem graça, começou a balançar as mãos. — Será que você podia?

— O quê? Ah, sim! — De repente Jacoby também percebeu esse fato e procurou algo para se cobrir. — Você tem... é... alguma coisa?

Com os olhos virados para outro lado, Connor procurou no fundo do barco e encontrou uma bandeira reserva. Estendeu-a.

— Obrigado — disse Jacoby, amarrando-a na cintura. — Certo, a barra está limpa.

Abrindo os olhos, Connor ficou aliviado ao ver que Jacoby havia enrolado a bandeira como se fosse um sarongue.

— Connor! — disse Jasmine, com o rosto surgindo na borda do bote. Ele

presumiu que ela também estivesse nua, pelo modo como se manteve cuidadosamente na água.

— Oi, Jasmine. — Mesmo contra a vontade, ele sorriu. — Então, quando foi que vocês começaram a nadar pelados juntos?

— Ah, você sabe, é só... — disse Jasmine, atabalhoada.

— Foi uma aposta! — disse Jacoby. — Ela disse que iria, se eu fosse.

— Sei — respondeu Connor.

— Mas então — disse Jacoby, sentando-se à vontade no bote —, o que o traz de volta à velha Academia, irmão?

Irmão? Será que Jacoby não se lembrava de como haviam se separado da última vez em que se viram? Ou simplesmente era incansavelmente animado? Connor não sabia dizer.

— É, Connor — disse Jasmine. — Nós achamos que nunca mais iríamos vê-lo. Pelo menos não aqui.

— Eu tive que voltar. Preciso conversar uma coisa com Cheng Li. — Ele suspirou.

— Parece sério — observou Jasmine.

— É — concordou Jacoby. — Devo dizer, Connor, que você está com uma aparência péssima, meu chapa.

Connor baixou a cabeça. Vê-los apenas o lembrou ainda mais como sua vida havia se complicado.

— As coisas não têm andado muito bem para mim.

— O que houve? — perguntou Jacoby.

— A questão — disse Connor — é que não sei se posso confiar em você.

Jacoby assentiu.

— Eu sei. Eu sei. Depois da última vez. Claro que você iria se sentir assim. Mas eu era seu amigo, Connor. Sei que deixei você na mão, mas era seu amigo e, como falei antes de você ir embora, eu faria qualquer coisa para consertar a situação.

Connor olhou nos olhos de Jacoby, pensando no que fazer. Jacoby parecia inocente como um cachorrinho. Era difícil acreditar que ele tivesse algum traço ruim em si. Mesmo assim, ele tinha feito o trabalho sujo do diretor.

— Ele está falando sério — disse Jasmine, implorando com seus olhos encantadores. — Ele sempre fala de como se arrependeu do que fez. Que faria qualquer coisa para recuperar sua confiança.

Connor se virou de volta para Jacoby e tomou uma decisão.

— Certo. Preciso de um favor. Mas não quero entrar em detalhes. Pelo menos por enquanto. Só preciso ir aos aposentos de Cheng Li. Só que ninguém mais deve saber que estou aqui. Entenderam?

Jacoby assentiu.

— É tão simples que nem precisamos de um plano inteligente. — Ele sorriu. — Sério, Connor. Isso nem aparece no favorímetro. Vamos chegar lá num instante. Só deixe a gente se vestir.

— É a melhor ideia que você já teve — disse Connor, rindo. — Sua barriga de tanquinho está me dando um tremendo complexo de inferioridade.

Assim que Jacoby e Jasmine se enxugaram rapidamente e se vestiram, os três subiram a colina em direção ao conjunto de prédios da Academia. Jacoby ia adiante, com Connor mantendo-se nas sombras e Jasmine cobrindo a retaguarda.

— Cuidado! — sussurrou Jacoby de repente. — A capitã Quivers, na posição duas horas.

— Jacoby! — soou a característica voz cortante de Lisabeth Quivers. — Jacoby Blunt? É você?

— Olá — gritou ele, animado, empurrando Connor para uma moita de rododendros ali perto e segurando a mão de Jasmine.

— Ah, Jasmine. O que vocês dois estão fazendo aqui fora?

— Ora, capitã Quivers — disse Jacoby —, a senhora faz parecer que há alguma coisa errada em dar um passeio nesses belos jardins numa noite linda com uma jovem dama maravilhosa.

A capitã Quivers deu um risinho.

— Não há nada de errado nisso. Absolutamente nada.

— E a senhora? — insistiu Jacoby, afastando-se com Jasmine do rododendro.

— Eu? Eu sempre dou um passeio pós-prandial.

Jacoby riu.

— Não faço ideia do que isso significa. Mas parece ótimo.

— Significa “depois do jantar” — disse a capitã Quivers. — É uma grande vergonha não incluírem latim no currículo daqui. Sempre achei bastante útil. — Ela suspirou. — Bom, vou deixar vocês dois. Você parece molhada, Jasmine. Houve alguma chuva localizada no caso? — Com um pequeno movimento de cabeça e um sorriso enigmático, a excêntrica professora continuou andando toda alegre.

Quando ela estava fora do alcance, Connor correu pelo caminho para se juntar de novo a Jacoby e Jasmine.

— Acho que agora a barra está limpa — disse Jacoby. — Mas vamos até os aposentos da Srta. Li com você, só para garantir.

Afastando-se do caminho de cascalho, foram diretamente pelos gramados escuros e bem cuidados em direção ao prédio onde ficava o quarto de Cheng Li.

A luz do quarto dela estava acesa e eles puderam vê-la trabalhando à sua mesa, diante da janela. Estava concentrada em alguma coisa, escrevendo furiosamente com sua inconfundível caneta.

— Missão cumprida! — disse Jacoby, pondo a mão no ombro de Connor.

— Boa sorte! — Jasmine deu um beijo na bochecha dele. O toque foi leve como o de uma borboleta, mas varreu-o como uma onda. Era bom que ele estivesse apenas fazendo uma visita. Caso contrário, as coisas poderiam se complicar.

— Vamos deixá-lo — disse Jacoby, já se afastando. — Mas se precisar de alguma coisa...

— Certo — assentiu Connor, os olhos fixos na janela adiante.

— Foi bom ver você de novo, Connor — disse Jasmine, virando-se e acompanhando Jacoby pelo caminho. — Cuide-se!

Connor ficou parado um momento, observando Cheng Li, imaginando se teria sido uma boa ideia, afinal de contas. Depois avançou e levantou a mão para bater na janela. Quando fez isso, ela levantou os olhos. Como sempre, não revelou medo nem

surpresa. Em vez disso, sorriu, pousou a caneta tinteiro e, com um estalar de dedos, chamou-o para dentro.



CAPÍTULO 44

Colapso

— Deixe-me entrar! Deixe-me entrar! Por favor, deixe-me entrar!

A jovem se lançava contra o portão, seus gritos se transformando em soluços.

— Quem é você? — perguntou o guarda.

— Darcy Flotsam. Vim do *Notumo*. O capitão... o capitão teve um colapso. Ele precisa da ajuda de Mosh Zu Kamal.

O guarda abriu o portão e Darcy entrou correndo. Passou pelo guarda e entrou no pátio, chocando-se contra um rapaz que empurrava um carrinho. Os dois, e mais o carrinho, despencaram no chão. O carrinho estava cheio de cestos, que voaram pelo pátio.

— Você está bem? — perguntou Olivier, ajudando Darcy a se levantar.

— Não! — gritou ela. — Não, não estou bem! Preciso da sua ajuda. Preciso da ajuda de Mosh Zu Kamal!

— Tudo bem — respondeu Olivier. — Você veio ao lugar certo. — Vendo a urgência nos olhos dela, largou o carrinho. — Venha comigo! — disse, pegando a mão dela. Por cima do ombro, gritou ao guarda: — Luka, por favor guarde o carrinho, salve o que puder do que sobrou nos cestos e ponha selas em duas mulas. O mais rápido que puder!

Luka assentiu, partindo para a ação, enquanto Olivier saía correndo com Darcy.

— Eu estive aqui, há muito tempo — disse Darcy enquanto os dois paravam de correr e passavam a andar rapidamente pelo corredor, em direção aos aposentos de Mosh Zu.

Olivier assentiu.

— E desde então esteve viajando no *Notumo*?

— Sim. O capitão tem sido muito bom comigo. Com todos nós. Não consigo nem pensar...

— Tente ficar calma. Você precisa contar a Mosh Zu o que aconteceu. Olhe, os aposentos dele ficam logo adiante.

A porta estava aberta, e, depois de bater rapidamente, Olivier empurrou-a. Viu Mosh Zu e Grace começando, ou talvez terminando, uma meditação. Os dois pararam e se levantaram enquanto os outros entravam.

— Desculpe por interromper — disse Olivier.

— Está tudo bem. — Mosh Zu avançou. — Darcy Flotsam. — Deu-lhe um sorriso caloroso. — Bem-vinda de volta ao Santuário.

— Darcy! — exclamou Grace. E correu para abraçar a amiga. — Que bom ver você!

— Ah, Grace, é tão bom ver você também! — Ela olhou para Mosh Zu. — E o senhor também, senhor Kamal, claro! Mas não estou fazendo uma visita social. Tenho notícias terríveis. Simplesmente terríveis!

— Sente-se — disse Mosh Zu, conduzindo Darcy a uma cadeira. — Subiu a montanha sozinha?

Darcy confirmou com a cabeça.

— Tive que fazer isso. Tive! O capitão não podia. Ah, é horrível demais. Simplesmente horrível!

— Podemos lhe servir um pouco de chá? — perguntou Mosh Zu. — Algo para fazê-la se recuperar da viagem?

Darcy balançou a cabeça. Parecia prestes a cair no choro de novo, mas conseguiu se segurar.

— Preciso lhe contar o que aconteceu.

— Claro — disse Mosh Zu. — Esteja à vontade.

— Houve uma rebelião no *Notumo*. Desta vez não foi só um ou dois Vampiratas. Eram trinta ou mais. Sidório tramou tudo. Ele mandou um dos seus... acho que poderíamos dizer um dos seus tenentes... para o navio. Jez... Stukeley...

Ao som do nome, Darcy e Grace se entreolharam. Grace percebeu instantaneamente a profundidade da dor de Darcy.

— Ele chegou ao navio e implorou que o capitão o ajudasse. O capitão o acolheu e todos achamos que Jez era um... um bom sujeito. Ele era muito charmoso. Eu me senti atraída por ele. Fui tão idiota! Parece que o tempo todo ele estava conversando com os outros tripulantes, vendo que vampiros tinham mais probabilidade de se rebelar, plantando as sementes do descontentamento nas cabeças fracas, falando sobre um outro navio em que as coisas seriam diferentes.

Mosh Zu balançou a cabeça, gravemente.

— Eu temia que esse dia chegasse. Mas não esperava que fosse tão cedo. — Grace estremeceu. Devia ser uma ameaça realmente grave, para ter pegado o capitão e Mosh Zu de surpresa.

— Tudo culminou esta noite — continuou Darcy — Jez... Desculpe, Stukeley.. Stukeley matou sua doadora, Shanti...

— Shanti está *morta*? — Grace ficou profundamente chocada. Não havia afeto entre ela e a doadora, mas, mesmo assim, era um abalo terrível pensar que ela estava morta.

— Foi morta por causa do sangue. E mais vinte doadores, massacrados por seus próprios parceiros de sangue. Outros escaparam com ferimentos horríveis. Subiram até o convés. Eu estava lá com o capitão. A princípio não entendemos. Era simplesmente medonho. Então os Vampiratas chegaram, os que Stukeley havia recrutado. Dava para ver que haviam tomado sangue demais. Disseram coisas terríveis, malignas, para o

capitão. — Ela respirou fundo. — E então surgiu ao lado um outro navio...

— Sidório! — disse Grace.

— É — confirmou Darcy. — O exilado tenente Sidório, que gritou para os outros se juntarem a ele. E eles fizeram isso, voando pelo ar, como se ele tivesse colocado todos em transe, ou algo assim. Foi uma das piores coisas que já vi, e já vi muita coisa.

— E o capitão? — perguntou Mosh Zu.

— Isso é o pior de tudo. Achei que o capitão iria assumir o controle. Mas é como se ele estivesse ferido, muito profundamente. Parece que está fraco demais. Ele desmoronou no convés. Desde então mal disse uma palavra. Pediu que eu trouxesse o navio para cá...

— *Você* guiou o navio até aqui? — perguntou Grace.

Darcy confirmou. Grace ficou ao mesmo tempo tremendamente orgulhosa da amiga e agora ainda mais preocupada com o capitão.

— Ele me orientou, mas quando chegamos estava fraco demais para subir até aqui, por isso vim sozinha.

— Os outros Vampiratas — disse Mosh Zu agora —, os que estão no navio, há algum perigo de se rebelarem também? De tentarem fazer algum mal ao capitão?

Darcy balançou a cabeça.

— Não. Não, estão cuidando dele. Eles amam o capitão. Todos amamos o capitão. Os rebeldes foram embora. Agora será um navio melhor. Se ao menos... se ao menos o senhor puder ajudá-lo.

— Sim — disse Mosh Zu. — Claro que ajudaremos. — Ele deu as costas a Darcy — Olivier, leve Dani e peguem o capitão. Selem as mulas!

— Isso já foi feito — respondeu Olivier, virando-se e saindo rapidamente da sala.

Com a história contada, o serviço feito, Darcy afundou de novo na cadeira, totalmente exausta. Grace foi abraçá-la. O corpo de Darcy parecia frouxo de exaustão.

— Darcy Flotsam — disse Mosh Zu. — Você foi uma verdadeira heroína esta noite.

— Só fiz o que era necessário para ajudar.

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Você fez mais do que isso, Darcy. Acabou de salvar o capitão do fim. Obrigado! — Em seguida se virou para Grace. — Acho que Darcy deve descansar. Será que você poderia levá-la ao seu quarto e deixá-la confortável? Um pouco de chá de frutas pode ser boa ideia, também.

Grace confirmou com a cabeça.

— Sem problema.

— Obrigado, Grace. Vou preparar a câmara de cura para o capitão. Talvez tenhamos de agir muito depressa quando ele chegar. Assim que tiver acomodado Darcy volte para cá, por favor. Ficarei agradecido por sua ajuda.

— Está bem. — Grace pegou a mão de Darcy. — Venha Vamos a um local onde você possa descansar.

Quando retornou aos aposentos de Mosh Zu, Grace encontrou-o ocupado na câmara de cura, acendendo velas e espalhando ervas aromáticas nas extremidades da sala.

— Como Darcy está? — perguntou ele, virando-se quando Grace entrou.

— Agora está dormindo. Dei um pouco de chá e conversamos um pouquinho. Depois ela logo caiu no sono.

— Bom. É disso que ela precisa, depois do que passou.

— Ela se saiu bem esta noite, não foi?

Mosh Zu assentiu.

— Acho que ela surpreendeu a si mesma. Mas não a mim.

— Nem a mim — disse Grace. — Eu sempre soube que ela era forte.

Olhou a sala ao redor, percebendo a longa bancada onde o capitão ficaria deitado para o diagnóstico. Sentiu um pânico súbito.

— Você acha que pode salvá-lo?

— Devo ser honesto com você. Simplesmente não sei. Não sei com o que estou lidando, enquanto ele não chegar.

Grace estremeceu.

— Você disse que ele corria perigo. Disse que um novo tempo estava chegando e que ele precisava ser mais forte para isso.

— É. Mas nem eu percebi como as coisas iriam mudar depressa.

Depois de terminar os preparativos, os dois saíram da câmara de cura e foram para a sala de meditação de Mosh Zu.

Nesse momento ouviram sons no corredor.

— São eles? — perguntou Grace. — Já voltaram?

Saíram ao corredor e encontraram Olivier andando rapidamente, enquanto outros três carregavam o capitão. Grace mal podia olhar. A simples visão do corpo do capitão envolto na capa, meio tombado sobre os ombros deles, era aterrorizante. Ele parecia fraco demais. Muito perto do fim.

— Bom trabalho — disse Mosh Zu. — Tragam-no para câmara de cura.

Grace ficou olhando enquanto eles o levavam. Demorou-se no corredor. Foi então que ouviu uma sineta. Era um som minúsculo, mas, apurando os ouvidos, escutou com clareza cada vez maior. Era a sineta de Lorcan — a que ficava em sua mesinha de cabeceira para o caso de ele precisar de ajuda.

Virou-se para Mosh Zu. Ele assentiu.

— Tudo bem, Grace. Vá vê-lo. Veja o que ele quer e volte para cá. — Ela confirmou com a cabeça e saiu. — Espere! — gritou Mosh Zu, fazendo-a parar. — Uma coisa, Grace. Independentemente do que haja de errado com ele, não fale sobre o capitão, entendeu?

Ela assentiu, depois se virou e começou a correr. O som da sineta estava ficando cada vez mais urgente. Qual seria o novo problema dele? Teria sentido o caos que acontecia no andar de cima? Será que seu ferimento tinha piorado, de algum modo? Ela não suportava pensar em Lorcan sofrendo mais. Porém, tinha que afastar todos esses pensamentos. Trincou os dentes e foi correndo até o quarto.

Passou pela sala de recreação. Será que Johnny estaria ali? Viu o tabuleiro arrumado para um jogo, mas seu rápido olhar não indicou nenhum sinal de Johnny. Não tinha tempo para entrar e olhar. O sino tocou de novo. Precisava chegar até Lorcan, salvá-lo de qualquer nova dor que ele estivesse sentindo.

Por fim chegou à porta e empurrou.

— Lorcan! Vim o mais rápido que pude. Sou eu, Grace.

Ele estava sentado na cama. Quando ela entrou no quarto, Lorcan deixou a sineta

cair, pousando sobre as roupas de cama, perto das bandagens arrancadas.

— Posso ver quem é, Grace — disse ele com um sorriso. — Posso ver exatamente quem é.

— Como assim? — Grace não podia acreditar nos próprios ouvidos.

— Seu cabelo cresceu desde a última vez que te vi! Está muito bonito!

— Ah, Lorcan — disse ela, correndo para abraçá-lo. — Você pode me ver! Você pode me ver!

— Consigo. — Ele pegou sua mão. — E agora acho que finalmente entendo aquela velha expressão: um alívio para os olhos cansados.



CAPÍTULO 45

A mentora

Connor entrou na sala de Cheng Li e imediatamente se afastou da luz.

— Dá para fechar a cortina? — pediu. — Não quero ser visto.

No mesmo instante Cheng Li fechou a cortina.

— Também posso diminuir as luzes, se você achar necessário — disse.

— Só não quero que ninguém saiba que estou aqui.

— Vou tentar não levar isso para o lado pessoal — disse ela, olhando-o atentamente. — Devo dizer que você é a última pessoa que eu esperava ver entrando na minha sala.

Ele a encarou de volta, lembrando-se da última vez em que a tinha visto, pouco depois da luta com Jacoby na Laguna da Perdição. Estava com raiva de Cheng Li. Tinha se sentido traído por ela. Ela e o comodoro Kuo haviam brincado com ele, com suas ambições e emoções. Connor se lembrou das palavras que ela havia dito: *Você pode não gostar muito de mim neste momento, mas há coisas que você não entende.*

— No que está pensando? — perguntou ela.

— Na última vez em que nos vimos.

Ela assentiu.

— Você estava com raiva de mim, Connor — disse Cheng Li em tom casual. — Ainda está?

Ele balançou a cabeça.

— Não; de você, não. — Era verdade. De algum modo a questão de saber se ela o havia traído ou não tinha pouca importância agora.

— Bom — disse ela. — Mas, só para constar, não havia um plano sinistro para mutilar você. Só estávamos testando sua capacidade de luta, vendo do que você era feito. O comodoro Kuo pensou, e na verdade ainda pensa, que você vai ser de grande valor para a Federação dos Piratas.

— É, agora eu entendo.

Isso não significava que ele gostasse, nem um pouco, mas aceitava que ela estava dizendo a verdade.

— E, de fato, aquilo nos mostrou do que você era feito. Você não somente provou sua habilidade em combate. Também mostrou como considera importantes a lealdade e a honestidade. — Ela sorriu. — Pode-se dizer que você é que nos deu uma lição.

Connor ficou um pouco pasmo, tanto pelas palavras quanto pelo sorriso de Cheng Li. Ela era muito volúvel. A cada vez que a encontrava depois de uma separação, ela parecia ter se metamorfoseado e evoluído para algo ligeiramente diferente. Era impossível prever o que ela seria, aonde iria em seguida. Isso a tornava fascinante e bastante perigosa.

— Então o passado está resolvido entre nós? — perguntou ela.

Connor assentiu.

— Está.

Tinha coisas muito mais importantes para conversarem agora. Se ao menos pudesse arranjar um modo de começar...

Ela sorriu de novo.

— Bom, independentemente do que o tenha trazido, Connor Tormenta, é bom ver você.

Connor ainda estava procurando as palavras certas. Mas, olhando ao redor, pegouse distraído — atraído para o mundo de Cheng Li. Em muitos sentidos era uma distração bem-vinda. Ele andava lutando com seus demônios interiores fazia um longo tempo. Era bom ser lançado no mundo de outra pessoa — um mundo em que, como sempre, havia muita coisa acontecendo. Olhando a sala ao redor, viu pilhas de papéis em toda parte — registros, mapas, anotações presas à parede e empilhadas no chão, na mesa e no sofá. Caos organizado caos *muito* organizado.

— Parece que você está ocupada — disse ele, indicando os papéis.

— Ocupada é pouco. Você teve sorte de me encontrar. Vou tirar uma semana de licença. Tenho uma viagem de negócios amanhã. Bom, para ser mais exata, uma viagem de compras.

Viagem de compras? Não parecia nem um pouco a Cheng Li que Connor conhecia. Ele levantou os olhos com surpresa.

— O comodoro Kuo vai lhe dar uma semana de licença da Academia para fazer *compras*? Estou surpreso em saber que a Academia pode dispensar você até mesmo por uma semana.

Cheng Li se recostou na mesa.

— Logo vão ter que me dispensar por muito mais tempo do que isso. Vou deixar a Academia, Connor.

— Mas você acabou de voltar para cá!

— É que eu me movo rápido. Qual é! Você me conhece Connor. Sou ambiciosa. Esse cargo de professora era apenas temporário. Uma paradinha, na verdade. Além disso, a Federação dos Piratas prefere que os professores da Academia tenham sido capitães. — Ela fez uma pausa. — Quer um pouco de chá?

De repente Connor montou o quebra-cabeça de papéis na sala — os mapas, os projetos, as pilhas de currículos bem debaixo do seu nariz.

— Você vai ser capitã, não é? A Federação está lhe dando o seu próprio navio!

Cheng Li assentiu, incapaz de impedir que o sorriso se espalhasse no rosto.

Mas Connor não precisava ver o sorriso para saber como ela devia estar feliz com essa notícia. Era o objetivo pelo qual Cheng Li havia trabalhado durante toda a sua curta vida. Seu período como subcapitã do *Diablo* deveria ter sido o aprendizado, mas isso havia terminado mal, e agora, percebeu ele, a própria Federação a havia chamado para o porto seguro da Academia dos Piratas. Mas dar aulas nunca havia sido o forte de Cheng Li, pelo menos não em terra. Ela estava se coçando para ir aos oceanos e criar uma reputação tão gloriosa quanto a de seu pai — o grande Chang Ko Li, “o melhor dos melhores”. E agora estava pronta para partir nessa jornada épica. Apesar do torpor, Connor sentiu uma felicidade enorme por ela. Teve uma vontade súbita de abraçá-la. Se ela fosse Grace, Jasmine ou até mesmo Cate, ele talvez fizesse isso. Mas, de algum modo, abraços e Cheng Li não combinavam muito. Em vez disso, deu um soco de leve no braço dela e disse:

— Bom, isso é fantástico. Fantástico mesmo! Já decidi como vai chamar seu navio?

— Ainda estou pensando — disse ela, apontando para um pequeno caderno onde estava escrito *Nomes de navios*. — Se você tiver alguma boa ideia, acrescento à lista.

— Uau! — exclamou ele. — Isso é uma *grande* notícia. Então, quando você assume o comando?

— Dentro de duas semanas, talvez antes. Tudo depende de quando o navio estiver pronto. Isso não cabe a mim, o que é bom, porque há muitas outras coisas a organizar. — Ela mal respirou antes de ir em frente. — E, neste momento, não tenho tripulação, de modo que tudo fica por minha conta. Bom, pelo menos desse modo sabemos que tudo será feito do modo certo. Por isso deixarei a Academia amanhã de manhã. Vou partir para a ilha Lantau, pegar as armas que o ferreiro fez para mim... — Cheng Li parou por um instante e olhou-o de cima a baixo. — Onde está a *sua* espada, Connor?

Ele afastou o olhar, sentindo-se embaraçado outra vez.

— Na verdade — disse ele —, acho que vou querer sim aquele chá.

— Excelente. — Cheng Li não pressionou mais por respostas. — Uma pausa no trabalho vai me fazer bem. Arranje um espaço para você no sofá, mas não bagunce nenhuma dessas pilhas. — Ela foi na direção da pequena cozinha, mas se virou e deu-lhe um sorriso caloroso que era pouco característico. — Ah, é muito bom ver você, Connor. Adoro quando um amigo aparece sem avisar. — Depois desapareceu na cozinha para preparar o chá.

Depois de mudar de lugar as meticulosas torres de anotações de Cheng Li, Connor sentou-se no sofá. Esse encontro não estava indo nem um pouco como ele havia planejado. Depois do modo como tinha saído da Academia dos Piratas, havia esperado uma atmosfera difícil entre os dois. Certamente não esperava que ela fizesse chá e o chamasse de amigo. Mas Cheng Li não funcionava como as outras pessoas. Era honesta, frequentemente a ponto da brutalidade. Não se ligava a emoções desnecessárias. Em vez disso, como um navio, prosseguia velejando. Ela mesmo havia dito: movia-se depressa. Tão depressa que, algumas vezes, era difícil acompanhá-la.

Connor pegou o caderno com nomes de navios e começou a examinar a lista. Como era de se esperar, não havia apenas três ou quatro nomes, mas páginas e mais páginas com eles, todos escritos na letra perfeita de Cheng Li. Alguns haviam sido riscados; outros tinham recebido uma, duas ou três estrelas. Ficava claro que era muito importante para ela escolher exatamente o nome certo.

Ele ainda estava olhando a lista quando ela retornou à sala, com uma bandeja onde havia um pequeno bule de ferro, duas xícaras e um prato de biscoitos tentadoramente apetitosos.

— Vou sentir uma tremenda falta da comida daqui da Academia — suspirou ela. — Pensei em dobrar o salário do chef Horn e levá-lo comigo, mas creio que isso me colocaria em maus lençóis com Kuo, não acha?

Connor concordou com a cabeça, tirando mais duas pilhas de papéis para abrir espaço para a bandeja na mesinha de centro.

— Então — disse Cheng Li, sentando-se numa almofada no chão e cruzando as pernas na posição de lótus. — Gostou de algum nome?

Connor olhou o livro de novo.

— Hmm — começou a ler. — *Vingador. Atormentador. Renegado. Desespero dos Mares. Penulário. Terror Sagrado. Celerado. Víbora. Armaceiro. Assassino. Endiabrado.* — Ele ergueu os olhos, sorrindo. — Eles têm algo em comum, não acha?

— Como assim, Connor? — Cheng Li começou a servir o chá.

— Bom, todos são meio agressivos, não?

Cheng Li deu um risinho.

— Esse é o objetivo, não é? De modo que, quando a gente chega ao lado de outra embarcação, as pessoas sabem de cara que é para valer. Aí está o seu chá. Cuidado, está quente.

— Imagino que sim. — Connor pegou a xícara. — Mesmo assim, tudo isso parece meio machão e *bandidão* para você.

Cheng Li assentiu.

— Entendo o que você quer dizer. Vire a página. Vá ver que experimentei outras linhas.

Connor virou a página.

— O que é isso? *Liga Etoliana?*

— Ah, sim. É uma referência histórica a uma federação pirata e militar grega do século IV a.C.

Connor balançou a cabeça.

— *Histórico* demais, e assustador *de menos*.

— Concordo. Biscoito? São de macadâmia com *goji*.

— Obrigado. — Connor pegou um biscoito e mergulhou-o no chá.

— O que você acha... — Cheng Li fez uma pausa — ...de *Sangue e Bússola?*

Connor fez que não com a cabeça.

— Parece mais o nome de um bar do que de um navio! — disse rindo.

Cheng Li riu com ele. Era a risada mais natural que ele já tinha ouvido partir dela.

— Este aqui não é ruim — disse ele. — *Tenta*. Não sei o que significa, mas parece forte sem ser machão.

— Ah, sim. — Cheng Li partiu seu biscoito ao meio. — Dê uma estrela extra a ele, sim? — E lhe entregou a caneta. — Teuta foi uma rainha pirata grega do século III a.C. Causou um bocado de problemas para os romanos. Sempre a considerarei uma *tremenda* inspiração.

Connor pôs o caderno e levou a xícara aos lábios. Uma espiral de vapor perfumado esquentou seu rosto. Ele tomou um gole. O gosto era bom.

— Hortelã fresca — disse Cheng Li. — Tem um pé crescendo rápido do lado de

fora da minha janela. — Ela havia pousado sua xícara e estava observando-o atentamente, os olhos brilhantes e límpidos como um riacho de montanha.

— Então — disse ela. — Tenho uma ideia.

— Uma ideia?

— É. — Ela assentiu. — Acho que você deveria ir a Lantau comigo amanhã. Dois dias para ir, dois para voltar. Você pode me fazer companhia.

Quatro dias viajando na chalupa da Academia não era uma ideia ruim.

Cheng Li assentiu de novo.

— E no caminho vamos ter tempo suficiente para conversar... ou *não* conversar... sobre o que quer que esteja se passando na sua cabeça.

— Eu... — começou Connor. Queria contar a ela, mas agora todas as palavras ensaiadas estavam embaralhadas na cabeça.

— Tudo bem, Connor — disse Cheng Li com um sorriso. — Tome seu chá. Depois vou arrumar o sofá e você pode descansar um pouco. Seus olhos parecem muito cansados e você sabe o que as pessoas dizem: os olhos são a janela da alma. Vamos partir de manhã cedo. Assim ninguém vai nos ver saindo juntos. E vamos ter um tempo excelente para viajar até Lantau.



CAPÍTULO 46

De olhos bem abertos

— Como ele está? — perguntou Grace. Fazia 24 horas desde a chegada do capitão ao Santuário.

— Acho que você deveria vir aqui olhar — respondeu Mosh Zu. — Você pode achar uma visão difícil, talvez dolorosa. Mas a condição dele é estável. E, se quer ser uma curadora, deve abrir os olhos para visões como esta.

Nervosa, Grace acompanhou Mosh Zu até a câmara octogonal de cura.

O capitão Vampirata estava numa mesa baixa, parecida com uma laje, quase na altura do piso. As dobras de sua capa se derramavam da mesa e roçavam as tábuas do chão. Era chocante vê-lo assim. Grace sabia que ele estava apenas dormindo — induzido a um transe de cura por Mosh Zu —, mas era como se estivesse morto. Foi transportada imediatamente para a infância. Jamais havia se sentido confortável vendo o pai dormir. Na verdade, fazia todo o possível para evitar isso. Mas de vez em quando entrava na sala de estar, no farol, e o encontrava esparramado no sofá velho e puído, totalmente imóvel. A visão bastava para lhe provocar suor frio. Prendendo o fôlego, ela se obrigava a ir até o pai e verificar o som da respiração, ou então procurar cuidadosamente os sinais suaves do abdômen subindo e descendo sob a camisa. Só então sua própria respiração podia voltar ao normal.

Ver o capitão imóvel assim era igualmente desconfortável. Durante o tempo que Grace havia passado com ele, o capitão havia emanado um poder tremendo. Agora parecia despido de qualquer vitalidade e autoridade. O que era estranho, porque seu rosto continuava mascarado e as mãos, ainda cobertas pelas luvas. Não havia uma diferença externa na aparência, e no entanto não existia dúvida de que ele havia passado por uma mudança profunda.

— Venha — disse Mosh Zu, guiando-a de volta para sua sala de meditação. — Acho que, por enquanto, basta.

Quando estavam fora da câmara de cura, Grace não conseguiu disfarçar o choque.

— Eu não... eu não esperava vê-lo assim.

— Entendo. E você faz bem em admitir esse sentimento, Grace.

— Como está indo o tratamento dele?

Mosh Zu fez um sinal para ela se sentar.

— Devo ser honesto com você, Grace. Ele não está indo tão bem quanto eu desejaria. Estabilizei a condição dele por enquanto, mas está ficando claro que esse tipo de cura suave só vai ajudá-lo até certo ponto. Será necessário algo mais radical. E logo.

— O que há de errado com ele?

— De certa forma, é simples. Tem a ver com nossas discussões anteriores sobre cura. Para ser um curador eficaz você precisa desenvolver a capacidade de atrair a dor dos outros sem absorvê-la. Isso não é nem um pouco simples como parece, em especial quando estamos trabalhando com quem significa muito para nós, pessoalmente. Ficamos tão decididos a ajudar aqueles que amamos que perdemos toda a perspectiva. Lemos os sinais de modo errado, e, ao fazermos isso, nosso tratamento fica menos eficaz para os outros e perigoso para nós.

Enquanto ele falava, Grace refletiu em como tinha sido difícil encarar a dor de Connor e ajudá-lo a se curar.

— O capitão é totalmente dedicado a ajudar as pessoas — continuou Mosh Zu. — Sem dúvida ele é o ser mais altruísta que já conheci. Mas é aí que está o problema. Ele sempre está muito disposto a carregar os fardos dos outros. Ao fazer isso, seu próprio eu vai ficando cada vez mais fraco. Se eu não agir para remediar esse problema, correremos o perigo de perdê-lo totalmente.

Grace teve calafrios ante tal ideia.

— Estou dividindo essas opiniões com você, Grace, porque acredito nos seus poderes de cura. Mas você deve ouvir com atenção o que estou dizendo e não cair na mesma armadilha do capitão. Por mais que você queira ajudar os outros, e pode ajudá-los de maneiras muito poderosas, deve aprender a não absorver a dor deles e a não carregá-las por eles. Não permita que a escuridão deles a domine.

Ela assentiu.

— Estou vendo a preocupação nos seus olhos — disse ele. — E sei que, em parte, sou responsável. Você está preocupada com o capitão. Claro que está. Mas eu vou curá-lo, Grace. Não será fácil nem simples, mas posso fazer isso.

As palavras dele eram um tanto tranquilizadoras.

— Vamos falar de outras coisas — disse Mosh Zu. — Já viu Lorcan hoje?

— Ainda não, mas que tal eu ir vê-lo agora?

Mosh Zu assentiu.

— Acho uma ideia muito boa. Mas, Grace, há uma coisa que preciso lhe pedir. Ainda que a visão de Lorcan esteja restaurada, dado o aspecto psicológico de sua cegueira, ele ainda não está totalmente livre do problema. Continua num equilíbrio delicado. Se ficar muito estressado ou com medo, há muitas chances de recuar para o estado de cegueira. Se isso acontecer, será mais difícil para mim guiá-lo de volta pela segunda vez. Entendeu?

— Entendi. Vou cuidar bem dele. Não farei nada para perturbá-lo.

— Então vá! — Mosh Zu sorriu de novo. — Não pareça tão ansiosa, Grace. Sei que ele está querendo ver você.

— Grace! — disse Lorcan. Ele estava deitado na cama, mas agora pôs os pés no chão e se levantou para recebê-la. Abriu os braços para abraçá-la, mas ela hesitou, querendo que seus olhares se encontrassem.

Quando isso aconteceu, ela sentiu lágrimas surgindo em seus olhos.

— Desculpe — disse, piscando para afastá-las. — Desculpe! Simplesmente precisiei verificar outra vez. Ainda estou me acostumando com a ideia de que você enxerga de novo, de que não sonhei com isso!

— Não é um sonho. — Lorcan envolveu-a com os braços. — Eu vejo você, Grace! E nunca fiquei mais feliz por ver alguém em toda a minha vida.

Lorcan soltou Grace e sentou-se de novo na cama. Ela sentou-se à frente dele. Por um momento ficaram parados, sorrindo um para o outro.

— Como é a sensação? — perguntou ela.

— Incrível. Não é só que eu posso ver de novo. As coisas parecem mais claras e nítidas do que antes. — Ele apertou a mão dela e olhou fundo nos seus olhos. — As coisas parecem ainda mais bonitas do que como eu lembrava.

A profundidade do olhar de Lorcan era desconcertante. Fazia um bom tempo que Grace não sentia seus olhos fixos nela. Tanto que, mesmo que já estivesse se acostumando, de certa forma era como a primeira vez em que seus olhares haviam se encontrado. Ela foi lançada de volta ao momento em que tinha aberto os olhos no convés do *Noturno*. A princípio havia pensado que estava olhando o céu — de tão azuis que eram as íris dele. Mas então havia percebido. E desde aquele momento nada havia permanecido igual. Para ele também, pensou ela, lembrando-se de sua visão de Lorcan olhando seus olhos verdes. Olhando e reconhecendo-a. Mas como?

— No que está pensando? — perguntou ele. — Você pareceu muito distante, por um momento.

Ela balançou a cabeça.

— Não, estou bem aqui. Só estava me lembrando de quando nos conhecemos.

Ele sorriu.

— Quando pesquei você da água?

Ela confirmou com a cabeça.

— Tenho pensando muito nisso, também — disse ele.

— Tem? — Ela ficou empolgada em ouvir.

Ele assentiu.

— Andei pensando muita coisa, aqui deitado. Bom, não há muito mais que eu possa fazer.

— É — admitiu ela, apertando sua mão. — Não, mas agora tudo isso acabou. Você recuperou a visão e logo terá as forças de volta. — Ela fez uma pausa, lembrando-se das instruções de Mosh Zu. — E logo estaremos de volta ao *Noturno* — disse esperando parecer animada e des preocupada. — E tudo vai voltar ao normal.

Lorcan franziu a testa. Grace sentiu um tremor de alarme — será que havia deixado escapar alguma sombra de dúvida quanto ao retorno deles?

— Grace, há algumas coisas que preciso lhe dizer. Talvez você não goste nem ache fácil de entender, a princípio. Mas, por favor, escute e saiba que estou dizendo porque gosto muito de você.

Agora era a vez de ela franzir a testa. As palavras dele eram bem agourentas.

Lorcan respirou fundo e continuou.

— Quando eu voltar para o *Noturno*, acho que você não deveria ir comigo. Aquele navio... bem, não é um lar adequado para você.

— Eu gosto de lá. Sei que é estranho, mas é verdade.

Ele balançou a cabeça.

— Sei que você gosta. E, falando por mim, gosto de ter você lá. Mais do que gosto. Mas simplesmente não é bom para você. Você poderia se juntar ao Connor...

— Não. — Grace balançou a cabeça. — Não, isso não daria certo.

— Sei que você não sente ligação com o mundo dos piratas. Mas tenho certeza de que com o tempo...

— Não. — Ela balançou a cabeça de novo. Lágrimas quentes estavam surgindo em seus olhos de novo. — Não, não importa quanto tempo eu fique num navio pirata, nunca vai ser meu lar. É diferente do *Noturno*. Lá eu sinto uma ligação.

— Sei que sente, Grace. E me sinto responsável por isso.

E deveria mesmo. Boa parte do motivo para ela se sentir em casa no navio era ele.

— Mas eu errei em arrastá-la para este mundo. Ele não é certo para uma mortal. Não é seguro.

— Seguro? Acho que até agora cuidei muito bem de mim mesma.

Ela se lembrou de como havia repellido o ataque de Sidório. Outros teriam sido levados ao terror ao ficarem presos numa cabine tendo por companhia simplesmente o vampiro mais sanguinário. Mas Grace havia mantido a coragem e o deixou falando, atraindo-o para o tema de sua vida e sua morte, um tema que ele ficou ansioso por revisitar durante um tempo. Desse modo ela havia ganhado tempo até o capitão ir resgatá-la. Se podia lidar com Sidório, poderia lidar com qualquer um deles.

— Grace, é apenas questão de tempo até que sua sorte acabe. Você não é vampira nem doadora.

Não, pensou ela. Sou uma intermediária. E nesse momento, ser uma intermediária era praticamente a pior coisa que poderia imaginar.

— Você parece muito triste — disse ele. — E a culpa é minha.

— É — respondeu ela, com a tristeza se transformando em raiva. — É sua culpa sim. Você disse que eu deveria ficar, lembra? Disse que havia milhões de segredos para eu descobrir no navio. Não lembra? Você disse isso.

Ele assentiu.

— Lembrou. Acho que me lembro de cada palavra que já dissemos um ao outro. E, desde que precisei ficar aqui em cima, relembrei cada uma delas. — Ele suspirou. — Quando falei aquilo, estava sendo desesperadamente romântico. Pensei que, de algum modo, poderíamos arranjar uma forma de atravessar a ponte entre nossos mundos.

— E agora? Por que mudou de ideia?

Ele a encarou com muita atenção.

— Abri os olhos.



CAPÍTULO 47

Rumo a Lantau

A viagem de navio da Academia dos Piratas até a ilha de Lantau duraria quase dois dias. Tempo suficiente, pensou Connor enquanto partiam à luz da manhã. Tempo suficiente para conversar com Cheng Li sobre as coisas que estavam passando em sua mente.

Mas, à medida que a viagem prosseguia, Connor se pegou ocupado com Cheng Li, tripulando a chalupa da Academia. Não havia tempo para conversas de coração aberto. Em vez disso, as falas se limitavam a uma troca de instruções e confirmações enquanto navegavam o barco por águas agitadas.

O estranho era que Connor estava começando a se sentir melhor, sem ao menos dizer uma palavra. Talvez fosse simplesmente o fato de se perder no desafio físico de velejar com Cheng Li. Desde quando era um menino pequeno, sentia conforto nas atividades físicas. Quando os pensamentos sombrios começavam a se apinhar na sua cabeça, não havia nada melhor do que fazer uns arremessos no basquete ou nadar no lago de água salgada, uma travessia depois da outra em perfeito estilo livre.

E Cheng Li era a companhia ideal. Não era uma pessoa que precisava de conversas constantes. Como o próprio Connor, agarrava-se à filosofia de só falar quando tinha algo a dizer. Dava para ver que ela estava perdida em seus próprios pensamentos — sem dúvida com a cabeça cheia de todas as várias listas e decisões que estava tomando no processo de se tornar capitã. Mesmo sem falar, irradiava otimismo, e isso também era contagioso. Combinado com o sol, que havia empurrado as nuvens para longe e aumentado o prazer da viagem, tudo se ajustava num perfeito dia velejando.

Quando o Sol finalmente começou a se pôr, eles baixaram âncora e então fizeram uma pausa para descansar. Cheng Li desapareceu no porão por um momento e voltou com um cesto de comida preparado pelo chef da Academia dos Piratas.

— Pode atacar! — disse ela. — Tenho certeza de que você está tão esfomeado quanto eu.

Os dois abriram as várias caixas de papelão — cheias de carne fria, peixe, saladas e

molhos — e encheram os pratos com guloseimas tentadoras. Depois de um dia de esforço físico, o apetite dos dois era enorme. De novo a conversa foi limitada, enquanto devoravam tudo que o chef Horn havia fornecido.

— Vou dormir bem esta noite — disse Connor finalmente.

— Eu também! Na verdade, Connor, você parece completamente esgotado. — Essa era Cheng Li, sempre com um belo elogio. — Vou fazer um pouco de chá — disse ela, descendo de novo.

Connor começou a limpar os restos da refeição, depois levou as caixas vazias para a cozinha, onde Cheng Li estava fazendo uma mistura tentadora de chá verde com gengibre e ginseng.

— O cheiro é fantástico! — disse ele.

— Leve para o convés. Dê um tempo à infusão. Vou subir num minuto.

Ele levou a bandeja e pôs na mesa lá em cima.

Depois se esticou no banco acolchoado para relaxar enquanto o chá ficava no ponto. Encostou a cabeça num colete salva-vidas e se acomodou, olhando o céu estrelado. Procurou suas constelações prediletas. Sempre sentia conforto nessa brincadeira, que o levava de volta ao farol, a Grace e seu pai. Mas esta noite, quando encontrou a Águia, seus olhos estavam pesados e ele não tinha mais forças para mantê-los abertos.

Quando Cheng Li voltou ao convés, encontrou-o dormindo, a respiração longa e profunda. Desdobrou um cobertor e pôs sobre ele. Em seguida andou silenciosa pelo convés, acendendo as lanternas. Depois sentou-se de novo e começou a tomar seu chá.

Connor acordou com um susto. Imediatamente ficou alerta. Sentiu um frio nos ossos. O céu estava negro e o ar noturno, vazio do calor do sol. Mas não era só isso. Seus sonhos haviam dado lugar a lembranças, e a última coisa que ele tinha visto, um segundo antes de acordar, era seu sabre se cravando na carne de Alessandro.

— O que foi? — perguntou Cheng Li. Ele ergueu os olhos e encontrou-a sentada à sua frente, anotando coisas num caderno à luz das lanternas.

— Tem uma coisa que preciso falar com você.

Ela pousou o caderno e a caneta e esperou que ele continuasse. Connor imaginou que se sentar numa cadeira de psiquiatra deveria ser assim.

Não havia mais sentido em adiar as coisas. Era sobre isso que ele tinha ido falar com ela, procurando-a na Academia dos Piratas e embarcando nessa viagem. Havia se permitido se distrair com as novidades. Deixara que o dia ensolarado e o trabalho de velejar pusessem um cobertor reconfortante ao seu redor — quase convencendo-se de que ainda vivia no mundo antigo. O mundo antes de aquela coisa terrível acontecer. Mas não havia mais onde se esconder.

— Eu matei um homem — disse ele.

Ela assentiu.

Ele entendeu imediatamente.

— Você já sabia, não é?

— É. As notícias voam. Foi por isso que você veio me procurar, Connor, não foi? Para ouvir o que tenho a dizer a respeito?

Ele assentiu.

— Sim. Eu não sabia o que fazer. Não podia ficar a bordo do *Diablo*. Principalmente depois de me darem o Capitão de Sangue. Sai por aí, rumo a lugar nenhum. Joguei minha espada no oceano. Por fim, soube que havia uma pessoa que talvez pudesse me ajudar.

— Eu — disse ela. Não era uma pergunta.

Ele assentiu de novo.

— Certo, então. Bom, é melhor você contar tudo, não acha?

Ela era uma boa ouvinte. Dava para ver que estava captando cada palavra, cada emoção que as palavras provocavam. E não interrompeu. Era paciente, mesmo quando ele precisava parar e pensar em como exprimir com clareza seus sentimentos. Era importante contar exatamente o que sentia. Ela ficou sentada, esperando que ele chegasse lá em seu próprio tempo.

Quando ele terminou, Cheng Li assentiu, depois permaneceu em silêncio e imóvel por um momento, como se a cabeça ainda estivesse computando a informação, folheando os vários fatos que ele havia apresentado.

— E então? — perguntou ele, esperando incitá-la a falar.

Ela parecia surpresa.

— Não posso tirar seus sentimentos de culpa. Você matou um homem. Ele acordou naquela manhã com uma vida se estendendo pela frente, quem sabe até onde? E você cortou isso. Não há como negar nem afastar esse fato.

Connor ouviu. Havia pensado que sentiria conforto nas palavras dela, mas, no mínimo, ela estava fazendo com que ele se sentisse pior.

— Nenhum de nós pode remover a culpa que sentimos quando tiramos a vida de outro. Mas, na minha opinião, nem deveríamos tentar isso. A culpa é um preço razoável a pagar, acho. Não há nada de satisfatório ou recompensador em tirar a vida de alguém. Nem deveria haver.

— Você já matou?

— Já. — Ela assentiu. — Várias vezes.

— Como consegue aceitar isso? Como consegue seguir em frente com a vida? Como continua a desfrutar da vida de pirata?

De novo ela pensou nas palavras antes de formar a resposta.

— Quando mato, sinto-me exatamente como você, agora. Dizem que a primeira vez é pior, que depois disso você fica entorpecido. Mas eu não concordo com essa filosofia. Não quero ficar entorpecida. Por que deveria? Não há força em negar os sentimentos que atravessam a gente, os sentimentos que nos tornam humanos. Sentimos culpa por um motivo. Assim como sentimos medo, alegria ou fadiga. Essas coisas são sinais. Não *deveríamos* matar uns aos outros. Mas, no mundo em que vivemos, gostando ou não, isso acontece.

— Certo — disse ele, imaginando aonde ela queria chegar com isso.

— O meu modo de conseguir seguir em frente é não matando desnecessariamente. Você já me viu em batalha, Connor. Acredito na precisão. Não gosto de violência aleatória; gosto de resultados. Durante seu período curto como aluno da Academia dos Piratas, acho que ouviu a palestra de John Kuo sobre *zanshin*. Lembra?

— Lembro — respondeu ele, assentindo. — *Zanshin* é o estado de superalerta,

quando estamos prontos para nos defender e para atacar em todas as direções.

— É. Mas é um estado de alerta que eu acredito dever manter o tempo todo, tanto em plena batalha quanto fora dela. Quanto mais alerta você está, como pirata, em menos situações de vida e morte vai se encontrar. Ser um capitão pirata não é ser um assassino. Algumas vezes você é forçado a uma situação em que não tem outra escolha. É você ou eles. Ou são eles ou seu colega. A mim parece claro que você agiu desse modo. Se não tivesse matado o segurança, certamente Luar Wrathe teria sido morto. Você recebeu suas ordens e seguiu-as. Em termos da situação de combate, você demonstrou grande domínio do *zanshin*.

Ele sentiu-se um tanto lisonjeado pelas palavras, mas ela ainda não havia terminado.

— Quando você é menos capaz do *zanshin*, Connor, é na vida longe do combate. O ataque ao Forte do Pôr do Sol foi uma trama típica de Molucco Wrathe. Um feito de ousadia para obter ganho frívolo. Não havia motivação mais elevada, não havia estratégia. Sim, entendo que o plano de ação de Cate foi bastante esperto. O que quero dizer é que não havia uma estratégia geral, no fim das contas. Vocês se permitiram ser apanhados, de novo, numa situação em que os perigos eram bastante desnecessários.

— Quer dizer, como o ataque que resultou na morte de Jez?

— Exato. — Ela assentiu de novo.

— Então o que você quer dizer?

— Estou fazendo uma observação. Só isso. Você vai descobrir que matar nunca fica mais fácil. Não há nada que você possa, ou deva, fazer quanto a isso. Mas o que você pode fazer é certificar-se de reduzir a chance de estar em situações em que precise matar. Você não precisa deixar a pirataria para trás. Só precisa pensar mais no tipo de pirata que você quer ser. E no tipo de piratas com quem quer estar.

Suas palavras não haviam dado consolo, como ele havia desejado ou esperado. Nem mesmo era conforto o que sentia agora. Mas sentia algo diferente com relação ao que havia feito. E, só por um momento, tinha a sensação de que conseguiria ir em frente. Mas então essa sensação desapareceu, afogada pela familiar maré de pavor que lhe crescia por dentro.

— O que foi? — perguntou ela, rápida em notar a mudança.

— Entendo o que você diz. Só que nunca me senti tão apavorado antes. Não entendo. Não estou correndo nenhum perigo agora. Em cada momento de perigo fiz o que me foi pedido. Mas agora, aqui, nesta noite calma no meio do oceano, estou absolutamente aterrorizado. Por quê?

Cheng Li pensou nas palavras dele, depois sorriu.

— Na verdade é muito simples. Os maiores terrores não estão lá fora no oceano. Não estão escondidos nas sombras. — Ela se inclinou mais para perto e pôs a mão no coração dele. — Estão bem dentro de você. Estão no seu sangue. — Em seguida afastou a mão e balançou a cabeça. — Você não é diferente. O mesmo acontece com todos nós.



CAPÍTULO 48

O laço

— Só digo essas coisas porque gosto muito de você — disse Lorcan a Grace. — Todos nós gostamos. Mosh Zu, o capitão. Só queremos o que é melhor para você.

— E o melhor para mim é nunca mais ver você?

Lorcan assentiu.

— Sim. Sei que é difícil, mas, com o tempo, você vai ver que estou certo.

Ela não sabia se ria ou gritava. Em vez disso, sua voz saiu comedida quando falou de novo:

— Não acho. Não acho que jamais vou lhe agradecer por isso.

Havia muito mais coisas que ela poderia ter dito, mas lembrou-se do aviso de Mosh Zu. Por mais que Lorcan a tivesse magoado, ela não queria lhe causar uma recaída. Percebeu que teria de sair do quarto. Se ficasse mais um instante, se aquela conversa continuasse, certamente mencionaria a rebelião a bordo do *Noturno* ou o colapso do capitão.

— Vou deixá-lo sozinho — disse.

Ele continuou segurando sua mão.

— Não vá agora. Não saia correndo enquanto está chateada.

Ela retirou a mão.

— Só preciso de um tempo sozinha. Para pensar nisso.

— Ah — disse ele, parecendo meio surpreso.

Ela nem pôde olhá-lo enquanto se levantava e se dirigia para a porta e depois saía no corredor.

Só quando havia fechado a porta, o maremoto de emoções realmente a dominou. Podia sentir os soluços chegando, mas sentia-se decidida a estar longe de Lorcan quando eles irrompessem. Começou a correr pelo corredor, ansiosa para voltar ao seu quarto.

No caminho passou por alguns vampiros. Eles a olharam e sem dúvida notaram sua perturbação. Ela podia escutar vozes sussurrando. Não se importava com o que estivessem dizendo. Continuou a correr.

Em algum ponto do caminho devia ter virado para o lado errado, porque não estava no corredor que levava ao seu quarto. Em vez disso, havia descido para um nível inferior. Era uma parte desconhecida, mas pelo menos o corredor estava deserto. Exaurida e cansada de correr, parou e desmoronou no chão. Os soluços tomaram conta dela.

Através das lágrimas, Grace olhou pelo corredor. Lembrou-se do espanto que havia sentido ao entrar no Santuário. Aquele grande local de cura. Bom, era verdade: a visão de Lorcan havia sido restaurada. Mas agora que ele havia se curado, estava empurrando-a para longe. Grace estava feliz por ele ter recuperado a visão, mas sentia-se totalmente devastada por ele ter dito que ela deveria deixá-lo e ao *Noturno*.

O mundo inteiro parecia se desmoronando. As notícias do *Noturno* eram péssimas. Uma nova rebelião, a mais séria até agora. O que tornava aquilo ainda pior era que tinha sido provocada por Jez Stukeley. Em vida ele havia sido um homem muito bom, mas depois da morte — e sob a tutela de Sidório — tinha assumido com firmeza seu lado negro. Parecia incrível pensar que o capitão havia enfrentado revoltas criadas por Sidório mas tinha sido derrubado pela rebelião de Jez. Mas, pelo que Mosh Zu havia dito, não era simplesmente a rebelião que havia deixado o capitão assim; ele estivera travando uma longa guerra de atritos consigo mesmo, tentando manter a harmonia a bordo do *Noturno*, tentando ajudar os vampiros a administrar a fome de sangue.

Parecia que todas as coisas pelas quais Mosh Zu e o capitão haviam trabalhado estavam fracassando. Talvez simplesmente não fosse possível administrar o apetite dos vampiros, e tentar isso simplesmente traria sofrimento. Grace sabia que esta era uma atitude derrotista, no entanto parecia que, a cada reviravolta, a obra do capitão e de Mosh Zu estava sendo *derrotada*. Era uma pena, uma pena terrível. Eles estavam tentando dar àqueles que haviam recebido a maldição da imortalidade um modo de trazer sentido à sua existência interminável. Mas a maioria dos vampiros não conseguia enxergar além de seus anseios mais imediatos.

Grace balançou a cabeça. As coisas não poderiam ser piores. Jez havia provocado nova inquietação a bordo do *Noturno*. Agora parecia claro que Sidório não havia morrido, simplesmente estivera descansando, espreitando nas sombras. Por quanto tempo?, pensou. Quanto tempo se passaria até que ele aparecesse de novo e fizesse um novo ataque?

Quando Sidório fizesse isso, poderia ser o fim do capitão Vampirata. O capitão tinha ficado terrivelmente fraco e agora sua sobrevivência dependia da cura de Mosh Zu. Talvez fosse o teste definitivo dos poderes do guru.

E também havia Connor. Ela havia feito o máximo para curá-lo, mas não tinha ideia de onde ele estaria agora nem das coisas pelas quais estaria passando.

E, finalmente, havia Lorcan. Lorcan, cuja cura parecia ter corrido bem. No entanto, esse momento de empolgação havia sido breve demais, e qualquer sentimento de felicidade tinha sido arrancado pela cruel declaração de que ela deveria ir embora do *Noturno*. Ele não fazia ideia de que talvez não existisse navio ao qual nenhum deles poderia retornar.

Que confusão!, pensou. Que confusão terrível! Imagens de todos eles relampejavam em sua cabeça. Jez e Sidório. O capitão Vampirata e Mosh Zu. Connor e Lorcan. Parecia que seu mundo frágil estava desmoronando de todos os lados. Não fazia ideia de como — ou mesmo se — eles poderiam encontrar uma saída.

Mal conseguia se motivar a se levantar do chão empoeirado. De que adiantava? Deixou a cabeça afundar nas mãos.

Depois de ficar sentada assim por um tempo, ouviu o som de gritos animados a distância. Levantou a cabeça para prestar atenção. Os gritos não estavam tão longe, percebeu. Talvez apenas depois da curva do corredor. E pensou que reconhecia a voz. Talvez fosse a única pessoa capaz de animá-la.

Levantando-se, espanou a poeira e, seguindo o som, continuou pelo corredor, que fez algumas voltas e depois chegou a um grande pátio interno. Parado no meio dele estava Johnny Desperado, laço na mão, gritando e uivando enquanto jogava a corda e laçava habilmente sua garrafa de chá.

Grace sorriu. Ele parecia ser cheio de vida. Era justamente a pessoa que ela precisava ver. Johnny iria animá-la.

Entrou no pátio. Ele estava puxando a corda e soltando a garrafa de novo. Quando ela avançou, Johnny se virou e sorriu.

— Aqui! — E jogou a garrafa para ela. — Ponha para mim. Onde você quiser. E o velho Johnny vai laçá-la para você.

— Tá bom — disse ela, rindo, e pôs a garrafa no chão empoeirado. Afastou-se para ver Johnny jogar o laço. Podia ver que existia uma verdadeira arte naquilo. O laço vouou e girou no ar, depois pareceu flutuar descendo sobre a garrafa. Nesse momento Johnny puxou a corda e a apertou em volta da garrafa. Grace teve uma visão súbita de Johnny laçando um cavalo. Dava para ver como ele era bom nisso.

Enquanto puxava a garrafa de novo, ele tagarelava sem parar. Grace não sabia se ele estava falando com ela ou consigo mesmo.

— Quando você doma um cavalo bronco, tudo depende de ganhar sua confiança. É preciso dar um passo de cada vez. É como construir uma amizade. Você deduz o que pode fazer com o cavalo, para que ele o ame. Sem confronto. Confronto nunca traz nada de bom. Pelo menos não no início. Tudo depende de saber quanta pressão deve ser exercida, e quando. Aplicar um pouco de pressão, depois aliviar, é a mensagem mais importante que você pode dar a um cavalo. Você está dizendo que ele não está preso. Que há algo que ele pode fazer para aliviar a pressão que está sentindo.

Johnny lançou um olhar para Grace enquanto jogava a garrafa de novo para ela. Continuou a falar enquanto ela ia colocá-la em outro local.

— Quando o laço se aperta no pescoço de um cavalo, até mesmo um animal treinado vai querer lutar. E um cavalo sem treinamento, bem, vai querer lutar mais ainda. Quando ele sente o laço se apertar, não há nada que possa fazer afora um colapso total, para aliviar a pressão. Nesse momento, ali, ele vai lutar pela vida.

Johnny pegou o laço de novo. Levantou a mão para jogá-lo. Quando soltou a corda, piscou para Grace. Ela viu o laço voar. Mas a piscadela deve tê-lo desequilibrado, porque o laço não estava caindo perto da garrafa. Em vez disso estava acima dela. Grace se virou para Johnny. Ele tinha uma expressão estranha no rosto. De repente ela sentiu uma ligeira brisa quando o laço caiu sobre sua cabeça e seu pescoço. Pairou ali, depois baixou mais um pouco até os cotovelos. Então ela sentiu a pressão apertando.

Algo disse a Grace que aquilo não era mais um jogo. Olhou nervosa para Johnny.

— Parece que desta vez laci um verdadeiro animal selvagem — disse ele com orgulho.



CAPÍTULO 49

O forjador de espadas e sua filha

Aproximaram-se de Lantau pelo sul. Levantando a cabeça do mapa de navegação e olhando a ilha propriamente dita, Connor viu o pico de Lantau, seu ponto mais elevado. O lugar estava envolto por um denso cobertor de mata luxuriante. Lembrou-se de Cheng Li dizendo que o forjador de espadas vivia no alto, longe da água. Teve a sensação desagradável de que teriam de subir aquela montanha — e descer de novo — para pegar as armas que Cheng Li havia encomendado para sua tripulação.

A chalupa ia passando por uma praia comprida. Abrigado entre dois penhascos havia um trecho longo de areia batida pelo sol. Se ele ainda estivesse viajando sozinho, ficaria tentado a ancorar e nadar do barco até a areia. Mas bastou olhar para o rosto de Cheng Li para se lembrar de que estavam numa missão. Tinham vindo a Lantau a negócios e não havia tempo a perder. Atravessou o convés de novo para se juntar a ela no timão.

— Lantau tem uma tremenda história com piratas — disse Cheng Li, quando ele estava de novo perto o suficiente para ouvi-la. — Sempre foi uma base popular para piratas e contrabandistas.

— Verdade? — Connor ainda estava olhando desejoso para a praia e pensando que os piratas e contrabandistas haviam escolhido bem o local.

Cheng Li assentiu, os olhos fixos no trecho de verde-esmeralda a distância, enquanto continuava:

— No século XIX a ilha foi uma base para Chang Po, um pirata excepcionalmente talentoso. — Olhou brevemente para Connor, como se verificasse se ele estava prestando atenção, antes de continuar: — Chang Po era filho de um pescador, do povo Xinhui, no delta do rio da Pérola. Sua vida poderia ter sido muito diferente: longa, difícil e sem grandes acontecimentos. Mas quando tinha 15 anos ele foi capturado por dois piratas. E não eram quaisquer piratas! Eram os famosos Cheng I e sua mulher Cheng I Sao. — Connor jamais tinha ouvido os nomes, mas sentiu que eles estavam

gravados profundamente na psique de Cheng Li.

“O destino havia sorrído para Chang Po”, continuou ela. “Seus captores eram dois dos piratas mais bem-sucedidos de todos os tempos. Essa dupla de marido e mulher possuía uma verdadeira frota de navios piratas, chamada Frota da Bandeira Vermelha. Alguns anos depois de Chang Po entrar para a tripulação, o marido se afogou e Cheng I Sao assumiu todas as funções dele. Deu poder a Chang Po para administrar as operações cotidianas da frota. Nessa época ele tinha um ou dois anos a mais do que eu tenho agora. Sob a liderança de Chang Po, os piratas da Frota da Bandeira Vermelha derrotaram todas as forças mandadas para desafiar seu poderio. Durante dez anos, seu poder pareceu invencível. Todos os piratas da época, quer fossem dele ou dos capitães rivais, acreditavam que os deuses o protegiam. Falavam como se ele fosse sobrehumano.

— Impressionante — disse Connor. — Mas você disse que ele foi invencível por dez anos. O que aconteceu depois?

Cheng Li girou o timão, mantendo os olhos na rocha curva enquanto rodeava a ponta sudoeste da ilha.

— O império que eles haviam fundado começou a mostrar rachaduras por dentro. Os capitães e almirantes começaram a brigar entre si. Tripulações se amotinaram. Houve uma batalha terrível com a Frota da Bandeira Vermelha. Chang Po e Cheng I Sao decidiram sair da pirataria enquanto podiam.

— Sério? — De algum modo os dois piratas que Cheng Li havia descrito não pareciam feitos para uma aposentadoria tranquila.

— É. Chang Po virou oficial da Marinha. Teve uma carreira ilustre lá, também.

— E Cheng I Sao?

Cheng Li sorriu.

— Mesmo tendo desistido da frota, jamais deixou a pirataria totalmente para trás. Terminou seus dias como diretora de uma grande operação de contrabando.

— Parece um tremendo personagem. Ele também.

— Você não sabe nem a metade. Mas vou contar o resto da história em outra ocasião. Estamos quase chegando ao nosso destino.

— Por que você me falou sobre eles?

— Só um pouco de história local — disse ela, mas havia algo em seu sorriso que o fez suspeitar de que essa não era toda a explicação. Connor sabia que Cheng Li não desperdiçava palavras, assim como não desperdiçava golpes de espada. Aquilo não era simplesmente uma curiosidade histórica. Ela estava apresentando as opções dele. Era melhor a vida de pescador ou de almirante de uma frota pirata? Era o que estava pedindo que ele considerasse. Poderia também ter pedido que ele considerasse duas outras possibilidades. *É melhor ser um pirata prodígio ou órfão de um faroleiro numa cidade do fim do mundo?*

Ele ainda estava pensando na questão quando Cheng Li começou a virar a chalupa e a reduzir a velocidade, aproximando-se da terra. Connor pôde ver uma pequena cidade pesqueira entrando em foco. Não era o porto grandioso que tinha esperado. Havia fileiras de casas simples sobre palafitas, construídas acima da água, com barcos de pesca pintados em cores fortes balouçando nas águas prateadas abaixo. Enquanto ajudava Cheng Li a ancorar a chalupa, Connor franziu o nariz. O ar estava cheio de um cheiro característico.

— Peixe salgado e pasta de camarão — disse Cheng Li, respirando fundo. — Especialidade das lojas à beira d'água. Vamos comer um pouco enquanto estivermos aqui. É delicioso.

Quase no mesmo instante em que haviam ancorado o barco, descobriram que um pescador tinha trazido sua embarcação para levá-los pelo resto do caminho até a terra firme.

Cheng Li assentiu para o homem enquanto ela e Connor entravam no barco. Algumas remadas depois, estavam desembarcando de novo. Cheng Li jogou algumas moedas na mão grossa do pescador, depois se juntou a Connor no píer de madeira.

— Então, como vamos daqui até o pico? — perguntou ele.

— Por que iríamos querer ir ao pico de Lantau?

— Não é lá que fica a oficina do ferreiro? Você disse que ele vivia muito acima da água, por isso achei...

Cheng Li balançou a cabeça e apontou para uma das casas sobre palafitas.

— Ele mora ali em cima. Sei que você não gosta muito de altura, mas acho que consegue enfrentar isso. Venha!

Ela começou a andar pelo píer em direção à casa de palafitas. Seguindo-a, Connor pensou que não parecia uma residência suficientemente grandiosa para o renomado forjador de espadas de Lantau. Havia esperado algo mais parecido com um grande templo. Em vez disso, pegou-se subindo uma escada curta e frágil e esperando junto a uma passagem aberta enquanto Cheng Li puxava uma corda de sino com acabamento em forma de pássaro.

Quase imediatamente surgiu uma garota. Seu cabelo era curto, mas Connor não teve dúvida de que era uma garota. As suaves feições chinesas não eram muito diferentes das de Cheng Li, mas o rosto era mais gentil.

— Senhorita Li — disse ela, juntando as mãos e fazendo uma reverência. Quando fez isso, seus olhos se fecharam e os cílios compridos lançaram sombras em seu rosto.

— Senhorita Yin — disse Cheng Li, espelhando o gesto. Levantando-se, apontou para Connor e falou algumas palavras que Connor não entendeu, a não ser “Tormenta”. Ele percebeu que estava sendo apresentado, juntou as mãos e fez uma reverência, como as jovens haviam feito.

— Connor — disse Cheng Li —, esta é Bo Yin, a filha do ferreiro.

— É um grande prazer conhecê-lo, Connor Tormenta — disse a jovem.

— O prazer é meu — respondeu Connor, imediatamente cativado pela graça e a beleza natural da garota.

Bo Yin ficou vermelha e estendeu a mão.

— Por favor, entrem. Meu pai está trabalhando, mas vou dizer a ele que vocês chegaram.

Entraram na casa do ferreiro. E era de fato aconchegante, no melhor sentido. Uma moradia humilde, mas cheia de tudo que se poderia querer: uma cozinha apertada mas bem organizada, uma convidativa área de estar e estantes com livros e artefatos. E então Connor observou que na parede estavam penduradas apenas algumas espadas. Comparada com a exposição de espadas da Academia dos Piratas, esta era de fato mínima. Porém, mesmo a distância, Connor sentiu que aquelas espadas eram antigas e preciosas, com histórias a contar. Ficou parado no centro, absorvendo tudo, enquanto Bo Yin desaparecia em outro cômodo para falar com o pai. Retornou alguns instantes

depois.

— Meu pai está terminando uma das suas peças — explicou a Cheng Li. — Pediu que eu lhes oferecesse sopa e dissesse que vai se juntar a nós daqui a pouco.

— Excelente — disse Cheng Li, sorrindo suavemente enquanto Bo Yin levantava a tampa de uma pequena panela. De novo as narinas de Connor foram hipnotizadas por peixe salgado e camarão. Desta vez o cheiro era ainda melhor, e ficou melhor ainda quando Bo Yin encheu tigelas com o caldo tentador e levou-as até uma mesa baixa.

— Não precisam fazer cerimônia — disse Bo Yin com um sorriso. — Vocês devem estar com fome depois da longa viagem.

— Na verdade — explicou Cheng Li —, Connor comeu continuamente desde que saímos da Academia.

— Sempre tive muito apetite no mar! — protestou ele.

— Rapazes — disse Cheng Li, trocando um olhar astuto com Bo Yin.

Tomaram a sopa avidamente, e, quando Bo Yin ofereceu mais, tanto Cheng Li quanto Connor aceitaram. Ela estava colocando mais caldo nas tigelas quando uma porta se abriu rangendo e o ferreiro entrou na sala. Todos os olhares se voltaram para ele. Era um pouco mais baixo do que a filha, com cabelos brancos presos num rabicho. O olhar pareceu dançar na sala, pensou Connor, como se ele fosse uma toupeira que tivesse acabado de sair à luz do dia depois de um longo período no subsolo.

— Pai — chamou Bo Yin de perto do fogão —, quer um pouco de sopa depois do trabalho?

Ele assentiu, depois falou em voz suave:

— Obrigada, Bo Yin. — Em seguida se virou para Cheng Li, que havia se levantado no momento em que ele entrou na sala.

— Senhorita Li — disse ele.

— Mestre Yin — respondeu ela.

Os dois pararam diante um do outro e fizeram reverências.

— Seu próprio navio! — disse ele. — Pensar que você terá seu próprio navio!

Ela assentiu.

— Era apenas questão de tempo.

— Verdade. O seu pai... ele teria *muito* orgulho de você.

— Obrigada — disse Cheng Li, assentindo. Em seguida se virou e estendeu a mão. — Mestre Yin, este é Connor Tormenta. Connor, o mestre Yin é o mais talentoso forjador de espadas de sua geração.

Connor chegou diante do mestre Yin e os dois fizeram reverências.

— Ouvi falar muito do senhor — disse Connor

— E eu ouvi falar um pouco de você também.

Connor ficou surpreso, e mais ainda quando o ferreiro acrescentou:

— É ele, senhorita Li, não é?

Cheng Li assentiu.

— Venha, tome sua sopa, meu pai — disse Bo Yin, chamando-o para a mesa.

Connor ficou pensando nas palavras enigmáticas do ferreiro enquanto Bo Yin colocava uma cadeira de vime perto da mesa. Sem dúvida o velho ferreiro não podia se abaixar mais o suficiente para sentar-se nas almofadas.

Todos os outros retornaram à mesa e sentaram-se ao redor. Connor ficou olhando o mestre Yin mergulhar sua colher na tigela, saborear a sopa e depois engolir. Ele

assentiu e sorriu.

— Exatamente como a da sua mãe — declarou. — Muito boa, Bo Yin.

Connor olhou para a obediente Bo Yin e perguntou a si mesmo se, apesar do amor do pai, ela talvez não se sentisse limitada pela vida ali. Sentiu que ela desejava mais da vida do que isso. Nos olhos da garota viu alguma coisa, um certo sentimento de camaradagem. Ainda estava avaliando na mente as duas opções que Cheng Li havia apresentado: o pescador ou o pirata. Porém, não existia mais uma verdadeira disputa. Em sua mente a balança já estava pendendo com firmeza numa direção.

— Então — disse Bo Yin, interrompendo seu devaneio. — Diga, Connor, como é ser pirata?

Antes que Connor pudesse responder, o pai dela deu uma breve risada.

— Ela sempre pergunta isso — disse. Depois, imitando a voz da filha: — *Como é ser pirata? Como é a vida num navio pirata?*

Os olhos de Bo Yin relampejaram com dor e alguma outra coisa, mas só por um instante. Connor se perguntou se mais alguém, além dele, teria percebido.

— E talvez um dia eu descubra por mim mesma, pai — disse Bo Yin.

Ele deu de ombros.

— Isso mesmo. Vá ser pirata e deixe seu velho pai definhando nesta casa de espadas.

Bo Yin balançou a cabeça e suspirou.

— Nunca vou deixá-lo, pai. — Em seguida se virou para os outros, os olhos arregalados e cheios de desejo. — Mesmo assim, em outra vida, talvez eu também conheça a glória de ser pirata..

Será que ela teria de esperar tanto assim?, pensou Connor. Uma vida inteira fazendo sopa e puxando a cadeira do velho pai parecia limitação demais para uma garota como Bo Yin. De repente percebeu como era livre. Livre para fazer seu próprio destino.

Notou os olhos de Cheng Li voltados para ele e virou a cabeça, pousando o olhar sobre uma das espadas na parede atrás do mestre Yin.

— Impressionante, não é? — disse Cheng Li.

O mestre Yin se virou na cadeira, com o olhar viajando até a espada.

— Ah, sim — disse ele, virando-se de novo para Connor. — Aquela espada pertenceu ao grande Chang Po. Tem uma dedicatória inscrita, de Cheng I Sao. Você já ouviu falar desses grandes piratas, não?

Connor assentiu.

— Posso olhar mais de perto? — perguntou.

— Claro! — O mestre Yin balançou sua colher, indicando-lhe que ficasse à vontade.

Connor foi em direção à espada. Era evidente que ela havia passado por muitas batalhas, por causa das marcas na lâmina e no punho. Mas a lâmina continuava afiada. Esfregando um pouco de óleo, estaria pronta para ser usada de novo.

— Tire-a do suporte — disse o mestre Yin. — As espadas não são feitas apenas para ser expostas. Experimente-a!

Connor ficou surpreso ao ver o ferreiro tão solícito com um artefato tão antigo e importante. Hesitando, estendeu a mão para a espada e tirou-a da parede. Quando seu punho se fechou no cabo, ele percebeu que era a primeira vez que segurava uma espada desde que havia jogado a sua no oceano.

— Parece perfeito! — declarou o mestre Yin. E se virou para Cheng Li. — Isso é

muito auspicioso.

Connor apertou a espada e começou imediatamente a cortar o ar com a lâmina. Era como se o fantasma de Chang Po estivesse se movendo ao lado dele, guiando sua mão. De repente não estava mais na casa de palafitas, e sim no convés de um grande navio, comandando a Frota da Bandeira Vermelha em outro ataque bem-sucedido no rio da Pérola. Podia sentir o cheiro dos canhões e ouvir a confusão da batalha. Sentiu um jorro súbito de adrenalina.

— *Bravo, capitão Tormenta!*

Viu-se e viu que este não era o navio de Chang Po, e sim o seu. Seus tripulantes estavam se aproximando. Sorriam, gargalhavam e aplaudiam. Ele podia sentir que naquele dia haviam obtido uma grande vitória.

Antes que percebesse, eles o haviam erguido sobre os ombros e estavam desfilaro com ele pelo convés. Ele ria.

— *Ponham-me no chão! Ponham-me no chão! É uma ordem do capitão: ponham-me no chão!*

Mas eles apenas riam. E ele não se importava. Naquele momento sentia-se profundamente feliz e em paz. Sabia que era um capitão popular. Sabia que havia feito um ótimo trabalho. Ergueu a espada acima da cabeça e bouve gritos tremendos.

— *Capitão Tormenta! Bravo, capitão Tormenta! Bravo...*

De repente seu foco retornou para a sala, percebendo que três pares de olhos o observavam atentamente.

Sem graça, virou-se e já ia pendurar a espada de volta no suporte. Quando a levantou, percebeu os caracteres chineses gravados no punho.

— O que está escrito? — perguntou.

— É uma dedicatória de Cheng I Sao a Chang Po — disse o mestre Yin. — Traga aqui e eu traduzo.

O mestre tirou um par de óculos do bolso da camisa, abriu-os e pôs sobre o nariz. Então Connor estendeu a espada e o velho ferreiro equilibrou-a no colo.

— Ah, sim — disse ele, pegando um pano e limpando a superfície do punho. — Isso mesmo! Diz: “Você percorreu um longo caminho desde o delta do rio, pequeno pescador!”

O ferreiro sorriu, com a pele enrugada ao redor dos olhos se franzindo.

— Acho que essa tal de Cheng I Sao possuía um bom senso de humor.

— É — disse Cheng Li sorrindo, o olhar jamais se afastando de Connor. — Não acha?



CAPÍTULO 50

A zona de perigo

— Certo, Johnny, muito engraçado! Agora me solta!

Tinha sido um lançamento hábil. O laço havia prendido os dois braços de Grace, minimizando sua capacidade de movimento. Agora a corda estava começando a se cravar em seus braços nus. Mas ele não demonstrava qualquer sinal de que iria afrouxá-la. Em vez disso, observava Grace com olhar distante e apertou-a ainda mais.

— Anda, Johnny, você está me machucando! Por favor, me solta!

— Por enquanto, não. Ainda não acabei, pequena dama. — Ele balançou a cabeça lentamente.

O que ele queria dizer? Johnny começou a puxar a corda, tão habilmente quanto na época em que puxava gado. Ela não tinha escolha a não ser andar até ele.

— O que há de errado com você, Johnny? — perguntou quando ficaram cara a cara.

— *Errado* comigo? — disse ele, rindo. — Não há nada de errado comigo! Estou me sentindo bem como não me sentia há muito tempo.

Bastou olhar nos olhos dele para confirmar seus piores temores.

— Você tomou sangue, não foi? — Ela olhou para a garrafa que Johnny havia jogado no chão empoeirado. — Havia sangue misturado no seu chá. Mas como? Onde você conseguiu?

— No lugar de sempre — disse ele, rindo.

— Você já tomou antes?

Ele deu de ombros.

— Sou um vampiro, Grace! Não posso sobreviver para sempre com chá de ervas e meditação em grupo.

Grace se encolheu ao ouvir os complexos tratamentos de Mosh Zu ser descartados com tanto desprezo.

— Mas o chá é *substituto* para o sangue! Você deveria estar aprendendo a dominar sua fome. Estava indo tão bem!

— Uau, obrigado. Isso é muito encorajador. Agora para de tentar afrouxar a corda. Não sabe que, quanto mais você lutar, mais apertada ela fica?

Grace percebeu que ele estava certo. Quanto mais lutava, mais a corda se cravava na carne. Olhando para baixo, viu inchaços vermelhos se formando logo acima dos cotovelos. Estava à beira das lágrimas simplesmente pela dor, e não queria que ele visse isso. Mordeu o lábio com força para se controlar.

— Por que você está agindo assim? Não é do seu feitio!

— Claro que é. O que há de errado? Eu fiquei lhe dizendo que eu era mau, baby, mas você só via um nerd de cabelo revoltado viciado em jogar xadrez de noite.

— Não. Você é mais do que isso. Não desista, Johnny! Só porque alguém lhe deu sangue de que você não precisa. Não jogue tudo no lixo! Você andou errante por muito tempo. Mas não precisa mais. Você pode ter um lar no *Noturno*.

— É. Você gostaria disso, não gostaria? Você, eu e Lorcan. Muito aconchegante! Muito empolgante para você, tenho certeza. — Ela podia ver a transformação se acelerando agora. Os dentes dele estavam ficando afiados. Os olhos, perdendo o foco. Logo se transformariam em poços de fogo. Ela precisava retardar esse momento o máximo possível. Precisava fazer com que ele continuasse falando. Mesmo que fosse difícil montar uma frase coerente quando a dor a cortava cada vez mais fundo.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou finalmente.

— Só acho meio bizarro o modo como você gosta de ficar perto de caras como nós. É como se estivesse flertando com o lado negro, ou algo do tipo. Mas nós não somos animais num zoológico, ou bichos de estimação. Você não pode vir nos visitar quando quiser. Há consequências em ficar perto de nós, os *garotos perdidos*.

Ele se inclinou mais para perto e ela pôde sentir seu hálito quente.

— Por que está lutando contra isso? No fundo você sabe que quer tanto quanto eu, talvez mais! O Garoto Cego de Connemara não vai dar isso a você, mas eu vou. É o que você andou pensando, não é? Todo aquele tempo no navio e agora aqui. Você viu Lorcan com Shanti. E quer saber por si mesma: como é compartilhar?

— Não. Não é isso que eu quero. Você entendeu tudo errado.

Ele balançou a cabeça.

— Não acho, Grace. Acho que desta vez o velho Johnny acertou na mosca.

Segurando o laço com uma das mãos, ele levou a outra ao pescoço de Grace. Apertou-o com tanta força quanto a corda. Então soltou o laço e estendeu a mão para a gola de sua blusa.

— Não! — gritou ela quando ouviu o tecido se rasgar, mas a pressão da mão dele em seu pescoço reduziu o grito a um grasnido surdo.

De repente ela ouviu passos.

— O que está acontecendo aqui?

— Lorcan! — ofegou Grace, aliviada.

— Ah, fantástico! Bem na hora, o velho e confiável Lorcan — zombou Johnny. Ainda estava com a mão apertando o pescoço dela com força.

— Solte-a! — gritou Lorcan, tentando puxar o braço de Johnny. Mas o *vaquero* era forte demais para ele.

— Por que eu deveria? — perguntou Johnny com o rosto sombrio e raivoso. — Para você tirar uma casquinha?

— Solte-a! — repetiu Lorcan.

Mas Johnny não demonstrou qualquer sinal de soltar Grace.

Grace fechou os olhos. Não havia nada que Lorcan pudesse fazer para salvá-la. E nada que ela pudesse fazer para se salvar.

Quando abriu os olhos de novo, viu Lorcan levantar a mão outra vez. Por que ele estava sequer tentando? Ele sabia que Johnny era muito mais forte.

Mas então Grace notou algo estranho. O anel Claddagh de Lorcan estava reluzindo num vermelho profundo, como se estivesse se esquentando como um ferro de marcar, em brasa. A forma do crânio que havia nele parecia crescer. Não, não *parecia*... estava crescendo de *verdade*! Ela viu a cabeça ficar grande e começar a se mexer, a boca pequena trincando os dentes. Então Lorcan levou sua mão para perto do pescoço de Johnny e a cabeça luminosa entrou em contato com a carne logo abaixo da orelha de Johnny. A boca do crânio se abriu e dois dentes se projetaram, como longas agulhas incandescentes.

Johnny não tinha visto nada disso. Estava perdido demais em sua fome. Não notou até que as agulhas brilhantes estivessem cravadas fundo em seu pescoço. Então ele se imobilizou, as mãos subitamente paralisadas, o rosto retorcido de dor.

Lorcan aproveitou o momento para empurrar Johnny para longe de Grace. Desta vez o *vaquero* não resistiu. Mas Lorcan foi misericordioso. Os dentes parecidos com agulhas se retraíram e ele afastou o anel.

Enquanto Johnny ainda estava fora de combate, Lorcan ocupou-se em soltar a corda que envolvia os braços de Grace.

— Uau! — disse ela. — Eu não sabia que o anel era capaz disso. O tempo todo em que o tive pendurado no pescoço...

Lorcan deu de ombros.

— Eu lhe disse, Grace. Ainda tenho algumas cartas na manga. — Enquanto tirava a corda, ele viu a gravidade dos machucados e se encolheu.

— Está feio? — perguntou ela. — Nem quero olhar.

— Está bem feio, infelizmente. Você vai precisar de vários potes daquele unguento de sabugueiro.

Enquanto isso, Johnny havia se levantado com dificuldade.

— Esses ferimentos vão se curar. São apenas cortes superficiais. — Ele ficou totalmente de pé. — Nem de longe são tão fundos quanto as feridas que você infligiu nela.

— Do que você está falando? — perguntou Lorcan. — Nunca machuquei Grace. Sequer uma vez.

— Ah, é? — disse Johnny com um sorriso. — Porque não é o que ela diz.

— Grace? — Lorcan olhou-a aterrorizado. Ela não pôde sustentar seu olhar. Baixou a cabeça. Como podia ter cometido o erro de contar seus sentimentos mais profundos a Johnny? Mas na época ele era um Johnny diferente.

E agora era Lorcan que estava furioso.

— Do que você está falando? Eu nunca machuquei a Grace. Grace, diga a ele...

— Ah, para de choramingar — disse Johnny, com a fome momentaneamente reduzida depois do ataque de Lorcan. — Está na hora de você crescer e virar homem. É hora de se decidir com relação a Grace. É como se você estivesse quente num minuto e frio no outro. Ela não sabe em que pé está, com você. Nenhum de nós sabe.

— Meus sentimentos por Grace... — começou Lorcan. Grace ficou surpresa por ele ter engolido a isca. De repente sentiu o coração disparando de um modo totalmente

novo, enquanto os dois esperavam que ele continuasse. — Meus sentimentos por Grace são... complicados.

— Complicados! — Johnny gargalhou. — *Complicados?* Essa lengalenga é a sua cara.

Nesse ponto Grace estava inclinada a concordar com ele, ainda que isso a deixasse furiosa.

Johnny ainda não havia terminado com Lorcan.

— Veja os fatos, amigo. Ela subiu toda essa montanha para ajudar você. Está vivendo há meses no meio de vampiros. Bom, pelo que ela conta, até se ofereceu para ser sua doadora. E como você retribuiu? Dizendo que tudo foi um grande erro e que ela deve voltar à vidinha comum e esquecer você!

— Não — disse Lorcan, com o olhar saltando de Johnny para Grace. — Não foi assim.

— Então conte como foi — continuou Johnny, evidentemente se divertindo. — Conte como é. E, já que começou, conte o que quer de Grace. Porque, se você realmente *quer* Grace, eu saio do seu caminho. Admito que o melhor vampiro ganhou. Mas se não for assim, fico com ela. Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas um dia. Um dia em breve.

— Eu não sou um prêmio! — reagiu Grace com raiva.

— Não — disse Lorcan. — Não é. Não preste atenção a ele, Grace. É a fome de sangue que está falando.

— Pelo menos eu *tenho* alguma fome — respondeu Johnny. — Pelo menos ainda me resta energia, vontade de continuar! — Ele se virou para Grace. — Sabe como chamam quando um vampiro se alimenta de um mortal? — Ela o olhou inexpressivamente. — Não? Chamam de beijo do vampiro. Acho que a sua cabeça está cheia de sonhos com o garotão aí, mas vou lhe dizer uma coisa de graça: é o único tipo de beijo que ele vai te dar. A única diferença entre ele e eu é que estou sendo honesto com você.

Grace olhou para Lorcan, com o coração subitamente esmagado pela emoção. Será que era verdade? Será que a relação dos dois seria apenas isso? Seria isso que ele havia tentado lhe dizer, a dificuldade pela qual ele estava passando? Simplesmente que ele a via como uma doadora em potencial, nada mais?

— Não — disse Lorcan. — Não, você não sabe do que está falando. Eu já disse, meus sentimentos por Grace são...

— É, é, a gente sabe: *complicados!*

De repente Lorcan puxou Grace. Abraçou-a com força e olhou em seus olhos. A pressão nos braços machucados era dolorosa, mas ela não se importou. Havia esperado muito por esse momento.

— Eu tenho sentimentos por você, Grace — disse ele. — Os sentimentos mais fortes. Mas não vou admitir ser encurralado assim. Precisamos conversar, e logo, mas *não* vamos falar disso enquanto ele estiver aqui. O que preciso lhe dizer é importante. Você concorda?

— Sim! — assentiu ela, com lágrimas de dor e alívio escorrendo pelo rosto. — Sim!

— Bom! — Com isso, Lorcan se inclinou para envolvê-la com os braços e lhe deu um beijo na testa. Ela sentiu os lábios gelados dele contra sua pele. Uma onda de

arrepios percorreu todo o seu corpo.

— Uau! — Johnny gargalhou. — Um beijo na testa! Você é mesmo um vulcão de paixão!

— O que diabos está acontecendo aqui?

Eles deram meia-volta e viram Olivier se aproximando, chutando o laço abandonado. Tinha visto os ferimentos de Grace também. Veio correndo e levantou o braço dela, ofegando.

— Foi o Johnny — disse Grace. — Alguém misturou sangue no chá de frutas dele. Ficou louco.

Olivier soltou o braço de Grace, segurou Johnny e prendeu os braços dele às costas.

— Tudo bem — disse Johnny. — Tudo bem, amigo. Vou ser bonzinho. — Olivier soltou-o, mas manteve os olhos firmes nele, alerta para qualquer problema.

— Como isso pode ter acontecido? — perguntou Lorcan.

— Não sei — respondeu Olivier, franzindo a testa. — Mas não temos tempo para discutir isso agora. Mosh Zu ordena que todos os vampiros se juntem a ele imediatamente, no salão de reuniões!

— Ah, é? — disse Johnny. — O que houve? Ele está com uma súbita vontade de fazer uma terapia de grupo?

— Cala a boca! — disse Olivier.

Johnny deu de ombros.

— Então está certo. Vamos, pessoal, vamos todos rapidamente para o salão de reuniões!

Olivier balançou a cabeça.

— Você não, Grace. Você precisa voltar ao seu quarto e trancar a porta.

— De jeito nenhum! — respondeu Grace em desafio.

— São ordens expressas de Mosh Zu.

— Grace fica comigo — disse Lorcan, segurando a mão dela com força.

— Certo — suspirou Olivier. — Não tenho tempo nem paciência para discutir com vocês. Mas Grace, desta vez você está se colocando na zona de perigo.

— Claro que está! — disse Johnny. — Você não sabe que não existe outro lugar onde Grace preferiria estar?



CAPÍTULO 51

A jornada continua

— Satisfeita com o meu trabalho? — perguntou o mestre Yín enquanto levantava um pedaço de pano e revelava as espadas brilhantes embaixo.

Connor estava pasmo com a modéstia do mestre artesão. Cheng Li havia dito que ele era o forjador de espadas mais talentoso de sua geração, no entanto estava olhando tão nervoso como um aprendiz enquanto ela pegava uma das espadas na caixa e a levantava. O velho sorriu de orelha a orelha quando ela declarou:

— Perfeito!

Cheng Li pôs a espada de volta na caixa. O mestre Yín cobriu-a de novo com o pano, gentilmente, como se estivesse pondo o cobertor sobre um bebê no berço.

— Setenta espadas e setenta adagas, como você pediu — disse, pondo a tampa de madeira em cima.

— Excelente — respondeu Cheng Li. — Connor, comece a levar isto para o cais enquanto eu faço o pagamento do mestre Yín.

— Claro. — Connor pegou a primeira caixa de espadas

— Eu ajudo — disse Bo Yín, pegando a segunda caixa e acompanhando-o para fora da sala.

Quando haviam saído, Cheng Li se virou para o mestre Yín.

— E então? O que acha?

O mestre Yín sorriu.

— Acho que você está certa. Há *sim* algo nele. No modo como segurou a espada. Só vi isso antes poucas vezes. Na última vez, foi você.

Cheng Li sorriu diante do elogio, mas então o sorriso desapareceu.

— Algo está perturbando você — disse o mestre Yín.

Cheng Li assentiu.

— Tenho certeza do talento de Connor. Mas ele me preocupa. Ele é vulnerável. Acaba de matar pela primeira vez e isso o deixou abalado. Realmente acho que ele pode

optar por abandonar a pirataria.

— É mais fácil falar do que fazer — assentiu o mestre Yin. — Você não escolhe virar pirata. A pirataria o reivindica. Assim como reivindicou Chang Po e a grande Cheng I Sao. — Ele suspirou. — A primeira morte é um choque profundo para qualquer um. E deve ser. Para ser um grande pirata você precisa apreciar o valor da vida e da morte. Você não vai querer uma máquina de matar em sua tripulação.

— Não. Não, o senhor está certo, claro que está.

Houve sons de risos enquanto Connor e Bo Yin retornavam à sala para pegar mais duas caixas. Eles contiveram os risinhos como se Cheng Li e o mestre Yin fossem professores.

Depois de os dois terem saído, Cheng Li sorriu para o artesão.

— Talvez haja mais de um prodígio pirata nesta casa, hoje.

O mestre Yin balançou a cabeça.

— Não falaremos sobre isso.

Mas Cheng Li continuou, sem se abalar:

— O senhor sabe como o rosto de Bo se ilumina à simples menção do oceano. Ela é forte e inteligente. E já a vi usando uma espada.

— Por favor — disse o velho ferreiro. — Por favor, não diga essas coisas.

— Não quero perturbá-lo. Mas pense em suas próprias palavras. *Você não escolhe virar pirata. A pirataria o reivindica.* E acho que ela está reivindicando...

— Bo Yin — gritou o pai dela, pela porta.

— Sim, papai!

— Tenha cuidado com essas caixas! Você não está transportando frutas e legumes!

— Sim, papai — gritou ela de volta.

Vendo a expressão dele, Cheng Li decidiu não pressionar mais. Mas tinha visto um certo olhar no rosto da garota. Reconhecia o fogo ali. Não era preciso ser vidente para saber o que aconteceria. Olhando de novo para o ferreiro pegando outra caixa, percebeu que ele também sabia. Era apenas questão de tempo.

— Olhe — disse ele, abrindo uma caixa menor do que as outras. — Aqui está o seu pedido especial. — Ele abriu a caixa e revelou uma única espada e uma única adaga, lado a lado.

Cheng Li se inclinou e deslizou o dedo pela extensão da espada.

— Soberba — disse. — Exatamente o que eu esperava.

— Bom, bom — respondeu o ferreiro, fechando a caixa de novo e pondo-a em cima das outras, para ser recolhida.

Quando a chalupa estava carregada com todas as caixas, Connor e Cheng Li voltaram à ponte flutuante para se despedir do artesão e de sua filha. Bo Yin guiou o mestre Yin pela escada de madeira para encontrá-los no cais.

— Muito obrigada — disse Cheng Li ao ferreiro.

— Obrigada a *voce* — respondeu o mestre Yin. — E lembre-se do meu conselho.

Cheng Li assentiu.

— Vou lembrar. E lembre-se do meu. — Em seguida se virou para Bo Yin. — Obrigada pela ajuda, Bo Yin.

Bo Yin assentiu.

— Foi bom ver você de novo, Cheng Li. E você também, Connor.

Ele sorriu e assentiu para ela.

— Cuide bem do seu pai — disse Cheng Li.

— Vamos cuidar um do outro — respondeu o mestre Yin, puxando a filha de modo protetor. — Como sempre fazemos.

— Foi um grande prazer conhecê-lo, senhor — disse Connor, fazendo uma reverência.

— O prazer foi meu — respondeu o ferreiro. — Aproveite suas novas armas. Ops! — Ele tampou a boca com a mão.

Connor se virou e deu com Cheng Li balançando a cabeça.

— Venha — disse ela a Connor. — É hora de partir.

Cheng Li pulou no bote-táxi. Connor fez o mesmo e os dois atravessaram o porto de volta. Logo haviam subido do bote para a chalupa da Academia e estavam levantando âncora para a viagem de volta. Enquanto preparava o barco para a partida, Connor viu o mestre Yin subindo de volta à sua casa. Mas Bo Yin estava parada no porto, ainda olhando. Connor acenou para ela, mas a garota não pareceu notar. Parecia hipnotizada.

— Bo Yin quer ser pirata, não é? — perguntou ele a Cheng Li.

Cheng Li assentiu, parando o que estava fazendo.

— Há um velho ditado. Talvez você já tenha ouvido. O ditado pergunta: como você identifica um verdadeiro pirata?

— E qual é a resposta?

— Quando você olha nos olhos dele e tudo que vê é o oceano. — Cheng Li assentiu. — Bom, eu olhei nos olhos de Bo Yin e vi um amplo oceano.



A volta foi parecida com a viagem de ida. Os dois falavam pouco durante o dia, cada um mais concentrado em seus próprios pensamentos. De novo a conversa mais séria foi adiada até o jantar, quando Connor fez muitas perguntas sobre o mestre Yin, sua oficina e sua bela e esperta filha.

— Agora *eu* tenho uma pergunta para você — disse Cheng Li. — Aconteceu alguma coisa quando você levantou a espada de Chang Po. Foi como se tivesse nos deixado por um tempo e ido para outro lugar totalmente diferente.

Connor assentiu, pondo um osso de frango no prato.

— Tive uma visão. A princípio eu estava no navio de Chang Po, ou pelo menos pensei que fosse. Depois me vi no convés do meu próprio navio...

— Do *seu* navio?

— Acho que foi uma visão do futuro. As pessoas me chamavam de capitão Tormenta.

— Como foi a sensação?

— Boa. Mas não é a primeira vez que vejo meu futuro.

— Não? — Os olhos dela o compeliavam a continuar.

— Não, aconteceu antes, na Academia dos Piratas. Duas vezes. A primeira foi na Rotunda, embaixo de todas as espadas dos capitães. Depois aconteceu de novo, durante uma das palestras do comodoro Kuo.

— E me diga: é sempre a mesma visão?

Connor balançou a cabeça.

— Não. A visão que tive na casa do mestre Yin foi feliz. Foi um momento de comemoração. Nas que tive na Academia dos Piratas eu estava ferido, sangrando. Na verdade acho que vi minha própria morte.

Cheng Li estava com os olhos arregalados.

— Você acha que viu sua própria morte como capitão pirata?

— Sim. É outro motivo pelo qual acho que deveria deixar para trás este mundo.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Tem razão — concordou ele.

— Connor, quer meu conselho?

— Claro.

— Essas visões, por mais nítidas que sejam, podem não ser imagens de seu futuro. Talvez sejam mais vislumbres de *escolhas*.

— Quer dizer que tem a ver com o tipo de pirata que eu posso me tornar? Como você disse antes?

Ela assentiu.

— Estive pensando nisso — disse ele. — Estive pensando bastante nisso enquanto estávamos na casa do mestre Yin. Acho que estou pronto para voltar a ser pirata. Mas não no navio de Molucco Wrathe. — Ele ergueu os olhos, que estavam brilhantes de novo. — Quero entrar para a *sua* tripulação.

— Entendo. — Cheng Li confirmou com a cabeça. Como sempre, seu rosto revelava pouca emoção.

— Achei que você ficaria feliz.

— Estou lisonjeada, claro. Mas as coisas são mais complicadas do que você percebe, ou talvez do que queira admitir. — Ela o encarou fixamente. — Você ainda não é um homem livre, Connor. Ainda está ligado ao contrato do capitão Wrathe.

— Ele me liberaria. Sei que sim. Ele entenderia que eu preciso recomeçar.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Ele pensaria que eu roubei você bem debaixo do nariz dele. Não vamos nos enganar, Connor. Todos nós sabemos que entre Molucco Wrathe e eu não resta qualquer afeição.

— Está dizendo que não pensaria em mim para a sua tripulação? Para ser seu sub?

— Meu sub? — Ela sorriu. — Vejo que o velho Connor Tormenta retornou, sem dúvida.

— Não — disse ele, com firmeza. — Este é o novo Connor Tormenta. Mais velho, sabendo mais...

— Prove. Volte e faça as pazes com Molucco. Independentemente do que eu ache dele como capitão, ele foi bom para você. Você deve honrar isso. Vá falar com ele, diga como se sente. Se ele concordar em liberá-lo do contrato, ficarei feliz em tê-lo na minha tripulação.

Chegaram de volta à Academia cobertos pela escuridão da noite. No porto estava um galeão. Iluminado pela Lua, brilhava de modo majestoso.

— Então ele já chegou — disse Cheng Li, incapaz de esconder a empolgação na voz.

— É o nosso novo navio?

— *Meu* novo navio — respondeu Cheng Li com um sorriso. — É o meu navio. E é hora de você partir para o *Diablo* e ter sua conversinha com Molucco.

— É. — De novo o coração de Connor ficou pesado ante a ideia. Começou a juntar suas coisas e a se preparar para correr até o bote a vela, ainda no esconderijo.

— Espere! — disse Cheng Li. — Tenho uma coisa para você.

Ela desapareceu no porão e voltou carregando uma caixa pequena. Entregou-a a Connor. Ele olhou-a interrogativamente, mas já tinha total certeza do que havia dentro.

— Posso abrir?

Ela assentiu.

Quando virou os dois fechos e abriu a caixa, o rosto de Connor ficou banhado de luz. Ali, olhando-o, estavam duas armas novas — um florete e, ao lado, uma adaga.

— Você precisava de uma espada nova, e achei que já era hora de você aprender a lutar com duas armas — disse Cheng Li.

— São lindas! — exclamou Connor. Em seguida levantou a espada. Imediatamente sentiu a mesma conexão que havia tido com a espada de Chang Po.

— O ajuste é bom?

— Ah, sim — respondeu ele, assentindo. Quando a virou na mão, notou uma inscrição no punho, assim como havia uma na espada de Chang Po. — O que é isso?

— Leia.

— *Para Connor Tormenta, pirata extraordinariamente promissor. Dada no início de uma carreira notável. De Cheng Li.*

Connor ficou pasmo.

— Obrigado — disse, esquecendo o decoro e abraçando-a. — Muito obrigado!

— De nada — respondeu Cheng Li, obviamente um pouco desconcertada com a demonstração de emoção.

— E obrigado pelo conselho, também. — Connor devolveu a espada à caixa.

— Eu já salvei você de águas sombrias uma vez, lembra? Na verdade, acho que isso está virando hábito, não?



CAPÍTULO 52

A invasão da cidadela

Grace, Lorcan e Johnny foram alguns dos últimos a chegar ao salão de reuniões. O lugar estava apinhado de vampiros, muitos dos quais Grace não tinha visto durante sua estada no Santuário. Percebeu que eram os vampiros dos três blocos — de cada estágio do tratamento de Mosh Zu. Como Olivier havia indicado, não viu doadores. Grace imaginou que deveriam estar trancados, em segurança, no bloco dos doadores.

Percebeu com um tremor que era uma dentre os muito poucos não vampiros no salão. Não tinha atendido ao pedido de Olivier, de que fosse para seu quarto e trancasse a porta. Mas agora se perguntou se tinha feito a coisa certa. Havia uma diferença entre enfrentar o perigo quando este chegava e se lançar por livre vontade no caminho dele. Um aperto da mão de Lorcan ajudou um pouco a tranquilizá-la de que havia tomado a decisão correta. Além disso, queria estar presente para apoiar Mosh Zu.

Então ela levantou os olhos enquanto ele subia ao palco.

— Estão todos aqui? — perguntou Mosh Zu a Olivier.

Olivier assentiu, fechando a porta no fundo do salão e colocando-se ao lado de Dani.

O salão estava imerso em murmúrios, mas Mosh Zu silenciou-os levantando a mão. Imediatamente todos os olhares se voltaram para ele.

— Reuni vocês todos aqui para falar de uma nova situação de perigo. — Em reação a isso, começaram a circular sussurros. Mas logo morreram quando Mosh Zu prosseguiu: — Mas primeiro quero lembrar-lhes de por que estão aqui e do que podemos oferecer no Santuário. — Ele fez uma pausa. — Ser vampiro na sociedade tem suas dificuldades. Não preciso dizer isso. No tempo que passaram aqui, conversei com cada um de vocês e ouvi suas experiências, frequentemente muito dolorosas, durante os anos que passaram vagueando sem rumo. Todos recebemos o grande dom da imortalidade. Mas, como sabemos, esse dom também pode se tornar um fardo. Pode se tornar um fardo se significar que somos apanhados numa espiral sem fim, uma espiral de caça e alimentação, depois de fome, caça e alimentação, e mais fome. O perigo de uma

existência assim é que tudo que sempre sentimos, tudo com que nos preocupamos, é nossa própria fome. Ela nos cega para a rara beleza do presente que ganhamos. Ela nos impele a ferir os outros. Faz de nós exilados neste mundo. E sei que todos vocês aqui estão familiarizados com esse sentimento de exílio.

Grace ouvia, fascinada, enquanto ele continuava.

— A chegada de vocês ao Santuário marca o fim desses anos de perambulação e o início de sua saída do exílio. Trabalhamos com vocês para controlar sua fome. Quando nosso trabalho está feito, vocês conseguem se alimentar sem ferir os outros. Nosso objetivo definitivo é que vocês naveguem no *Noturno*. Alguns podem optar por retornar à terra. Mas quando saírem daqui, desde que continuem praticando nossos ensinamentos, terão um sistema para o controle da fome e para embarcar numa imortalidade mais significativa. Então estarão totalmente livres para abraçar o presente.

Então o rosto de Mosh Zu ficou sombrio.

— Mas agora existe uma nova situação de perigo. Vocês serão puxados em direções diferentes, por forças externas.

Houve murmúrios.

— Uma nova facção de vampiros, que vem crescendo, está encorajando ativamente o abandono de nossos ensinamentos. Eles preferem desperdiçar sua eternidade a desistir da caçada constante por sangue. São levianos no emprego da violência, explícitos na desconsideração pelas vidas mortais. Agora mesmo estão preparados para vir até vocês e tentá-los a se juntar a eles. E não se enganem, vocês serão tentados. Resistir será difícil. Como eu disse antes, nosso trabalho aqui não é fácil. Mas juntar-se a eles é muito fácil, e isso torna tudo mais convidativo ainda.

Ele levantou a cabeça e varreu com o olhar as fileiras de vampiros.

— Quero que saibam duas coisas. Primeiro, se tomarem a decisão de se juntar a eles, jamais poderão retornar ao Santuário. Nossos portões estarão fechados para vocês para sempre... e falo sério. Isso pode parecer brutal, mas não vou correr o risco. A segunda coisa a saber é que, por mais que a promessa deles pareça convidativa, ela não passa de um convite para o seu próprio fim.

Com isso, ele recuou.

— É só isso.

Uma mão se levantou no centro da multidão.

— Não tenho mais nada para acrescentar no momento — disse Mosh Zu. — Mais tarde, se tiverem perguntas...

Mas aquele vampiro não admitia ser contido. Houve um burburinho na multidão e Grace pôde ver que o homem estava abrindo caminho para chegar ao corredor. Quando ele conseguiu, Grace ofegou. Era Sidório. Afinal de contas, como ele havia entrado ali?

Sem dúvida Mosh Zu estava pensando a mesma coisa. Encarou, incrédulo, Sidório, enquanto ele caminhava pelo corredor até o palco.

— Tudo bem — disse Sidório. — Não tenho uma pergunta.

— Então vá embora — respondeu Mosh Zu.

— Você não vai deixar que eu diga o que tenho a dizer?

Mosh Zu hesitou. Grace podia ver que ele não tinha certeza do que seria melhor. Essa hesitação se mostrou fatal. Sidório saltou no palco ao lado dele e começou a se dirigir à multidão.

— Alguns de vocês podem estar se perguntando quem eu sou. Outros já devem

saber. Sou Sidório, ex-tenente do *Noturno*. Estou aqui com novidades minhas. A primeira coisa a saber é que não existe mais apenas um navio Vampirata. O tempo do *Noturno* acabou. Há um segundo navio e logo haverá outros. E nesses navios faremos as coisas de modo um pouco diferente.

— Você deve ir embora! — disse Mosh Zu.

— Mas eles querem me ouvir — respondeu Sidório, assentindo para a multidão fascinada. — Não pode ver como estão interessados? Você já teve a sua vez no palanque. E eu não terei chance de apresentar meu manifesto? — Ele mostrou os dentes num sorriso.

Mosh Zu se adiantou outra vez. Quando fez isso, uma voz na multidão gritou:

— Deixe que ele fale!

— É! — gritou outro. — Deixe que ele diga o que tem a dizer!

Mosh Zu balançou a cabeça, mas Grace podia ver que era um movimento de desespero. Então, quando Sidório ocupou o centro do palco, Mosh Zu desceu da plataforma. — Isso é que é democracia para vocês? — Sidório riu. — Ele nem quer dividir o palco comigo!

Alguns vampiros riram. Grace podia ver que ele já havia começado a ganhar parte da plateia.

— Eu venho da nova facção, como diz o guru de vocês. Mas não há nada de novo no meu pensamento. Não é muito complexo, também. Vocês podem resumi-lo em três palavras: *Seja você mesmo*. Por que lutar contra? *Seja você mesmo*. Por que complicar a existência tentando “controlar” o seu suprimento? Nós precisamos de sangue e sempre vamos precisar. Já temos o dom da imortalidade. *Seja você mesmo*. Você realmente quer passar a eternidade medindo suas porções? Ou quer simplesmente continuar vivendo, vivendo de verdade? Por sinal, não estamos sofrendo ameaça da comunidade mortal. Estamos crescendo em número. Nós *somos* a ameaça! Nenhum mortal em sã consciência iria se meter conosco. *Seja você mesmo*.

Enquanto ele falava, seus olhos examinaram o salão e pousaram em Grace. Ela lhe lançou um olhar de desdém. Para sua satisfação ela viu que Sidório parecia momentaneamente perturbado, mas então ele continuou:

— Meu navio está esperando por qualquer um de vocês que queira se juntar a nós. Só precisam me seguir, descendo a montanha comigo. Uma nova viagem os espera. E, posso garantir, vai ser a viagem da vida de vocês! O que dizem? Quem está comigo?

Grace sentiu o coração afundar em novas profundezas quando viu uma quantidade de vampiros levantar as mãos e gritar em apoio. Dentre as vozes, escutou o familiar sotaque de Johnny.

— Estou com você, cara!

Grace balançou a cabeça com tristeza. Era a fome dele que estava falando. Era o mesmo com todos. Sidório sabia exatamente em que pontos tocar ao atrai-los para a perdição.

— Excelente — disse Sidório. — Num instante vou sair daqui. Vocês só precisam me seguir. Mas tenho mais uma mensagem para o resto, para os que ainda estão em cima do muro. Disseram a vocês que o *Noturno* está pronto para recebê-los quando terminarem seus estudos aqui. Que o capitão irá levá-los numa alegre viagem pela eternidade. Bom, lamento ser eu a dar a má notícia, mas a verdade é que, neste momento, o *Noturno* não tem capitão.

Houve ruídos de perplexidade no salão.

— Isso mesmo — rugiu Sidório. — Porque ele teve um colapso e está lutando pela vida aqui em cima. E, cá entre nós, não creio que ele tenha grandes chances.

— Isso é verdade? — gritou um vampiro.

Mosh Zu subiu de novo no palco.

— Diga a verdade! — gritou outro.

Mosh Zu levantou a mão.

— É verdade que o capitão não está bem...

— *Não está bem?* — gritou Sidório. — Acho que é um pouco de eufemismo.

Mas a confirmação de Mosh Zu havia bastado para aumentar o descontentamento no salão e o número de novos recrutas para Sidório.

— Por que não nos contou? — gritou mais um vampiro.

— É! Nós devíamos ter sido informados! — gritou outro.

— Vocês não veem? — disse Sidório. — É assim que eles fazem as coisas aqui.

Eles guardam segredos.

— A culpa é sua! — gritou Mosh Zu. — Foi você que *provocou* o colapso do capitão.

Ignorando esse comentário, Sidório continuou:

— Há quanto tempo ele está aqui? Há quanto tempo ele está deitado em sua câmara de cura enquanto você tenta salvar a vida dele? Uma hora? Um dia? Uma noite?

Mosh Zu balançou a cabeça, recusando-se a responder.

— Bom, *voce* pode não querer dizer a eles, mas eu vou contar — rugiu Sidório. — Ele está aqui há dois dias. Dois dias inteiros trancado, com a vida se esvaindo. E, com isso, também se esvai qualquer esperança que vocês tinham de velejar com ele naquele navio.

— Não é verdade — gritou Mosh Zu para a plateia. — Vocês não entendem! É tudo mentira.

Sidório balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Não sou eu que estou contando lorotas aqui, e vocês sabem muito bem. — Com isso ele pulou do palco.

— Olivier, abra as portas! — gritou Sidório.

Como ele sabia o nome de Olivier? Grace se virou para Olivier e viu a cabeça de Mosh Zu girar ao mesmo tempo. Então tinha havido outra traição. Eles ficaram olhando enquanto Olivier saltava de pé e obedecia ao seu novo senhor, abrindo as portas.

— Por sinal, é a este homem que vocês devem agradecer pelo modo como estão se sentindo esta noite! — disse Sidório, puxando Olivier. — Foi ele que colocou um estímulo extra nas garrafas de vocês, antes. Na verdade ele vem aumentando gradualmente seus níveis de sangue há dias. Achávamos que vocês já estavam fartos de chá de frutas.

Grace ficou nauseada. Então tinha sido o próprio Olivier, o auxiliar de confiança de Mosh Zu, que havia mexido na mistura do chá e dado aos vampiros em processo de cura uma dose maior de sangue. Não era de espantar que Sidório tivesse encontrado uma plateia tão suscetível.

— Como pôde fazer isso? — perguntou a Olivier. — Como pôde? Você era o principal auxiliar de Mosh Zu.

— Sim, eu era. Até *voce* chegar. Mas então tudo mudou, não foi?

Grace ficou totalmente abalada. Será que, de algum modo, ela era responsável pelo que estava acontecendo?

— Ignore-o — disse Mosh Zu. — A mente dele foi envenenada.

— Não! — reagiu Olivier. — Não, Sidório me ouviu, ouviu minhas preocupações. — Ele olhou para Sidório, buscando confirmação. — Nós fizemos um pacto.

— Um pacto! — gritou Grace. Seu olhar foi de Olivier para Sidório. — Que *tipo* de pacto?

— Eu preparei o caminho para a chegada de Sidório aqui — disse Olivier. — E ele me prometeu...

Sidório deu um risinho. Era arrepiante. Olivier hesitou.

— O *que* ele lhe prometeu? — perguntou Mosh Zu. — Um cargo no novo navio dele?

— Qual é o problema? — disse Olivier. — Eu era seu principal auxiliar. Agora sou dele!

Sidório deu de ombros.

— Não é *necessariamente* meu *principal* auxiliar, meu chapa...

— Como assim? — perguntou Olivier. — Nós conversamos. Nós combinamos...

— Você foi de grande ajuda — disse Sidório. — E fico grato. Do fundo do meu... bem. — Ele empurrou Olivier para longe. — Conversamos mais tarde.

— Estão vendo? — perguntou Mosh Zu. — Estão vendo como ele usa vocês e depois os empurra de lado? — O olhar de Mosh Zu varreu a sala enquanto se dirigia aos outros. — Não se enganem! É assim que será com cada um de vocês. Ele não se importa com os interesses de vocês, somente com seus próprios planos malignos.

Grace sentiu um fio de esperança. Podia ver que as palavras de Mosh Zu haviam alcançado alguns na multidão.

Mas quando Sidório pigarreou, todos os olhares se voltaram de novo para ele. Como se ele estivesse exercendo algum domínio sombrio sobre os outros. Um carisma terrível.

— Acabamos nos desviando do foco — disse ele. — Bom, onde eu estava mesmo? Ah, sim... Sigam-me se quiserem uma vida nova num navio novo. Um navio onde vocês terão o sangue que quiserem quando quiserem. E posso prometer que não haverá mais patéticas buscas interiores, nem coisas melosas como meditação ou abraços em grupo!

Quando ele chegou à porta, um grande número de vampiros se levantou das poltronas e o cercou com empolgação. Começaram a falar uns com os outros em voz alta. Sidório saiu do salão e eles foram atrás. Como ratos acompanhando o Flautista de Hamelin, pensou Grace, sombriamente. Ficou olhando quando Johnny avançou, os olhos luminosos com um novo objetivo. Ele sempre disse que era um mau avaliador de caráter. Bom, desta vez havia acertado na mosca.

Grace foi rapidamente até Mosh Zu.

— Temos de impedi-los! — disse.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Eles já estão manchados. Meu assistente de confiança cuidou disso. — Os dois se viraram enquanto Olivier guiava os novos recrutas pela porta. Grace se perguntou por que ele ainda estava ajudando Sidório. Não

entendia que não havia lugar para ele na tripulação renegada? Virou-se de novo para Mosh Zu, desejando que ele tivesse previsto a fraqueza de Olivier, a traição.

— São sempre os que estão mais perto da gente — disse Mosh Zu. — São sempre os mais difíceis de decifrar. A gente perde a perspectiva.

Grace ficou olhando em desespero as cadeiras se esvaziarem. Nesse ponto, cerca de um terço dos vampiros havia ido atrás de Sidório. O resto ficou, perturbado com a notícia sobre o capitão, perturbado com a ideia de seu porto seguro ter sido invadido.

— Você não pode impedi-lo? — perguntou um deles a Mosh Zu. — Não pode trazê-los de volta?

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Sidório pode me acusar de qualquer coisa, menos de atuar no ramo de lavagem cerebral. Eu não curo vocês, quando vocês me procuram. Trabalho com vocês para que possam se curar. Vocês vieram ao Santuário por conta própria e saem daqui do mesmo modo. Isso só depende das escolhas que *voçês* fazem. E eles — Mosh Zu assentiu para a porta —, eles fizeram sua escolha.

— E nós? — perguntou uma outra vampira. Quando ela se virou, Grace reconheceu a princesa de Lamballe.

— Nada mudou — respondeu Mosh Zu. — Nosso trabalho continua. Pode haver menos de vocês aqui, mas isso só significa que podemos trabalhar melhor com vocês que querem ficar.

— E o capitão? — insistiu a princesa. — É verdade que ele está morrendo?

— O capitão está com problemas. Mas vem reagindo bem ao tratamento. Vai se recuperar. E vai retornar ao *Noturno*. E agora, se me derem licença, vou vê-lo. Grace, será que poderia vir comigo?

Ela assentiu.

Mosh Zu se virou.

— O resto de vocês, os que optaram por ficar, por favor retornem aos seus quartos e pensem no que aconteceu hoje aqui. Pensem no que realmente desejam fazer com sua eternidade. E, se tiverem alguma dúvida, deixem-nos e sigam aquela caravana de camelos montanha abaixo.

Com isso, ele saiu irritado do salão. Grace foi atrás.

Enquanto seguiam pelo corredor para os aposentos de Mosh Zu, passaram pela sala de recreação. Olhando dentro, Grace parou. Mosh Zu continuou em frente, sem perceber.

— Já alcanço você — gritou ela. Não sabia se ele ao menos teria ouvido.

Entrando na sala de recreação, viu Johnny mover uma das suas peças de xadrez.

— Xequemate — disse ele, olhando-a com um riso enquanto derrubava o rei branco. Começou a juntar as peças do tabuleiro. Ela imaginou se ele iria encontrar algum jogador disposto em meio aos vampiros que partiam.

— Não vá com ele, Johnny — pediu ela. — Sei que você se sente tentado. Eles puseram sangue no seu chá, para você ficar assim. Por isso me atacou antes. Você não pôde se controlar. Mas, se ficar aqui, as coisas vão melhorar para você. Sei que vão.

Ele olhou-a com tristeza.

— Eu já lhe disse, Grace, a coisa aqui é difícil. A verdade é que hoje não foi a primeira vez em que eu tomei sangue. Olivier sempre foi aberto a uma pequena tramóia. — Ele suspirou. — Eu tentei, Grace, tentei de verdade. Mas tomei minha decisão. Vou

com o tal de Sidório.

Grace olhou desconsolada enquanto ele pegava o tabuleiro e as peças e os jogava em sua bolsa. Ela teve uma última ideia de como impedi-lo.

— Lembra-se de tudo que você me contou? Sobre sua vida e sua morte? Você mesmo admitiu. Você realmente é um mau avaliador de caráter.

Ele sorriu. Sem dúvida se lembrava da confissão.

Grace continuou:

— Você já fez escolhas ruins, Johnny. Mas se passar por aquela porta hoje, será a pior escolha que já terá feito.

Ele deu de ombros.

— Eu entendo, Grace. Entendo, mas pelo modo como vejo, o que mais tenho a perder? — Com isso ele pôs a bolsa no ombro e foi até ela. — Tentei ser bom. Realmente dei tudo de mim, e mais ainda. E sabe de uma coisa? Não é que eu não *possa* ser bom. É que sou muito melhor sendo mau. — Ele pegou seu chapéu de feltro e colocou-o inclinado sobre a testa. — Vejo você, pequena dama — disse enquanto saía da sala.

Grace balançou a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Isso tudo era medonho. Todo o seu mundo estava desmoronando ao redor. E não somente o *seu* mundo.

De repente lembrou-se de outra coisa. Onde estava Lorcan? Não o tinha visto desde que chegara ao salão de reuniões. Enquanto a multidão avançava e ela procurava Mosh Zu, ela havia se perdido dele. Para onde Lorcan teria ido? Ele não poderia ter seguido Sidório, também, poderia? Nesse caso, toda a sua esperança, toda a sua fé teria acabado. Com lágrimas nos olhos, virou-se e saiu da sala de recreação.

Ao sair da sala, começou a correr. Não sabia exatamente para onde ia. Mas sentia uma súbita e desesperada necessidade de ir.

Do lado de fora viu Johnny correndo para alcançar o fim da fila que descia a montanha. Balançando a cabeça, ficou parada sozinha no pátio. O ar estava frio e ela percebeu que começava a nevar. Olhou para os redemoinhos de flocos que desciam até cair sobre ela. Lembrou-se da visão que havia tido da vida e da morte de Johnny, da neve caindo. Afastou-a. Era doloroso demais pensar nele agora.

Lembrando-se da horta, para onde já havia ido antes, decidiu ir lá agora, para se afastar deles. Para se afastar de todos eles. Correu para longe da entrada principal e pegou o caminho até a horta. A princípio foi um alívio estar sozinha ali. O lugar parecia ainda mais bonito do que como ela recordava, pois a neve caía sobre a fonte e os bancos ao redor.

Pensou na ocasião em que havia ficado deitada ali, com a fita de Lorcan em volta do pescoço e, mais tarde, depois da interrupção da princesa, na mão. Naquela noite estava procurando respostas, procurando um modo de ajudar Lorcan. Agora todos esses pensamentos estavam banidos. Lorcan se fora, presumivelmente seguindo Johnny e os outros recentes recrutas de Sidório. Agora tudo que Grace buscava era paz. Mas, ainda que esse lugar pudesse oferecê-la, estava muito frio. Teria que voltar para dentro se não quisesse morrer ali. Triste, saiu da horta e foi para o pátio principal. Baixou a cabeça para não deixar a neve cair nos olhos.

Quando viu a figura se aproximando através da neve que caía, já estava quase esbarrando nela. Levantou os olhos um momento. Ele vestia um sobretudo militar, os

ombros já empoados de flocos de neve. Quando seus intensos olhos azuis encontraram os dela, ele acelerou o passo.

— Lorcan! — gritou ela.

— Grace! Você está coberta de neve! Deve estar congelando!

Ele abriu seu sobretudo e puxou-a para dentro.

— Você está tremendo — disse Lorcan. — Há quanto tempo está aqui fora?

— Pensei que você tinha ido com eles — gemeu ela, arrasada. — Pensei que tinha ido atrás do Sidório e que eu havia perdido você de novo.

— Está maluca? Acha que eu escolheria o Sidório? Em vez de *voce*? — Ele balançou a cabeça. — Nunca!

Ela suspirou de alívio e relaxou junto ao peito de Lorcan. Isso mais do que compensava o acontecido com Johnny. Isso lhe dava alguma crença de que as coisas poderiam voltar a se endireitar.

— Venha — disse Lorcan. — Vamos entrar antes que você acabe morrendo.

Juntos, correram de volta para o calor.



CAPÍTULO 53

Os laços que prendem

— Olá, estranho! — disse Docinho de Coco ao entrar no reservado. — Com essa já são quantas noites seguidas? Seis?

Connor negou com a cabeça.

— Nove.

— Talvez esta noite seja especial, não é?

— Espero que sim. — Connor estava ficando cansado de esperar Molucco e sua tripulação. O fardo da discussão iminente ficava mais pesado à medida que era adiado. Depois do retorno de Lantau, tinha sido impossível tentar descobrir o *Diablo* no mar. Voltar à taverna de Madame Chaleira lhe parecera a ideia óbvia. No momento em que o navio retornasse àquelas águas, certamente eles viriam à taverna.

— Deixe-me pegar outra bebida para você — disse Docinho.

— Obrigado.

— Tem certeza de que não gostaria de uma coisa mais forte?

Ele balançou a cabeça. Dando de ombros, Docinho se virou para sair do reservado. Antes de fazer isso, olhou-o de novo.

— Estou preocupada com você.

— Por favor, não precisa.

— É que você parece muito mais velho, Connor. Na primeira vez em que veio aqui, você era só um garoto. Agora é um homem. Mas não é um homem feliz. E você sabe o que dizem sobre a vida de pirata. Deve ser curta mas alegre, com ênfase no alegre!

— Tenho umas coisas para resolver. Assim que estiverem resolvidas, serei o mesmo Connor que você sempre conheceu.

— Não faça promessas que não pode cumprir... — disse Docinho de Coco. — Por enquanto me contento com um sorriso.

Ele fez o máximo que pôde.

— Bom, é um começo. Quero que saiba de uma coisa, Connor. Você é sempre bem-vindo aqui na taverna. Independentemente do que o futuro reserve para você. — Ela fez uma pausa. — Você é um bom rapaz.

Era exatamente o que ele precisava escutar. Quando a olhou, estava com lágrimas nos olhos. De repente toda a dor, a tristeza e a culpa que nadavam dentro dele irromperam como uma onda.

— Ah, Connor — disse Docinho, vendo que ele sofria com as emoções. Em seguida sentou-se e o envolveu com os braços. Ele não tentou impedi-la, simplesmente permitiu que ela o abraçasse. Era bom deixar que tudo saísse.

— Está melhor? — perguntou Docinho.

Ele se soltou e confirmou com a cabeça. Desta vez sentiu os músculos do rosto relaxarem e pôde lhe dar um sorriso de verdade. Muitas vezes havia sonhado que estava nos braços de Docinho, mas em circunstâncias um tanto diferentes.

— Certo, então — disse Docinho levantando-se de novo. — Agora vou pegar a sua bebida.

Depois de ela ter saído, Connor se inclinou e puxou a cortina de veludo, olhando de cima para a pista de dança, e para o resto da taverna. Esta noite estava calma, mas, afinal de contas, era uma terça-feira. Ficou se perguntando se os novos procedimentos de segurança da madame teriam afastado alguns clientes. Depois do assassinato de Jenny Petrel, a madame havia proibido qualquer arma no bar. Agora mesmo seu chefe de segurança — um cara legal que tinha o apelido de Moeda de Prata — estava ocupado revistando recém-chegados e colocando espadas, adagas, *shuriken* e outros adereços na sala de casacos. Era irônico, pensou Connor. Porque não havia sido uma espada, adaga ou um *shuriken* que dera fim à vida de Jenny. Tinha sido um par de dentes e uma fome além de qualquer compreensão humana. E isso era muito mais difícil de impedir.

— Que história é essa? — Connor escutou uma voz familiar. — Que indignidade! Quem já ouviu falar de um pirata tendo de deixar suas adagas? — Não havia dúvida quanto à voz. O coração de Connor começou a disparar. Olhou pela borda do reservado, e ali, sem dúvida, estava Molucco Wrathe, no centro da taverna, como rosto que era a própria imagem da perplexidade enquanto Moeda de Prata explicava gentilmente, mas com firmeza, que não havia exceções às novas regras de segurança de Madame Chalcira.

Enquanto o debate continuava, Connor saiu do reservado e desceu a estreita escada até o térreo.

Quando chegou, Moeda havia conseguido não somente pegar as duas adagas de prata de Molucco, mas também algumas outras armas menores que ele evidentemente havia escondido sob o casaco enorme. Connor observou de longe Moeda pegar o arsenal e colocá-lo numa caixa metálica, entregando a Molucco um tíquete numerado.

— Onde está Kitty? — perguntava Molucco. — Alguém diga a Kitty Chalcira que estou aqui. E diga que não gosto de tíquetes numerados, a não ser que haja prêmios bons a ganhar!

Ele estava pronto para começar mais um protesto quando seu olhar encontrou o de Connor. Sua boca se abriu, mas ele ficou em silêncio, o que não lhe era comum. Depois sorriu e disse o nome de Connor, chamando-o.

— Meu garoto, é você? Nós ficamos tão preocupados! — Molucco estendeu os braços e Connor o abraçou, mais por protocolo do que pelo desejo de um gesto

caloroso. Havia coisas que precisava dizer a Molucco Wrathe, e não poderia ser desviado pelas exageradas demonstrações de sentimentalismo do capitão.

— Deixe-me olhar para você! — disse Molucco, segurando o rosto de Connor entre as mãos cheias de jóias. — Você perdeu peso! Tem comido? Ah, senhor Tormenta. Que bom saber que está bem, em segurança, e que voltou para nós!

Connor olhou-o enquanto continuava abraçando-o com força. Podia ver que Barbarro, Trofie e Luar Wrathe estavam com Molucco na taverna. Pareciam um pouco menos entusiasmados com o encontro.

— Boa noite, Connor — disse Trofie, pelo menos fingindo preocupação. — Ficamos muito preocupados com você, *min elskling*.

Quando o capitão Wrathe finalmente o soltou, Connor assentiu para Trofie.

— Obrigado — respondeu. — Mas estou bem. Andei viajando.

— Sim, sim — disse Molucco. — E vamos ouvir tudo a respeito. É uma noite de idas e vindas, sem dúvida. Meu querido irmão e sua família estão se despedindo de nós, por um tempo.

Luar sorriu maliciosamente para Connor.

— Você sabe como é. Lugares para atacar, pessoas para mutilar.

— Na verdade — disse Trofie, dando um sorriso indulgente para o filho —, o que mais quero são tempos mais calmos.

— E o que minha querida esposa deseja — acrescentou Barbarro —, minha querida esposa consegue. — Ele pôs um braço no ombro de Trofie e o outro, no de Luar.

Molucco deu um sorriso largo para Connor.

— É assim com as famílias náuticas. Nossos navios estão sempre navegando. Mas, enquanto um navio parte, outro retorna ao porto seguro. Venha, senhor Tormenta. Seus bons amigos Bartholomew e Cate virão logo. Vamos para a área VIP.

— É, vamos — concordou Trofie. — Eu daria minha mão esquerda por uma taça de champanhe.

— Na verdade — disse Connor, dirigindo-se apenas a Molucco — eu gostaria de conversar com o senhor a sós, se não houver problema. Não quero afastá-lo dos que o acompanham, mas será que poderíamos dar uma volta lá fora?

— Uma volta? — estrondeou Molucco. — Bem, claro, por que não? Desde que não tenha problema para o chefe de segurança.

— Por mim tudo bem, senhor — disse Moeda de Ouro com um sorriso. — E não se preocupe. Suas armas pessoais estarão seguras comigo.

Com um gesto de cabeça, Molucco sinalizou para Connor ir à frente, sair da taverna, ir até a passarela de tábuas. Como dissera Molucco, Bart e Cate estavam na fila para entrar. Os dois se viraram, surpresos, depois riram e acenaram para ele. Connor assentiu e falou sem som: “Vejo vocês mais tarde!” Não podia se permitir ser distraído dessa tarefa importante. Já havia seguido em frente enquanto os dois viravam um para o outro, os rostos marcados por expressões de preocupação.

Connor e Molucco foram até o fim da passarela, mas ali fora estava mais barulhento do que dentro da taverna, principalmente à medida que se espalhava pela fila a notícia das novas regras de segurança impostas.

— Isso aqui não está bom — disse Molucco. — Não podemos conversar aqui. — Connor fez uma careta. Precisava falar a sós com o capitão. — Vamos para o navio —

decidiu Molucco. — Na verdade, vamos tomar um pouco de rum na minha cabine antes de voltarmos para reencontrar os outros.

— Perfeito! — assentiu Connor, pensando em dispensar o rum.

Era estranho estar de volta à cabine de Molucco. Era ao mesmo tempo um local familiar e estranho para ele. Reconhecia os tesouros ali dentro, no entanto via-os com olhos diferentes. Os olhos de um estranho, concluiu. Já estava se distanciando do capitão e do navio. Já estava se afastando da tripulação.

— Pronto! — disse Molucco, pondo um grande copo de rum na frente de Connor e derramando o resto da garrafa no dele. — Sente-se, fique à vontade!

Os dois sentaram-se em volta de uma mesa muito polida, que Connor concluiu ser uma nova aquisição, talvez do ataque ao Forte do Pôr do Sol.

— Então, senhor Tormenta. Diga, por onde andou?

— Por aí — respondeu Connor, tentando manter o tom o mais comedido possível. — Andei velejando, pensando em tudo o que aconteceu, em tudo o que eu fiz.

O capitão Wrathe assentiu, tomando um gole de rum.

— Desculpe por ter ido embora daquele jeito — disse Connor. — Não queria preocupar o senhor nem ninguém. Só precisava enfrentar o que eu tinha feito.

Esperou que o capitão dissesse alguma coisa encorajadora, mas ele simplesmente tomou um gole da bebida e assentiu.

— E agora você fez as pazes consigo mesmo e voltou para casa. — Molucco levantou o copo. — Bem-vindo novamente, Connor!

Connor franziu a testa.

— Eu *não* fiz as pazes comigo mesmo. Nem sei se algum dia vou fazer. Matei um homem. A sangue-frio.

— Você salvou a vida do meu sobrinho! E a família Wrathe sempre será grata por isso. Tome um gole de seu rum, garoto. Vai se sentir melhor.

Connor balançou a cabeça.

— Eu agi para salvar Luar e não lamento ter feito isso. Mas não posso ignorar o fato de que matei o segurança.

— A primeira vez nunca é fácil. Mas você é um pirata, garoto. Isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Em especial com sua habilidade com as espadas. Vai ficar mais fácil, você vai ver.

— Não *quero* que fique mais fácil.

O rosto de Molucco era o próprio retrato da confusão.

— Você quer que fique mais difícil?

— Quero. Não. Não, só não quero me acostumar a matar. Sem um bom motivo.

Molucco franziu a testa.

— Você acha que salvar a vida do meu sobrinho não era um bom motivo para matar?

Connor fez uma pausa. Teria de escolher as palavras com muito cuidado, com muito cuidado mesmo.

— Acho... — começou — ...acho que Luar poderia ter evitado entrar naquela situação, para começar.

— Ah — disse Molucco, tomando mais rum. — Você acha, é? De repente você

virou especialista em estratégia de ataque.

Connor balançou a cabeça.

— Não é preciso ser especialista.

— Não. *Você* não precisa ser especialista. Você é um pirata iniciante, Connor Tormenta. Em alguns círculos, eles chamam piratas como você de *alimento de espada*. Você é pago para lutar, não para pensar. Pode deixar isso confortavelmente para os membros mais antigos da tripulação.

Connor ficou quieto, mas sua expressão dizia tudo.

— A não ser — disse Molucco — que você não esteja feliz com o que os seus superiores decidem. Nesse caso é melhor ficar feliz, e depressa.

Connor sabia que teria de enfrentar a raiva de Molucco em algum momento, e agora podia sentir que ela havia chegado, como uma onda desgarrada surgindo num mar calmo. Trincou os dentes e se preparou para o estouro emocional da onda. Com Molucco Wrathe era sempre assim.

— Fico surpreso — disse Molucco — ao ver que você está tão à vontade com o modo como dirijo meu navio a ponto de voltar do ermo. Por que não continuou velejando até o horizonte?

Connor balançou a cabeça.

— Não estaria certo. Nem seria justo. Sou muito grato por tudo que o senhor fez por mim...

— Espero que esteja, mesmo. Eu resgatei você do oceano, com minhas próprias mãos!

Era uma mentira deslavada, típica da mania de Molucco de inventar histórias, mas não era o momento de lembrar a ele que, na verdade, tinha sido Cheng Li quem o havia tirado da água.

— O senhor me deu um lar quando eu não tinha nenhum — disse Connor simplesmente, e suspirou. — Mas não sinto mais que o *Diablo* seja meu lar. Simplesmente não sinto que posso ser o pirata que o senhor quer que eu seja.

Molucco balançou a cabeça, triste.

— Que maravilha, senhor Tormenta. Que maravilha! Você era como um filho para mim.

Connor havia esperado que ele dissesse essa frase batida.

— Mas eu não sou seu filho. E quando as coisas ficarem difíceis, sempre estarei em segundo lugar, depois de Luar, de sua família de verdade.

Molucco pareceu surpreso com essas palavras.

— Então é isso? Você voltou para dizer “muito obrigado, mas não, obrigado?” Depois de tudo que fiz por você.

— Sim — respondeu Connor.

Ficaram em silêncio por mais um tempo. Dizer que foi desconfortável seria um eufemismo.

— Então é só isso? — perguntou Molucco enfim. — Ou tem mais alguma coisa?

Connor respirou fundo. Havia mais uma coisa que precisava dizer. Seria mais seguro não dizer, mas lhe devia a verdade: toda a verdade. Por mais que Molucco reagisse de modo explosivo, ele precisava escutar a notícia da boca de Connor.

— Sim, tem mais uma coisa. Eu me encontrei com Cheng Li.

Os olhos de Molucco se arregalaram. Sem dúvida ele não aplicaria sua regra

mesquinha de não admitir o nome dela dito em sua cabine... Estavam muito além disso.

— Ela vai receber seu próprio navio — prosseguiu Connor.

— *Muchas gracias* pelo noticiário. Mas eu já estava ciente desse fato. E posso adivinhar aonde você quer chegar com isso. Você quer entrar para a tripulação dela, não é?

Connor assentiu. Houve outro silêncio prolongado. Ele esperou que o capitão soltasse outra torrente de fúria, mas em vez disso ele balançou a cabeça e suspirou.

— Eu deveria ter imaginado que Cheng Li estaria envolvida em tudo isso. Ela envenenou você contra mim. Chegou perto quando você estava mais arrasado e vulnerável e...

— Não — disse Connor, ousando interromper seu capitão. Havia ultrapassado a marca a tal ponto que agora não tinha volta. — Não foi assim. Ela me levou a Lantau. Estava pegando armas com o ferreiro de lá. Nós conversamos...

— Ah, tenho certeza de que vocês tiveram muito o que conversar — disse Molucco, amargo. — Tenho certeza de que ela estava cheia de conselhos, fazendo você gostar da ideia de me trair.

Agora Connor estava com raiva. Ou melhor, percebeu com quanta raiva estivera o tempo todo. Não podia mais contê-la.

— Na verdade — disse — ela me disse para voltar aqui e fazer as pazes com o senhor. Por mim, eu navegaria com ela naquele momento, mas ela me mandou voltar e conversar com o senhor. Disse que o senhor era meu capitão, independentemente de como eu me sentia, e que meu primeiro dever era para com o senhor. Que eu deveria honrar meu contrato.

Era o golpe de misericórdia. Os dois sabiam. Cada carta que Molucco Wrathe possuía na mão havia sido jogada. Ele se levantou e tomou o resto do rum. Depois cambaleou até um pesado arquivo de madeira e passou a mão sobre as três gavetas.

— De A a I, de J a R, de S a Z!

Abriu a gaveta de baixo e começou a remexer nas pastas. Por fim exclamou:

— T, de Tormenta. — Levantou uma pasta verde e começou a folhear os pergaminhos dentro. Os papéis cobriam todo o espectro de cores desde o creme até o amarelo, o bege e o marrom, tamanho era o tempo que alguns tripulantes do capitão Wrathe eram ligados por contrato a ele. — Aqui está — anunciou o capitão, sem alegria. — Tormenta, Connor. — Pegou a folha creme com o contrato de Connor e enfiou o resto da pasta de volta na gaveta. Retornou à mesa a qual haviam se sentado. Uma vela estava acesa no centro, e o capitão trouxe o papel para perto da luz enquanto começava a ler. — *Neste sexto dia do sexto mês do ano de dois mil quinhentos e cinco, eu, Connor Tormenta, estando mentalmente sã e de corpo capaz, juro solenemente minha aliança em perpetuidade ao capitão Molucco Wrathe...*

Parou de ler e olhou para Connor.

— Você sabe, claro, o que significa *perpetuidade*?

Connor assentiu.

— Sei que o contrato me liga ao senhor para sempre. Sei que o que estou pedindo não tem precedentes. Eu poderia lhe pagar. Não tenho muito, mas poderíamos chegar a um acordo.

A mão de Molucco tremeu por um momento. A luz da vela, seus anéis de safira brilhavam como o oceano. Quando falou, sua voz havia assumido um novo tom.

— Um acordo é impossível.

Como assim? Ele iria simplesmente se recusar a deixar que Connor fosse embora? Seus olhos não revelavam nada. Estavam distantes, vazios.

De repente Connor sentiu cheiro de queimado. Baixou os olhos e viu que o papel com seu contrato estava em chamas. Seu contrato com o capitão Wrathe estava literalmente virando fumaça.

Abriu a boca para alertar ao capitão Wrathe sobre o acidente. Depois percebeu que não era acidente. O capitão estava dando o papel como alimento para o fogo faminto. Era incrível a velocidade com que queimava. Connor ficou olhando as chamas lambemem sua assinatura e a mancha de seu sangue, que ele havia derramado ao lado. Então o capitão Wrathe levantou o último pedaço de papel, que foi se transformando em fuligem. Soprou-a dos dedos e, pegando um lenço de seda no bolso do peito, limpou com cuidado a fuligem da pele. Olhou para Connor com frieza.

— Não há mais nenhum contrato ligando você a este navio. O que me leva a perguntar: por que ainda está sentado aqui na minha cabine?

Ele se virou e se afastou da mesa. Quando fez isso, Scrimshaw se desenrolou e olhou para Connor. Connor esperou que a cobra sibilasse, por lealdade ao dono, mas, no mínimo, ela parecia estar olhando-o com alguma tristeza.

— Obrigado, capitão Wrathe — disse Connor.

Houve uma pausa, como se o capitão não tivesse escutado. Depois ele falou, sem se virar:

— Não agradeça, garoto. Não fale comigo. Você não é nada para mim, agora.

Connor não pôde suportar mais. Virou-se, saiu da cabine o mais rápido que pôde e atravessou o convés. Tinha conseguido o que queria, tinha garantido sua liberdade, mas aquilo não se parecia nem um pouco com uma vitória.

Enquanto descia a escada e pulava no píer, seu coração martelava feito louco. Levantou os olhos e viu Bart e Cate vindo em sua direção.

Não pôde impedir que as lágrimas corressem de novo.

— Qual é o problema, Connor? — perguntou Cate, ansiosa.

— Estou indo embora — respondeu ele. Ao ver a surpresa dos dois, acrescentou. — Desta vez é definitivo. O capitão Wrathe me liberou do contrato.

Viu a expressão trocada entre Bart e Cate. Eles sabiam como isso era sério.

— Aonde você vai agora, meu chapa? — perguntou Bart, com lágrimas se formando nos olhos.

— Vou me integrar à tripulação de Cheng Li. Preciso de um recomeço. Mas antes disso tenho mais uma viagem importante a fazer. Preciso ver mais uma pessoa.

Cate assentiu e conseguiu dar um sorriso enquanto falava.

— Grace.

Connor assentiu também. Não suportava a situação. Havia muita coisa que queria dizer, era muito forte o laço que o ligava àquelas duas pessoas que ali estavam.

— Sou muito ruim em despedidas — disse fazendo um gesto vago em direção ao cais onde seu barquinho estava esperando.

— Então não vamos considerar que é uma despedida — respondeu Bart, avançando e abraçando o amigo. — Que seja um *hasta la vista*. Não é o fim! Vamos vê-lo logo, meu chapa! — Em seguida apertou Connor com força e deu um passo atrás, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ele tem razão — disse Cate. — Só porque você saiu do *Diablo*, nada muda entre nós. Nossa amizade é mais profunda do que isso. Você sempre pode contar conosco. Sempre.

Connor assentiu, mas agora suas lágrimas estavam jorrando e ele não podia ficar ali, deixando aquilo piorar.

— Preciso mesmo ir — disse, tanto para si quanto para os amigos. Quando se virou, viu Bart passando o braço pelo ombro de Cate.

Suas pernas ameaçaram bambejar, mas ele continuou andando pela passarela até chegar ao bote. Soltou o cabo, pulou a bordo e manobrou-o para fora do porto, em direção ao mar escuro. Não olhou para trás, não podia olhar para trás mas a luz forte do néon da taverna de Madame Chaleira piscava acima dele como os raios de um Sol poente.



CAPÍTULO 54

O Libertador

— Esta — diz Sidório com os olhos brilhando — *esta* foi uma grande ideia! Bom trabalho, Jez!

Stukeley dá de ombros.

— Você queria um navio maior e mais tripulantes. Pensei em matar dois pássaros com uma pedrada só.

— Um navio-prisão! — diz Johnny D. — Sabe, antigamente chamavam isso de *bulk*.

— Tipo o Incrível Hulk? — pergunta Sidório, rindo.

— Não exatamente — responde Johnny. Ele e Jez trocam um olhar. Em poucas e breves semanas os dois se tornaram fortes aliados, cada um reconhecendo a necessidade do outro à medida que o futuro se aproxima. Ficam parados de cada lado do capitão, seus dois tenentes de confiança. O poder, o cérebro, por trás do trono.

O navio sequestrado se aproxima do navio-prisão. O *bulk* será muito melhor para eles, todos concordam. É maior, para começar, e parece feio, desolado, como uma espécie de monstro marinho.

— Isso passa a ideia exata — diz Jez. Johnny D. concorda com a cabeça.

— Agora não falta muito, rapazes — diz Sidório. Em pouco tempo vão abordar o navio-prisão e tomá-lo. Uma nova era começará, para todos eles. Chega de tentativas infrutíferas, pensa Sidório. Tudo está se encaixando. Ele se lembra brevemente de três antigos colegas: Lumar, Olin e Mistral. Os que morreram no incêndio. Eram fracos. Não pode haver fraqueza em sua equipe. Ele se vira de um lado para o outro, observando os dois tenentes. Há algo de obscuro naqueles dois. Não há fraqueza ali. Dirige-se a eles: — Todo mundo pronto?

Os dois tenentes se viram e examinam suas equipes. Atrás deles, no convés, estão arrumadas as duas metades da nova tripulação — os que Jez atraiu do *Notamo* e os que vieram do Santuário com Johnny D. Dentre todos eles, o entusiasmo de Johnny D. o havia destacado para o posto elevado.

— Sim, capitão! — respondem Jez e Johnny D. em uníssono.

— Excelente! Nós vamos primeiro. E cada um de vocês escolha cinco de seus tripulantes, que vocês saibam que estão sedentos de sangue. Eles irão conosco. O restante deve estar pronto para ir atrás, assim que tivermos tomado os guardas.

Jez e Johnny D. fazem rapidamente sua escolha. Os homens e mulheres escolhidos se adiantam. Há um sentimento de energia e objetividade enquanto o navio chega ao lado do navio-prisão. Todo mundo sabe que esta noite marca o início de alguma coisa.

— Certo, tripulação! — grita Sidório. — Sigam-me! — Ele salta de um navio para o outro, dando uma cambalhota no ar. É atlético como um adolescente, pensa Jez. O capitão fica no auge nessas situações. Virando-se, Jez vê que Johnny D. já está empurrando o resto das equipes dos dois para a frente. Treze pares de pés batem com força no convés superior do navio-prisão.

Sidório os chama. Ele encontrou a escada para baixo. Mas por que se incomodar com escadas quando você pode simplesmente saltar?

— Sigam-me! — diz aos seus tenentes. Num único movimento, os três descem para as profundezas do navio. Quando pousam, dão de cara com três guardas atônitos. É como um espelho, mas um espelho distorcido, como os de parques de diversões.

— Quem são vocês? — pergunta o guarda mais corajoso. — De onde vocês vieram?

— Você não viu? — responde Johnny D. — Nós viemos flutuando do céu como anjos.

— É, eu vi isso, mas como chegaram a bordo?

Jez sorri.

— Parece que vocês cometeram um erro. Estavam tão preocupados com a ideia de ninguém sair da prisão que não fizeram grande coisa para impedir que alguém entrasse.

— Quem iria querer entrar aqui? Vocês sabem que categoria de prisioneiros estamos levando?

— É — diz outro guarda. — Categoria A, de amaldiçoados.

Agora o terceiro guarda encontra confiança para falar.

— Quando trancaram esse pessoal, realmente jogaram fora a chave. Esses caras nunca mais verão a luz do dia.

Sidório dá de ombros.

— Todo mundo exagera na importância que dá à luz do dia. — Sorrindo, ele levanta a cabeça e examina as fileiras de celas acima. Atrás das grossas barras brancas os prisioneiros estão olhando-os. Parecem fileiras e mais fileiras de pássaros engaiolados numa feira. Isso tudo vai mudar, pensa Sidório. *Sidório, o libertador*. Soa bem.

— Senhor, acho que é hora de dizer o que pretende ou de voltar para o lugar de onde veio — diz o primeiro guarda, coçando o bigode.

— O que pretende? — Sidório o encara, inexpressivo.

— O que vocês querem? — O guarda fala devagar, como se Sidório fosse idiota. Tremendo erro.

— O que queremos? — Sidório parece pensar na pergunta. Sua mão pousa no queixo e ele bate com o dedo nos lábios. — O que queremos? O que nós queremos? Ah, sim! Isso mesmo! — Ele olha direto nos olhos do guarda. — Queremos este navio.

— De jeito nenhum! — diz o guarda, juntando forças com o apoio dos amigos, que agora estão de seus dois lados. — Este navio-prisão pertence ao Estado e é por ele

gerido. Não recebi nenhuma instrução para entregar o controle dele. Ninguém me informou sobre isso. — Ele se vira para os guardas número 2 e 3. — Alguém de vocês viu um memorando do QG sobre alguma coisa assim?

Eles balançam a cabeça. O guarda número 2 fala:

— Não recebemos um memorando do QG desde o Natal!

— Detalhes! — diz Sidório. — Não sou um cara que vocês chamariam de apegado a *detalhes*. — Com isso ele se aproxima do primeiro guarda. O de bigode abre a boca para falar, mas algo o impede.

— Desculpe — diz Sidório —, não escutei. — Ele sabe que o guarda presunçoso viu os dois dentes de ouro. Agora a discussão assumiu toda uma nova dinâmica.

Pensando rápido, o guarda admite:

— Sabe de uma coisa? Acho que eu *me lembro* de um memorando. O navio é seu. Os prisioneiros também! — Ele tenta tirar as chaves do chaveiro, mas suas mãos estão tremendo.

— Aqui — diz Sidório. — Deixe-me ajudá-lo com isso! — Em seguida estende a mão e arranca o molho de chaves do cinto do guarda. Os outros guardas o olham, com surpresa e terror visíveis em igual medida nos rostos abalados.

— Você pode ver que todas são numeradas — diz o primeiro guarda, com a voz pelo menos uma oitava mais alta do que antes. — Cada numerozinho aí corresponde aos números das celas.

— Obrigado pela dica! — responde Sidório, jogando o molho de chaves para Johnny D., que as pega.

— De nada — diz o guarda. — Bom, eu e os rapazes vamos deixar vocês sozinhos em sua missão. — Ele segura o braço dos outros e começa a se afastar.

Sidório olha para as fileiras de celas ao longo do convés enorme. De cada lado, os prisioneiros olham para ele. Estão em silêncio, atentos. Sidório sorri para eles.

— O que acham? — pergunta. — Devemos deixar seus guardas saírem livres?

— Não! — grita um prisioneiro. A palavra ecoa pelo navio.

— Bela acústica — diz Johnny D., cutucando Jez. Jez assente e também sorri.

O grito do primeiro prisioneiro é repetido por outro. E outro. Logo todo o navio está ressoando com o canto:

— Não deixem eles irem embora! Não deixem eles irem embora!

Pés batem nos pisos de metal.

Agora o medo é visível nos rostos dos guardas. É como se os rostos antigos tivessem sido arrancados e tudo que restou seja um poço de terror puro.

Sidório dá de ombros e se vira para os guardas.

— Desculpe, pessoal, mas esses caras enjaulados vão trabalhar para mim em breve, e preciso mantê-los do meu lado.

Com isso ele arranca a camisa e a camiseta do guarda num movimento rápido. Segurando o guarda imóvel com uma das mãos, leva os dentes de ouro ao tórax do sujeito. Fura a pele e começa a se refestelar.

Quando ele faz isso, os prisioneiros começam a comemorar. Sidório se lembra do estádio em Roma. Ele foi lá uma ou duas vezes. Em outra vida, poderia ter sido gladiador. Talvez tenha se tornado uma espécie de gladiador, agora.

Os outros dois guardas estão imóveis como estátuas, olhando o corpo do homem que era seu superior ser sugado mais do que eles achariam possível. Um dos guardas dá

um suspiro fundo e consegue perguntar:

— Quem são vocês?

Sidório levanta a cabeça e sorri.

— Sou a matéria-prima dos seus pesadelos... Na verdade, sou aquilo que faz vocês acordarem de seus pesadelos gritando.

O guarda estremece. Seu companheiro também.

— Realmente não deveríamos demorar muito nisso — diz Jez a Johnny D.

Johnny D. confirma com a cabeça.

— Seria falta de educação — concorda.

Juntos, avançam para os guardas aterrorizados. Há o som de roupas sendo rasgadas e de pele sendo perfurada. Os tenentes tomam sua dose.

Agora os prisioneiros estão alucinando. Há uma estranha combinação de comemoração e tremor no ar. O barulho é intenso. Naquele local abafado, o barulho revolve-se sobre si mesmo. É como uma onda crescendo cada vez mais. Os gritos de alegria chegam à beira da histeria. Mas será que eles não percebem? Devem perceber. O que começou com os guardas terminará com eles.

Quando Sidório larga no chão o corpo esvaziado do guarda, todo o som para. As batidas de pés também. Todos os prisioneiros estão esperando para escutar o que acontecerá em seguida. Sidório permite que Jez e Johnny D. terminem de se refestelar, depois levanta a cabeça e dá um sorriso escorrendo sangue.

— Certo, pessoal — começa ele. — Como vocês devem ter percebido, nós, como vocês, viemos do lado sombrio. Estamos aqui para tomar este navio-prisão e transformá-lo num navio pirata, mas num navio pirata especial; um navio de Vampiratas. Vampiros piratas. Está todo mundo entendendo até agora?

Não há resposta. O medo começou a tomar conta.

— Não estou ouvindo nada. — Sidório se vira para falar com Johnny D. — Johnny, não estou ouvindo minha tripulação.

Então Johnny balança a cabeça e olha as fileiras de celas gradeadas.

— Quando o capitão faz uma pergunta, vocês respondem — diz Johnny. — E ele acabou de perguntar se vocês estavam entendendo. Vocês devem responder sim ou não, mas de preferência sim.

Há uma pausa momentânea, e depois um grito abafado:

— Sim!

— Muito bem — diz Johnny. — Repasso a palavra ao capitão. Ah, e por sinal eu sou o imediato... isto é... coimediate dele, Johnny D. Estou ansioso para conhecer vocês direito, mais tarde!

— Como eu estava dizendo — continua Sidório —, hoje este navio deixa de ser uma penitenciária. Torna-se um navio Vampirata, e eu sou o capitão. Bom, sendo um navio Vampirata, é importante que todos os tripulantes sejam vampiros. — Ele assente para Johnny Johnny olha para o topo da escada e estala os dedos. Diante desse sinal, os vampiros que esperavam começam a descer a escadaria metálica.

— Aqui estão mais alguns dos meus tripulantes — anuncia Sidório.

Todo mundo fica olhando os vampiros começando a ocupar a passarela do centro.

— Isso mesmo, pessoal, vamos descendo! — Sidório olha para cima de novo. — Mas tenho uma boa notícia para vocês aí nas jaulas! Ainda estamos recrutando. É, há um lugar para cada um de vocês na tripulação. A única coisa que precisamos garantir é que

cada um de vocês seja um vampiro... ah, e não se preocupem se ainda não são vampiros, porque minha tripulação vai passar por vocês e logo, logo, vocês serão.

Ele gira. Faz séculos que não se dirige a uma plateia desse tamanho. Lembra-se do passado. Na última vez em que teve tantas pessoas ouvindo suas palavras foi na *Silícia*. Antes de César. Foi quando teve tanto poder assim pela última vez. Há muito tempo. Tempo demais. Mas agora a espera acabou. Ele se vira para seus tenentes.

— O que estão esperando? — E aponta para o chaveiro na mão de Johnny — Vamos trabalhar!

Johnny tira as chaves do chaveiro e as divide com Jez. Entregam uma chave a cada tripulante vampiro. Logo cada vampiro tem uma chave de uma cela numerada. Eles começam a subir a escada metálica para terminar sua primeira missão.

Sidório está de pé, com um tenente de cada lado.

— Acho que vai ser um recrutamento muito eficaz — diz — Bom trabalho, rapazes. — E pousa os braços nos ombros dos dois.

Johnny D. se vira para ele.

— Não deveríamos dar um nome a este navio?

— Sem dúvida! — responde Jez. — Eu estava pensando a mesma coisa.

— Seu capitão está um passo à frente de vocês — responde Sidório, rindo. — Bem-vindos ao...

Mas sua voz é abafada por um grito. A tripulação chegou às celas. O processo de recrutamento começou.

— Desculpe, capitão — diz Jez. — Acho que não ouvi.

— Eu disse “bem vindos ao *Silícia*”.

Jez e Johnny trocam um olhar.

— O que foi? — pergunta Sidório. — Não gostaram?

— Não é que eu não goste — responde Johnny D. — Só que não deixa muito claro qual é o nosso negócio, se é que você me entende.

— É o lugar de onde eu venho — diz Sidório.

— Talvez esse seja o problema — responde Johnny D. — Isso é olhar para trás. Tem a ver com o lugar de onde você veio. Talvez o que você queira é que o nome do navio seja o lugar para onde você vai.

Sidório hesita. Não havia pensado assim antes, mas o garoto tem razão.

— Então, algum de vocês sugere alguma coisa?

Johnny D. balança negativamente a cabeça.

— Sou terrível com nomes.

Jez diz aos dois:

— Eu tive uma ideia.

— Bom — responde Sidório. — Somos todo ouvidos.

Stukeley pigarreja.

— *Capitão de Sangue*.

— Legal! — diz Johnny.

— Há uma tradição pirata, sabe... — diz Jez. Mas suas palavras são abafadas por Sidório.

— *Capitão de Sangue*. Gostei! É, vamos ficar com esse nome!



CAPÍTULO 55

O coletor de almas

— Chamei todos vocês aqui para falar sobre o capitão — disse Mosh Zu, parado no centro da sala de meditação e se dirigindo a Grace, Darcy e Lorcan. — Preciso da ajuda de vocês para curá-lo. Não temos muito tempo. Comecei os preparativos mas quero explicar do melhor modo possível o que vamos fazer e por quê.

“O capitão estava muito mal quando você o trouxe, Darcy. Se não fosse você ter agido rápido e ter sido tão corajosa, ele poderia ter morrido naquele convés. Mas, ao trazê-lo aqui, você lhe deu uma chance. Consegui estabilizar sua condição, e, nos últimos dois dias, ele descansou. Eu havia esperado que esse descanso, combinado com algumas técnicas de cura suaves, pudessem bastar. Infelizmente não é assim. O tempo da cura suave passou. Precisaréi tentar algo mais radical.

“Como todos vocês sabem, o capitão é profundamente comprometido com ajudar as pessoas, frequentemente pessoas que se recusam a ajudar a si mesmas. É como se ele fosse obcecado por jamais desistir delas. Até o fim. O capitão colocou muita tensão sobre si mesmo carregando o fardo dos outros.”

Ele o encarou, certificando-se de que o estavam acompanhando, antes de continuar:

— Vocês três, numa situação ou noutra, experimentaram a cura da fita que praticamos aqui. Lembrem-se de que, nas cerimônias de cura, eu tiro a dor de cada vampiro atormentado e a canalizo para a fita. A cada vez que faço isso há o perigo de eu próprio absorver a dor. Uma vez que ela esteja ali, pode ficar presa, e é muito difícil de ser removida. Bom, com o passar dos anos, o capitão permitiu que muita dor alheia se acumulasse dentro dele. Isso está esmagando-o. Mas o capitão não carregou meramente a dor dos outros. O problema é mais profundo do que isso. Ele é o que se conhece como Carregador de Almas, ou Coletor de Almas. Isso significa que, em alguns casos, quando tenta resgatar alguém, ele não tira simplesmente a dor delas; ele puxa para si toda a alma da pessoa. Ele é, se assim preferem chamá-lo, como um navio dentro de um

navio.

“É um sinal da grande força do capitão o fato de ele conseguir carregar almas desse modo. Esta deveria ser apenas uma medida temporária, usada em situações extremas. Depois de dar abrigo por um tempo às almas vulneráveis, ele deveria soltá-las e permitir que se tornassem fortes de novo em si mesmas. Mas o capitão abrigou dentro de si almas demais durante tempo demais. Este é o motivo para ter ficado tão fraco. Juntos, devemos trabalhar para liberar essas almas de dentro dele. Não é algo simples nem isento de perigo. Nós corremos o risco de perder não somente essas almas, mas também o próprio capitão.”

— E se *não* correremos esse risco? — perguntou Grace.

— Então quase certamente vamos perdê-lo, e elas, de qualquer modo.

— Então não temos escolha — disse Grace.

— É o que eu penso — respondeu Mosh Zu. Acho que devemos proceder com esta cura e devemos fazer isso agora, sem mais delongas.

— Claro — disse Darcy. — Mas eu não entendo. Como é que nós podemos ajudar?

— Talvez o maior perigo de todos é que o capitão optará por não liberar as almas. Preciso reunir em volta dele pessoas de quem ele goste profundamente, e que gostem profundamente dele. Só assim posso lhe mostrar que ele deve liberar as almas, ou então viajar com elas rumo ao esquecimento.



CAPÍTULO 56

Por trás da máscara

A porta se abriu.

— Os preparativos terminaram — anunciou Mosh Zu. — Vamos começar.

Mosh Zu chamou Grace, Darcy e Lorcan para se juntar a ele na câmara de cura. Quando os três entraram, os sentidos de Grace foram dominados pelo cheiro de cera de abelha das velas e das ervas doces com que Mosh Zu havia coberto o chão.

A julgar por suas expressões, Darcy e Lorcan estavam obviamente chocados ao ver o capitão deitado na mesa baixa. E, mesmo que Grace já o tivesse visto desse modo antes, ainda assim sentiu um novo jorro de pânico ao se lembrar de como ele estava fraco e vulnerável. *Mas estamos aqui para curá-lo*, disse a si mesma. *Juntos, vamos trazê-lo de volta*. Esses pensamentos ajudaram a reforçar sua decisão. Estava ansiosa para continuar com o processo de cura.

— Grace — disse Mosh Zu —, gostaria que você se sentasse aos pés dele. — Grace não hesitou: foi até a extremidade da mesa e se ajoelhou diante dela.

Então Mosh Zu se virou para Darcy.

— Venha cá, para perto da mão direita dele. E você, Lorcan, sente-se perto da mão esquerda.

Os três amigos assumiram suas posições. Mosh Zu se aproximou da cabeça do capitão. Grace observava. Ele lhe havia dito que ela possuía talento para a cura — um dia, talvez, ela comandasse uma cura como essa. Era empolgante imaginar, mas ela arquivou o pensamento, retornando o foco integral ao trabalho pela frente.

Antes de começar, Mosh Zu se dirigiu mais uma vez aos outros, com a voz suave e solene.

— Estamos hoje aqui por causa de nosso amor e respeito por este que se encontra deitado diante de nós. Queremos ajudar o capitão, e está em nosso poder fazer isso. — Ele olhou para um de cada vez. — Nós estamos juntos, vindo de diferentes mundos, de diferentes lados da vida e da morte. Trazemos nossas experiências únicas, nossos pensamentos e sentimentos, e os unimos, e juntamos nossas diversas energias para esta

missão de cura. Podemos estar preocupados ou mesmo amedrontados com o que testemunharemos no processo de cura, mas devemos nos manter firmes pelo bem deste que está diante de nós, por nosso querido capitão.

Mosh Zu pôs as mãos na cabeça do capitão Vampirata. Assentiu para Grace, que estendeu as duas mãos, tocando a ponta das botas do capitão.

— É isso — sussurrou Mosh Zu —, o toque mais suave bastará, você está simplesmente permitindo que sua energia se conecte com a dele. — Em seguida se virou para Darcy e Lorcan. — E agora vocês.

Darcy e Lorcan seguraram as mãos enluvadas do capitão. Mosh Zu assentiu, depois abriu as palmas para aninhar o crânio do capitão. E fechou os olhos.

— Comece a liberar — disse baixinho. — Comece a liberar a dor que pesa sobre você.

Ficou quieto e esperou, as mãos sustentando com leveza embora firmes, a nuca do capitão. Os outros mantinham seus pontos de contato. De repente Grace sentiu um baque, como se o pé do capitão a tivesse chutado. Olhou para cima e viu que o pé estava completamente imóvel. Então sentiu de novo. Era uma sensação muito nítida.

— É um bom sinal — disse Mosh Zu. — Mantenha o contato, Grace. Está começando.

De repente Darcy sentiu uma carga passar por ela, vinda das mãos do capitão. Olhou para cima, vendo que Lorcan parecia igualmente surpreso. De novo Mosh Zu assentiu, sem abrir os olhos.

— Isso é bom, pessoal. Nosso contato está funcionando. Mas vai ficar agitado, portanto concentrem-se em segurá-lo. Segurem-no em seus espaços do coração, assim como fazem com seu toque. Deem-lhe a tranquilidade para se livrar desse fardo profundo.

Mosh Zu ajudou a posição das mãos. Quase imediatamente Grace teve a sensação de que as pernas do capitão estavam se sacudindo. No entanto, ele não havia se mexido. Pelo rosto de Lorcan, podia ver que com ele estava acontecendo algo semelhante. Assim como Mosh Zu havia prometido, as energias dentro do capitão estavam começando a se realinhar. Estava mais difícil manter as mãos nos pés dele, mas ela sabia que era fundamental fazer isso.

Houve um novo jorro de energia. O capitão começou a se agitar. Grace viu Lorcan e Darcy se esforçando para continuar segurando-o. Pegou-se em dificuldades de novo. Cada um deles segurava apenas uma das mãos, mas ela estava com os dois pés, e cada qual se movia numa direção diferente. Aquilo estava ficando excessivo para ela. Começou a entrar em pânico. Caso soltasse, poderia romper uma parte importante do processo de cura.

De repente sentiu um braço ao seu lado. Ele empurrou o seu, de leve, e segurou o pé direito do capitão, permitindo-lhe colocar as duas mãos no pé esquerdo, que ainda estava pulsando de energia. Mas agora que tinha apenas um pé em que se concentrar, conseguiu.

Depois de um tempo acostumou-se aos movimentos estranhos que emanavam do corpo do capitão. Esses movimentos foram ficando mais regulares, como ondas se partindo numa praia.

Virou-se para ver de quem eram as mãos que tinham vindo ajudá-la. E mal pôde acreditar em seus olhos.

— Connor! — ofegou.

Ele sorriu.

— Parece que cheguei bem a tempo — sussurrou.

Grace estava pasma. Havia muita coisa que queria dizer a ele, muita coisa que queria perguntar. Mas não era hora. Parecia muito certo ter Connor com eles nesse momento. Olhou para Mosh Zu, imaginando se, de algum modo, ele havia trazido Connor para se juntar a eles. Mosh Zu assentiu, sorrindo.

Fosse devido à intervenção de Connor ou por causa do processo de cura que estavam fazendo juntos, os movimentos internos do capitão ficaram mais regulares.

— Podem sentir a mudança? — perguntou Mosh Zu.

— Posso — respondeu Lorcan baixinho.

— Eu também — disse Darcy.

— É como se o oceano estivesse se movendo dentro dele — observou Grace.

— É, Grace. — Mosh Zu deu um sorriso suave. — Eu não havia pensado desse modo, mas você está certa. Fez uma pausa. — Certo, agora ele está confortável. Podem soltá-lo. Um de cada vez. Lorcan primeiro.

Lorcan soltou a mão do capitão. Ela permaneceu estendida para ele.

— Agora você, Darcy. — Quase com relutância, Darcy soltou também. Os dois braços do capitão permaneceram estendidos, como se ele estivesse flutuando no oceano.

— Agora você, Connor. — Connor afastou as mãos do pé do capitão.

— E finalmente você, Grace — disse Mosh Zu. Grace tirou as mãos da bota do capitão e voltou calmamente para seu lugar. Depois segurou a mão de Connor, como se para garantir que ele estava mesmo ali.

Então o próprio Mosh Zu se afastou do capitão.

— Seu fardo está pronto para ser retirado — disse. — Sinta como você está ficando mais leve.

Com essas palavras, o capitão começou a subir no ar, sua capa flutuando abaixo, balançando nos limites do corpo, brilhando com luz suave. O corpo do capitão subiu cerca de um metro e meio acima da mesa baixa, depois parou no ar, flutuando no círculo formado pelos outros.

Era uma visão extraordinária. Grace, Darcy, Lorcan e Connor estavam hipnotizados. Nenhum deles sentiu quanto tempo se passou até que Mosh Zu falasse de novo.

— Certo. Acho que agora ele está estável. Estamos prontos para começar.

Para *começar*? Grace ficou surpresa com a escolha de palavras. Havia pensado que o tratamento estava quase terminado. O que Mosh Zu queria dizer com “começar”?

— É hora de liberar sua dor — disse Mosh Zu, olhando o capitão. — Durante muito tempo você carregou a dor dos outros. Seguro em si a dor deles para curá-los. Mas agora não lhe resta nada para dar. Você deve deixar a dor deles sair. Ao fazer isso, o peso sobre você, dentro de você, se aliviará de novo.

Grace notou que as veias na capa do capitão estavam ficando cada vez mais luminosas com as palavras de Mosh Zu.

— Venham — disse Mosh Zu. — É hora de remover a máscara.

Ele acenou, chamando os outros para perto.

— Há três fivelas aqui. Lorcan, solte a primeira.

Grace, pelo menos, não precisava ser lembrada de que a máscara do capitão era

presa em três pontos, que se juntavam num alfinete de prata com a forma de asas de anjo na nuca. Tinha visto muitas vezes aquele alfinete de prata, brilhando em contraste com a pele de um marrom profundo na parte de trás da cabeça do capitão. Tantas vezes quisera que ele soltasse as fivelas e mostrasse o rosto por trás da máscara! Agora isso iria acontecer. Por fim ela ficaria cara a cara com o capitão Vampirata. Por fim poderia começar a conhecê-lo de verdade. Se ao menos, pensou com tristeza, fosse em circunstâncias diferentes, menos perigosas!

Lorcan chegou ao lado de Mosh Zu e deixou a mão do guru guiá-lo até a primeira tira.

— Você só precisa tocar a tira — disse Mosh Zu.

Quando Lorcan fez isso, Mosh Zu começou a entoar um canto.

— *Como a flor se abrindo ao sol.*

Abra-se e liberte!

Como a nuvem deixando cair a chuva,

Abra-se e liberte!

Enquanto ele falava, a primeira fivela se soltou e flutuou gentilmente de lado.

— Obrigado, Lorcan — disse Mosh Zu. — E agora você, Darcy. Venha ajudar com a segunda.

Darcy aproximou-se, um pouco trêmula.

— Toque a tira — instruiu Mosh Zu.

Quando ela fez isso, ele cantou de novo:

— *Como a concha liberando a pérola,*

Abra-se e liberte!

Como a crisálida deixando ir-se a borboleta,

Abra-se e liberte!

De novo a tira se soltou e flutuou de lado.

— Bom trabalho, Darcy — Mosh Zu sorriu. — E agora, Grace, a última tira é sua.

Connor apertou a mão de Grace, dando-lhe apoio, depois a soltou. Ela foi até o lado em que estava Mosh Zu. Seu coração estava disparado de ansiedade. Desde que conhecera o capitão Vampirata, tinha esperado por esse momento. Agora o fascínio profundo era temperado pelo desejo sincero de que seus atos o ajudassem, o curassem. Estendeu a mão para a última tira que restava.

Mais uma vez Mosh Zu começou a cantar:

— *Como a boca libertando o riso,*

Abra-se e liberte!

Como todas as coisas, grandes e pequenas,

Abra-se e liberte!

Abra-se e liberte!

Abra-se e liberte!

Ela ouviu a fivela se soltar. Quando isso aconteceu, as asas da fivela começaram a bater, suaves como as asas de uma borboleta. A máscara voou acima do corpo deitado do capitão. Continuou a voar para o teto. Nenhum deles viu para onde ela foi em seguida. Todos os olhares estavam virados para baixo. Nenhum deles podia acreditar no que via.

— Não entendo — disse Grace.

— Nem eu — acrescentou Lorcan. — É algum tipo de truque?

A voz de Mosh Zu estava calma e firme.

— Não há truque. Só observem. Não tentem entender.

O coração de Grace estava batendo mais depressa do que nunca. Ao mesmo tempo sentia um gelo nas entranhas. O corpo do capitão flutuava diante deles, mas ele não tinha rosto, nem cabeça. Não havia absolutamente nada sob a máscara.



CAPÍTULO 57

O encontro

— Não há nada aí — disse Grace.

— Veja com a mente — respondeu Mosh Zu. — Não com os olhos.

Todos olharam para o espaço acima dos ombros do capitão. Ainda havia muito claramente uma ausência de qualquer coisa. Dava para ver direto o traveseiro fino que Mosh Zu havia posto na mesa.

Enquanto olhavam, Grace percebeu que não podia mais ver as tábuas do piso. Elas estavam escondidas sob uma camada de fumaça. Seu primeiro pensamento foi de que uma vela havia caído e incendiado um dos tapetes. Mas não havia cheiro de queimado. Nem o aposento estava quente com o fogo. Na verdade, no mínimo ele havia ficado mais frio. A fumaça se adensou e Grace percebeu que não era fumaça, e sim névoa. Olhou para Connor. Ele retribuiu o olhar, confuso. Ela deu um sorriso débil, esperando tranquilizá-lo de algum modo, mas não tinha mais certeza do que ele sobre o que estava acontecendo.

A névoa chegou ao nível do corpo do capitão, mas não subiu mais alto. Em vez disso, começou a ficar mais densa e assumir forma, rolando para trás e para a frente como ondas na praia. Agora, mais do que nunca, o capitão parecia flutuar.

Grace olhou de novo para Mosh Zu. Os olhos dele estavam totalmente fechados e ele cantava baixinho de novo.

— Como uma flor se abrindo ao sol...

Como a nuvem deixando cair a chuva

Como a concha liberando a pérola...

Grace sentiu que estava tremendo. Connor veio para o seu lado, pondo a mão suavemente em seu ombro.

Grace olhou de Mosh Zu para o capitão, de novo. Ao fazer isso, prendeu o fôlego. Ali, onde anteriormente não havia nada, um rosto começava a se formar. A princípio era uma imagem muito fraca — não mais do que uma silhueta —, mas lentamente foi

entrando em foco enquanto ele, também, subia através de uma névoa profunda. Grace estava hipnotizada. Era um rosto que ela já tinha visto antes.

À medida que as feições começavam a ficar mais nítidas, ela se lembrou do primeiro encontro com o capitão Vampirata. Enquanto conversava com ele, havia tido subitamente a visão de um rosto de homem, com a pele de um marrom profundo marcada por uma cicatriz vermelha. Era aquele rosto. O capitão havia lhe dado os parabéns por ter visto por trás da máscara. E agora, com Grace muito mais avançada em sua jornada, a máscara dele tinha sido removida e ali estava o rosto, finalmente visível.

— É ele — ofegou ela. — É o capitão.

Connor olhou, pasmo. Lorcan estava hipnotizado. Os olhos de Mosh Zu permaneciam fechados e ele continuava cantando.

Como a crisálida liberando a borboleta...

Como a boca libertando o riso...

— Olhe! — sussurrou Connor no ouvido dela.

Ficaram olhando enquanto o rosto começava a se levantar. Um corpo o seguiu. Um homem estava saindo da armadura familiar do capitão. Mas vestia trapos manchados e rasgados. Ele olhou para Grace.

— Olá — disse ela, sorrindo. E percebeu que estava chorando. Algo incrível havia acontecido naquela sala. Era como se uma criança tivesse nascido.

O homem olhou-a, mas não sorriu. Encolheu-se para longe dela.

— O que há de errado? — perguntou Grace. E se virou para Mosh Zu. — Ele parece ter medo de mim. Não me conhece mais?

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Ele *não* conhece você. Ele *não* é o capitão.

— O quê? Não entendo...

— Espere — disse Mosh Zu, baixinho. — Espere e olhe.

Confusa, Grace ficou olhando o homem se afastar do corpo do capitão e começar a andar pela névoa.

— Está acontecendo de novo — sussurrou Connor.

Todos olharam quando um segundo rosto começou a tomar forma no vazio acima dos ombros do capitão. À medida que as feições ficavam mais claras através da névoa, eles viram um rosto de mulher. Parecia velha e frágil, os olhos dardejando ao redor. Não estava claro se olhava para eles ou através deles. Então ela se levantou também, como se afastasse os lençóis de uma cama, e saiu do corpo do capitão, indo para a névoa.

— Quem são eles? — perguntou Connor, quando um terceiro rosto começou a tomar forma.

— São almas perdidas — sussurrou Grace, percebendo subitamente. — O capitão está carregando-as. Elas precisam ser soltas.

Mosh Zu assentiu, jamais interrompendo o canto.

A terceira alma — de um rapaz — começou a se levantar.

Juntos eles olharam uma quarta, e depois uma quinta figura emergir do corpo do capitão.

— Mais quantos vão sair? — perguntou Grace. Ela se sentia profundamente emocionada, e percebeu que as lágrimas jorravam por seu rosto.

Todos observaram em silêncio enquanto uma sexta, uma sétima, uma oitava e uma nona figuras acordavam das profundezas, do “sono”, esfregando os olhos e

percorrendo a sala com o olhar, depois levantando-se e indo em direção à névoa.

Durante todo o tempo, o casulo que era o corpo do capitão estava ali, ainda fluando. E Mosh Zu continuava a cantar, a voz inabalável, forte e melódica.

Grace percebeu que as almas que haviam subido tinham se reunido ao redor, olhando enquanto seus colegas viajantes se juntavam a elas.

“Elas vão sobreviver?”, perguntou-se. “São pessoas de verdade? Ou só fantasmas? Será que vão sobreviver agora que foram libertadas do capitão?” Ansiava para fazer essas perguntas a Mosh Zu, mas não podia perturbar o canto dele.

Vendo seu desconforto, Connor se aproximou de novo. Passou o braço pelo ombro dela. Grace percebeu que não era a única a experimentar aquela intensa onda de emoções. Darcy e Lorcan também choravam. Estavam se abraçando com força.

Todos ficaram olhando enquanto outro rosto surgia diante de seus olhos. Era uma jovem. Grace podia ver que ela era linda no instante em que as primeiras linhas de seu nariz e seus málares se esboçaram no ar. Sua pele era pálida e ligeiramente sardenta. Cabelo castanho-avermelhado, indo até os ombros, entraram em foco, os fios fluando na brisa. No mesmo instante Lorcan ofegou. Grace sentiu a mão de Connor apertar a dela com mais força ainda. Os olhos da mulher eram verdes, de um profundo verde-esmeralda.

Quando a mulher levantou a cabeça, Mosh Zu falou por fim:

— Ela é a última — disse recuando, evidentemente exausto com o trabalho.

Grace olhou para Connor. Ele também estava hipnotizado com a mulher à frente deles. Agora ela estava sentada, empurrando o cabelo revoltado para trás das orelhas e piscando enquanto captava o ambiente ao redor.

Grace não pôde mais se conter. Falou diretamente com a mulher.

— Olhe para cá!

A mulher demorou um momento para reagir. Era como se ainda estivesse distante deles e só pudesse vê-los e ouvi-los debilmente. Mas por fim ela se virou e seu olhar pousou em Grace e Connor.

Grace estava chorando. Connor franzia a testa, balançando a cabeça, incrédulo.

A mulher se levantou. Sem dúvida ela não conseguia se afastar, entrar na névoa como os outros, pensou Grace. Ela não conseguia ir.

Mas ela não iria a lugar nenhum. Parecia estar ficando mais viva, mais vibrante a cada momento. Então se levantou e, em vez de dar as costas, começou a andar para eles. Seus olhos verde-esmeralda estavam molhados de lágrimas, mas eram lágrimas felizes. Ela estendeu os braços para Grace.

— Mamãe! — disse Grace, incapaz de conter a palavra. — Mamãe, é você, não é?

A mulher assentiu, enquanto Grace se chocava contra ela, envolvendo-a com os braços. Ficou surpresa ao sentir o toque de carne viva, respirando. E então sentiu os lábios da mulher roçando em sua testa. Ela beijou-a.

— Mamãe! — repetiu Grace.

— Você não faz ideia de quanto tempo esperei ouvir você dizer isso, Grace. — A voz da mulher era calorosa e gentil.

— Mamãe! Mamãe! Mamãe! — repetiu Grace, abalada. Queria continuar dizendo, por todas as vezes em que havia pensado nela, desejado sua presença no farol. Por todas as vezes em que havia sonhado com a mãe, e depois acordado sem encontrar qualquer traço dela.

A mulher beijou-a e a abraçou de novo, depois estendeu o braço para o filho.

— Connor — disse olhando-o.

A princípio ele hesitou, mas depois abandonou qualquer dúvida e correu para ela, envolvendo-a com Grace, até formarem um fardo compacto.

A mulher abraçou os filhos com força e levantou a cabeça. Então Grace notou que Lorcan estava olhando-os atentamente.

— Olá, Sally — disse ele por fim.

Grace ficou pasma. Como Lorcan sabia o nome de sua mãe?

Olhou de Lorcan para a mãe, depois novamente para um e outro. Os dois estavam sorrindo um para o outro — um sorriso que falava de sua amizade, talvez de mais do que isso.


— É maravilhoso vê-la de novo, Sally — disse Lorcan.

— E é maravilhoso vê-lo, Lorcan. Obrigada. Obrigada por cuidar tão bem dos meus filhos.

Grace olhou para Connor. Do mesmo modo que ela, seu irmão estava olhando curiosamente para a mãe e Lorcan.

De repente Grace pensou nos outros. Olhou ao redor procurando Mosh Zu e Darcy. Eles não estavam à vista. Todas as outras almas haviam desaparecido também. E ali, visível na névoa que ia se dissipando, estava a mesa onde o capitão estivera deitado. Mas não havia sinal dele, também. Até o travesseiro havia desaparecido. Para onde teriam ido todos? O que estava acontecendo?

Logo logo descobriria, concluiu. Apertou a mãe e o irmão com força, enquanto Lorcan também se adiantava e se juntava a eles. No tempo em que os quatro ficaram ali parados, as mãos conectadas, Grace sentiu um momento de paz perfeita. Sabia que isso não duraria. Bom, talvez até fosse uma espécie de sonho. Porém, por mais que o momento fosse fugaz, quer fosse um sonho ou não, ela não se importava. Era o momento pelo qual havia esperado por toda a vida. E nada, nada iria estragá-lo.

 Nome na versão original em inglês: Moonshine. (N. by Say)